
Inteiramente

INTEIRAMENTE DELE

ARIELA PEREIRA

Copyright© 2020 Ariela Pereira

Todos os direitos reservados de propriedade desta edição e obra são da autora. É proibida a cópia ou distribuição total ou de partes desta obra sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

1º Edição

2020

ÍNDICE

SINOPSE
CAPÍTULO 1
CAPÍTULO 2
CAPÍTULO 3
CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5
CAPÍTULO 6
CAPÍTULO 7
CAPÍTULO 8
CAPÍTULO 9
CAPÍTULO 10
CAPÍTULO 11
CAPÍTULO 12
CAPÍTULO 13
CAPÍTULO 14
CAPÍTULO 15
CAPÍTULO 16
CAPÍTULO 17
CAPÍTULO 18
CAPÍTULO 19
CAPÍTULO 20
CAPÍTULO 21
CAPÍTULO 22
CAPÍTULO 23
CAPÍTULO 24
CAPÍTULO 25
CAPÍTULO 26
CAPÍTULO 27
CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29
CAPÍTULO 30
CAPÍTULO 31
CAPÍTULO 32
CAPÍTULO 33
CAPÍTULO 34
CAPÍTULO 35
CAPÍTULO 36
CAPÍTULO 37
CAPÍTULO 38
CAPÍTULO 39
CAPÍTULO 40
CAPÍTULO 41
CAPÍTULO 42
CAPÍTULO 43
CAPÍTULO 44
CAPÍTULO 45
EPÍLOGO

SINOPSE

Jasmine acabou de se formar em Jornalismo e acredita ter sido contemplada com a oportunidade da sua vida ao ser selecionada por um grande jornal para fazer uma reportagem sobre a cultura islâmica nos Emirados Árabes. No entanto, o que seria um sonho acaba se transformando em pesadelo quando o avião que leva sua equipe tem problemas e precisa fazer um pouso de emergência em uma região remota do Iêmen, um país com leis rigorosas contra quem trafica drogas. Como um dos membros da equipe está portando maconha, para uso pessoal, ao serem encontrados pelas autoridades eles são confundidos com traficantes e assim condenados à morte.

No dia da execução, o príncipe da Arábia Saudita está presente e decide comprar a liberdade de todos, mas com a condição de que Jasmine seja dele, de forma irrevogável e definitiva, em um acordo que impossibilita qualquer possível tentativa posterior de resgate.

Assim, Jasmine é vendida pelos colegas de trabalho como uma mercadoria, em troca de suas vidas e enquanto são enviados de volta para casa, em segurança, ela é trancada no palácio de um homem poderoso, enigmático e misterioso, que planeja transformá-la em sua amante.

CAPÍTULO 1

Jasmine

O sol parecia mais próximo da Terra naquela tarde tórrida, insuportavelmente quente. As solas dos meus pés descalços ardiam agonizantemente sobre as pedras pontiagudas e escaldantes da estreita rua no centro de Sanaã, capital do Iêmen. Minha garganta seca suplicava por um gole de água; as algemas em meus pulsos pareciam pesar toneladas, mas talvez fosse apenas o cansaço excessivo do meu corpo, extremamente fraco, depois de três dias comendo e bebendo apenas o suficiente para ser mantida viva.

À nossa volta, uma pequena multidão de pessoas se formava para nos observar passar, assistir nossa desgraça e agradecer a Alláh por não estar em nossa pele. Eram iemenitas molambentos e curiosos, entre os quais meus olhos desesperados procuravam por algum que estivesse nos apontando um celular, registrando aquela atrocidade, cujas imagens pudessem chegar ao conhecimento do nosso governo e assim recebermos ajuda. Mas não havia nenhum, ninguém fora daquele país, daquela cidade, saberia o que estava acontecendo conosco. Seríamos executados em praça pública, como nos tempos

primórdios, sem que ninguém pudesse fazer nada para impedir.

Estávamos a caminho da praça onde seríamos enforcados, andando em fila com nossos pulsos algemados na frente do corpo, ligados aos dos outros por grossas cordas de fibra, escoltados por soldados fortemente armados, que também impediam as pessoas de se aproximarem.

Encabeçando a fila estava o responsável por tudo aquilo, Terry, nosso *cameraman*. Depois dele se encontrava Alonzo, o assistente de áudio; em seguida Anthony, o piloto do avião; Taylor, a assistente de redação; e, por fim, eu.

Era uma daquelas situações que até mesmo na ficção pareceria absurda. Pelo menos eu pensava assim quando via um desses filmes em que os personagens são aprisionados em um país distante, sem terem cometido crime algum e sem que lhes fosse dada nenhuma chance de defesa, ou mesmo de se comunicar com alguém do seu país. Absurdo sim, mas não impossível, pois estava acontecendo conosco. Perderíamos nossas vidas de forma bárbara e impiedosa, diante de dezenas de olhares sedentos por violência, simplesmente por estarmos no lugar errado, na hora errada.

Tudo começou quando encerrei a faculdade de jornalismo e saí espalhando meu currículo pelos grandes

jornais de Nova Iorque. Devido ao fato de que falo fluentemente o idioma árabe, logo fui selecionada para fazer uma reportagem sobre a cultura muçulmana nos Emirados Árabes, um dos poucos países do Oriente Médio que aceita a presença de repórteres estrangeiros em seu território. Se eu soubesse onde tudo isso me levaria, teria escolhido outro idioma para aprender.

Tudo aconteceu muito rápido. Mal tive tempo de me preparar para a reportagem, ou de fazer a quantidade de pesquisas necessárias. Assim que descobriu que eu falava árabe, o chefe da redação me incumbiu de assumir a matéria, o que achei que seria um enorme pontapé inicial na minha carreira. No entanto, o sonho havia se transformado em um pesadelo, do qual eu não conseguia acordar.

De Nova Iorque voamos até o Egito, onde fretamos um avião particular de pequeno porte que nos levaria pelo restante do percurso. O piloto tinha apenas que atravessar a Arábia Saudita, mas aparentemente estava bêbado, ou drogado, pois além de nos levar na direção errada, permitiu uma falha técnica no avião que o levou a um pouso forçado no meio do deserto do Iêmen.

Sem água, nem comida, caminhamos durante quase um dia inteiro, à procura de qualquer vestígio de civilização, até que encontramos um pequeno rancho, uma

moradia rural simples, perdida no meio do nada. Como os moradores não se encontravam, tomamos a liberdade de entrarmos e nos alimentarmos. Grande erro! Tão logo o morador apareceu, junto com suas duas esposas e os filhos, não quis saber de conversa, chamou a polícia e nos acusou de roubo e invasão. Para piorar a situação, Terry estava portando maconha para uso pessoal e com isto fomos acusados também de tráfico de drogas, certamente porque o chefe da polícia estava de mau humor naquele dia, a fim de cortar algumas cabeças, pois se fôssemos realmente traficantes jamais nos exporíamos de tal maneira e ele sabia disso.

Como o tráfico é punido com pena de morte no Oriente Médio, cá estávamos nós, prestes a sermos enforcados. Em um prazo de apenas cinco dias fomos julgados e sentenciados, sem qualquer direito de defesa.

A todo momento, eu tentava me convencer de que tudo aquilo não passava de um sonho ruim, tinha esperança de despertar a qualquer momento e descobrir que era tudo mentira. Mas não era, estava acontecendo de verdade.

Logo alcançamos a praça e fomos levados para o alto de uma estrutura de madeira antiga e ruidosa, dois policiais à nossa frente, outros dois atrás, todos armados

com metralhadoras, nos impossibilitando de sequer cogitar uma tentativa de fuga.

O desespero me atacou com ferocidade, fazendo-me gelar e estremecer, quando soltaram nossos pulsos e nos posicionaram lado a lado, de frente para o público que lotava a praça, para que logo as cordas com laços na ponta fossem baixadas diante de nós.

Meu Deus! Havia chegado a hora! Íamos mesmo ser mortos, tudo estava acabado.

Tudo que eu conseguia pensar naquele instante era no meu pai, lutando contra um câncer na vesícula, que o consumia de dentro para fora. Eu não sabia o que seria dele sem mim, pois só tínhamos um ao outro.

Ao meu lado, Taylor chorava, copiosamente, tremendo, implorando por misericórdia, mas em nosso idioma. Mais adiante, Alonzo rezava em espanhol. Acredito que os outros dois também faziam orações silenciosas.

A multidão diante de nós se virou na direção oposta, reverenciando alguns homens que se colocavam na varanda de um edifício em ruínas do outro lado da praça. Estavam todos vestidos de branco, com o lenço tradicional na cabeça e, embora os raios do sol contra os meus olhos não me permitissem enxergar seus rostos, pela forma como os iemenitas agiam presumi ser os líderes da cidade, talvez até o rei. Dois deles acomodaram-se em assentos,

enquanto os demais permaneciam em pé, logo atrás, como se fizessem a segurança.

No instante seguinte, um dos policiais – aquele que parecia comandar toda a macabra cerimônia –, deu início a um discurso, falando sobre a necessidade de se eliminar criminosos como nós, com o intuito de dar o bom exemplo a quem ousasse praticar aquele tipo de crime e blá-blá-blá. Falou também sobre estrangeiros tentando trazer o pecado para a sua terra e sua gente.

Ele ainda falava quando os outros soldados nos fizeram aproximar ainda mais das cordas, de modo que os laços ficaram bem diante dos meus olhos e entrei ainda mais em desespero. Como uma última tentativa de sobrevivência, elevei o meu olhar para os homens na varanda e comecei a implorar, no idioma deles.

— Eu suplico misericórdia... pelo amor que vocês têm a Alláh... não nos deixem morrer hoje... tenham piedade. — Era um martírio forçar as palavras a atravessarem minha garganta seca e dolorida demais, em um tom de voz alto, mas sem ter certeza de que era ouvida daquela distância.

Em resposta, um dos policiais veio por trás de mim, com um chicote na mão, porém se deteve diante de um gesto de mão de um dos homens na varanda. Apesar do medo, não me calei, continuei implorando pela minha vida

e a dos outros, sem que aqueles homens demonstrassem qualquer reação, apenas conversavam entre si, de maneira enérgica, como se discutissem.

O discurso do chefe de polícia por fim encerrou. A corda foi colocada em volta do nosso pescoço e apenas fechei os olhos. Imagens da minha infância passaram-se como cenas de um filme em minha mente. Pude me ver correndo livremente na praia com os meus pais, ainda bem pequena, tão feliz e alheia às crueldades do mundo; pensei também nas coisas que queria ter feito e não tive tempo, ou apenas adiei, lamentando por não tê-las realizado. Como aquela viagem para Porto Rico, por exemplo, com meu namorado da faculdade, ou as festas que deixei de ir para ficar no quarto da república estudando sozinha, a fim de me destacar na profissão que havia escolhido. Do que adiantou tudo aquilo, se eu não levaria nada? Antes tivesse aproveitado mais a vida. Lembrei-me também da minha mãe indo embora quando eu tinha dez anos, alegando que não era feliz com o meu pai; dos sacrifícios que ele fizera para se dividir entre os cuidados comigo, com a casa e seu trabalho na construção civil. Por fim, pensei em como ele ficaria sozinho, doente, sem ninguém para cuidá-lo e essa foi a constatação mais triste de todas.

Eu esperava que meu pescoço fosse quebrado a qualquer momento, mas os minutos se passaram e não

aconteceu. Antes disso, a voz masculina partiu alta e áspera da direção da varanda do outro lado da praça, ordenando o encerramento da cerimônia e mal pude acreditar. Abri os olhos contra a luz forte do sol e enxerguei o vislumbre de um dos homens ali de pé, comunicando-se com os policiais, ordenando que fôssemos levados de volta para a delegacia, sem dar muitas explicações. Em seguida, ele desapareceu para o interior do prédio, seguido do seu companheiro e dos seguranças.

Pouco tempo depois estávamos de volta à precária sede da delegacia, trancafiados em uma sala imensa, mobiliada com apenas uma mesa e algumas cadeiras. Não sabíamos se aquela soltura era mérito das minhas súplicas e tampouco nos sentíamos encorajados a comemorar, visto que as coisas podiam apenas ter sido adiadas. Nenhuma explicação foi nos dada.

Ali finalmente recebemos água em abundância para beber, de um dos soldados, e alguns sanduíches que devoramos com apetite. Pouco depois a porta foi novamente aberta e, desta vez, quem entrou foi um homem que parecia ligeiramente mais civilizado que os policiais. Tinha uma estatura baixa, usava óculos fundos de garrafa e um traje branco impecável, típico árabe.

— Sou Mohamed Ayad, advogado do príncipe Jawad Nazir, da Arábia Saudita. Venho em nome do meu

príncipe trazer-lhes uma proposta. Podemos nos sentar? — falava de forma mecânica, inexpressiva, como se o fato de estar diante de um grupo de pessoas desesperadas não o abalasse nem um pouco.

Nos acomodamos à mesa e o sujeito sentou-se do outro lado, depositando uma pilha de papéis sobre o tampo de madeira grotesco.

— Qual é a proposta? — Terry indagou.

— O príncipe comprou a liberdade de todos vocês, do rei do Iêmen, por uma pequena fortuna. Está disposto a enviá-los em segurança de volta para os Estados Unidos, em um de seus aviões particulares, desde que a Srta. Jasmine Campbell fique aqui e pertença a ele, de forma definitiva e irrevogável, mediante um contrato assinado.

O homem parou de falar e um silêncio quase tocável recaiu sobre a sala, todos os olhares fitando-o com perplexidade. Até que Terry o quebrou:

— Nós concordamos.

Todos os olhares se voltaram para mim.

— Eu acho que não entendi — falei, realmente com dificuldade de processar aquela informação. Não era possível que esse tal príncipe queria realmente me comprar, como se eu fosse uma mercadoria. — Ele quer que eu seja dele como? Tipo uma mercadoria? Mas para fazer o que comigo?

— O que você acha, mulher? — Taylor se adiantou e as intenções dele ficaram subentendidas.

— Se aceitarem o acordo, sua vida pertencerá completamente ao príncipe, para ele fazer o que quiser, sem que isso seja especificado — continuou o advogado — Você será transportada para a Arábia Saudita, passará a viver na casa de Al Saud, a residência real, como uma funcionária e de acordo com nossas crenças e cultura. Não terá mais qualquer direito sobre a sua vida. Esse direito será do príncipe.

Era espantosa a naturalidade com que ele falava todos aqueles absurdos, como se tratasse da negociação de um terreno, ou um cavalo. Em outras palavras, estava dizendo que, se eu concordasse com aquilo, seria violentada pelo resto da vida por um velho barrigudo, fedorento e imundo, sem o direito de jamais reclamar e correndo o risco de ser morta a qualquer momento, já que minha vida pertenceria a ele. Não teria mais o direito de questionar nada, não seria mais dona de mim mesma, pertenceria a outra pessoa. Eu não sabia se isso não era pior do que ser enforcada naquela praça. Pelo menos assim terminaria mais depressa.

— E se recusarmos? — perguntei.

— Então a cerimônia de enforcamento reinicia de onde parou e vocês serão todos mortos ainda hoje.

— Nós concordamos. Onde devemos assinar? — Novamente Terry se adiantou.

O advogado fixou seu olhar em mim.

— E então, senhorita?

Eu não sabia nem o que responder, ser morta era terrível, porém não parecia menos atraente que um destino daqueles, de pertencer a alguém, de ser tratada como objeto sexual, muito provavelmente humilhada, maltratada, surrada e abusada pelo resto da vida.

— Isso não me parece mais atraente que o enforcamento.

— Do que diabos você está falando? Se não quer fazer isso por você, faça por nós! — Terry esbravejou.

— Ele está certo. Se sacrifique para salvar quatro vidas — Alonzo disse.

— É fácil falar. Não são vocês que passarão o resto da vida sendo violentados por um velho imundo.

— Como você sabe que ele é um velho imundo? — indagou Taylor.

— Sei lá. Dá para deduzir. Todos os monarcas orientais são homens imundos.

Provavelmente um dos homens naquela varanda do outro lado da praça era o príncipe. Tentei me lembrar de como ele era, mas não consegui ver seu rosto. Todavia, a aparência dele pouco importava. Se precisava comprar

uma mulher para ter alguém, certamente era repugnante e desprezível a ponto de não conseguir conquistar ninguém que ficasse com ele por vontade própria.

Taylor deixou o seu lugar e veio até mim, os passos rastejantes devido às queimaduras nas solas dos pés adquiridas durante a caminhada até a praça, sobre a rua de pedras. Ela tinha cerca de trinta anos, alguns a mais que eu, era miúda, morena, com cabelos cortados na altura do queixo. Possuía uma aparência muito frágil e com isto despertava a empatia nas pessoas.

— Jasmine, pense nos meus filhos — disse ela, olhando dentro dos meus olhos, desesperada como todos nós. — São todos dois pequenos ainda, precisam muito da mãe. Se não quer fazer isso por nós, faça por eles. Dê-lhes a chance de crescer perto da mãe.

Droga! Como dizer não àquilo?

Com tais palavras, ela me desestruturou, deixando-me sem opção que não concordar com aquela loucura.

— Posso pelo menos pensar antes? — perguntei, dirigindo-me ao advogado.

— Não. O príncipe quer uma resposta agora.

O único pensamento ao qual me agarrei naquele momento, foi à certeza de que, enquanto estivesse viva, ainda haveria esperança. Eu podia simplesmente fugir da tal residência real. Não seria fácil, certamente, mas

também não seria impossível. Depois que todos os outros estivessem em segurança, nos Estados Unidos, não haveria mais nada que o príncipe pudesse fazer contra eles.

— Tudo bem. Onde devo assinar? — indaguei.

Todos nós assinamos a documentação que apenas eu li muito superficialmente devido ao nervosismo. Pouco tempo depois, trajes típicos islâmicos foram trazidos para nós, abayas, hijabs e niqabs negros para as garotas – os lenços nos deixando com apenas os olhos aparecendo – e túnicas brancas com turbantes coloridos para os rapazes. Em uma confortável minivan, fomos conduzidos até o aeroporto, onde dois aviões pequenos já nos aguardavam.

O momento da despedida foi o mais doloroso, não que eu morresse de amores pelos meus quatro colegas de trabalho, eu mal os conhecia, mas porque eram meu único vínculo com o mundo civilizado, com um mundo no qual eu era livre para viver e fazer minhas escolhas. Abracei forte cada um deles, com meu peito se enchendo de uma angústia desoladora, de um medo assombroso do destino que me aguardava. Talvez fosse melhor estar morta que seguir um destino como aquele. Por outro lado, pelo menos eu estava salvando a vida de outras pessoas, devolvendo uma mãe aos seus filhos, embora nem isso fosse suficiente para me fazer sentir melhor.

Eles entraram em um dos aviões e eu entrei no outro, junto com o advogado. Éramos os únicos passageiros, servidos por uma tripulação exclusivamente masculina. Segundo Mohamed, o príncipe havia ficado no Iêmen para concluir suas negociações políticas com o rei. Não estava na cerimônia de execução por nossa causa, apenas acompanhava o amigo de liderança durante sua ida ao evento.

CAPÍTULO 2

Jasmine

A noite começava a cair quando chegamos à Al Saud, a residência real da Arábia Saudita, em Riad. Era um imponente palácio, rodeado por fontes com estátuas sinistras, em estilo medieval, jardins impecavelmente cuidados e soldados armados que pareciam estar por toda parte.

Seguindo as ordens do advogado, eu continuava usando o hijab e o niqab, apenas meus olhos aparecendo, enquanto ele me conduzia através dos caminhos verdejantes que cercavam a imensa construção. Era dividida em três partes, sendo a primeira a maior delas e outras duas menores atrás, para uma das quais nos dirigimos. As imensas portas duplas foram abertas, antes mesmo que se tocasse alguma campainha, por uma morena de cabelos volumosos e impecáveis, que se vestia de forma sóbria e elegante, com um vestido de seda longo, folgado, sem o tradicional lenço na cabeça. Não tinha mais que trinta anos e era dona de uma beleza incomum.

— Sou Dahab, uma das governantas do palácio. Seja bem-vinda a Al Saud — disse ela, amistosamente.

Agradeceu ao advogado e ele voltou dali mesmo. — Vamos entrando. Você deve estar louca por um banho quente, não é?

— Sim. Muito.

— Vou só te mostrar como as coisas funcionam por aqui e já te deixo em paz.

— Posso tirar essa coisa da cabeça? — indaguei, referindo-me ao hijab.

— Claro. Só usamos quando saímos da casa, mesmo para ir ao jardim. Nunca se esqueça disso.

Tirei a peça sufocante, respirando mais livremente, enquanto ela me examinava com maior atenção, sem qualquer expressão nos olhos cor de mel.

— Minha nossa! Você está com um aspecto muito cansado. Aposto que não dorme há dias.

— Não mesmo.

— Há muito o que aprender por aqui, mas acho que podemos deixar isso para amanhã. Vou te mostrar onde fica o seu quarto e você pode descansar. Amanhã damos um jeito na sua aparência também. — Ela acenou para que eu a seguisse e continuou falando enquanto avançávamos pela imponente moradia, onde cada detalhe impressionava pela riqueza, literalmente falando. O teto era alto, em formato oval, com detalhes esculpidos em ouro maciço. — Essa é a ala das funcionárias mulheres, a ala que você viu

ao lado é dos funcionários do sexo masculino. Como você deve saber, na Arábia Saudita homens e mulheres não se misturam, portanto, eles não podem entrar aqui e você não pode entrar de forma alguma lá. A ala principal, que fica à frente, é a residência real, onde vivem o rei e sua família. Não vá lá a menos que seja requisitada. Essa é a norma mais rigorosa a ser seguida.

— A menos que o príncipe me chame para o servir — completei, com amargura.

— Exatamente. Que bom que está entendendo.

— Onde vivem as mulheres do harém?

— Que harém? — Ela parou de andar, virando-se para me fitar.

— Aqui não tem um harém? Não or

pedido algum analgésico àquela mulher, como se ela fosse minha amiga. Mas ela não era. Eu não podia me permitir aceitar aquelas pessoas como dignas, ou boas. Elas eram inimigas, cúmplices do príncipe no meu sequestro.

Por mais que ele tenha salvado a minha vida e da e todos os outros, o que fazia comigo, analisando de um ponto de vista legal e moral, não passava de sequestro, já que me colocava em cárcere privado e todos ali eram coniventes com isto. Nem morta eu aceitaria qualquer tipo de aproximação com aquela gente, ou mesmo naturalizar aquela situação lastimável. Se havia algo de que eu tinha certeza era de que minha vida não valia nada ali. Aquelas pessoas podiam acabar comigo a qualquer momento, ao menor deslize meu, portanto não era uma gente em quem eu podia confiar.

Mergulhada nos pensamentos que fervilhavam em minha mente, subitamente senti uma lufada de vento muito suave batendo em meu rosto e me surpreendi ao constatar que a janela do quarto estava entreaberta. Como assim, eles deixaram-na destrancada? Na certa por terem certeza de que eu jamais tentaria fugir, pois não conseguiria passar pelos guardas armados lá fora. Mas aquela gente não me conhecia.

Levantei-me e fiquei estupefata ao descobrir que a janela dava para o jardim. Eu podia esperar que os

guardas se distraíssem e escapar por ali. Não seria fácil, mas ainda assim eu tentaria. Não agora, já que a qualquer momento alguém apareceria trazendo um sanduíche, mas, na calada da noite, quando todos estivessem dormindo. Era minha única chance de ser novamente livre e eu me agarraria a ela com unhas e dentes. Até porque, quando dessem pela minha falta, meus colegas de trabalho já estariam longe, em segurança, sem que nada mais pudesse ser feito contra eles.

Olhei para a cama e meu corpo esgotado suplicou pelo conforto do colchão. O cheirinho de limpeza nos lençóis e o friozinho do ar-condicionado me pareciam muito mais convidativos do que uma fuga arriscada, que poderia inclusive me levar à morte. Mas eu não podia me entregar desta forma, desistir de mim mesma, sem tentar, sem lutar. Se existia uma chance de recuperar minha liberdade, eu lutaria por ela.

O primeiro passo seria fazer com que aquelas pessoas acreditassem que eu estava conformada em ficar ali. Então, peguei uma toalha no closet e entrei no banheiro, quase do tamanho de todo o meu apartamento no Brooklyn. Ao me colocar diante do espelho quase não me reconheci. Meus cabelos longos, quase até a altura da cintura, e naturalmente ondulados, estavam completamente desgrenhados, as mechas escuras,

oleosas devido à sujeira, grudavam-se em meu rosto. Imensas olheiras sombreavam os meus olhos azuis-claros; meus lábios estavam completamente ressecados e rachados; minha pele queimada pelo sol. Não entendi o que aquele príncipe viu em mim, se minha aparência estava verdadeiramente lastimável. Certamente era mesmo um sujeito repugnante, que se sentia atraído por qualquer mulher que entrasse em seu campo de visão.

Foi um prazer indescritível experimentar a água morna caindo sobre meu corpo dolorido depois de tantos dias sem tomar banho. Aproveitei para lavar os cabelos e me livrar de toda aquela crosta de sujeira. Após o banho fui direto para o closet em busca de um traje adequado para a minha fuga. Eu precisava de uma calça, já que certamente pularia algumas cercas e precisaria correr, mas tudo o que havia lá eram vestidos largos, longos e coloridos. Escolhi o mais folgado deles, um hijab preto e, como todas as sandálias eram de salto médio ou alto, ou chinelos, decidi que ir descalça me permitiria correr mais depressa.

Ao sair do closet encontrei o sanduíche já servido em uma bandeja de prata com suco e frutas. A pessoa entrou ali sem ao menos bater na porta, o que deixava claro o quanto eu não passava de apenas uma propriedade para aquela gente, o quanto se julgavam meus donos,

como de fato eram e isso parecia indescritivelmente deprimente.

Devorei o sanduíche com apetite e, em seguida, me deitei, esperando o tempo passar. Precisava que todos estivessem dormindo antes de agir. Foi um sacrifício lutar contra o sono que tentava me engolir, precisei levantar e me sentar para conseguir me manter acordada.

Embora não tivesse nenhum relógio por ali, eu sabia que já era madrugada quando decidi colocar o meu plano em prática. Cuidadosamente amontoei alguns travesseiros sob o lençol, fazendo parecer que eu estava na cama, enfiei o hijab na cabeça e abri a janela. Olhei atentamente para o jardim enorme, parcialmente escuro e constatei que não havia qualquer movimentação de pessoas ao longo do imenso gramado verde. No entanto, era possível enxergar o vulto dos guardas se movendo sobre o muro mais adiante. Eu podia apostar que estavam por toda parte, armados até os dentes, mas ainda assim eu me recusava a desistir.

Cautelosamente atravessei a janela, os pés descalços e cobertos pelas queimaduras reclamando o contato com a aspereza do gramado. Sempre atenta a qualquer movimentação pelos arredores, comecei a me esgueirar pelas sombras das paredes, seguindo o percurso delas. Estava tudo muito diferente de quando cheguei

durante o dia, quando ainda era claro. Precisei de um grande esforço para me recordar do percurso que fizemos e tentei ser o mais fiel possível àquela direção, torcendo para que fosse a certa.

Em uma área mais escura, arrisquei abandonar a segurança da parede e me esgueirei através da área aberta do jardim, aproximando-me da primeira ala do palácio, onde vivia a família real. Em certo momento ouvi vozes masculinas nas proximidades e precisei me refugiar em meio a alguns arbustos ornamentais, quando pude ver dois dos guardas passando bem próximo a mim, felizmente sem me enxergar.

Esperei que eles se afastassem e, inundada por uma nova onda de coragem, corri na ponta dos pés até a parede posterior. Recostei-me nela e fiquei imóvel, petrificada, esperando para ter certeza de que não fui vista. Como nada aconteceu, prossegui, otimista, esperando encontrar alguma saída. Devia haver alguma fenda no muro, ou algum portão secundário por onde entravam os mantimentos, sei lá. Se necessário fosse, eu o escalaria, bastava encontrar uma parte que não estivesse sendo vigiada. Minha vontade de ser livre era tanta que eu me sentia capaz até de voar, se fosse necessário.

Eu já estava na lateral da ala principal do palácio, quando enxerguei um dos homens debruçado sobre o

parapeito de um pequeno gazebo que dava vista para um lago de águas tranquilas. Ele estava de costas para mim, fumando um cigarro, completamente alheio à minha presença. Mas estava perto demais. A menos que eu voltasse, qualquer outra direção que tomasse, corria o risco de ser vista por ele.

Droga! Maldita hora em que ele decidiu ficar ali.

Esperando que ele saísse após terminar o cigarro, continuei onde estava, imóvel, quase sem respirar. Porém, ele terminou e não se moveu, não fez qualquer menção de ir embora.

Mil vezes droga!

Ainda olhei para trás, pensando em voltar, mas me recusava a desistir. Talvez eu conseguisse passar sem que ele me ouvisse. Então decidi arriscar a sorte e fui em frente, na ponta dos pés, o mais silenciosamente possível, seguindo rumo a um trecho mais escuro do muro. Todavia, a sorte não estava do meu lado e logo a voz ríspida, masculina, alcançou-me, como trombetas infernais anunciando o meu fim.

— Ei, onde você pensa que vai? — esbravejou o homem atrás de mim.

Nem olhei para trás. Concentrei todas as minhas energias nas minhas pernas e corri em disparada, o mais depressa que conseguia, na direção do muro, esperando

alcançá-lo antes de ser apanhada. No entanto, ainda estava longe demais e logo as mãos bruscas me agarraram por trás, puxando-me com violência. Como se o meu véu fosse a primeira coisa que as mãos dele alcançassem, logo a peça foi arrancada da minha cabeça, abruptamente e mesmo quando ele me agarrou pelos ombros, tentando me deter, continuei lutando implacavelmente pela minha liberdade, buscando escapar de suas garras. Mas ele era muito mais forte e logo fui atirada no chão, seu corpo grande, sólido como uma rocha, estendendo-se sobre o meu, tentando me imobilizar enquanto eu continuava lutando valentemente, esmurrando-o onde meus punhos alcançavam, chutando, mordendo, me debatendo.

— Para com isso! Não está vendo que não pode lutar contra um homem? — vociferou, fuzilando-me com olhos ferozes.

Minha recusa em aceitar pacificamente o destino que me foi reservado era descomunal, assim como o medo do que me aguardava futuramente, ambos formando um turbilhão dentro de mim que parecia triplicar minhas forças físicas, me impedindo de desistir, de modo que continuei lutando contra aquele homem mesmo quando já não tinha mais energias, tentando desesperadamente me soltar dele. Ainda consegui dar umas boas arranhadas em seu rosto,

com minhas unhas crescidas, mas foi apenas isso. Ele era indiscutivelmente mais forte e logo conseguiu me vencer, imobilizando-me por completo.

— Já chega! — vociferou, prendendo minhas pernas entre seus joelhos e meus pulsos entre suas mãos e a grama. — Você não vai a lugar nenhum.

Aos poucos fui me cansando de lutar e me entreguei, minhas forças esvaíram-se do meu corpo junto com minhas esperanças de ser livre um dia e tudo o que restou foi um desespero absurdo, que tomava conta de mim à medida em que as lágrimas enchiam meus olhos.

— Por favor... me deixa ir — supliquei, com um murmúrio.

— Não! — cuspiu a palavra sem desviar seus olhos medonhos do meu rosto. — Tem ideia de quantas chicotadas vai levar se te pegarem tentando fugir?

À medida em que a agitação em meu sangue, causada pelo esforço da luta e da corrida, ia abrandando e minha respiração desacelerando, eu ia me dando conta do forte aperto das mãos dele em meus pulsos, do corpo pesado cobrindo o meu. Era um homem enorme, com cerca de um metro e oitenta, seus ombros largos e os músculos do tórax visíveis sob o tecido leve da camisa simples. Não usava os trajes típicos islâmicos, como os guardas, apenas uma calça e uma camisa comuns. Tinha a

pele morena, cabelos curtos, castanho-escuros e olhos de um verde bem claro, quase translúcidos, que expressavam uma ferocidade assustadora. O maxilar enrijecido, forte e quadrado, era coberto por uma barba curta, bem aparada. Apesar da rudeza em seus traços, era um homem muito bonito, com cerca de vinte e poucos anos. Seu rosto estava tão próximo ao meu que eu podia sentir o hálito quente, com cheiro de cigarro, tocando minha pele.

Percebi que ele também examinava minhas feições atentamente, seu olhar vagando minuciosamente pela minha face, fazendo o percurso dos meus olhos até minha boca.

— Eu não posso ficar aqui — murmurei, quase com súplica.

— Estão te maltratando?

— Ainda não, mas vai acontecer. Fui comprada pelo príncipe esta tarde. Sei que ele vai me violentar e açoitar.

— Ele te disse isso?

— Não, mas dá para deduzir. Por qual outro motivo ele compraria uma mulher?

Nesse instante sons de vozes masculinas nos alcançaram. Em meio à semi escuridão avistei o vulto de dois guardas se aproximando de onde estávamos. Na certa, eles tinham nos ouvido e nos procuravam. Mais alguns passos dados e eles nos enxergariam ali estendidos

no chão e não consegui pensar em outra coisa a não ser nas chicotadas mencionadas. Eu estava mesmo ferrada.

— Merda! — esbravejou o homem em cima de mim.

Com a agilidade de um felino, ele levantou-se e me levou junto, as mãos fortes segurando-me firmemente. Puxou-me em direção a uma moita de palmeiras e nos embrenhou em meio às folhagens, escondendo-nos. Depois, usou seu corpo grande para me aprisionar de encontro ao tronco de uma das plantas e cobriu minha boca com uma das mãos, esticando o dedo indicador da outra sobre seus lábios, ordenando que eu ficasse em silêncio.

As vozes dos dois guardas se aproximaram rapidamente, chegando tão perto de nós que se nos movêssemos, ou mesmo respirássemos mais pesadamente, podiam se dar conta da nossa presença ali. Realmente eles haviam me ouvido, estavam falando sobre isso, procurando pela dona da voz feminina, embora não tivessem me avistado enquanto eu corria pelo gramado.

Continuaram rondando pelos arredores, à minha procura, por mais algum tempo, até que por fim desistiram e se afastaram, retornando para seus postos perto do muro, as vozes se distanciando paulatinamente. Mesmo depois que se foram, aquele homem continuou tapando minha boca com a sua mão, seu corpo rochoso prendendo

o meu, seus olhos verdes sondando-me, seu rosto a centímetros de distância. Ficou assim por um longo momento até que, por fim, foi tirando sua mão de mim devagar, a palma deslizando lentamente sobre meus lábios, como se os acariciasse.

— Você é realmente muito linda — sussurrou com o tom de voz mais brando que antes, os olhos cravados em meu rosto.

Apenas nesse instante tomei consciência do volume em sua calça me empurrando logo abaixo do umbigo. O safado estava de pau duro, aproveitando-se da situação e ao mesmo tempo que aquilo me assustou, fiquei totalmente sem fôlego, uma inesperada corrente de calor atravessou meu ventre, misturando-se à raiva que emergia na mesma medida.

Concentrei tudo o que restava das minhas forças físicas nos meus punhos cerrados e os arremeti contra o peito largo dele, empurrando-o de supetão.

— Sai pra lá.

Agradeci aos céus quando ele se afastou de livre e espontânea vontade, pois se quisesse me violentar ali mesmo poderia fazer isso sem receber qualquer punição depois. Era assim que as coisas funcionavam naquele país. Eu havia lido a respeito o suficiente para saber disso.

— É assim que me agradece por te livrar de uma surra?

— O que você queria? Que eu tirasse a calcinha e desse para você em gratidão?

Os lábios dele esboçaram um sorriso torto, suficiente para que uma covinha se formasse em uma de suas bochechas. Realmente não era um homem nada feio, os traços bem marcados do seu rosto moreno possuíam um aspecto extremamente masculino, uma beleza rude, agressiva, impossível de ser ignorada. Era o tipo de homem de quem você queria fugir, intimidada, ao mesmo tempo que queria pular em cima.

— Até que não seria má ideia.

— Vai sonhando.

O sorriso dele se ampliou.

— Vocês americanos são mesmo muito diretos — disse ele.

— Como você sabe que sou americana?

— Todos em Al Saud já sabem que chegou uma amante do príncipe americana aqui hoje.

— Não sou amante daquele traste.

— Por que traste?

— Traste chega a ser elogio para alguém capaz de comprar uma pessoa.

— Me disseram que ele salvou sua vida quando estava prestes a ser enforcada. Será que ouvi a história errada?

— Não fez isso por bondade. Só estava com segundas intenções. E você, quem é?

— Trabalho no palácio. Sou conselheiro do príncipe.

— Por isso o defende tanto. É próximo dele.

— Não é só por isso, eu conheço bem a família real e sei que são pessoas boas.

— Não existem pessoas boas liderando países no Oriente Médio.

— Por que acha isso?

— As notícias chegam longe, partidas daqui.

— Notícias falsas, com certeza.

— Mas onde há fumaça, há fogo.

— Tá legal. Agora chega de conversa. Venha comigo, vou te levar de volta ao seu lugar.

A mão forte se fechou firme em torno do meu braço, provocando um arrepio em minha pele. Apesar de ter atrapalhado minha fuga, ele era uma boa pessoa, ou teria me entregado aos guardas para que me chicoteassem. E se fosse um bom sujeito, talvez pudesse me ajudar a fugir dali.

Antes que ele começasse a me puxar para fora da moita dei um passo em sua direção, as solas queimadas

dos meus pés descalços reclamaram com o movimento, atraindo o seu olhar. Segurei em seu outro braço, quase em desespero, e falei:

— Você parece ser uma boa pessoa. Precisa me ajudar a sair daqui.

— Por que quer tanto sair daqui?

— Como eu já disse, o príncipe pretende me violentar e só Deus sabe mais o quê.

— Ele não vai fazer isso. Vossa Alteza é um bom homem.

Eu duvidava daquilo. Havia lido histórias suficientes sobre o que os homens do Oriente Médio faziam com as mulheres, para estar completamente apavorada. Eles maltratavam inclusive suas irmãs e esposas. Eu podia imaginar o que faria comigo, que era apenas uma propriedade.

CAPÍTULO 3

Jasmine

— Eu não quero ser propriedade dele.

— Vamos fazer assim. Se ele te maltratar, como você está dizendo, eu te ajudo a fugir. Combinado?

Não era muito, mas era melhor que nada. Aliás, a atitude daquele homem era espantosamente generosa para alguém que crescera em meio a uma cultura que menosprezava enfaticamente as pessoas do sexo feminino. Qualquer outro teria me entregado aos guardas, achando que eu estava ofendendo a honra do tal Vossa Alteza ao tentar ser livre.

— Combinado — concordei.

— Agora vamos sair daqui.

Sem que eu esperasse, ele agarrou-me pelo meio das pernas e simplesmente me pendurou em seu ombro, carregando-me pelo jardim. Quase gritei com o susto, porém me contive ao me dar conta de que qualquer barulho atrairia a atenção dos guardas, o que parecia muito mais aterrador que estar pendurada no ombro de um cara como uma saca de feijão.

— O que diabos você pensa que está fazendo? — indaguei.

— Poupando seus pés machucados. Vê se não reclama.

Fizemos todo o percurso de volta até a janela do meu quarto em questão de minutos. Eu havia me afastado muito menos do que presumira. Na verdade, estive andando em círculos sem perceber. Jamais teria conseguido sair dali. O lugar era imenso demais, cheio de curvas e com tudo muito parecido. Um verdadeiro labirinto.

O belo estranho de olhos verdes inesquecíveis me colocou de volta no chão apenas quando estávamos diante da janela ainda aberta do meu aposento.

— Foi por aqui que você saiu? — indagou e assenti — Pelo visto, ainda não se deram conta da sua ausência. É só entrar de volta e fazer de conta que não aconteceu.

— Vou entrar, mas só porque você prometeu me ajudar quando aquele asqueroso começar a me maltratar.

— Não. Você vai entrar porque, se continuar aqui fora, será castigada pelos guardas. Agora vá. Amanhã peça à governanta um remédio para os pés.

— Certo. Boa noite.

Ele ficou ali parado me observando enquanto eu atravessava a janela, de volta para o lado de dentro. Apenas então se afastou, enquanto eu me espichava na cama grande, confortável e cheirosa. Um minuto depois

adormeci, finalmente encontrando um pouco de paz depois de tantos dias sem tê-la.

***

— Jasmine, Jasmine, Jasmine.

A voz da mulher penetrou minha mente como se partisse de muito distante. Aos poucos fui despertando, sendo arrancada de um mundo de sonhos onde o Oriente Médio sequer existia, onde eu era livre para viver minha vida como quisesse, para ir onde desse na telha, sem o constante risco de ser chicoteada, presa, ou até mesmo morta por desobediência. Nos meus sonhos, eu havia conseguido ser novamente a repórter em início de carreira que lutava por um lugar ao sol e cuidava do pai doente nas horas vagas. Mas a voz daquela mulher estragou tudo, puxando-me de volta para a realidade.

Preguiçosamente abri os olhos e vi Dahab em pé ao lado da cama, usando seu vestido longo e elegante, com os cabelos negros e a maquiagem impecáveis.

— O que foi? — indaguei, ainda sonolenta, a voz enrouquecida pelas horas de sono.

— Querida, estou ficando preocupada com você. Já são quase dez horas da manhã e você continua dormindo.

Ela não sabia que já era madrugada quando adormeci.

— Me deixa dormir só mais um pouco.

— Você precisa se levantar agora. Há muito o que fazer no seu primeiro dia aqui. O príncipe pode voltar de viagem a qualquer momento. Precisamos que você esteja pronta.

Suas últimas palavras me fizeram estremecer. Era terrível imaginar que meu corpo seria tocado, violado, por um velho asqueroso. Eu jamais permitiria que ele conseguisse o que queria, pelo menos não facilmente. Lutaria para me defender mesmo que fosse castigada, ou até mesmo morta depois. Pelo menos havia conseguido um aliado naquele lugar. O tal conselheiro do príncipe me ajudaria a fugir quando o verme repugnante começasse a me torturar por não o aceitar. Restava saber se realmente cumpriria a sua promessa.

— Tá bem. Já vou me levantar — murmurei.

— Esperarei lá fora.

Minutos depois eu estava deixando o aposento, de banho tomado, usando um dos vestidos que encontrara no closet, um longo folgado e reto, branco com listras douradas. Havia escovado bem os cabelos, deixando as ondas volumosas, castanha-escuras, cascateando pelas costas.

Dahab me esperava perto da porta, do lado de fora.

— Antes de mais nada, você precisa tomar o seu café da manhã. Vou te mostrar o lugar para que você não se perca por aí e depois te levo ao refeitório. Em seguida começamos com os preparativos.

— Que preparativos?

— Querida, você precisa estar linda para o príncipe. Hoje receberá a visita de uma excelente profissional que vai cuidar dos seus cabelos, da sua pele, da sua depilação e outra pessoa te trará roupas novas.

— Claro. Nem sei como não pensei nisso.

Fizemos uma rápida excursão pela imponente moradia, durante a qual Dahab me mostrou suas dependências. Além de luxuoso, o lugar era imenso, contando com quatro grandes dormitórios divididos entre as vinte e cinco funcionárias, entre elas as cozinheiras, as arrumadeiras, as governantas e as faxineiras. Apenas as amantes tinham um quarto individual, por motivos óbvios e, embora eu não fosse a primeira a estar ali, segundo Dahab era a única, no momento. Havia também sala de costura, com máquinas modernas; sala para as orações; sala de descanso; duas cozinhas; duas lavanderias; uma sala para aulas de grandes mestres da gastronomia; salão de cabeleireiro; um jardim florido nos fundos e por fim o refeitório. Este era imenso como tudo mais, mobiliado com

várias mesas longas retangulares. Foi onde tomei meu café da manhã, sozinha, já que todas as outras haviam feito a refeição mais cedo.

Eu não soube distinguir se era impressão minha ou se as demais funcionárias estavam torcendo o nariz em minha direção. Algumas delas chegavam a cochichar entre si quando me viam passando, sem que eu compreendesse o motivo de tal atitude.

— Elas têm algum problema comigo? — indaguei a Dahab, enquanto comia.

— Não ligue para isso. Elas são mulheres muito respeitáveis e, como tal, preferem impor uma certa distância das *alkalibas*. Você sabe como são essas coisas.

— Na verdade, não sei. É a primeira vez que estou sendo a puta de alguém. Na minha terra, eu também era uma mulher de respeito, ou pelo menos tentava ser.

— O relacionamento com as outras funcionárias não é nada com o que você não consiga lidar — disse, friamente, encerrando o assunto.

O dia prosseguiu bastante movimentado. Depois do café fui levada para o salão de cabeleireira, onde fui depilada, hidratada, tive minhas unhas feitas, os cabelos cuidados e escovados, tomei um demorado banho de espuma com sais aromáticos, recebi uma massagem relaxante e, por fim, fui maquiada. Tudo aquilo dava a

entender que o príncipe já estava na cidade e poderia me chamar a qualquer momento, o que me provocava uma agonia no âmago. Eu temia pelo momento em que precisaria estar sozinha com ele, me entregar, da forma como ele ordenasse.

Fiquei ainda mais abalada quando fui levada a uma sala que lembrava uma enfermaria, onde uma mulher rechonchuda fez a coleta de material para um exame ginecológico, tirou meu sangue para outro exame e aplicou uma injeção que explicou ser um anticoncepcional que eu deveria receber mensalmente.

Na hora do almoço, o refeitório estava lotado de mulheres envolvidas por conversas paralelas, as quais continuavam me olhando enviesado, de modo que preferi me acomodar sozinha em uma mesa menor, a um canto, a fim de evitar incomodá-las com a minha proximidade. Se eu tivesse sido educada de acordo com a cultura islâmica talvez também desprezaria as *alkalibas.* O fato de elas estarem sendo forçadas a se tornarem isso pouco me importaria, assim como não importava para toda aquela gente.

Na parte da tarde, a movimentação prosseguiu. Desta vez apareceu uma mulher mais falante, que trazia vários cabides móveis com roupas do meu tamanho para que eu escolhesse. As opções não eram muito variadas.

Os trajes eram muito parecidos, resumindo-se a vestidos de seda folgados e longos, macacões e muitas roupas íntimas escandalosamente sexys. Eu podia apostar que aquelas peças eram exigências do príncipe, que além de asqueroso parecia ser também um pervertido.

Era meio cômico que aquelas mulheres se julgassem altamente respeitáveis e achavam natural que um homem as ordenasse a vestir outra mulher com aquilo.

Passei todo o dia com um frio na barriga, temendo que ele mandasse me chamar para servi-lo a qualquer momento, mas felizmente a noite caiu e nada aconteceu. Como não perguntei a Dahab, presumi que ainda estivesse no lêmen. Graças aos céus. Que ficasse bastante tempo por lá e que seu avião caísse no deserto do Saara durante sua volta. Não que eu estivesse desejando sua morte, longe de mim. Mas não seria mau um pouso forçado no meio do deserto e que ele demorasse uns dois meses para encontrar o caminho de volta.

Outra preocupação que me acompanhou durante todo o dia foi a saúde do meu pai. Eu não podia nem imaginar como ele estava se virando sozinho, tão fraco e cansado, para ir ao hospital fazer as sessões de quimioterapia. Já fazia alguns meses que ele não dirigia. Era eu quem o levava a todas as consultas e ao grupo de apoio. Havia pedido aos meus colegas de trabalho libertos

que o procurassem e dessem-lhe assistência, no entanto não tinha certeza se estavam cumprindo o que prometeram. Não havia sequer um celular naquele lugar, com o qual eu pudesse buscar notícias dele. As pessoas não usavam internet ali. Nem mesmo canais na televisão existiam, apenas aquele usado para exibir as orações realizadas três vezes ao dia. Era como se aquela gente vivesse em uma época passada, muito distante, alheia aos avanços do mundo fora dos limites do seu país.

À noite, quando fiquei sozinha em meu quarto, não conseguia parar de pensar em meu pai, no quanto devia estar preocupado comigo, algo que poderia piorar ainda mais seu estado de saúde. Talvez o carinha que impedira minha fuga na noite passada tivesse algum celular escondido que pudesse me emprestar. Se ele violara as normas o suficiente para não me entregar aos guardas, podia fazer também isso por mim. Não custava nada tentar.

Decidida a me encontrar novamente com ele, nem tentei dormir. Permaneci sentada em um canto, esperando as horas passarem. Quando presumi ser o mesmo horário em que o encontrei na noite anterior, pulei a janela e deixei o quarto. Não me preocupei muito em me esconder dos guardas, pois quando voltamos da minha tentativa de fuga passamos tranquilamente por ali sem que nos avistassem. Apenas fiz fielmente o mesmo caminho por onde havíamos

passado, sem os rodeios anteriores. Antes mesmo de o avistar, eu senti o cheiro da fumaça do cigarro partindo da direção do gazebo de cimento pintado de branco, rodeado por pilastras em estilo grego antigo. Ainda de longe ouvi sua voz grossa esbravejando energicamente com alguém, parecendo furioso ao falar sobre uma certa reportagem, feita por um jornalista progressista. Não entendi muito bem aquilo, pois falava depressa, em árabe.

Como na noite passada, ele não usava as roupas tradicionais árabes, mas apenas uma calça social caqui e camisa de mangas compridas branca, simples. Após constatar que estava sozinho, falando com uma pessoa ao telefone, suspirei aliviada e aproximei-me devagar, por trás dele, exultante por saber que tinha um celular.

Finalmente eu falaria com meu pai. Nem podia acreditar.

Por fim cheguei perto o suficiente para que ele se desse conta da minha presença e vi a surpresa se refletindo em seus olhos translúcidos ao fixá-los em mim, a ruga em sua testa se aprofundando, evidenciando que não estava gostando de me ver ali. Despediu-se da pessoa do outro lado da linha e encerrou a ligação, enfiando o celular no bolso da calça, sua atenção, assim como a irritação que já estava lá, voltando-se totalmente para mim.

— O que diabos você está fazendo aqui? — vociferou, tão rispidamente que dei um passo para trás, intimidada.

Ele já havia dado indícios de que podia ser uma boa pessoa, mas era homem e árabe, uma combinação altamente perigosa, principalmente para uma mulher cuja vida valia pouco ali.

— E-eu... s-só... precisava falar com você — murmurei, tropeçando nas palavras.

— Vocês ocidentais não conseguem mesmo seguir nenhuma norma, não é? Por mais simples que seja. Custa você ficar quieta no seu quarto?

Pensei seriamente em enfiar meu rabinho entre as pernas, dar meia volta e sair dali. No entanto, nunca fui uma pessoa que desiste fácil do que quer, não era aquele troglodita a me transformar numa covarde. Até porque eu já não tinha muito mais a perder. Então, determinada, ergui o queixo e dei um passo à frente, encarando-o diretamente nos olhos.

— Vim para falar com você e não saio daqui até que me ouça. E não adianta tentar me amedrontar com ameaças, porque não sou uma mulher que se assusta facilmente.

Com um passo, dado rapidamente, ele estreitou ainda mais a distância entre nós.

— Você não pode ficar aqui — disparou, com a mesma rispidez.

— E por que não? Por acaso vai me entregar aos soldados?

— Eu não faria isto. Mas sou um homem e não sou de confiança.

Antes que eu tivesse tempo de processar suas palavras, ele avançou para cima de mim, fechou suas mãos grandes dos dois lados da minha cintura, fazendo com que eu desse um giro de noventa graus e me encurralou de encontro ao parapeito de pilastras, apoiando as mãos dos dois lados do meu corpo, como se me aprisionasse, apenas alguns míseros centímetros separando-o de mim.

Era para eu ter ficado apavorada, pois sua atitude se tratava de uma ameaça. No entanto, o efeito foi contrário. Um cheiro diferente partia dele, uma mistura máscula de perfume masculino com cigarros, e me atingiu em cheio, deixando-me ligeiramente desnorteada, atordoada. Sem que eu pudesse evitar, meus olhos correram para o vislumbre do início de uma camada de pelos escuros aparentes no vão deixado pelos primeiros botões abertos da sua camisa e instintivamente umedeci os lábios, com uma corrente de calor me percorrendo inteira, instalando-se na altura do meu ventre.

Quando voltei a encará-lo, vi fogo puro refletido nos olhos verdes e algo se revirou abaixo do meu umbigo.

— Não tenho medo de você — desafiei, sussurrando.

— Mas devia. — Ele não precisou nem de um passo inteiro para eliminar a distância que nos separava. Colou seu corpo grande no meu, pressionando-me firmemente contra as pilastras, a ereção me empurrando um pouco acima do meu ventre, ao mesmo tempo que suas mãos se fechavam novamente na minha cintura e percorriam minha silhueta, deixando-me completamente em brasas, com uma vontade enorme de me perder de vez naqueles braços fortes e intimidantes. — Eu posso arrancar suas roupas agora mesmo e te fazer minha a noite toda, sem que ninguém venha te socorrer, ou mesmo me culpe por algo em seguida.

— E depois teria a sua cabeça arrancada por colocar suas mãos no novo brinquedinho do príncipe.

— Eu não tenho medo dele.

Ele apalpava meu corpo por sobre o tecido sedoso do vestido como se me moldasse, identificando e percorrendo cada uma das minhas curvas, descobrindo-as, refestelando-se em mim, enquanto tudo o que eu queria era enfiar minhas mãos no espaço aberto da sua camisa e sentir a rigidez de cada músculo sob o toque dos meus

dedos, mover-me de encontro a ele e me esfregar na firmeza da sua ereção.

Por Deus! O que estava acontecendo comigo? Nunca fui uma mulher promíscua, do tipo que olha para um homem duas vezes e já quer dar para ele. Pelo contrário, sempre fui muito retraída quando o assunto era o sexo oposto. No entanto, aquele sujeito era diferente de todos os outros, tinha algo nele que me tirava dos eixos, aquele seu jeito meio selvagem, aquela masculinidade agressiva me desestabilizava, me cegava. Ou talvez fosse apenas o nervosismo acarretado pelas circunstâncias deixando-me mais vulnerável, portadora de alguma espécie de síndrome parecida com a de Estocolmo. Minha única certeza era de que o toque das mãos dele estava me deixando toda molhada, minha intimidade pulsava dentro da calcinha, uma vontade fremente de senti-lo me dominava. E o pior era que eu nem sabia o seu nome.

— Mas devia ter — continuei. — Não conheci a peça ainda, mas os jornais do Ocidente falam horrores sobre ele.

Foi nesse instante que ele me soltou, afastou-se para o lado e apoiou as duas mãos no parapeito. Enquanto uma lufada de vento frio me atingiu, meu corpo reclamando a ausência do seu calor.

— É esse velho costume que vocês têm de falar sobre o que não sabem. Eu duvido que algum desses

jornalistas tenha falado com ele pessoalmente antes de escrever tais absurdos. A maioria do que dizem é mentira. É só o que sabem fazer, mentir sem procurar pela verdade.

— E como vão escrever a verdade, se a sua querida Alteza nunca concorda em receber jornalistas? Fica difícil assim.

— Não devem tê-lo abordado do jeito certo, com respeito.

— Não devem tê-lo bajulado suficiente, isso sim.

— Não se trata disso. O respeito é algo que valorizamos em nossa cultura. Mas você nunca entenderia. É como todos eles, ainda nem conheceu Vossa Alteza e já o está julgando como um ser humano da pior espécie, mesmo depois que ele salvou sua vida e a dos seus amigos.

— Quer saber? Estou pouco me lixando para a Vossa Alteza. Quero mais é que ele se perca no deserto do Saara e fique por lá mesmo. — Ele fitou-me com espanto e não me arrependi das palavras ardilosas. — Não vim aqui para falar dele.

— E veio para quê?

— Para te pedir um favor.

Ele se virou de frente para mim, fitando-me com um certo cinismo, o que não me desencorajou a falar.

— Não vou te ajudar a fugir.

CAPÍTULO 4

Jasmine

— Não se trata disso. Quer dizer. Se você me ajudasse seria ótimo, mas é outra coisa.

— Então diga. De que forma você espera que eu quebre as regras hoje?

— Por que fala assim?

— Porque vocês americanos não conseguem viver dentro das normas.

— Não das normas do seu país.

— De qualquer norma. Mas me diga, o que quer de mim?

Suspirei fundo, hesitante, quase certa de que receberia um não como resposta.

— Meu pai está muito doente, com câncer na vesícula. Gostaria de saber se você pode me emprestar seu celular para falar com ele, saber como está e dizer que estou bem para o tranquilizar.

— Não posso emprestar sem o consentimento do príncipe. Sinto muito.

— Por favor, é só por um minuto. Ninguém precisa saber. — Meu desespero era tão grande que as lágrimas afloraram dos meus olhos. — Estou muito preocupada com

ele. Não consigo dormir nem comer direito de tanta preocupação.

Ele revirou os olhos, antes de enfiar a mão no bolso da calça e sacar o celular, estendendo-o para mim.

— Você ainda vai acabar me metendo em confusão.

— Nem sei como agradecer — falei, recebendo o aparelho de sua mão.

— Seja rápida. Apenas cinco minutos e nada mais.

Digitei os números com minhas mãos trêmulas, tomada por um misto de emoção e temor de que algo ruim pudesse ter acontecido ao meu pai durante esses dias. Foram mais de sete dias sem ter nenhuma notícia sua.

O telefone tocou até cair e meu pai não atendeu, o que me deixou ainda mais apreensiva. Ele não devia estar dormindo ainda visto que em Nova Iorque era início de noite e nunca dormia cedo, nem quando os médicos recomendavam. Tentei novamente e, desta vez, ele atendeu no terceiro toque, sua voz fraca, tão querida e familiar, encheu meu peito de ternura e saudade.

— Pai, sou eu, Jasmine — falei, minha voz trêmula pela emoção.

— *Minha filha... onde você está?... O que aconteceu? Estou quase louco de preocupação. Apareceu um pessoal aqui dizendo que você está presa na Arábia Saudita, é verdade?*

Era verdade, mas se eu dissesse isso a ele apenas o deixaria ainda mais preocupado. Preferi tranquilizá-lo com uma mentira, a permitir que tentasse fazer algo para me libertar.

— Não é como parece, pai. O príncipe negociou nossa liberdade com o rei do Iêmen, mas eu estou bem. Ele só quer que eu escreva sobre o seu país e sua cultura. Em breve voltarei para casa. Fique tranquilo, estou sendo muito bem tratada aqui.

— *Tem certeza de que é isso mesmo?*

— Claro que sim.

— *E por que não ligou antes? Por que não deu notícias?*

— A telecomunicação não é algo muito acessível por aqui.

O conselheiro do príncipe começou a gesticular com as mãos, avisando que meu tempo estava acabando e me apressei em perguntar como meu pai estava. Fiquei mais sossegada ao saber que Taylor, minha colega de trabalho, havia aparecido lá e estava dando toda a assistência de que ele precisava, levando-o às consultas, providenciando para que nada lhe faltasse. Conversamos um pouco mais e, diante da insistência do proprietário do telefone, encerrei a ligação, só então permitindo que as lágrimas

escorressem dos meus olhos, lágrimas de saudade, de um medo pungente de nunca mais voltar a vê-lo.

— Eu sinto muito que ele esteja doente — disse o sujeito à minha frente, ao receber o telefone de volta.

— Tenho tanto medo de não voltar mais a vê-lo. — Um soluço me escapou, junto com as palavras.

— Não seja pessimista. Nosso príncipe é uma pessoa muito boa. Se você souber pedir, ele o traz aqui.

— Você acha que ele faria isso?

— Ele salvou o seu pescoço da forca, não foi?

Ele podia estar certo. O príncipe era um asqueroso, por comprar uma pessoa, mas foi digno o bastante para salvar cinco vidas. Se eu o agradasse, se fizesse tudo o que ele queria, se desse-lhe prazer, talvez pudesse conseguir algumas concessões, quem sabe até minha liberdade. O problema era saber se eu teria estômago para fazer tudo o que ele quisesse. Provavelmente não. Eu não conseguia me imaginar na cama com um homem que não amava, ou por quem não sentia pelo menos um pouco de atração. Apenas o tempo me mostraria como essa coisa ia funcionar.

— Obrigada por me emprestar o telefone — falei, realmente agradecida.

— Já é a segunda vez que você me faz quebrar as regras — enquanto ele falava, seus olhos se fixaram tão

intensamente nos meus que senti um arrepio no corpo.

A fim de desfazer o contato visual, virei-me de frente para o lago de águas tranquilas, parcialmente iluminado pelas lâmpadas dos postes espalhados pelo jardim.

— Quando cheguei, você estava falando com alguém sobre uma reportagem. Do que se trata? — indaguei, movida pela curiosidade.

— O de sempre. A imprensa inventando mentiras absurdas sobre a realeza, sem os conhecer realmente.

— Os americanos estão metendo o pau na sua cultura de novo?

— Dessa vez é um árabe. Ele é dono um maldito jornal que intitula de progressista e, como sempre, está falando mal do príncipe, como se ele fosse responsável por toda a nossa cultura.

— Pelo visto, o seu príncipe não é um líder muito popular.

— Julgado por pessoas que não o conhecem.

— Mas conhecem a liderança dele. Além do mais, onde há fumaça, há fogo.

— E isso não é assunto seu! — vociferou, abruptamente. — Acho melhor voltar para o seu quarto, onde é o seu lugar. Como eu disse, não é seguro aqui. Vamos, eu te levo de volta.

Pelo menos desta vez ele não me pendurou em seu ombro, apenas acenou para que eu o seguisse e fizemos o percurso de volta até a janela do quarto, caminhando lado a lado.

— Você ainda não me disse o seu nome — comentei, assim que paramos diante da janela ainda aberta.

— Me chame de Omar.

— Então boa noite, Omar. E, mais uma vez, obrigada.

Ele esperou até que eu entrasse e fechasse a janela por dentro antes de se afastar.

Tive uma noite de sono longa e tranquila. Acordei tarde na manhã seguinte, surpresa pela governanta não ter vindo me despertar novamente. Após tomar o solitário café da manhã no refeitório enorme, fiquei sem nada para fazer, sentindo-me meio inútil por ver a correria das outras mulheres, para atenderem a família real, mas sem permissão para ajudar em nada. Dahab foi bem clara ao dizer que eu não devia realizar o trabalho doméstico, apenas me preocupar em estar bonita e bem arrumada para quando o príncipe decidisse me chamar. Segundo ela, ele continuava no Iêmen, tendo sua visita estendida devido a imprevistos que surgiram.

Na hora do almoço, novamente acomodei-me sozinha em uma mesa afastada das outras, enquanto as funcionárias se agrupavam nas retangulares, falando alto, conversas paralelas se misturando. Continuavam me olhando torto, como se nunca fossem se acostumar com a minha presença ali. Fiquei surpresa quando uma delas se desgarrou do grupo e veio em minha direção. Era uma jovenzinha miúda, magrinha e com um largo sorriso.

— Posso sentar-me aqui com você? — indagou ela, com a voz tão frágil como sua aparência.

— Claro. Fique à vontade.

Sustentando seu sorriso, ela se acomodou, depositando a bandeja com a comida sobre a mesa diante de si.

— As outras não vão ficar chateadas com você se te virem falando comigo? — indaguei.

— Elas já não gostam de mim, mas eu nem ligo. Com o tempo você também vai aprender a não ligar.

Levei uma garfada generosa do guisado de frango à boca, antes de continuar falando.

— E por que elas não gostam de você?

— Porque eu ia ser uma *alkaliba* também. Meu pai me deu de presente para o príncipe no ano passado, mas ele não me quis como amante, disse que eu era nova demais. — Quanto mais eu a ouvia, mais o meu queixo

caía. — Eu ia ser devolvida, mas a rainha gostou de uns quitutes que fiz e me contratou como ajudante da cozinheira.

— Deixa eu ver se entendi. O seu próprio pai te deu presente ao príncipe, como uma mercadoria, e ainda para ser amante dele?

Ela soltou um risinho.

— Não é tão terrível quanto você imagina. É muito comum as famílias mais pobres presentearem a realeza como uma filha. Ser aceita é uma honra.

— Credo. Pois você teve sorte de não ter ido parar na cama dele.

— Não. Teria sido sorte ser aceita por ele. As *alkalibas* têm muito mais privilégios que as criadas. Elas têm seu próprio quarto, ganham presentes do príncipe e ainda viajam com ele para lugares incríveis. É um verdadeiro sonho realizado.

— É, mas a um preço bem alto.

— Não é um preço tão alto. As outras amantes diziam que o príncipe é um homem muito gentil.

— Já teve muitas amantes aqui?

— Várias. Tanto do rei quanto do príncipe. Às vezes, mais de uma para cada ao mesmo tempo. A última foi embora há poucas semanas.

— Por que ela foi embora? — Talvez, se eu seguisse os passos dessa mulher, providenciaria a minha ida também.

— Não sei. O príncipe simplesmente a dispensou, como fez com as outras. Talvez tenha enjoado. Homens poderosos como ele gostam de variar.

Como se faz para um homem enjoar da gente?

— Mas me fala sobre a América. É verdade que homens e mulheres ficam todos nus na praia ao mesmo tempo? — Ela mal piscava enquanto aguardava a minha resposta, fascinada por um mundo tão diferente do seu, o qual talvez jamais chegasse a conhecer, o que seria uma pena.

Conversamos sobre os Estados Unidos e nossos costumes – cada um mais surpreendente que o outro na opinião dela –, enquanto fazíamos a refeição sem pressa alguma. Ao terminarmos, ela foi ajudar na cozinha e segui para o meu quarto.

Todos ali tinham algo para fazer, inclusive Dahab, que coordenava tudo junto com as outras duas governantas. Apenas eu não tinha uma ocupação e o tédio foi minha companhia durante toda a tarde. Não havia absolutamente nada com o que me distrair naquele lugar, nem uma televisão que passasse outra coisa que não as orações; nem um jornal impresso; nem internet e nem

livros. Tudo o que eu tinha para fazer era ficar de cara para cima, pensando na vida, esperando que meu algoz sentisse tesão e me requisitasse para o aliviar.

Agradeci aos céus quando a noite caiu e ele não deu sinal de vida. Quando perguntei a Dahab, ela me disse que continuava no lêmen e não tinha previsão para voltar, o que me trouxe um grande alívio.

Na hora do jantar, novamente Alzira – a garota que não foi aceita como amante – sentou-se comigo à mesa e papeamos sobre os absurdos das nossas culturas.

Mais tarde, sozinha no quarto, eu quis sair para me encontrar com Omar, pois, apesar de machista como todos os homens árabes, até que ele não era uma companhia tão desagradável. No entanto, desisti da ideia tão logo me dei conta de que não era exatamente seu bate-papo que me atraía. A verdade era que eu queria ver novamente aqueles olhos lindos e intensos me fuzilando com desejo, sentir aquelas mãos abruptas percorrendo meu corpo, me refestelar na selvageria daqueles braços. Fiquei excitada só em me lembrar dele me tocando e isso era perigoso demais. Se o príncipe desconfiasse que sua amante estava se encontrando com outro homem na calada da madrugada, aí sim eu estaria ferrada e Omar também. Portanto, era mais sensato ficar em meu quarto e esquecer que o havia conhecido.

No dia seguinte, a rotina se repetiu. Levantei-me, arrumei-me, maquiei-me, tomei o café da manhã e pronto, não tinha mais nada para fazer a não ser perambular pela moradia e esperar o tempo passar.

Naquele dia, as funcionárias pareciam mais apressadas, realizando o trabalho mais freneticamente. Pelo que as ouvi falando, estava acontecendo um almoço com vários convidados importantes na residência real, por isso o trabalho estava sendo redobrado.

No período da tarde, as coisas deram uma acalmada. Eu estava passando pelo refeitório, apenas perambulando por ali sem um rumo certo, quando uma das governantas me abordou. Essa era mais velha que Dahab. Devia ter uns cinquenta anos, era parruda e mal-encarada.

— Você, que não fez nada o dia todo, leva essas toalhas até a casa principal e deixa no lavatório perto da porta. É só pendurá-las sobre a pia e voltar, não precisa nem entrar — disse, asperamente.

Eu estava ciente de que aquilo seria uma imensa violação das normas, já que eu não tinha permissão de ir até lá. Contudo, nem morta eu ia perder a oportunidade de conhecer a residência real por dentro. Além disso, só estaria cumprindo uma ordem, ninguém ia poder me culpar depois.

— Claro. É um prazer ajudar.

— E não esquece de colocar o hijab — finalizou ela, dando-me as costas e partindo apressada rumo à cozinha.

Animada por ter algo para fazer, fui até meu quarto e coloquei o véu preto, ficando com apenas os olhos à mostra. Com as toalhas de rosto em mãos, atravessei a parte do jardim que dividia as duas construções e entrei na residência da família real.

O lugar era totalmente incrível, com o teto ainda mais alto que a outra moradia, todo coberto por desenhos que pareciam feitos à mão, alguns de seus detalhes cravejados a ouro.

O lavatório ficava bem perto da porta dos fundos, em um pequeno hall de entrada, onde deixei as toalhas impecavelmente penduradas. Era para eu ter voltado dali, mas não resisti em ver um pouco mais daquele lugar, que se parecia mais com um museu do que com uma residência. Além do mais, pelo que ouvi as mulheres dizendo, o almoço da realeza já havia sido encerrado e os convidados partido. Não devia ter ninguém por ali, visto que a família real costumava se recolher aos seus aposentos após as refeições. Ninguém jamais saberia se eu desse uma olhadinha rápida e despretensiosa.

Assim, arranquei o véu sufocante da cabeça e avancei pela moradia, o mais silenciosamente possível, ficando mais impressionada a cada passo que dava.

O lugar era repleto de tapeçarias, obras de arte caríssimas e lustres enormes no teto. O primeiro salão era todo dourado, com imensas janelas ovais através das quais a claridade do dia invadia o ambiente, iluminando tudo, tornando a cor ainda mais radiante.

No segundo salão, havia duas estátuas de leões ferozes, cada uma de um lado do que se parecia com um trono real. Era um salão decorado com elegantes tapetes avermelhados, espelhos ornamentados de molduras douradas e cortinas aveludadas. Na sala seguinte havia uma imensa escadaria de mármore branco que levava ao segundo andar. Com exceção do enorme lustre de cristal pendurado no teto, tudo naquela sala era de porcelana, com desenhos de anjos que carregavam vasos com uvas e muitas folhas verdes.

Um desses vasos era cravejado com pequenas pedras de diamantes, o que capturou por completo a minha atenção, pois era impressionante demais. A fim de sentir a textura, aproximei-me e percorri meu dedo devagar, fazendo o contorno delicado do desenho do arco e flecha empunhados pelo anjinho nu.

— Será que você não consegue passar um só dia da sua vida sem quebrar alguma norma? — A voz masculina, grossa e ríspida, partiu de trás de mim, dando-

me um susto tão grande que precisei cobrir minha boca com a mão para conter um grito.

Apenas ao me virar me dei conta de que Omar estava ali, confortavelmente espichado sobre uma poltrona com rodinhas, oculto atrás de uma grossa pilastra.

CAPÍTULO 5

Jasmine

Nervosa, por ter sido flagrada onde não deveria estar, procurei rapidamente pelo hijab no cinto do vestido, onde devia tê-lo pendurado, mas descobri que o havia esquecido junto ao lavatório. Estava completamente exposta aos olhos de um homem, em plena luz do dia, exatamente como Dahab me recomendou várias vezes a não deixar acontecer.

Droga! Como eu podia ser tão desligada?

— O que você faz aqui? — indaguei, tentando disfarçar a agitação em meu íntimo, provocada pelo susto.

— Eu moro aqui.

Ele se levantou e veio devagar em minha direção, os passos largos e precisos, o olhar fixo em meu rosto. Sob a claridade do dia era ainda mais bonito, incomparavelmente charmoso, dono de uma masculinidade irresistível. Seus cabelos eram de um castanho brilhante, grossos e bem cortados; o rosto marcado por traços bem definidos, ligeiramente agressivos, selvagens, com as sobrancelhas grossas naturalmente arqueadas, como se estivesse sempre zangado; a barba era impecavelmente aparada e os olhos, quase transparentes, possuíam aquele brilho

intenso, feroz, que me intimidava e excitava na mesma medida.

Era a primeira vez que eu o via usando as vestes tradicionais árabes, uma túnica branca longa e folgada, com uma echarpe dourada pendurada nos ombros. Parecia mais alto, mais forte, mais vigoroso, com aquela roupa, exalando uma aura de poder, de soberania, de imponência e perigo. Algo nele, que não consegui identificar, talvez os trajes orientais, pareceu-me extremamente ameaçador, intimidante, a ponto de me fazer sentir acuada, vulnerável e instintivamente recuei alguns passos, ante a sua aproximação, esbarrando acidentalmente no vaso cravejado com diamantes, quase fazendo com que se espatifasse no chão.

— Achei que os funcionários morassem na outra parte do palácio.

— Não os conselheiros. E você, o que faz aqui? — A pergunta parecia uma ameaça.

— S-só... vim deixar algumas toalhas no lavatório. A governanta que mandou, eu juro. — Ele não precisava saber que ela me mandou também voltar de lá mesmo da porta.

— Você teve sorte que fui eu a encontrá-la. Se tivesse se deparado com alguém da realeza seria açoitada

por entrar aqui sem permissão. — A ameaça, proferida com um tom de voz ríspido, me fez estremecer.

— Tudo aqui é motivo para se castigar alguém. E você ainda defende esse monstro que chama de príncipe.

— Cuidado como se refere à Vossa Alteza. Querendo ou não, você pertence a ele. A sua vida é dele para fazer o que quiser.

— Que se foda ele. Se a vida que ele pretende me dar for de humilhação e maus-tratos, como evidentemente será, eu me penduro no teto com uma corda no pescoço e poupo o trabalho dele.

Omar pareceu espantado com minhas palavras, mas nada disse a respeito.

— É melhor você voltar para o seu lugar. É lá que deve estar e costumamos cumprir nosso dever aqui.

— Você não acha cansativo seguir essas regras idiotas o tempo todo?

— Não são idiotas, mas necessárias. A vida fica mais harmoniosa e organizada assim. Prova disto é o fato de que, na Arábia Saudita, não acontecem nem metade das tragédias que ocorrem na sua querida América.

— E quem precisa de harmonia e organização quando a outra opção é ser feliz? — Sorri e ele pareceu confuso, como se não tivesse entendido. — Mas você não tem do que reclamar, não precisa ser humilhado e

subjugado por ninguém. E ainda tem a sorte de morar em um lugar lindo como esse.

— Gostou do palácio?

— Se eu gostei? Nossa! Estou até sem palavras.

— É apenas mais uma entre as muitas residências da família real.

— Quantas pessoas moram aqui?

— Nove.

— Todos da família real?

— Menos os conselheiros, que somam quatro pessoas. Fora nós, tem o rei, a rainha, o príncipe e as duas princesas.

— Onde estão todos agora?

— Em seus aposentos.

— Você podia aproveitar esse momento para me mostrar mais o lugar.

— Você o conhecerá bem quando o príncipe voltar de viagem, o que não deve demorar muito mais tempo.

Havia um certo toque de malícia no tom de sua voz, o que conseguiu me deixar irritada, pois mostrava que aprovava o que aquele pervertido pretendia fazer comigo. Eu estava dando-lhe as costas para sair dali, quando ele me chamou de volta.

— Espere. Como está sendo a sua estadia em Al Saud? Está sendo bem tratada?

Só voltei porque meu tédio era tanto, que conversar com qualquer pessoa parecia uma tábua de salvação.

— Está sendo um tédio. Sem nada para fazer.

Eu não ia falar que as funcionárias me olhavam enviesado, pois não era uma fofoqueira. Além disso, ele correria para contar ao príncipe e elas já eram infelizes o bastante com a vidinha sem graça que tinham.

— Tem um lugar aqui que talvez te ajude com isto.

— Que lugar?

— Venha comigo.

Gesticulou para que eu o seguisse e o fiz.

Caminhando atrás dele, bem próxima, constatei o quanto era irresistivelmente charmoso também daquele ângulo, com as costas largas, a silhueta lindamente alongada e os quadris mais estreitos. A veste folgada não me permitia ver muito, mas eu podia apostar que tinha o tronco todo musculoso e as coxas peludas. Senti uma fisgada entre as pernas ao imaginar os contornos daqueles músculos, pronunciados na pele morena.

Atravessamos mais um salão imenso e adentramos as portas duplas enormes em mogno, dando em uma biblioteca gigantesca, como tudo mais ali. As paredes altas eram todas cobertas por estantes abarrotadas de livros, um verdadeiro paraíso para os amantes da leitura, como eu.

— Nossa! Isso aqui é demais — comentei, realmente admirada.

Fiquei ainda mais fascinada quando examinei mais de perto os títulos e descobri que alguns romances de época estavam em suas edições originais, produzidos séculos atrás, tão raros que eu podia apostar que valiam uma fortuna cada um. Percorri os dedos através de alguns deles, com a delicadeza com que se toca uma obra de arte magnífica.

Entre eles, peguei o exemplar original de “O Morro dos Ventos Uivantes”, produzido em 1847 e devidamente restaurado. Cheguei a me arrepiar ao observar a capa original, antiga, singela e ao mesmo tempo misteriosa.

— Eu estava certo quando presumi que você gosta de ler — Omar falou atrás de mim, tão perto que sua voz grossa reverberou pelo meu corpo, despertando-me uma indesejada onda de calor lascivo.

Ao me virar de frente para ele, seus olhos claríssimos fixaram-se em meu rosto, com aquela agressividade selvagem, intensa, que me amedrontava e excitava ao mesmo tempo. Seu cheiro gostoso, de tabaco misturado com perfume, me alcançou; meu olhar se perdeu na intensidade da sua expressão e tudo dentro de mim pareceu se agitar, os sentidos despertando, a onda de calor se ampliando, percorrendo cada detalhe de mim

antes de se instalar entre minhas pernas. Uma energia perigosamente sexual nos envolveu, ao passo em que meu coração acelerava suas batidas.

Era inevitável sentir atração por aquele homem, pois ele era lindo e irresistivelmente charmoso, com aquela aura de poder, de agressividade e força bruta extremamente masculina o envolvendo o tempo todo. No entanto, alimentar essa atração era o mesmo que pedir para morrer. O príncipe não pouparia nenhum de nós da morte se pelo menos sonhasse que estávamos ali sozinhos, nos encarando como se quiséssemos arrancar as roupas do outro.

Com a constatação em mente me apressei em desfazer o contato visual e praticamente corri para longe dele, colocando-me próxima a uma mesa no meio da sala.

— E como presumiu que eu gosto de ler? — indaguei, forçando-me a reprimir o turbilhão de sensações que me invadia sem permissão.

— Você é jornalista e os jornalistas sempre são leitores assíduos.

Com suas pernas longas e vigorosas, ele não precisou nem de três passos para se aproximar de mim novamente. Logo estava se colocando à minha frente, a míseros centímetros de distância, seu olhar hipnótico capturando o meu e me impedindo de desviar os olhos,

como se me prendesse em uma teia na qual não existia razão, mas apenas sensações e luxúria.

— É... eu gosto muito... — sussurrei, presa ao brilho da sua expressão agressiva, selvagem.

— Pode levar esse aí para ler em seu quarto — disse ele, referindo-se ao exemplar de “O Morro dos Ventos Uivantes” em minhas mãos.

— O príncipe não vai te decapitar se você me deixar o levar?

— Ele não precisa saber. — Omar deu mais um passo, com isto eliminando a pouca distância que ainda existia entre nós. Com seu corpo a ponto de tocar o meu, apoiou as mãos na borda da mesa, dos dois lados de mim, prendendo-me entre seus braços fortes, tornando-me minúscula e frágil diante da sua força bruta e da sua alta estatura. — Nem tudo o que acontece aqui precisa chegar ao conhecimento dele — sussurrou, rouco, íntimo, sedutor.

Inclinou a cabeça e resvalou seus lábios na pele do meu rosto, em uma carícia suave que fez meu sangue ferver nas veias. Com a mesma suavidade, como se hesitasse em aprofundar o contato, deslizou os lábios através da minha pele, passando pelo queixo, alcançando a curva do meu pescoço, onde espalhou alguns beijos e logo senti a umidade e a quentura da ponta da sua língua

me provando, me acariciando, percorrendo-me devagar, como se me saboreasse.

Eu sabia que devia fazê-lo parar e sair correndo dali o mais depressa possível, pois o que fazíamos era perigoso demais, colocava nossas vidas em risco. No entanto, fui incapaz de detê-lo, completamente inebriada, excitada. Então apenas fechei os meus olhos e me entreguei à lascívia que crescia como fogo em meu âmago, se espalhando, tomando conta de tudo.

— Ele não precisa saber disso também... — Omar sussurrou, de encontro a minha pele, fazendo-me arrepiar ainda mais.

Ele foi subindo sua boca até alcançar a minha. Beijou-me suavemente, vagarosamente, como se me sondasse, degustasse do meu sabor. Então foi pressionando os lábios cada vez mais fortemente nos meus, aprofundando o beijo, a língua habilidosa encontrando passagem, acariciando a minha com o mesmo ritual, a princípio lentamente, depois com mais profundidade, até que estava me beijando com uma selvageria gostosa, a língua exigente explorando minha boca quase com indecência, tomando-me para ele.

Sem interromper o beijo, Omar tirou das minhas mãos o livro que eu segurava quase como um escudo na frente do peito e o depositou sobre a mesa. Em seguida,

ele me tomou ainda mais implacavelmente, segurando-me firme pela nuca e passando o outro braço em volta da minha cintura, acomodando-me de encontro ao seu corpo forte. Seus gestos bruscos refletiam aquela agressividade excitante sempre presente em seu semblante.

Mais uma vez, tentei lutar contra o turbilhão de sensações que me dominava e novamente fui derrotada. Quando dei por mim estava enterrando meus dedos em seus cabelos curtos, puxando-o ainda mais para mim, aprofundando o beijo e apertando meu corpo no dele. Um fogo descontrolado crescia em meu íntimo, deixando-me molhada entre as pernas e meus mamilos doloridos implorando para serem tocados.

Omar segurou dos dois lados da minha cintura e sentou-me sobre a borda da mesa, seus quadris encaixando-se entre minhas coxas e, instintivamente, as abri um pouco mais, um gemido abafado fugiu dos meus lábios quando senti a ereção poderosa empurrando meu sexo lambuzado, através do linho e da seda das roupas.

Movida pela luxúria desmedida, projetei os quadris ligeiramente para a frente e friccionei minha intimidade ainda mais firmemente na sua protuberância, esfregando-me nele, em uma busca quase inconsciente por um alívio para o fogo que me consumia.

Foi então que a agressividade dele ultrapassou o limite. Suas mãos fortes e grandes subiram pelas minhas coxas, irrevogavelmente, invadindo a saia do vestido. Segurou dos dois lados da minha calcinha e puxou, tentando arrancá-la do meu corpo.

Um medo súbito me paralisou. Medo de que fosse tarde demais para fazê-lo parar, de que ele me forçasse a ir até o fim, já que naquele país o fato de eu ter aceitado seu toque e seu beijo, davam-lhe esse direito. Droga! O que fui fazer?

Mortificada de medo, desviei meu rosto para um lado, interrompendo o beijo e espalmei as duas mãos em seu peito rochoso, empurrando-o sem que ele se movesse um só milímetro.

— Não.

— Não diga não para mim — rosnou.

— Por favor, pare.

— Não sou capaz.

Minha calcinha já estava no meio das coxas, suas mãos tentavam arrancá-la enquanto eu apertava as pernas contra o tampo da mesa, tentando impedi-lo.

— Eu não quero.

Finalmente, ele parou. Permaneceu imóvel, suas mãos ainda nas minhas coxas, paralisadas, seu corpo de encontro ao meu, tão colado que eu podia sentir as batidas

frenéticas do seu coração misturando-se às do meu, nossa respiração ofegante parecendo uma só, o medo sobrepujando o desejo em meu interior.

Depois de um longo momento de silêncio, Omar por fim me soltou, afastando-se. Deu-me as costas, percorrendo os dedos entre os cabelos curtos, depois se voltou novamente para mim, enquanto eu descia da mesa e colocava a calcinha minúscula de volta no lugar, e seus olhos registravam meus movimentos.

— Me desculpe. Acho que fui longe demais — disse ele.

— Tudo bem. Não tem problema — falei, mas já não conseguia encará-lo.

O que aconteceu ali me fez relembrar o quanto era perigoso viver naquele lugar e, como se não bastasse, eu ainda brincava com esse perigo, cedendo ao desejo por um homem sobre quem nada sabia, quando estava ciente de que era propriedade privada de outro homem. Minha vida valia pouquíssimo ali, eu não podia brincar desse jeito com a morte, dar brechas para a violência daquela gente.

Por mais que Omar parecesse diferente, gentil, atencioso, ele era como todos os outros homens educados de acordo com a cultura árabe, acreditava que as mulheres se dividiam em dois grupos: as esposas, que serviam para a procriação; e as putas, que serviam para os divertir. Em

comum, todas elas tinham o fato de que, caso permitissem a aproximação de um homem que não fosse seu dono, ela merecia ser violentada, açoitada e talvez até morta. Esse era, inclusive, um item constante na legislação deles.

— É sério. Quero que me perdoe por ter agido como um animal. — Fitei-o surpresa com aquelas palavras inesperadas. — Nós árabes não somos animais irracionais como vocês ocidentais imaginam. Também sabemos tratar bem nossas mulheres.

— Acho melhor eu voltar, antes que comecem a me procurar.

Ele olhou para o livro sobre a mesa e depois novamente para mim.

— Leve o livro. Escolha mais quantos quiser.

— Tem certeza de que isso não vai trazer problema?

— Tenho. Pode escolher.

Apesar dos riscos que tudo aquilo acarretava, era de livros que estávamos falando, como eu poderia resistir? Além do mais, eles seriam minha única forma de distração por ali. Era melhor correr esse risco do que continuar mergulhada no tédio e na ociosidade. Então decidi aceitar. Além do clássico que leria pela terceira vez, escolhi mais dois títulos contemporâneos, um da Abbi Glines, outro da Vi Keeland. Eles me distrairiam nos próximos dias.

Omar se ofereceu para me levar até a porta e deixamos a biblioteca, caminhando lado a lado através dos imensos salões. Em um dos gigantescos recintos, nos deparamos com uma garota acomodada em uma poltrona provençal, lendo tranquilamente um livro. Tinha cerca de dezoito anos e era dona de uma beleza incomum, com a pele morena, densos cabelos negros crescidos até a cintura, a boca polpuda e os olhos puxadinhos, cor de mel. Usava um vestido de seda longo, cujo bordado na saia eu podia jurar que era de ouro.

Quando nos aproximamos, ela interrompeu a leitura para nos observar, com a curiosidade estampada na expressão do seu olhar, embora nada dissesse.

— Alteza, esta é Jasmine, a nova amante do príncipe — disse Omar e quase tive um ataque cardíaco, ao ouvi-lo chamando-a de Alteza.

Temia que ela mandasse me castigar por ter entrado na residência real sem ser convidada.

— Jasmine, essa é a princesa Farah.

Eu não sabia como a cumprimentar. Estava em dúvida entre me curvar como os japoneses, ou apenas fazer uma leve reverência inclinando os joelhos. Optei pela segunda alternativa, segurando a saia longa do vestido para dobrar os joelhos e fazer uma discreta reverência com a cabeça.

— Alteza — falei.

A garota não disse nada e seu silêncio ficou ainda mais tenso quando seus olhos cor de mel desceram pelas minhas vestes e as de Omar, ainda amarrotadas pelos amassos trocados na biblioteca, examinando também os livros em minhas mãos. Congelei no lugar ao presumir que ela sabia o que estávamos fazendo lá. Se contasse para o seu irmão, eu estaria verdadeiramente encrencada.

— Com a sua licença — Omar falou.

O olhar dela registrou também quando ele pousou sua mão na base da minha coluna e me conduziu rumo à porta dos fundos. Ao alcançarmos o lavatório, de onde eu deveria ter voltado, ele pegou meu hijab ali esquecido e entregou-me.

— Para que atravesse o jardim sem ser alvo dos olhares obscenos dos guardas. Jamais saia no jardim sem usar um desses.

Suspirei desanimada.

— Estou tão cansada das pessoas sempre me dizendo o que devo ou não fazer.

Os lábios dele se dobraram em um sorriso torto, formando uma covinha na sua bochecha. *Como conseguia ser tão lindo? Como conseguia me atrair de forma tão irracional, a ponto de me fazer esquecer quem éramos e o perigo que essa atração representava?*

— Ainda bem que você não obedece, ou eu até ficaria preocupado com esse cansaço.

Sorri de volta para ele, sutilmente.

— Até mais. E obrigada pelos livros.

— Só mais uma coisa.

Antes que eu tivesse tempo de me virar, ele fechou sua mão grande em volta do meu pulso e me puxou com um safanão, fazendo com que meu corpo se chocasse com o seu, para que, no instante seguinte, sua boca gostosa estivesse tomando a minha, saqueando-a, em um beijo voraz e inesquecível, que conseguiu reacender o meu corpo para o desejo selvagem que se alastrou depressa pelas minhas veias e se instalou entre minhas pernas.

Da mesma forma tempestuosa com que me agarrou, ele me soltou, deixando-me zonza, desnorteada, meu corpo todo suplicando por mais do seu contato.

— Agora pode ir — disse, autoritário.

Uma palavra de despedida se formulou em minha mente, mas não alcançou os meus lábios. Então apenas dei-lhe as costas, coloquei o hijab e deixei o lugar em silêncio. Enquanto eu fazia o percurso da residência real até a moradia das empregadas, atravessando a parte do jardim gramado que as separava, eu ainda podia sentir seu gosto em mim, o toque de suas mãos perigosas em meu corpo, meu sangue ainda pulsava quente nas veias.

Mesmo assim, decidi que não voltaria a vê-lo, pois o que aquele homem me fazia sentir seria a minha perdição, o caminho mais rápido para a minha morte e a sua. Eu precisava evitar o encontrar novamente, o que não seria tão difícil, bastava começar a seguir as regras e ficar quietinha no meu quarto, onde era o meu lugar.

CAPÍTULO 6

Jawad

Permaneci recostado ao batente da porta observando Jasmine enquanto ela se afastava, indo rumo à residência das empregadas.

Embora seu vestido folgado não me permitisse ver muita coisa, eu não desviava os olhos do seu corpo escultural, visualizando mentalmente as curvas deliciosas que descobri com o toque das minhas mãos. Eu não via a hora de tê-la completamente nua diante de mim, explorar com os olhos, as mãos e a boca cada contorno daquelas curvas.

Desde que a resgatei no lêmen, eu não conseguia parar de pensar em como era estar dentro dela. Eu a desejava tão ardentemente que estava cada dia mais difícil me controlar.

A atração foi instantânea quando a vi suplicando pela própria vida, e dos amigos, prestes a ser enforcada. Eu não podia deixá-la morrer daquela maneira, não apenas porque a queria para mim, mas porque todos eles eram inocentes. Aquela execução se tratava de uma exibição, uma forma ridícula e cruel que o rei do lêmen encontrou de fazer uma demonstração da sua força e poder ao príncipe

da Arábia Saudita. Então, no fim das contas eles seriam mortos por minha causa. Algo que eu não podia permitir.

Apesar de sair por aí carregando um saco de maconha ser uma atitude inaceitável para a nossa gente, assassinar cinco pessoas por causa disso era um exagero. Essa irresponsabilidade e falta de comprometimento com a moral, fazia parte da essência dos americanos. Eles se drogavam quase em público, como se isso não fosse nada de mais e ainda se consideravam melhores que nós. Porém, matá-los por essa razão ultrapassava os limites até do bom senso.

Impedir que uma grande injustiça fosse cometida não foi o único motivo pelo qual salvei a vida deles. Eu desejei Jasmine no instante em que coloquei meus olhos nela, estava quase obcecado por tê-la em minha cama e aliviar esse tesão desmedido que sentia sempre que a olhava. Mal conseguia esperar por esse momento.

Eu podia simplesmente ordenar que ela fosse ao meu aposento durante a noite, como fazia com todas as amantes. No entanto, aquele jogo em que nos envolvíamos, o qual ela mesma começou, estava interessante demais. Era a primeira vez que eu tinha certeza do interesse de uma mulher por mim, sem aquela dúvida que sempre surgia sobre ela estar interessada em

meu título e não na minha pessoa. Com Jasmine era diferente, já que ela não sabia que eu era um príncipe.

Quando se é um dos homens mais poderosos do mundo, se tem todas as mulheres à sua disposição, todas querem ser sua amante ou esposa, de modo que não existe uma forma de distinguir se o interesse é verdadeiro, ou apenas uma forma de se inserir na realeza e subir na vida.

Mas com Jasmine não existia essa dúvida. Mesmo acreditando que podia perder sua vida por se aproximar de mim, ela se entregou, aceitando meu toque e meu beijo, retribuindo com o mesmo desejo. Seu querer por mim era indubitavelmente genuíno e isso estava me deixando ainda mais excitado, louco para possuí-la. Uma mulher que me queria como um homem e não como um ser da realeza.

Embora tudo aquilo tenha começado sem planejamento algum, quando ela passou por mim correndo no jardim, inesperadamente, eu pretendia conquistá-la e fazê-la minha antes que ela soubesse quem eu realmente era. Talvez a tivesse assustado, há pouco na biblioteca, indo depressa demais, mas não permitiria que o erro se repetisse. Eu a faria minha pelo homem que era, e não pelo título que tinha.

Observei-a até que ela entrasse na outra residência e só então retornei para o interior do palácio. Em um dos

salões, a princesa Farah, minha irmã, continuava sentada no mesmo lugar, concentrada na leitura do seu livro, mas só até me ver passando.

— Que papagaiada é aquela de amante do príncipe? Essa mulher não sabe que você é o príncipe? — indagou, encarando-me de baixo para cima, seus olhos raivosos como vinha sendo nos últimos meses.

Há dois meses saiu um boato de que nossa irmã mais velha, a princesa Hayfa, estava namorando um dos guardas, encontrando-o às escondidas quando ia às aulas na faculdade. Ao descobrir tudo, meu pai demitiu o sujeito, depois de puni-lo com uma surra das grandes, tirou as duas da faculdade e as proibiu de sair do palácio. Estavam confinadas desde então, com permissão de saírem apenas até os limites do jardim, recebendo as aulas em casa, por isso andavam sempre muito mal-humoradas.

— Não. Ela não sabe. E espero que continue sem saber.

Farah fechou o livro e me lançou aquele olhar, que eu já conhecia, de quem estava tramando algo.

— E o que eu ganho para providenciar que ela continue sem saber? — indagou, querendo algo de mim, como todo mundo.

— Você não iria até a acomodação dos criados para falar com uma *alkaliba.* O papai te mataria.

— Você não imagina o quanto é entediante ficar trancada aqui o dia inteiro, todos os dias. Eu posso dar um jeito de que ela saiba sem precisar falar pessoalmente.

Droga! Ela estava mesmo disposta a estragar minha diversão.

— Tá legal. O que você quer? — Seus lábios se dobraram em um sorriso perverso. — Só não me peça para tentar convencer o papai a deixar vocês saírem, porque ele está irredutível quanto a isto. — Foi então que vi seu sorriso ir morrendo lentamente.

Farah se levantou, irritada, impaciente.

— Eu não aguento mais ficar trancada aqui. Nem era eu que estava namorando. Isso é injusto demais.

Eu concordava que a situação era injusta. No entanto, não contestaria uma decisão do meu pai. Quando me delegou a responsabilidade de liderar a Arábia Saudita, tomando o seu lugar, devido à sua saúde não estar muito boa, ele me deu total liberdade para tomar todas as decisões em relação à nossa nação. Contudo, deixou claro que quando o assunto fosse a família, principalmente a criação das filhas, eu não podia interferir. E eu não ia confrontá-lo para correr o risco de que arrancasse meu poder para dá-lo a um dos meus irmãos. Todos eles cobiçavam a liderança do nosso país, desejavam estar no

meu lugar, não se conformavam com a nomeação de ministros apenas.

Essa questão de aprisionar as princesas era complicada, pois, na cabeça conservadora do rei, elas não estavam presas de fato, já que, de acordo com sua concepção, o lugar de uma mulher era em casa. Nem mesmo quando o assunto chegou ao conhecimento da imprensa mundial e se tornou um grande escândalo – que, mais uma vez, jogou nosso nome na lama –, ele mudou de ideia.

Se bem que a imprensa sempre exagerava. Fazia questão de dar destaque ao lado negativo da nossa cultura, sempre jogando o mundo contra nós, transformando coisas insignificantes, sobre as quais pouco sabia, em grandes escândalos e ignorando o que realmente importava. Quando criei, recentemente, a lei que permite às mulheres da Arábia Saudita dirigir e ir à faculdade, pela primeira vez em nossa história, um grande avanço em nossos costumes, deram a notícia ao mundo em uma pequena nota na última página do jornal. Mas, quando souberam que minhas irmãs estavam confinadas, fizeram questão de dar destaque à notícia, como se apenas as coisas negativas importassem.

Esse tipo de atitude dos jornalistas servia apenas para persuadir os cidadãos a nos odiar. Prova disto era a

opinião de Jasmine sobre mim, odiando-me profundamente antes mesmo de me conhecer.

E como se não bastasse a imprensa mundial em cima de nós, ainda tínhamos que lidar com um jornalista local, fundador de um jornal progressista que não parava de encher o saco.

— Me pede outra coisa. Não posso interferir nas decisões de papai e você sabe disso — falei e Farah voltou a se sentar, emburrada.

— Vou pensar. Só não se esqueça de que está me devendo.

— Vou me lembrar.

— E antes que eu me esqueça, papai está te procurando. Disse que, se eu o visse, que mandasse encontrá-lo no escritório.

Droga! Quando meu pai saía me procurando pelo palácio era sinal de problemas. Eu já podia até prever o que ele queria. Há dias vinha insistindo que eu arranjasse uma esposa e fez questão de abordar o assunto durante o almoço de hoje, quando estavam presentes dois dos meus irmãos, um deles ministro de Jidá, o outro de Medina, ambos casados e com filhos, ansiosos para tomarem o meu lugar. Segundo meu pai, um grande líder precisava de uma esposa, ou duas, mulheres que lhe dessem muitos herdeiros. Só que eu não estava a fim de dividir minha vida

com alguém. Pelo menos não nesse momento. Havia coisas mais importantes a serem resolvidas, como, por exemplo, a questão da imprensa e dos escândalos.

Eu realmente queria que existisse uma forma de melhorar a visão que o mundo tinha a nosso respeito. Já havia inclusive cogitado contratar Jasmine para escrever coisas positivas sobre nossa família e enviar para que seu jornal publicasse, afinal era um grande jornal. Ela própria me deu essa ideia enquanto falava com o pai ao telefone. Eu apenas ainda não havia pensado em uma forma de convencê-la a falar bem de nós, já que era uma das que mais tinha preconceito com nossos costumes. Não seria fácil, mas eu pretendia amadurecer a ideia.

Deixei Farah com sua leitura e segui para o escritório. Lá encontrei meu pai sentado na cabeceira da grande mesa retangular, com lugar para uma dúzia de pessoas. Tinha sua atenção concentrada na tela de um tablet, onde lia algo.

Em todo o país, apenas os homens da família real tinham permissão de acessar a internet.

— Farah disse que o senhor quer falar comigo — falei, cumprimentando-o respeitosamente antes de me acomodar na cadeira à sua direita.

— Preciso que você me explique o que significa isso.

Meu pai depositou o tablet sobre a mesa diante de mim e na tela vi uma fotografia de Jasmine, vestida com roupas típicas da sua terra, uma blusa de alças finas e calças coladas, que deixavam seu corpo exposto demais. Tinha os cabelos presos atrás da cabeça, não usava maquiagem, mas, ainda assim, estava linda de tirar o fôlego. Abaixo, em letras garrafais, estava a notícia de que o príncipe da Arábia Saudita a mantinha prisioneira em seu castelo, muito provavelmente fazendo dela sua escrava sexual.

Li toda a matéria, na qual era narrada, resumidamente, a forma como ela veio parar aqui, pelo menos a versão da história contada pelos outros jornalistas que foram libertados. Como esperado, o fato de ela estar comigo era o destaque da matéria, e o fato de eu ter salvado a vida de todos mal era mencionado.

Mas que inferno! Será que a maldita imprensa não sabia fazer outra coisa a não ser falar mal de nós? Jogar o mundo contra a nossa família?

Como a notícia estava na primeira página de um dos jornais mais importantes da América, logo deduzi que essa história já havia se transformado em um grande escândalo, espalhada pelos quatro cantos do mundo. Mil vezes droga! Além de ditador, agora eu era também um tarado, na cabeça daquela gente. Não me faltava mais nada.

— Eles iam ser enfocados no lêmen e comprei suas liberdades em troca da garota — limitei-me a dizer.

— Não vou condená-lo por isto. Sei que fez uma boa ação e, se realmente gostou da garota, foi um negócio justo. Mas o mundo jamais nos perdoará enquanto ela estiver aqui. Sempre vão achar que é nossa refém, o que gerará inclusive desconforto com o líder do país dela.

Merda! Se o governo dos Estados Unidos pressionasse, eu acabaria tendo que abrir mão de Jasmine e não queria perdê-la. Não ainda.

— Não é só para ser minha amante que ela está aqui. Ela trabalha para um importante jornal americano. Vai escrever sobre os aspectos positivos da nossa cultura e do nosso país e melhorar nossa imagem perante o mundo.

— Essa sim, é uma excelente ideia. Mas ela já concordou em escrever essas coisas?

— Ainda não. Mas é só questão de tempo até eu convencê-la.

— Faça isso o quanto antes.

Caralho! Agora eu teria que convencê-la, querendo ou não. Precisava pensar em como fazer isso sem deixar que ela soubesse que eu era o príncipe, o que dificultaria ainda mais o processo.

— O outro assunto que quero tratar com você é sobre o seu casamento.

— Papai, eu...

— Você não pode mais continuar solteiro — interrompeu-me, abruptamente — Não com essa mulher aqui e o mundo todo acreditando que a está escravizando sexualmente. Uma boa esposa vai amenizar os boatos.

Aquilo era um ultimato. Ele estava se aproveitando da situação para me deixar acuado e eu já não tinha como dizer que não me casaria.

— Certo. Que seja como o senhor decidir.

— Ótima decisão — ele falava como se eu tivesse escolha — Vou marcar um jantar com sua prima Najah e a família dela para o final de semana.

— Tem que ser mesmo com ela?

Najah era uma mulher bonita. Além disso, o fato de ter recebido uma educação rigorosamente islâmica a tornava um excelente partido. Porém, havia alguma coisa nela que não me descia. Ela parecia puritana demais, séria demais, a ponto de ser entediante. Eu podia apostar que era uma pedra de gelo na cama e nenhum homem merecia passar o resto da vida dormindo ao lado de alguém assim. Eu tinha certeza de que ia ter que trepar com ela com as luzes apagadas e debaixo de um grosso edredom.

— Você pode continuar tendo suas amantes mesmo depois de casado. O matrimônio não vai atrapalhar em nada — disse meu pai, como se fosse capaz de ler meus

pensamentos. — Além disso, Najah é uma excelente pretendente e o mais importante é que já faz parte da família. Vamos marcar o jantar para sábado.

CAPÍTULO 7

Jawad

Conversei um pouco mais com meu pai e fui para o jardim fumar um cigarro, já que não era permitido fumar ali dentro. Recostado ao parapeito de pilastras do gazebo, diante do lago de águas tranquilas, saquei meu celular e procurei notícias sobre a permanência de Jasmine em Al Saud.

Como previsto, estava em todos os jornais e todos falavam atrocidades sobre mim, minha família e meu país. O fato de ela ainda estar viva, assim como seus amigos, unicamente porque os resgatei da forca, mal era mencionado. Tampouco falavam sobre eu estar custeando os melhores tratamentos e acomodações que o dinheiro podia pagar para o pai doente dela, algo que nem ela ainda sabia.

Aqueles jornalistas não tinham escrúpulos, não sabiam honrar o trato que fiz com Jasmine e seus amigos, o qual dava-me o direito de ser seu dono. Estavam dizendo que ela era minha refém. Bastardos!

Mais do que nunca Jasmine precisava escrever sobre a Arábia Saudita e sobre sua estadia no palácio, para que o mundo soubesse que não éramos tão

monstruosos como imaginavam. Restava convencê-la, mas será que eu conseguiria?

Indisciplinada como era, logo ela deixaria e□M s

dormindo, com exceção dos guardas que vigiavam os muros, quando bati no vidro da sua janela.

Não demorou muito, ela abriu as cortinas cor de creme e pareceu surpresa ao me ver através do vidro transparente. Quanto a mim, ao ter sua imagem diante do meu olhar, tudo o que consegui foi descer os olhos pelas curvas perfeitas do seu corpo, quase completamente exposto pela camisola fina e curta que usava, o início das curvas dos seus seios prendendo-me por mais tempo. Seus cabelos castanhos, longos, ondulados e volumosos, espalhavam-se sobre seus ombros, lindamente despenteados, formando um belo contraste com os olhos azuis vívidos, quase violetas. Mesmo desprovido de maquiagem, seu rosto era perfeito, com o nariz pequeno arrebitado, as maçãs naturalmente rosadas, a pele clara coberta por algumas sardas quase imperceptíveis e a boca pequena naturalmente avermelhada.

Bastou olhar para ela de perto para que meu pau ficasse duro como uma pedra.

Caralho! Eu precisava urgentemente tê-la nua em meus braços, saber como era estar dentro dela, fazê-la gemer e gozar no meu cacete, até ficar com as pernas trêmulas.

Gesticulei com as mãos, ordenando que abrisse o vidro da janela e ela obedeceu.

— Olha só quem está quebrando as regras agora — disse Jasmine.

Fui tomado por um impulso quase incontrolável de pular para dentro do quarto e tomá-la para mim, contudo, me contive, evitando agir como um tarado. Não queria assustá-la de novo. Precisava exercitar a arte da paciência.

— Você sumiu e senti saudades.

— Como você disse, não é seguro aí fora.

— Mas comigo você estará fora de perigo. Venha, vamos dar uma volta pelo jardim.

— E se os guardas nos virem?

— Eu conheço cantos por onde eles não passam.

Jasmine cruzou os braços na frente do peito, enquanto encarava-me em silêncio, decidindo se aceitava o meu convite ou não.

— Tudo bem — concordou, por fim. — Mas só porque estou muito entediada aqui. E não vou usar aquele véu sufocante nem a pau.

Assenti e ela seguiu rumo ao closet, obviamente para trocar de roupa.

Fiquei ali parado diante da janela observando cada detalhe do aposento. Os lençóis emaranhados sobre a cama onde ela há pouco dormia, usando aquela camisola pequena; os livros caprichosamente empilhados sobre a mesa de cabeceira ao lado; a toalha de banho pendurada

no cabide, os chinelos ao lado da cama. Tudo evidenciava sua presença, sua essência feminina e delicada, até o cheiro que partia de lá era o dela e eu nunca imaginei que um dia me veria com inveja de móveis e pedaços de tecidos, por serem testemunhas da sua intimidade. Mas era questão de tempo até que eu também pudesse testemunhar seu sono, sua nudez, sua total entrega.

Logo Jasmine reapareceu, usando um vestido de seda longo e folgado, com os cabelos presos em um coque improvisado, que deixava algumas mechas soltas, caindo-lhe sobre a face, o que a tornava especialmente bela. Ajudei-a a atravessar a janela e partimos em uma caminhada vagarosa rumo aos fundos das moradias, onde ficavam os bosques e de onde eu ordenara que os guardas se afastassem, embora recomendasse que continuassem atentos ao perímetro do muro.

— Meu Deus... como é bom estar aqui fora, respirar ar puro — disse Jasmine.

Com os olhos fechados, ela ergueu sua face, os lábios estreitos ligeiramente curvados, a expressão de prazer clara em seu semblante.

— Você não veio aqui fora nenhuma vez durante esses dias? — Eu estava surpreso.

— Uma única vez, colher cheiro verde na horta com uma amiga. Mas com aquele hijab sufocante não é a

mesma coisa. Ainda é como estar presa lá dentro.

— Você não está presa lá dentro. Pode sair para o jardim quando quiser.

— Vir até o jardim não é a mesma coisa que estar livre. — Ela deu de ombros.

— Quando o príncipe retornar de viagem, te levará a lugares incríveis.

— O único lugar que quero ir é para a minha casa, em Nova Iorque.

— Vossa Alteza vai te levar em tantas viagens, que você se esquecerá de Nova Iorque.

— Por falar nele, onde está? Nunca voltou do Iêmen?

— Por que a curiosidade, com pressa de que ele volte? — indaguei, malicioso.

— Deus me livre! Quero mais é que ele fique por lá mesmo.

— Talvez ele não seja tão ruim quanto você espera.

— Um homem capaz de comprar uma mulher para fins sexuais, não pode ter nada de bom. No mínimo deve ser impotente, ou ter o pau tão pequeno que nenhuma mulher o quer por vontade própria.

Eu ia mostrar a ela quem era impotente e tinha o pau pequeno. Ah, se ia...

— Quem sabe, ele não te surpreenda.

Alcançamos o bosque repleto de árvores centenárias, cujas copas frondosas balançavam ao sabor do vento que soprava suavemente e Jasmine pareceu fascinada com o lugar, parcialmente iluminado pelas luzes dos postes distantes, que lançavam sombras fantasmagóricas sobre nós.

— Nossa! É muito lindo aqui. — Paramos de caminhar e ela olhou mais adiante, onde se podia avistar o muro distante. — Eu devia ter escolhido essa direção quando tentei fugir.

— Não ia dar certo. Os guardas estão ao longo de todo o muro.

— Saco!

Gesticulei na direção de um grosso tronco caído no chão e nos sentamos, lado a lado.

— Sua estadia aqui pode se tornar um pouco melhor. Vossa Alteza precisou ir aos Emirados Árabes resolver alguns negócios urgentes, mas me telefonou hoje, para me mandar te fazer uma proposta.

— Que proposta?

Escolhi cautelosamente as palavras, pois era importante demais que ela concordasse em fazer aquilo.

— A imprensa mundial não tem sido nada gentil, ou ao menos sensata, com a família real saudita e os costumes do nosso povo. Vive inventando mentiras sobre

eles, promovendo grandes escândalos, com o único objetivo de vender jornais. O que Vossa Alteza propõe é que você ajude a desfazer isso, a melhorar a imagem de todos lá fora, escrevendo sobre o lado positivo do nosso país, dos nossos costumes e da família real. — Tentei decifrar sua expressão, identificar o que estava achando do assunto, mas seu rosto havia assumido uma impassibilidade inescrutável. — Toda essa visão negativa piorou depois que você e seus amigos foram resgatados no Iêmen, já que os jornais estão dizendo que você está aqui como refém. Se escrever o oposto, se falar bem de nós e isso for publicado no jornal em que trabalha, nossa imagem será melhorada perante o mundo todo.

Ela observou-me em silêncio por um instante, como se digerisse minhas palavras e então seus lábios se abriram em um sorriso, que não se refletiu em seu olhar.

— Você está de sacanagem comigo, né? — Sem esperar resposta, continuou: — Eu jamais falaria bem do seu povo, dos seus malditos costumes! Tem uma garota lá dentro que foi dada de presente pelo pai, para se tornar amante do príncipe. Que espécie de gente faz uma coisa dessas? Além disso, embora o príncipe tenha salvado nossas vidas, eu de fato sou prisioneira aqui. Se não posso sair, significa que sou uma refém.

— Você não está entendendo. O príncipe quer negociar com você. Ele pode te remunerar muito bem. Peça qualquer coisa e ele te dará.

— A minha liberdade é a única coisa que quero.

— Isso não seria possível, pois você pertence a ele agora. Esse foi o contrato que todos assinaram. Mas pense em outra coisa. Casas, carros, iates, um jornal inteiro só para você. Qualquer coisa que o dinheiro possa comprar. Tudo o que você tem que fazer é escrever.

— Eu não quero nada que venha da sua maldita Alteza, a não ser distância. Pode dizer isso a ele! — cuspiu as palavras com ódio, com desprezo, a exasperação transparecendo na expressão do seu olhar.

Merda! Aquilo ia ser muito mais difícil do que eu imaginava. Jasmine estava cheia de ódio de mim, mesmo antes de me conhecer. Era esse o efeito que a maldita imprensa causava nas pessoas, jogava todos contra nós. Ainda assim, eu me recusava a desistir. Pensaria em uma forma de convencê-la, devia existir alguma coisa que ela queria muito. Eu me incumbiria de descobrir.

— Foi para isso que você me trouxe aqui? Para falar tamanho absurdo? — indagou ela, desapontada.

Levantou-se abruptamente e se distanciou alguns passos.

— Não somente. Eu estava com saudade de você. Queria te ver.

Fui até ela e coloquei-me à sua frente. Tentei arrumar uma mecha de cabelo solta atrás da sua orelha, mas ela recuou alguns passos, impedindo o contato, a expressão de pavor se refletindo em seu olhar. Era evidente que ela ainda sentia medo de mim, pelo que aconteceu na biblioteca, contudo, o fato de se mostrar desapontada quando acreditou que eu a havia procurado apenas para lhe fazer a proposta, mostrava que não era só isso. Apesar do medo, ela também me desejava, assim como eu a queria.

— Ainda com medo de mim? — indaguei, avançando alguns passos em sua direção.

Sem desviar seu olhar do meu, ela recuou até que suas costas encontrassem o grosso tronco de uma árvore e recostou-se nele, sem ter mais para onde ir, enquanto eu me aproximava, deixando apenas míseros centímetros de distância entre nós.

Foi então que seu cheiro gostoso, feminino e delicado, encheu minhas narinas, intensificando minha fome por ela, a ereção voltou a se formar, a lascívia interferiu na clareza do meu raciocínio. Eu só queria estar dentro dela, todo o resto não tinha mais nenhuma importância.

— Sim. Eu tenho medo de você — admitiu, sussurrando.

— Não precisa. Eu jamais te machucaria.

Recostei o antebraço no tronco sobre a sua cabeça e inclinei-me ligeiramente, aproximando meu rosto do seu, acariciando sua pele com a ponta dos dedos, inebriado com sua maciez. Ela devia ser toda lisinha, dos pés à cabeça e eu não via a hora de descobrir.

— O que você quer de mim? — perguntou Jasmine.

— Quero você.

— Eu pertenço a outro homem.

— Mas ele não está aqui.

Incapaz de me controlar, fechei a mão em sua nuca, firmemente, e afundei o rosto na curva do seu pescoço, percorrendo os lábios através da sua pele, vagarosamente, provando da sua maciez deliciosa, aspirando seu cheiro de mulher, enquanto ela arfava, respirando mais pesadamente, embora não se movesse.

Espalhei beijos delicados em seu pescoço, seu queixo, sua face até que por fim cobri sua boca com a minha, provando-a devagar, degustando-a sem pressa, apreciando cada segundo, cada toque. Até que, aos poucos, fui intensificando o beijo, invadindo sua boca com minha língua e quando ela correspondeu, entreabrindo os lábios, esfregando sua língua na minha, lascivamente, o

fogo subiu como chamas ardentes pelo meu interior, tomando conta de tudo, impedindo-me de pensar em qualquer outra coisa que não em tê-la.

Puta merda! Eu a queria demais, como jamais desejei outra mulher.

Ainda hesitante, Jasmine passou seus braços delicados em volta do meu pescoço e nossos corpos se colaram completamente; os seios firmes fizeram pressão contra o meu peito e o ventre liso de encontro à minha ereção intensificaram as chamas que me consumiam.

CAPÍTULO 8

Jawad

Beijei-a como se aquele fosse o último instante das nossas vidas, demoradamente, profundamente, enquanto o tesão corria solto pelas veias, ordenando-me a despi-la e fazê-la minha ali mesmo sobre a relva. Contudo, eu precisava me conter, ter paciência. Jasmine não era como as outras mulheres que já foram minhas.

Com as amantes e concubinas eu podia ir direto ao assunto, partir para o sexo bruto, sem necessidade de mais nada, embora fizesse questão de dar prazer a todas que possuía. Mas com Jasmine era diferente, eu precisava de permissão, que me aceitasse por desejo e não por obrigação. E era isso que estava me deixando ainda mais louco por ela.

Sem interromper o beijo, deslizei minhas mãos pelo seu corpo delicioso, percorrendo os contornos das suas curvas perfeitas, por sobre a seda macia do vestido, descobrindo o quanto era feminina, delicada e gostosa.

Espalmei a mão na parte de trás do ápice da sua coxa, fazendo com que a levantasse e inclinei os joelhos para nivelar meu sexo com o seu, friccionando a ereção no

espaço entre suas pernas, o gemido que escapou da sua boca deixou-me ainda mais louco, quase descontrolado.

— Jasmine... me deixa te ver sem esse vestido... — sussurrei, excitado, levando os lábios para o seu pescoço, cobrindo sua pele cheirosa com beijos e lambidas.

— Você sabe que não podemos fazer isso. Seria o nosso fim — sussurrou ela, ofegante.

— Não vamos fazer nada. Juro que vou te respeitar. Só quero te ver, beijar seu corpo todo.

Senti seu estremecimento sob meus lábios, em reação às minhas palavras e mesmo parecendo hesitar, ela esticou os braços para baixo, dando-me permissão para fazer o que eu queria.

Afastei-me alguns centímetros, segurei nas alças do vestido e lentamente fui deslizando-as para baixo, meus dedos resvalando sua pele macia enquanto as tirava do meu caminho, até que a peça delicada caísse aos seus pés. Puxei a presilha que prendia seus cabelos, fazendo com que as ondas densas e escuras caíssem pelos ombros dela e parei para observá-la, mal conseguindo respirar diante da visão do seu corpo lindo, quase completamente nu, apenas um sutiã e uma calcinha pequenos a cobrindo.

Ela era ainda mais linda do que eu imaginava, com a pele aveludada, completamente uniforme, os seios

redondos e firmes dentro da renda delicada, a cintura fina, os quadris mais largos, o ventre achatado, o tecido da calcinha marcando sua parte mais íntima.

Caralho! Eu precisava de muito autocontrole para não a atacar, arrancar as duas peças minúsculas que ainda a cobriam e me enterrar todo nela.

— Linda... — sussurrei, mais excitado do que já estive um dia na vida.

Voltei a cobrir sua boca pequena com a minha e mergulhei meu corpo na sua seminudez, cada partícula do meu ser ardendo em chamas com os contornos delicados da sua feminilidade moldando-se a mim, a fragilidade dos seios entumecidos sendo esmagada pela brutalidade dos músculos do meu peito, o ventre liso pressionando meu pau dentro da calça.

Mais uma vez, segurei sua coxa por trás e fiz com que a erguesse, inclinando os joelhos para me encaixar entre suas pernas e friccionar a ereção no vão entre elas, seu gemido abafado me alucinou, levando-me a repetir a ação, tão duro que minhas bolas começavam a doer.

Deslizei meus lábios através da pele do seu pescoço e colo, provando-a esfomeado, quando então suas mãos trêmulas vieram para os botões da minha camisa, tentando desesperadamente os abrir.

— Quero ver você também — balbuciou Jasmine e isso só me fez a querer ainda mais.

Sem paciência para abrir botão por botão, apenas dei um puxão na camisa e eles voaram para todos os lados, antes que eu arrancasse a peça do meu corpo. No instante seguinte, seus olhos lindos estavam vagando pelo meu peito nu, assim como a ponta dos seus dedos. O que não demorou muito, pois logo voltei a atacá-la, colando-me todo contra seu corpo delicado. Contudo, talvez eu tenha ido com força demais, pois logo ela soltou um gemido de dor, contorcendo-se toda contra o tronco da árvore às suas costas e me afastei de imediato.

— Te machuquei?

— O tronco está machucando minhas costas.

— Vou dar um jeito nisso.

Sem parar para pensar, catei o vestido dela do chão e o estendi sobre a relva, junto com minha camisa. Quando voltei a fitá-la, Jasmine parecia em pânico, alternando seu olhar entre a cama improvisada no chão e o percurso de volta até o palácio, como se cogitasse sair correndo a qualquer momento.

— Não podemos fazer isso. Aliás, nem devíamos estar aqui — disse ela.

— Não vamos fazer nada que você não queira. Prometo.

Antes que o medo a fizesse fugir de mim, peguei-a nos braços e deitei-a cuidadosamente no chão, sobre seu vestido e minha camisa, a visão do seu corpo quase completamente nu ali estendido, inteiramente meu, deixou-me quase maluco. Ainda assim, agarrei-me ao meu autocontrole e deitei-me ao seu lado, de lado, a cabeça apoiada sobre o cotovelo, e voltei a beijá-la, com fome, com fogo.

Jasmine arfava enquanto eu descia minha boca pelo seu corpo lindo e macio. Como havia prometido, beijei-a inteira, dos pés à cabeça, refestelando-me com a sua maciez delicada, feminina, provando e amando cada detalhe dela, fascinado, excitado, necessitando de um esforço sobre-humano para não avançar o limite que ela impôs e tocar seus seios, ou afundar minha língua naquela boceta, que eu podia apostar que estava toda lambuzada.

Caralho! Como eu queria provar o gosto que ela tinha lá.

Minha boca estava devorando a sua, seus dedos estavam enterrados em meus cabelos, empurrando-me mais para si, com loucura, meu corpo estava estendido ao lado do seu, quando minha mão começou a percorrer sua pele, descendo devagar, sentindo-a estremecer a cada toque. Incapaz de resistir, percorri o dedo indicador por

dentro do cós da sua calcinha e foi então que ela se imobilizou, interrompendo o beijo.

— Omar, não — disse, ofegante.

— Só quero te fazer gozar. Deixa.

— Não.

Ao mesmo tempo em que dizia não, ela abria as pernas, deitando os joelhos para os lados e fui invadindo a calcinha devagar, esperando que ela me detivesse, só que ela não o fez. Em vez disso, segurou novamente em meus cabelos e me puxou para si, reiniciando o beijo, chupando minha língua com luxúria.

Soltei um gemido abafado quando meus dedos alcançaram sua intimidade e os afundei na carne macia, quente e molhada. Estava toda lambuzada, até o tecido calcinha, o que quase me levou à loucura.

Sem separar minha boca da dela, enterrei o dedo do meio na vagina melada e espalmei a mão sobre o clitóris inchado, masturbando-a ritmadamente, movendo o dedo em círculos e friccionando o fecho de nervos, lambuzando-me todo nela, melando, quase indo à insanidade quando ela abriu ainda mais as pernas e projetou os quadris para cima, buscando mais da minha mão, impaciente, mamando meu dedo com a vagina apertada.

Caralho! Eu queria muito que ela fizesse isso quando meu pau estivesse dentro dela.

Continuei masturbando-a e beijando-a, dedos e língua fazendo o mesmo movimento de entra e sai, até que seu corpo todo enrijeceu e afastei o rosto alguns centímetros, apenas o suficiente para vê-la gozando, sua face linda se contraindo de prazer, seus gemidos ressoando baixos.

Continuei dentro dela até que foi amolecendo, se aquietando, então retirei os dedos do seu canal e os enfiei na minha boca, maravilhado com seu gosto, o mais perfeito sabor da luxúria. Em seguida, voltei a beijar sua boca, quase com veneração.

— Isso foi muito bom. Mas sinto que estamos cometendo uma loucura — disse Jasmine, ainda ofegante, com seu rosto vermelho pelo orgasmo.

— Ninguém nunca vai saber.

— Não é só por causa disso. A gente mal se conhece. Eu não sei nada sobre você.

— Não há muito a saber sobre mim. Não sou um homem tão interessante.

— É interessante para mim. — Ela percorreu os dedos através do meu rosto, enquanto falava: — Mesmo assim, estamos indo longe demais. Acho que essa situação está mexendo com minha cabeça. Devemos parar agora.

— Está arrependida?

Ela segurou minha face para se assegurar de que eu estava olhando nos seus olhos.

— Claro que não. Se o tempo voltasse, eu faria de novo. Mas não me sinto segura. Se o príncipe descobrir, acho que ele nos mata sem nem pensar duas vezes.

Seu corpo estremeceu de encontro ao meu e me senti meio culpado por não lhe dizer a verdade sobre quem era.

— Relaxa. Ninguém nunca vai saber.

Tentei voltar a afundar o rosto em seu pescoço, mas ela me impediu, colocando firmemente a mão em meu ombro, um sinal que aprendi a identificar como o momento em que devia parar. Depois do que aconteceu na biblioteca, eu nunca mais ousaria avançar esse sinal.

— Acho melhor a gente voltar. Antes que apareça alguém aqui — disse Jasmine.

Ela fez menção de se levantar, mas a aprisionei com meus braços e pernas, acomodando-a completamente ao meu corpo, seu rosto próximo ao meu peito, suas pernas entrelaçadas às minhas. Ficava muito pequena perto de mim, devia ter um metro e sessenta de altura e era toda delicada, frágil como uma obra de arte rara.

— Não vai aparecer ninguém, os guardas nunca vêm aqui e a essa hora todos os empregados e a família real estão dormindo. Vamos ficar mais um pouco.

Lentamente, ela foi relaxando, amolecendo entre meus braços, toda aninhada a mim. Aproximou ainda mais seu rosto do meu peitoral e espalhou beijos sobre os contornos dos meus músculos, fazendo minha ereção doer um pouco mais, como se já não estivesse dolorida o bastante, suplicante por um alívio.

— Só mais um pouco — sussurrou ela, preguiçosamente.

Trocamos mais algumas palavras, jogando conversa fora, sem que eu tentasse avançar o sinal novamente, pois sabia que já havia atingido o seu limite, por enquanto. Se tentasse algo mais a afastaria e sua proximidade era agradável demais para ser perdida.

Jasmine falava cada vez mais preguiçosamente, relaxada, à vontade, até que adormeceu agarrada a mim, mergulhando em um sono tranquilo, enquanto eu continuava duro como uma pedra, com as bolas doendo de tanto tesão acumulado.

Tentei cochilar, mas naquele estado foi impossível. Quando Jasmine se mexeu dormindo, afastando-se um pouco, tirei o pau de dentro da cueca e me masturbei para dar uma aliviada, embora não fosse suficiente para fazê-lo amolecer. Contudo, pelo menos relaxei um pouco e por fim consegui dormir também, abraçado a ela, meu rosto de encontro ao perfume inebriante dos seus cabelos, o calor

da sua respiração, lenta e longa, batendo em meu peito, trazendo-me uma gostosa e rara sensação de paz, de aconchego, de uma intimidade nunca antes experimentada.

CAPÍTULO 9

Jasmine

Acordei ouvindo o som tranquilo do canto dos pássaros, sentindo o frescor da brisa acariciando minha pele nua, os raios do sol aquecendo-me. Por uma fração de segundo tive a revigorante sensação de que estava acampando, como fiz tantas vezes durante a infância e adolescência. No entanto, tão logo abri os olhos, fui invadida por um horror indescritível, por perceber que ainda estava deitada no bosque do palácio, usando apenas calcinha e sutiã, abraçada à Omar, que dormia profundamente. Tudo isso em plena luz do dia, correndo o risco de sermos flagrados pelos guardas a qualquer momento, o que nos levaria direto para a forca.

Puta merda! Como fomos tão descuidados? Os guardas não andavam por ali à noite, mas durante o dia qualquer pessoa podia nos ver. *Minha nossa! Estávamos perdidos.*

Quase em desespero, sacudi Omar pelo ombro até que ele acordasse, só que em vez de me soltarem, seus braços fortes se fecharam ainda mais em volta do meu corpo, aprisionando-me, enquanto seus lábios se curvavam em um sorriso de arrancar suspiros.

— Precisamos sair daqui agora mesmo — avisei, com um tom de voz baixo, temendo ser ouvida por alguém além dele.

Remexi-me tentando me soltar do seu abraço, mas ele tinha uma força física impressionante e sequer afrouxou o aperto.

— Conseguiu dormir bem, minha joia?

— Como você consegue ficar tão tranquilo numa situação dessa? A gente pode ser flagrado aqui a qualquer momento — falei, apavorada e o sorriso dele foi se desfazendo ao passo em que seus braços me libertavam do aperto.

Aflita, apressei-me em levantar e recolher meu vestido do chão, todo amarrotado, com várias folhas secas grudadas na seda. Quanto a Omar, continuou espichado no chão, totalmente à vontade, os braços erguidos, a cabeça apoiada sobre as duas mãos.

Sob a claridade do dia, tive uma visão mais ampla do seu peito largo, musculoso, coberto por uma irresistível camada de pelos negros, que estavam em perfeita harmonia com a pele morena, em um tom bronzeado. Ao descer meu olhar através daquela obra de arte, que parecia esculpida por deuses, senti uma fisgada entre as pernas e minha face enrubesceu com as lembranças da

noite passada, quando gozei igual a uma alucinada na mão dele, mesmo sendo mulher de outro homem.

Por mais que fosse gentil a ponto de não demonstrar, Omar devia estar pensando horrores de mim, por entregar-me a ele daquela forma, sem sermos nada do outro, sem quase nos conhecermos. Seria uma situação corriqueira no Ocidente, mas podia parecer terrível na cabeça de uma pessoa muçulmana .

Eu ainda tirava as folhas grudadas no vestido quando meus olhos subiram do seu peito para o seu rosto e fiquei ainda mais vermelha ao perceber que ele devorava minha seminudez com o olhar, examinando cada detalhe meu, expostos sob a luz da manhã.

— Como vou fazer para chegar até o meu quarto sem que me vejam sem o hijab? — indaguei, sobressaltada, com as piores punições materializando-se em minha mente, deixando-me em pânico.

Apenas quando coloquei o vestido sobre meu corpo, Omar se levantou do chão, recolhendo sua camisa no mesmo estado lastimável.

— Eu vou buscá-lo para você.

— E eu vou ficar aqui sozinha? E se alguém me encontrar?

E se ele não voltasse e me deixasse ali para receber a punição sozinha?

Aproximando-se de mim, Omar segurou minha face entre suas mãos, fazendo-me encará-lo.

— Não se preocupe com nada. Você está comigo e vou cuidar de tudo. Tudo o que tem que fazer é relaxar. — Dito isto, ele colou sua boca na minha e beijou-me suavemente, transmitindo-me uma segurança inesperada, tranquilizadora, além daquela intensa corrente de desejo, que fazia todos os meus sentidos se agitarem ao mesmo tempo. — Espere aqui, eu já volto.

Com isto, vestiu sua camisa, me deu as costas e se foi.

Não demorou muito ele estava de volta, trazendo um hijab preto e uma abaya da mesma cor, os quais entregou-me. Orientou-me a seguir na frente e entrar novamente oitq

Entretanto, tudo podia não passar de uma espécie de síndrome desenvolvida pelo meu subconsciente devido à situação na qual eu me encontrava, pois bem lá no fundo, apesar de tudo o que sentia, eu ainda tinha um certo medo dele, do poder que possuía sobre minha pessoa pelo simples fato de ser um homem, que podia fazer qualquer coisa com uma mulher, sem que houvesse uma punição para isto.

Apesar desse medo, Omar era alguém de quem eu queria estar perto. Prova disto foi a falta que senti dele durante os dias sem o ver. Talvez eu estivesse me apegando a ele como a uma tábua de salvação naquele mundo insano no qual me encontrava aprisionada.

Devidamente escondida atrás do hijab e da abaya, esgueirei-me até a janela do meu quarto, atenta a qualquer movimento de pessoas à minha volta, mas sem encontrar ninguém pelo caminho. Só voltei a respirar normalmente depois que pulei a janela para o lado de dentro, sem ser vista por ninguém.

Era muito fácil fazer as coisas às escondidas na Arábia Saudita, pois, após um banho demorado, deixei o quarto como se tivesse passado a noite toda lá e ninguém desconfiou de nada. As pessoas simplesmente continuaram agindo normalmente, dando-me a certeza de

que não fui vista. Graças aos céus, ou estaria muito ferrada.

Como todos os dias, tomei o café da manhã na solidão do refeitório, já que todas as outras mulheres haviam feito a refeição bem cedo, e voltei a me refugiar na privacidade do quarto, dedicando-me à leitura dos livros. Estava quase terminando o último deles. Para não ter que relê-los pela segunda vez, precisaria pedir que Omar me emprestasse outros.

Ah... Omar. Eu não conseguia pensar nele sem me lembrar de tudo o que senti em seus braços, do poder de sedução que ele exercia sobre mim. Talvez o clima do Oriente Médio estivesse realmente afetando meu psicológico, pois eu não via a hora de estar com ele de novo, mesmo que isso colocasse meu pescoço em risco.

Jamais em minha existência eu havia me sentido tão afetada por um homem. Até porque passei a vida toda tão focada nos estudos que mal tinha tempo para namorados. Tive um relacionamento sério durante a faculdade, mas Donald era mais um amigo que um amante. Tinha as mesmas ambições e me apoiava em tudo. Fora ele apenas alguns namoricos sem relevância, facilmente esquecidos.

Não voltei a ver Omar naquele dia. Apesar da vontade de ir até a residência real, em busca de mais livros e de pelo menos olhar para ele mais uma vez, me contive,

temendo as consequências. À noite, a solidão me pareceu mais insuportável que nunca. Eu sentia falta dos braços dele em volta do meu corpo como se tivesse passado grande parte da minha vida entre eles, o que era uma grande loucura.

Sentia falta também de casa, do pequeno apartamento de um cômodo onde morava, do barulho frenético das ruas nova-iorquinas e, principalmente, sentia saudade do meu pai. Era tudo tão diferente naquele lugar. Certamente o fato de estar naquele ambiente novo, desconhecido e perigoso, era o que me impulsionava a me apegar a Omar, a única pessoa ali que não me fazia sentir tão ameaçada, indesejada e sozinha.

Na manhã seguinte, eu havia acabado de tomar o café da manhã, estava lendo no quarto, quando ouvi uma batida na porta e logo em seguida Dahab entrou, elegante e bem maquiada como sempre. Gelei até a raiz dos cabelos, achando que ela estava ali porque o príncipe havia chegado de viagem e mandado me chamar para cumprir a ameaça de me tornar sua escrava sexual.

— Estão te chamando na residência real — avisou ela, tranquilamente.

Tensa, fiquei imediatamente de pé.

— O príncipe?

— Não. É um dos conselheiros dele. Omar. — Fui invadida por um misto de alívio e surpresa. — Ele vai te levar a algum lugar, a mando da Vossa Alteza. Ordenou que se vestisse para sair.

Que coisa estranha aquela ordem. Pelas leituras que fiz sobre os costumes islâmicos, os homens jamais confiavam suas mulheres aos cuidados de outro homem, mesmo as amantes e concubinas, pois eram ciumentos e possessivos demais. Naquele país, conversar com um homem que não fosse seu pai, irmão ou marido era o mesmo que cometer adultério. *Como era possível que o príncipe estivesse me mandando sair com outro homem? Será que os dois eram amantes?*

Parecia uma ideia absurda, mas não impossível. Omar era um dos homens mais bonitos que eu já tinha visto na vida e esse tal príncipe não era casado, me comprara há dias, mas jamais apareceu para fazer qualquer coisa comigo.

Fazia sentido acreditar que me queria ali apenas para melhorar sua imagem perante o mundo, escrevendo aspectos positivos a seu respeito e incumbira seu amante a me seduzir para me convencer. Era isso, ou eu estava louca.

— Sair para onde? — indaguei.

— Isso você pergunta a ele. Está te esperando na biblioteca. — Olhou-me de um jeito esquisito, condenador. — Ele disse que você conhece o caminho.

Com isto, Dahab se retirou e continuei com a pulga atrás da orelha, desconfiada daquela história toda, o comportamento incongruente do príncipe me levando a desconfiar de que havia alguma coisa errada. Ou talvez ele fosse apenas liberal e progressista, não se importando que a amante dele saísse por aí com outro cara. O fato de ter criado uma lei que permitia às mulheres sauditas dirigir e ir à faculdade dava indícios disso.

Como as opções no closet não eram muito variadas, escolhi usar um dos vestidos de seda longo e folgado, amarelo claro, com listras douradas que imitavam ouro. Prendi os cabelos em um coque, já que assim ficava melhor para colocar o hijab e fiz uma maquiagem bem caprichada. Antes de deixar o aposento, joguei a abaya preta e o niqab por cima, de modo que as únicas partes do meu corpo que ficaram visíveis foram meus olhos, minhas mãos e meus pés.

Foi impossível deixar de reparar na suntuosidade do palácio real ao atravessar novamente os imensos salões. Se existisse a mínima possibilidade de eu escrever sobre a Arábia Saudita para o meu jornal, como meu proprietário propusera, começaria escrevendo sobre a beleza daquele

lugar. Só que essa possibilidade era nula. Eu jamais incentivaria o mundo a olhar com bons olhos para uma cultura de acordo com a qual era normal um pai dar a filha de presente para ser amante de um homem, ou que naturalizava o estupro e ainda culpava a vítima. Nem morta, eu falaria bem de alguém que me prendia como uma refém. O príncipe ia ter que arranjar outra pessoa para melhorar a imagem dele.

Encontrei Omar ao entrar na biblioteca. Estava sentado atrás de uma mesa, com um copo de bebida na mão e levantou-se para vir me encontrar a meio caminho. Parecia lindo como uma miragem, usando um ghtrah, o tradicional lenço árabe, com estampas vermelhas e uma túnica branca de linho, com mangas compridas e que se estendia até a altura dos seus tornozelos. Ele sim se parecia com um príncipe de verdade, desses dos contos de fadas. Era alto, forte, imponente e estava sempre envolto por aquela misteriosa aura de força e poder que me intimidava, ao mesmo tempo em que me atraía irresistivelmente.

O príncipe da Arábia Saudita devia ser mesmo gay, ou muito cego para deixar sua amante sair por aí com um homem gostoso como aquele.

Ao se aproximar de mim, Omar arrancou meu hijab e perdi o fôlego quando me estreitou em um abraço, ao

mesmo tempo em que roçava suavemente seus lábios em minha face, seu hálito quente, com um cheirinho gostoso de cigarros misturado com álcool, acariciando minha pele, fazendo-me arrepiar dos pés à cabeça.

Definitivamente eu estava muito afetada por ele e quanto mais percebia isso, mais conseguia visualizar minha cabeça sendo decepada em praça pública, a mando do sujeito que se considerava meu dono.

— Senti falta de você durante a noite — sussurrou, deslizando os lábios até meu ouvido. — Queria que tivesse dormido novamente em meus braços, só que na minha cama.

— Eu também queria, mas nós dois sabemos que isso nunca vai acontecer.

Tentei empurrá-lo, impor algum limite, parar com aquela história antes que fôssemos flagrados e levados para a forca. Porém, ao invés de recuar com meus punhos cerrados pressionando seu peito, ele me apertou ainda mais forte pela cint|M

CAPÍTULO 10

Jasmine

Enterrei meus dedos em seus cabelos curtos e o beijei com a mesma devassidão, chupando sua língua gostosa e pressionando meu corpo no dele. O tesão me varria com ferocidade, fazendo o fundo da minha calcinha encharcar.

Não havia nada que eu quisesse mais naquele instante do que senti-lo dentro de mim, possuindo-me com toda aquela força e brutalidade. No entanto, era necessário que um de nós detivesse o outro, ou estaríamos perdidos. E esse alguém precisava ser eu.

Então, decidindo ser racional, interrompi o beijo e, embora não fosse fácil, consegui fazer com que ele me soltasse e se afastasse. Meu corpo sensível pelas sensações reclamou a sua distância.

— Precisamos parar com isso — avisei, ainda ofegante, com o coração agitado.

— Não quero parar — ele praticamente grunhiu, dando um passo em minha direção, enquanto eu recuava outro. — Preciso ter você, ou sou capaz de morrer.

A intensidade da expressão em seus olhos verde-claríssimos, enquanto pronunciava aquelas palavras,

quase me fez esquecer a razão e voltar correndo para os seus braços. Mas eu precisava ser forte.

— Não. Você vai morrer se ficar comigo. — Sem esperar que ele retrucasse, continuei falando: — Foi para isso que me chamou aqui? Achei que íamos a algum lugar.

— Nós vamos.

— E para onde?

— Vossa Alteza Real me mandou levar você para conhecer nossa cidade, nosso povo e um pouco dos nossos costumes. Para que veja que não somos tão terríveis quanto você e o mundo todo pensam.

Cruzei os braços na frente do peito e não economizei no tom de ironia:

— Claro, e com isto escrever maravilhas a respeito dele.

— Você escreverá o que ver. O príncipe não está pedindo que minta.

— Esquece, Omar. Eu jamais vou falar bem desse homem. Ele me comprou como se eu fosse um camelo.

— Ele salvou a sua vida e a dos seus amigos.

— Só porque convinha a ele.

— Vamos fazer o seguinte. A gente vai nesse passeio, você conhece um pouco mais sobre nós, nosso país e depois tira suas conclusões — sugeriu.

E se eu pudesse tirar proveito dessa saída para fugir? Seria uma possibilidade. Talvez a única chance que eu teria. Precisava ao menos tentar.

— Tudo bem. Já que ele insiste tanto. Vamos nessa — falei, com as ideias formulando em minha mente.

— Ele disponibilizou a limusine real, assim como os seguranças, para que estejamos confortáveis e bem protegidos o tempo todo — disse Omar, como se tivesse lido minha intenção em meu olhar.

Droga!

— Que coisa estranha esse príncipe te disponibilizar as coisas dele, inclusive a amante! — disparei, irritada pela impossibilidade de fuga.

Omar observou-me em silêncio por um instante, como se relutasse em captar o sentido das minhas palavras. Quando entendeu minha insinuação, a expressão que emergiu no brilho do seu olhar foi tão apavorante que recuei alguns passos, assustada.

Apesar da forte atração que aquele homem exercia sobre mim, eu jamais deixaria de sentir medo dele, pelo fato de que, naquele país, estávamos em completa desvantagem de igualdade, em todos os aspectos. De acordo com sua cultura, ele podia me estuprar, ou até mesmo me matar, por trair o príncipe, e ainda seria condecorado por isto.

— O que você está insinuando? — indagou, com a voz baixa, porém carregada de ameaça.

— Nada. Foi só um pensamento idiota.

— Que pensamento?

— Nada de mais. Só acho estranho que o príncipe te dê tanta liberdade.

— Eu sou o conselheiro dele. A pessoa mais próxima de Vossa Alteza.

Suas palavras só serviram para reforçar minha teoria de que os dois eram amantes, Omar sendo o ativo na relação, claro. Mas nem morta eu tocaria no assunto de novo. Até porque o homossexualismo era considerado crime no Oriente Médio.

— Certo — finalizei o assunto. — E então, vamos sair, ou não?

Sua fisionomia raivosa suavizou e respirei um pouco mais aliviada.

— Claro. Vamos agora.

Ele colocou o hijab de volta sobre a minha cabeça e deixamos o palácio.

Todo bom jornalista já leu algo na internet sobre as extravagâncias dos príncipes árabes. E comigo não era diferente. Às vezes, eu chegava a imaginar que eram boatos, de tão absurdos. No entanto, naquele dia, tive a prova de que eram reais.

A limusine em que Omar e eu nos encontrávamos realmente tinha sete metros de comprimento, era toda forrada a ouro e sedas, contendo poltronas acolchoadas de couro, frigobar, aparelho de som, televisão e até um karaokê. Parecia uma mini danceteria e passava a impressão de que seu proprietário, o príncipe, a usava para ir à balada com os amigos nos finais de semana, quando a verdade que todos conheciam era que sequer existiam bares e danceterias naquele país, a menos que houvesse algo assim apenas para a realeza, secretamente.

Atrás de nós, vinham dois carros menores, com vários seguranças armados e à nossa frente, mais dois. Era como se eu estivesse em uma comitiva com o próprio príncipe, tamanha era a segurança que nos cercava. O que era uma merda, pois anulava qualquer chance que eu tivesse de tentar fugir.

A intenção de Omar era que fizéssemos uma excursão pela cidade, durante a qual ele me mostraria o quanto Riad era um lugar tranquilo, organizado, limpo e o quanto seu povo era feliz, vivendo de acordo com seus costumes e com as leis estipuladas com base em livros sagrados. Ele não deixava de destacar, a todo momento, o quanto o príncipe era um homem bom, progressista, garantindo mais direitos do que as mulheres já tiveram um dia.

Apesar de sua insistente tentativa de me convencer a ter uma visão positiva da sua terra natal, certamente cumprindo as ordens que recebera da Vossa Alteza, tudo o que eu via através dos vidros fumês do veículo caríssimo era um povo oprimido, conformado com uma realidade que não tinha qualquer perspectiva de mudança.

A cidade parecia um retrato em preto e branco, sem vida, sem alegria, sem crianças correndo livremente nos parques, sem casais de jovens namorando, sem ninguém se aventurando em cima de uma motocicleta. Ali, todas as mulheres vestiam preto da cabeça aos pés e os homens branco; seus trajes eram praticamente idênticos, diferindo-os apenas no gênero, como se somente isso importasse. Além disso, era tudo organizado demais, limpo demais, apagado demais, sem graça demais. Aquela gente não conhecia o conceito de liberdade, de alegria e felicidade. Pareciam acreditar que sua realidade era a única que existia.

Mais uma vez estranhei o comportamento de Omar, quando disse que me mostraria a faculdade, onde as mulheres tinham permissão de estudar pela primeira vez em sua história, mas não entramos, sequer descemos do veículo, apenas observamos o prédio do lado de fora. Aconteceu o mesmo no *King Abodulazis Historical Center*,

um dos maiores museus do país; no *Kingdom Center* e no *Hokair Land*, um famoso parque de diversões.

Deste modo, fizemos uma excursão pela cidade, sem que eu a visse realmente, observando tudo de dentro da limusine, de modo que tudo não passou de um passeio tedioso e sem graça. Tirando a companhia de Omar, que eu apreciava mais até do que deveria, o resto não se diferia muito da solidão do meu quarto.

Animei-me um pouco quando, no final da tarde, ele anunciou que jantaríamos em uma casa que a família real tinha em uma região montanhosa. Fiquei ansiosa por esse momento, pois finalmente estaríamos sozinhos.

No entanto, antes que tivéssemos tempo de chegar lá, ele recebeu um telefonema durante o qual se estressou terrivelmente, vociferando furiosamente com a pessoa do outro lado da linha, por não ter sido avisado antes sobre uma certa reportagem que foi feita em um jornal local, sobre a família real, pelo mesmo jornalista que vinha dando trabalho já fazia algum tempo. Era mais uma matéria que detonava a imagem da realeza, principalmente a do príncipe herdeiro.

Com isto, antecipamos nossa volta para Al Saud, sem que eu tivesse tido a mínima chance de tentar escapar. Sequer saímos da limusine, conheci a cidade, sem de fato conhecer.

O fato de Omar se exaltar tanto com algo que feria a família real, deixou-me ainda mais desconfiada sobre a relação dele com essa família, ou com o herdeiro do trono, eu não sabia. Minha única certeza era de que havia algo de muito estranho ali. Ele não era somente um simples conselheiro.

De volta a Al Saud, eu estava mais estressada do que quando saí, não apenas por ter sido tratada como uma prisioneira durante todo o passeio, sem sair do veículo em nenhum momento, ou por Omar mal se despedir de mim quando nos separamos ainda na garagem. Ele apenas ordenou que eu colocasse o hijab e requisitou uma das empregadas para me acompanhar de volta até meu aposento.

O motivo do meu estresse era a frustração de não ter tido uma oportunidade de fuga, como acreditei que aconteceria, uma situação que me levou a perceber que eu nunca mais sairia dali, não havia como fugir. O príncipe jamais me deixaria partir. Seria menos doloroso aceitar logo de uma vez que aquele era o meu lugar agora. Eu precisava me conformar e me acostumar com essa nova realidade, com nunca mais voltar a ver os meus amigos e meu pai, nunca mais ser a garota livre, despojada, desprovida de vaidade, que saía por aí usando jeans rasgado e casaco de moletom, com os cabelos soltos e

sem maquiagem. Eu nunca mais voltaria a ser eu mesma, mas apenas um objeto que pertencia a alguém, que tinha que se vestir, se pentear e se comportar como os outros mandavam, independente da minha vontade.

Apesar da frustração daquele dia, quando fiquei novamente sozinha em meu quarto, no silêncio da noite, senti falta da companhia de Omar, do timbre gostoso da sua voz, do seu cheiro, dos seus braços fortes em volta de mim. Por mais que eu soubesse que nossa proximidade podia significar a morte para nós dois, ele era minha única referência de calor humano, de acolhimento, naquele lugar. Eu gostava de estar com ele e não podia fazer nada quanto a isto.

Como na noite anterior, esperei que ele aparecesse na minha janela, mas novamente fiquei desapontada, embora meu lado racional me alertasse de que assim era melhor.

Mais do que nunca, naquela noite, eu senti falta dos meus amigos, do meu pai, do calor humano das pessoas do meu país.

***

No dia seguinte continuei me sentindo da mesma forma, sozinha e abandonada em uma terra distante. Nem

mesmo a descontração de Alzira, com quem conversei durante o café da manhã, foi suficiente para me animar, tamanha era a minha nostalgia.

Eu estava tão deprimida que até mesmo Dahab percebeu meu estado de espírito e veio falar comigo. Havia acabado de tomar o café da manhã, estava acomodada à mesa, sozinha, pensativa, quando ela se aproximou.

— Está tudo bem com você? — indagou.

— O que você acha?

— Acho que você tem tudo o que uma pessoa precisa: conforto, alimento na mesa, saúde, juventude, beleza. Não devia ficar tão nostálgica e sim agradecida.

Quase engrossei com ela e disse que esses itens estavam longe de ser tudo o que uma pessoa precisava. Contudo, aquele era seu jeito de pensar, pois desconhecia o que a vida tinha de realmente bom a oferecer. Não sabia o significado da expressão liberdade de escolha e jamais saberia.

— Só estou com saudade de casa. Será que posso me sentir triste, ou o príncipe proíbe isso também?

— Ele não é o monstro que você imagina, Jasmine. Logo você descobrirá isso.

Ela me deu um sorriso enigmático, carregado de mistério e desapareceu da minha frente. Vi quando colocou

o hijab e seguiu rumo à residência real, porém logo parei de prestar atenção.

Fui até o quarto apenas para pegar um livro e voltei ao refeitório, onde me acomodei a uma das mesas, cansada de ficar trancada no aposento. Pelo menos ali eu via a movimentação das funcionárias e me distraía com isto.

Não demorou muito e Dahab estava de volta, ainda com aquele risinho nos lábios, cuja razão não entendi.

— Sei de algo que vai te animar! — anunciou, empolgada.

— Jura? — indaguei, com um misto de tédio e cinismo, fechando o livro para dar atenção a ela. — Não me diga que vai me levar a um bar para tomar uma tequila e, quem sabe, depois dar uma esticadinha até uma danceteria.

Ela piscou algumas vezes, como se tentasse entender sobre o que eu estava falando.

— Vou te ensinar a dança do ventre. É uma coisa que as mulheres árabes fazem para agradar seus maridos, ou amantes. Você vai adorar aprender e a reação que vai provocar no príncipe dançando para ele.

— Acredite, a única reação que quero causar nesse homem é um ranço tão grande que ele vai me colocar no primeiro voo de volta para Nova Iorque.

Quase fiquei com pena quando vi seu sorriso se desfazendo, ao passo que sua animação se esvaía do seu semblante.

— Na verdade, eu não tenho escolha. São ordens da realeza. O príncipe exige que eu ensine a dança para todas as amantes dele. E tanto eu como você precisamos seguir as ordens para evitar problemas. — O esboço de um sorriso voltou aos seus lábios. — Estou te propondo agora porque acho que você vai se divertir e sair dessa tristeza toda.

Por mais que a tentação em recusar fosse exorbitante, decidi unir o útil ao agradável, ou seja, cumprir uma ordem daquele tirano, ao mesmo tempo em que tentava escapar do tédio no qual estava submersa naqueles dias.

CAPÍTULO 11

Jasmine

Assim, Dahab e eu nos trancamos ali mesmo no meu aposento, colocamos o traje de odaliscas, o qual consistia em um bustiê cavado, forrado com bojo e enfeitado com pérolas e lantejoulas; saia longa com fendas duplas que iam até o ápice da coxa e um cinturão largo marcando o quadril, também brilhante e enfeitado.

Começamos a aula ao som da música típica árabe, partida de um pequeno aparelho que ela havia trazido. Só o fato de ouvir alguma música, mesmo que não fosse meu estilo favorito, já fazia aquela bobagem valer a pena. Aliás, até que dançar daquele jeito não era tão ruim assim, pelo menos me salvou minimamente do tédio e me fez esquecer um pouco a tristeza.

No fim das contas, acabei inclusive me divertindo um pouco. Era empolgante dançar com aqueles trajes, mexendo os quadris daquela forma. Fazia-me sentir sexy e sensual. Não que eu pretendesse dançar assim para o mondongo que se considerava meu dono, apenas achei divertido aprender.

Tão divertido, que no dia seguinte Dahab me convidou para continuar aprendendo e aceitei sem hesitar.

Desta vez fizemos as aulas na sala de costura, onde algumas das funcionárias vieram nos assistir, animadas, batendo palmas em harmonia com as batidas das músicas.

Percebi que a dança do ventre era algo especial para elas, o mais próximo que tinham de diversão. Pena que nem todas tinham permissão de dançar, apenas as casadas e as amantes aprendiam, com o objetivo de executar os movimentos diante do seu homem, durante os momentos de intimidade.

Atendendo ao meu pedido, Dahab me deixou levar o aparelho de som para o meu quarto e agora eu podia ler ouvindo as melodias do único CD que já vinha dentro dele, algumas melodias românticas e outras agitadas.

Nesse ritmo, três dias passaram. Dias durante os quais a solidão só não me espezinhou mais tortuosamente por causa dessas aulas, que se tornaram os momentos mais animados do meu dia. Ainda assim, eu sentia muita falta de casa, dos amigos, do trabalho, do meu pai e de Omar. Não o vi nenhuma vez durante aqueles dias e a saudade chegava a doer dentro de mim.

Por querer demais vê-lo novamente, ouvir sua voz grossa, experimentar o calor dos seus braços em volta do meu corpo e o sabor da sua boca na minha, todas as noites eu pensava em sair para ir procurá-lo no gazebo perto do lago. Contudo, sempre acabava desistindo, por

medo de sermos apanhados e termos nossas vidas perdidas por causa desse desejo desenfreado.

E não era apenas o desejo que me ligava a ele, que me fazia sentir como se sua falta fosse terrível. Eu gostava demais da sua companhia. Omar não era apenas objeto dos meus anseios mais insanos, era também o mais próximo que eu tinha de um amigo naquele lugar, apesar de todo o medo que no fundo ele ainda me provocava.

Na quarta noite, eu estava lendo e ouvindo música no quarto. Já era tarde, quando ouvi uma batida no vidro da janela e tudo se agitou dentro de mim, ao presumir que era ele.

Do jeito que estava, usando apenas uma camisola curta e quase transparente, eu me aproximei da janela e afastei a cortina para o lado. Meu coração se agitou ao vê-lo do outro lado do vidro transparente, sob os pingos da chuva fina que caía. Parecia ainda mais lindo com os cabelos molhados, ligeiramente emaranhados e com o tecido da camisa respingado de água grudando em seu peitoral musculoso.

Omar fez um gesto com as mãos indicando que eu abrisse o vidro da janela e o fiz. Fiquei apavorada quando ele pulou para o lado de dentro do quarto, fechando novamente a janela e a cortina. Se eu fosse apanhada com

um homem no meu quarto, seria no mínimo jogada em uma jaula com leões.

— Você ficou louco? Não pode entrar aqui — falei, amedrontada.

— Relaxa. Ninguém viu. — Ele passou os dedos entre os seus cabelos, ajeitando as mechas curtas e molhadas. — Eu pretendia te convidar para dar uma volta, mas está chovendo.

Deu um passo em minha direção, com seus olhos brilhantes fixos nos meus e, de repente, o quarto pareceu ficar menor, mais quente e abafado, o ar mais pesado. Sua presença preenchia tudo; aquela atmosfera de poder e perigo, que sempre emanava dele, invadiu o ambiente. Sua energia vigorosa tomou conta de tudo, inclusive de mim, que me vi excitada apenas sustentando seu olhar cheio de insinuações, experimentando sua proximidade como se uma força invencível me puxasse em sua direção.

Como se me apegasse a uma barreira que me protegesse do efeito hipnotizante que ele causava sobre mim, cruzei os braços na frente do peito e me coloquei em completo alerta, tensa, empertigada.

— Como você está? — indagou Omar.

— Sentindo falta de casa.

— Vejo que arranjou um aparelho para ouvir música.

— Dahab me emprestou. Ela está me ensinando a dança do ventre.

O vislumbre de um sorriso se manifestou em seus lábios.

— E você está gostando?

— Até que é divertido. Só nunca vou dançar assim para aquele ditador.

— E para mim, você dançaria? — Sua voz soou tão rouca e sexy, que quase corri para closet colocar o traje de odalisca para dançar para ele.

— Claro que não. Tá louco? Eu pertenço a outro homem. Você não deveria nem estar aqui. Tem noção do risco que estamos correndo?

— Eu não ligo para os riscos. — Ele deu outro passo em minha direção, colocando-se muito perto, agraciando-me com seu cheiro delicioso, uma mistura de tabaco com perfume masculino. — Só quero estar com você.

— Quer não. Se quisesse, não teria sumido durante três dias, deixando-me aqui sozinha.

— Sentiu minha falta?

Eu tinha sentido, até mais do que gostaria, mas dizer isso a ele só alimentaria algo que precisávamos evitar. Para conseguir esconder meus sentimentos, dei-lhe as costas e afastei-me alguns passos.

— Você é a pessoa mais próxima de um amigo que tenho aqui.

Não precisei olhar para trás para saber que ele se aproximava de mim, era como se eu pudesse senti-lo e logo suas mãos grandes estavam repousando sobre meus ombros e descendo devagar pelos meus braços. O simples toque despertou o desejo feroz em meu corpo.

— Não precisa esconder nada de mim, muito menos como se sente. — Sem afastar suas mãos da minha pele, Omar afundou o rosto no alto da minha cabeça, inalando profundamente. — Senti falta de você em cada segundo desses dias sem te ver. Não consegui pensar em outra coisa a não ser em nós dois naquele bosque. O motivo de eu não ter aparecido é porque precisei ir encontrar o príncipe nos Emirados Árabes.

A simples menção àquele homem foi o suficiente para me fazer estremecer, meu organismo me alertou do risco que corria deixando outro cara entrar no meu aposento. Com isto em mente, afastei-me de Omar e virei para encará-lo.

— Ele ainda está lá?

— Sim. São muitos assuntos a serem tratados naquele país. Vossa Alteza é um homem muito ocupado e com isto estou sempre ocupado também. Quando você me vir sumindo, é porque estou viajando a mando dele.

Aquela desconfiança de que os dois eram amantes voltou-me à mente e me apressei em afastar o pensamento. Chamar um homem de homossexual na Arábia Saudita era quase o mesmo que dar um tiro na mãe dele.

— Acho melhor você tirar essa camisa molhada, ou vai acabar ficando doente — falei, por impulso, observando o tecido da sua camisa molhado e apenas quando um brilho safado se refletiu na expressão do seu olhar me dei conta da grande merda que havia feito.

Droga!

Praticamente na velocidade da luz, Omar abriu os botões da camisa e a arrancou do seu corpo. Antes que eu tivesse tempo de me deleitar com a visão do peitoral musculoso e peludo, ele estava avançando para cima de mim, como um sedento que encontrava água no deserto. Fechou firmemente sua mão em minha nuca e passou o outro braço em volta da minha cintura, puxando-me com brusquidão, aconchegando-me ao seu corpo forte.

Tentei, com todas as minhas forças, resistir, o afastar. Entretanto, quando a solidez do seu peito esmagou meus seios dentro do tecido fino da camisola, seu corpo todo se colando ao meu, perdi-me por completo, transformando-me em uma consistência de sensações e

sentidos, desprovida de racionalidade, manipulada pelas emoções.

Sua boca faminta atacou a minha, lábios e língua me devorando, me sugando, me invadindo, ao passo em que a ereção me empurrava abaixo do umbigo, fazendo-me arder e ferver e, ensandecida, enfiei meus dedos em seus cabelos curtos, puxando-o mais para mim, golpeando sua língua com a minha, lascivamente, sem que nada mais me importasse naquele instante, a não ser o ter.

Sem desgrudar nem um centímetro de mim, Omar foi me conduzindo em direção à cama, até que me deitou de costas, atravessada no colchão e estendeu seu corpo grande sobre o meu, apoiando seu peso nos cotovelos. Ajeitou seus quadris entre minhas pernas e friccionou a ereção sobre meu sexo, deixando-me ainda mais lambuzada, minha vagina latejando com o fervor do tesão.

Ele parecia um gigante em cima de mim, todo forte, musculoso, cobrindo-me toda com sua rigidez máscula, enlouquecendo-me com o calor da sua pele morena me alcançando através das minhas roupas.

Sua boca deixou a minha e desceu através da pele do meu pescoço, beijando e lambendo, me incendiando, ao passo em que sua mão começava a explorar o meu corpo, tocando-me intimamente demais. Quando apertou o meu seio, sobre o tecido fino da camisola, foi como se um alerta

de perigo disparasse em meu interior, misturando-se a tudo mais, deixando-me tensa e contraída.

Estávamos muito perto de ir até o fim. Se eu não fizesse nada, logo seria sua, teria traído o homem que se considerava meu proprietário e seria morta por ele em um piscar de olhos, pois as mentiras tinham pernas curtas e logo seríamos descobertos.

Com os pensamentos me aterrorizando, congelei no lugar. Pressionei os punhos cerrados no peito de Omar e o empurrei.

— Não — pediu ele, rouco e ofegante, recusando-se a parar.

— Não podemos — retruquei.

— Não há nada que nos impeça.

— Omar, por favor, saia de cima de mim.

Todo o corpo dele estremeceu de irritação antes que ficasse imóvel, tenso, seus músculos se contraindo. Permaneceu assim por um instante até que por fim levantou-se. Foi até a janela e levei um susto quando desferiu um soco na parede, fazendo-a estremecer.

Como quase sempre que nos encontrávamos, o medo estava lá, tomando conta de mim, sobrepujando tudo mais que o conforto dos seus braços me levava a sentir.

— Mas que merda! Até quando vou ter que passar por essa tortura de não ter você? — vociferou,

furiosamente.

Assustada e ainda excitada, sentei-me na beirada do colchão e encolhi-me, abraçando o meu próprio corpo.

— Você sabe que não podemos fazer isso. Seria a nossa morte.

Ele se virou e me fitou com seus olhos transtornados.

— Podemos sim. Não há nada que nos impeça.

— Como assim? E o príncipe?

— É que eu... — Começou a frase, mas não concluiu, como se arrependesse do que ia dizer.

CAPÍTULO 12

Jasmine

Abriu novamente a boca para dizer algo, mas acabou desistindo mais uma vez. Por fim, suspirou profundamente, acalmando-se, foi até uma poltrona e se deixou afundar nela.

— Me desculpe. Acho que estou agindo como um animal de novo — disse Omar — Não é fácil para mim manter o autocontrole quando estou perto de você.

— Tudo bem. Não precisa se desculpar.

— Acho melhor eu ir embora. — Ele esticou sua mão até sua camisa molhada jogada no chão e fiquei angustiada com a perspectiva de voltar a mergulhar na solidão aterradora que era estar naquele quarto, ou em qualquer outro lugar daquele palácio, sem ele.

Apenas ao seu lado eu me sentia minimamente acolhida, menos solitária e perdida. Não queria que ele fosse.

— Não vá — pedi, levantando-me. — Fique só mais um pouco.

Ele fixou seu olhar intenso no meu e deixou a camisa cair novamente no chão. Não disse nada, apenas me encarava silencioso, imóvel, com sua fisionomia

endurecida, os olhos reluzindo aquele desejo selvagem, ardente, que me deixava sem chão. A energia sexual que pairava no ar era bruta, quase tocável.

— Ainda quer que eu dance para você? — indaguei, animada em fazer os movimentos sensuais diante daquele olhar que me devorava quase com veneração.

— Acha que vou conseguir me segurar sem te comer se te ver dançando com aquela roupa de odalisca na minha frente?

Dei-lhe um sorriso prazerosamente malicioso, como se torturá-lo tivesse se tornado uma coisa divertida. Era como se eu estivesse brincando com fogo, mas esperando não me queimar.

— Você vai ter que tentar.

Sem esperar que ele dissesse mais nada, corri para o closet e troquei a camisola pelo traje de dança. Escolhi o mais sensual entre eles. Um bustiê bem cavado, em meia taça, com alças finas, enfeitado com pérolas e miçangas; uma saia longa com aberturas frontais e cinto largo marcando os quadris. Dei uma escovada nos cabelos, deixando as ondas volumosas caírem sobre os ombros, peguei um lenço de seda e voltei para o quarto.

— Você está muito mais que linda — disse Omar, ao me ver me aproximando.

Ele continuava sentado na poltrona, seus ombros empertigados de tensão, seu corpo tão imóvel que parecia petrificado no lugar. Seu olhar reluzia um excitante brilho de luxúria enquanto me varria de cima a baixo, demorando-se mais em meu umbigo desnudo.

— Ainda não aprendi muita coisa, mas já sei alguns passos.

Fui até o aparelho de som e coloquei uma música um pouco mais agitada que aquela que tocava. Sob a claridade do aposento, comecei a fazer os passos, movendo freneticamente os quadris, balançando meu corpo com toda a sensualidade que a dança exigia, ao mesmo tempo em que fazia com que o lenço de seda balançasse de acordo com os meus movimentos.

A forma como Omar me observava, quase sem piscar, com a fisionomia perigosamente endurecida, os olhos refletindo uma selvageria brutal, me deixava perdidamente excitada. Como se estivesse grudado na poltrona, ele mal se movia ou respirava. Apertava os braços do assento com tanta força que eu podia ver as pontas dos seus dedos afundando na espuma.

Quando a música se aproximava do final, cheguei bem perto dele, colocando-me à sua frente, sem deixar de me movimentar de maneira sexy. Foi então que suas mãos deixaram os braços da poltrona e seguraram dos dois

lados dos meus quadris, com a mesma força bruta, apertando-me tanto que quase soltei um grito de dor.

Segurando-me firme no lugar, ele projetou seu corpo para a frente e encostou sua boca na altura do meu ventre, lambendo deliciosamente minha pele, o contato da língua macia, úmida e quente, formando um delicioso contraste com a brutalidade do aperto de suas mãos, provocou-me uma intensa onda de excitação.

Imaginei aquela língua me lambendo daquele jeito um pouco mais abaixo e a corrente de tesão que me atravessou foi tão violenta, que lancei a cabeça para trás e soltei um gemido, enfiando meus dedos nos seus cabelos curtos, puxando-o ainda mais para mim.

Não havia nada que eu já tivesse desejado na vida com a mesma intensidade com que desejava entregar-me a ele, naquele instante. Contudo, o medo aterrador do depois me impedia de ir além.

— Quero você — Omar sussurrou de encontro a pele do meu ventre.

— Não podemos.

— Podemos sim.

Suas mãos fortes subiram pela minha cintura e me puxaram para si, de modo que não tive opção a não ser montar em seu colo, com um joelho de cada lado. Projetando seus quadris para a frente e recostando no

espaldar da poltrona, ele acomodou-se embaixo de mim, no lugar certo, fazendo-me sentar de pernas abertas sobre a protuberância na sua calça. O pau duro pressionava meu sexo através das roupas, fazendo-me pingar de tão encharcada.

Seus braços fortes me aprisionaram contra seu corpo ao mesmo tempo em que sua boca se apossava da minha, beijando-me quase com indecência, chupando minha língua e me fazendo chupar a sua, levando aquela fome por ele a alcançar níveis quase descontrolados dentro de mim.

Sem desgrudar minha boca dele, enfiei as mãos em seus cabelos e rebolei os quadris, esfregando-me no seu pau, desavergonhadamente. Um gemido abafado escapou da sua boca, reverberando pelo meu corpo, tão deliciosamente, que quase me fez gozar na calcinha.

Estávamos muito perto de irmos até o fim, de alcançar o alívio para aquela agonia. Bastava que eu abrisse o fecho da sua calça e afastasse minha calcinha para o lado e, então, ele estaria dentro de mim. Não haveria mais como voltar atrás. Se fôssemos descobertos, seríamos mortos.

O pensamento provocou uma nova corrente de medo que me percorreu inteira, fazendo meu sangue gelar nas veias. Eu precisava me conter antes que fosse tarde,

mas não queria me afastar dele. Nós podíamos ficar juntos sem transar, apenas aproveitando o contato um com o outro. Era traição também, mas nem tanto quanto o ato sexual. Então, apenas me ajeitei em seu colo, sentando-me de lado e continuei o beijando, porque parecia impossível renegar aquela boca na minha. Eu amava o jeito como ele me beijava, a forma como me fazia sentir, como jamais me senti com outro homem.

Continuamos ali sentados apenas nos beijando e trocando carícias, durante um longo tempo. Ao separar minha boca da sua, espalhei uma trilha de beijos sobre a pele cheirosa do seu pescoço e, então, acomodei minha cabeça em seu peito largo e peludo. Ambos permanecemos imóveis durante um longo momento, apenas nos sentindo, nos experimentando, como se uma força sobrenatural nos impedisse de nos desgrudar.

Definitivamente, eu não podia me acostumar com momentos como esse, pois tão logo o príncipe voltasse de viagem, teríamos que parar de nos ver e, quanto mais eu me apegasse a ele, mais sentiria a sua falta.

— Gosto de ficar assim com você — falei, preguiçosamente aconchegada ao seu corpo.

— Eu também. Embora isso possa ficar ainda melhor.

— Não vamos fazer nada que nos leve à morte.

— Nada nos levará à morte.

Ele devia ser muito íntimo do tal príncipe para fazer uma afirmação como aquela. Uma intimidade que ainda me parecia suspeita.

— Quando ele volta? — indaguei.

— Quem?

— O príncipe.

— Eu não sei. Pode ser amanhã, como pode demorar dias.

— Espero que demore meses, ou anos.

— Como você pode odiar tanto alguém que ainda nem conhece? E se ele for diferente de tudo o que imagina?

— Só se for diferente para pior. Alguém que se considera dono de uma pessoa, não pode ter o mínimo de decência ou dignidade.

Senti seus músculos se enrijecerem sob mim, de pura irritação, como se falar mal do tirano o ofendesse profundamente.

Sentindo a irritação me invadir, ergui a cabeça para o encarar.

— Você defende demais esse príncipe. O que diabos há entre vocês?

Mordi meu lábio inferior, arrependida por ter dito aquilo. Como já esperado, sua fisionomia se fechou. Um

misto de fúria e espanto refletiam na expressão do seu olhar, trazidos pela compreensão sobre o que eu acabara de insinuar.

Droga! Eu precisava aprender a controlar minha língua.

— Então é isso que você pensa? Que sou um... um... homossexual?

Com um gesto brusco, ele levantou-se, quase me fazendo cair do seu colo.

— Eu não disse isso.

— Foi exatamente o que você disse.

— É que eu acho estranho toda a liberdade que esse príncipe dá a você, te deixando sair na limusine real, me levar para conhecer a cidade. Homens árabes não agem assim, não deixam suas amantes nas mãos de outros homens.

O brilho que surgiu na sua expressão foi de uma ira assustadora, com uma veia latejando em sua têmpora. Quando ele deu um passo em minha direção, recuei outro, apavorada, mais uma vez arrependida de ter aberto a boca.

Se na minha cultura o homossexualismo era algo corriqueiro, insinuar uma coisa dessas de um homem educado de acordo com a cultura islâmica era o fim da picada.

— E sua mente insana foi logo pensando o pior de mim! — acusou, rispidamente.

— Me desculpe. Eu não devia ter dito isso.

Recuei até que minhas pernas encontraram a barreira da cama e caí sentada nela enquanto o medo me percorria.

— Eu devia te amarrar nessa cama agora mesmo e te mostrar quem é o homossexual aqui — falava com sua mandíbula furiosamente trincada, os olhos reluzentes de ira, os punhos cerrados.

— Eu já pedi desculpas.

— Você precisa entender que o que é corriqueiro no seu país, pode ser uma grande ofensa no meu.

— Certo. Já entendi.

Omar permaneceu em silêncio durante um longo momento, tão furioso que sua mão tremia. Seu olhar brilhante de fúria deixou meu rosto, percorreu os lençóis emaranhados, depois passaram pelo espaldar da cama, dando a entender o que ele pretendia.

Em pânico, subi no colchão e engatinhei até o outro lado da cama.

— Não faça nada do que possa se arrepender depois.

— Se você acha que sou gay, por que tem tanto medo que eu te amarre nessa cama e te coma até que não

Lamentei profundamente ter dito aquelas palavras. Queria que ele tivesse passado a noite comigo, ou pelo menos ficado um pouco mais. Todavia, agora não sabia nem se voltaria a vê-lo e sem ele meus dias ali seriam ainda mais insuportáveis.

Que grande porcaria! Eu precisava mesmo aprender a pensar antes de falar. Criar um filtro entre minha mente e minha boca.

CAPÍTULO 13

Jasmine

O dia seguinte começou com o café da manhã na companhia de Alzira, que não parava de falar sobre a paixonite aguda que vinha desenvolvendo por um dos guardas, nos últimos dias. Segundo ela, o havia conhecido há poucos dias, no pomar do palácio, quando ele se aproximou enquanto ela colhia frutas. O que me deixou mais espantada foi a naturalidade com que ela disse que ele era casado. Mas, de acordo com a cultura local, um homem podia ter até quatro esposas.

— Se eu te contar uma coisa, você jura guardar segredo? — indagou, toda eufórica por estar no primeiro relacionamento da sua vida.

E certamente o último.

— Claro.

Ela olhou em volta, checando se ninguém estava perto o bastante para nos ouvir.

— Ontem à noite, nós nos encontramos perto do lago e fomos até o final.

Fitei-a realmente alarmada. Ainda de acordo com sua louca cultura, ter relações sexuais com um homem que

não fosse seu marido, era motivo para uma grave punição.

— Você está me dizendo que vocês...

— Sim. Nós transamos. E foi maravilhoso.

Desta vez fui eu quem olhou em volta, checando se não estávamos sendo ouvidas.

— Alzira, será que você ficou louca? Se descobrirem vão te açoitar com um chicote.

Senti pena quando vi toda a empolgação dar lugar ao desânimo desolador que tomou conta do seu semblante.

— Mas você disse que é normal ter relações sexuais antes do casamento.

Ai, meu Deus! Então se ela fosse pega, a culpa seria minha.

— É normal de onde eu venho e em muitas outras regiões do mundo. Mas não aqui. Se descobrirem, nada acontecerá a ele, mas você estará em apuros.

— Ninguém nunca vai descobrir. Quando souberem, nós já estaremos casados. — O sorriso dela foi de orelha a orelha. — Ele disse que se casará comigo. Isso não é maravilhoso?

— É sim. Mas não conte isso a mais ninguém, ouviu?

— Eu sei. A única em quem confio é você.

Ela continuou falando sobre suas aventuras com o tal guarda durante todo o café da manhã. Segundo sua narrativa, ele se chamava Naim, era filho de um rico agricultor, morava em uma fazenda com a esposa e os dois filhos e passava a semana toda em Al Saud, na residência dos empregados.

O resto do meu dia não foi mais empolgante que o café da manhã. O tédio e a nostalgia me acompanhavam o tempo todo. Mesmo quando tive a aula de dança do ventre, sob as orientações de Dahab, com as outras mulheres como plateia, não consegui me animar. Tudo que eu conseguia pensar era em Omar, no calor dos seus braços fortes me envolvendo, no quanto havia se sentido ofendido com minha desconfiança. Eu queria vê-lo novamente e me desculpar, fazer com que entendesse os meus motivos, o fato de que, na minha cultura, aquela não era uma acusação tão grave assim.

Esperei que ele aparecesse na minha janela durante a noite, mas não aconteceu e a solidão continuou sendo minha companhia constante. Na noite seguinte, mais uma vez esperei por ele, porém, mais uma vez, fiquei desapontada. Realmente o havia enfurecido a ponto de não querer mais me ver.

Incapaz de continuar suportando tamanha solidão, acabei cedendo ao impulso de ir procurá-lo no jardim, no

mesmo local onde o vira fumando por duas vezes, perto do gazebo, mesmo ciente do perigo que isto representava. Se fosse apanhada por um dos guardas, certamente seria cruelmente punida, talvez morta, mas ainda assim eu iria.

Decidida, esperei que desse mais ou menos o mesmo horário em que o encontrei das outras vezes e pulei a janela para o lado de fora do quarto. Senti-me livre e revigorada ao finalmente respirar um pouco de ar puro sem a barreira sufocante do hijab. Como precisava de um pretexto para ir encontrá-lo, levava os livros que me emprestara debaixo do braço. Pediria que os devolvesse e me trouxesse outros.

Eu estava ciente de que, se aceitasse minhas desculpas, Omar tentaria transar comigo de novo, pois era só o que ele queria. Mas, e daí, se era isso que eu queria também? Eu havia chegado à conclusão de que o fato de estarmos nos encontrando escondidos, de termos dormido juntos no arvoredo, já seria suficiente para que o maldito príncipe mandasse nos enforcar, caso ficasse sabendo. Irmos um pouco mais além não faria a menor diferença. Eu seria dele esta noite, já que era o que meu corpo pedia, e nada me faria voltar atrás nessa decisão.

Eu seguia pelo mesmo percurso que fizera antes, rumo ao gazebo. Ao passar perto de uma moita de palmeiras, ouvi um ruído partindo de lá e um pinicão

desceu pela minha nuca, anunciando um mau presságio. Havia alguém escondido ali, observando-me.

Antes que eu tivesse tempo de procurar um esconderijo, meu mais terrível pesadelo se materializou bem diante dos meus olhos, na forma de um guarda que surgiu repentinamente de trás da moita, como se emergisse do vento. Estava vestido com trajes típicos árabes, empunhando uma metralhadora, a qual apontou direto para a minha cabeça. Seus olhos escuros, terríveis, expressavam surpresa ao fixarem-se em mim.

Tentei correr, mas o pavor mortificante me paralisou, minhas pernas trêmulas recusaram-se a obedecerem às ordens da minha mente, um frio congelante se instalou em minhas veias, fazendo-me estremecer.

— Quem é você e o que faz aqui? — indagou ele, rispidamente.

Se eu dissesse que era amante do príncipe, uma *alkaliba,* seria muito pior.

— Não sou ninguém, senhor. Só uma empregada nova.

— Pelo sotaque é americana. — Ele abaixou a metralhadora e seus olhos terríveis desceram pelo meu corpo. — Não sabe que é perigoso uma mocinha tão bonita sair por aí vestida desse jeito? Pode deixar um dos homens excitado e já viu, né?

A malícia no tom de sua voz parecia tão horripilante quanto sua expressão de pura maldade.

Quase em desespero, olhei na direção do gazebo onde Omar costumava fumar, esperando vê-lo, ou mesmo sentir o cheiro da fumaça do seu cigarro, o que me daria indícios de que ele estava lá. Contudo, embora não estivesse muito distante, não vi qualquer vestígio da presença dele, o que me deixou ainda mais em pânico. Pensei seriamente em gritar, mas isso só pioraria as coisas, pois atrairia mais guardas para me ameaçar.

— Eu só vim ver uma coisa aqui rapidinho. Já vou entrar.

Dei meia volta, esperançosa de que ele me deixasse em paz, mas seria muito otimismo esperar por uma coisa dessas. Como eu temia, o sujeito barrou meu caminho com a metralhadora, colocando o cano longo à minha frente, fazendo o terror se expandir em minhas entranhas.

— Não tão depressa. Já que estamos só nós dois aqui, podemos nos divertir um pouquinho.

— Tenho que ir.

Quando tentei passar, ele se pôs à minha frente, descaradamente ergueu a mão e apertou um dos meus seios, por cima do tecido do vestido.

Minha reação foi impulsiva e imediata. Quando dei por mim, já estava levantando a mão no ar e desferindo

uma bofetada estalada em seu rosto, como se fosse capaz de enfrentar a força física de um homem, mesmo um magricela como aquele.

— Vadia! — exaltou-se.

Com seu punho cerrado, ele devolveu o soco, acertando bem no meio do meu rosto, violentamente, o que quase me fez perder os sentidos. Vi o jardim inteiro girar diante dos meus olhos, minha visão ficou subitamente turva e minhas pernas ameaçaram ceder. Porém, lutei valentemente contra a inconsciência, pois se desmaiasse seria pior.

Os livros debaixo do meu braço caíram no chão quando o homem imundo me agarrou por trás, tapando minha boca com a mão áspera e fétida, arrastando-me para algum canto escuro. Escorou-me na parede de alguma das residências, sem que eu conseguisse distinguir qual delas. Talvez a dos empregados homens. Depois de fazer o que quisesse comigo, talvez chamasse seus amigos para me estuprarem também.

Meu Deus! Eu estava mesmo ferrada.

Ainda tonta pelo soco, eu tentava lutar contra ele, mas suas forças físicas iam muito além das minhas e logo suas mãos sujas estavam no meu corpo, infiltrando-se por baixo da saia longa e folgada do vestido, enquanto o peito

me esmagava contra a parede, e o hálito com fedor de podridão alcançava minha face.

— Não precisa ter medo. Não vou te machucar. Além disso, eu sou rapidinho. Logo termino — disse ele.

As mãos imundas alcançaram minha calcinha e a puxaram para baixo sem nenhuma dificuldade, em seguida foram para o cós da sua calça, enquanto eu me debatia com braços e pernas, em uma fracassada tentativa de me libertar.

— Por favor, não faça isso. — Apenas ao pronunciar as palavras, me dei conta de que estava chorando, um soluço cortava minha voz carregada de súplica.

Ignorando minha agonia, ele continuou. Abriu o fecho da sua calça e uma repulsa insuportável tomou conta de mim quando senti a ponta da ereção resvalando a pele da minha coxa, me sujando com seu líquido, tentando alcançar minha intimidade, sem que eu pudesse fazer nada para impedi-lo.

A sensação de humilhação e impotência era devastadora.

— Não! — gritei, desesperada, enfurecida. — Me solta, seu desgraçado!

Nesse instante, como se um aspirador gigante tivesse surgido atrás dele, o homem foi tragado para trás,

arrancado bruscamente do lugar, puxado repentinamente. Mas não era um aspirador, era Omar. Graças aos céus!

Agindo como uma fera indomável e furiosa, ele jogou o homem no chão e montou em sua cintura, dando início a uma sequência de socos brutais dos dois lados do seu rosto; sua face, aos poucos, foi se transformando em uma mancha vermelha, visível mesmo em meio à semi escuridão.

Temi que Omar o matasse e com isto enfrentasse consequências terríveis. Tentei interferir, o deter, mas estava desnorteada demais, desorientada. Tudo o que consegui foi cair sentada no chão e chorar, desenfreadamente, sentindo-me humilhada, suja, machucada.

— Já chega. Se continuar vai matá-lo — consegui falar por fim, com minha voz soando fraca e trêmula.

Como se não tivesse me ouvido, Omar continuou montado em cima do sujeito, socando-o violentamente, mesmo que ele parecesse já desacordado.

Minha nossa! Se eu não fizesse nada, ia matá-lo.

Aflita, levantei-me e toquei firmemente em seu ombro.

— Por favor. Já chega. Se ele morrer vai ser pior para você.

Como se minha voz, unida ao toque da minha mão, o arrancassem de uma espécie de transe, Omar finalmente parou. Levantou-se e colocou-se diante de mim, sua fisionomia me pareceu tão animalesca e selvagem que recuei um passo, assustada.

Sua face estava coberta de suor, o semblante contorcido de fúria, os olhos vidrados de um ódio aterrador, suas mãos cobertas de sangue.

— Você está bem? — indagou ele, com seus olhos examinando-me dos pés à cabeça.

Apenas quando me segurou pelos dois braços, apertando-os firme demais, percebi que estava tremendo.

— Eu vou ficar — murmurei.

Omar tentou me envolver com seus braços, mas algo que não consegui compreender me fez repeli-lo, um estremecimento forte atravessou meu corpo. Uma profusão de nojo, medo, humilhação e desespero ergueu uma barreira invisível entre nós. Contudo, logo me dei conta de que era ele, o homem por quem tanto meu corpo clamava, o cara que acabara de impedir que eu fosse estuprada. A constatação me fez aproximar dele quase com um pulo, entregando-me ao abraço que veio forte e acolhedor. Em seus braços, eu consegui me sentir segura de novo. O pranto que continuou rolando pelo meu rosto era de puro alívio.

Chorei agarrada a ele durante um longo momento, os soluços sacudiam meu corpo, com seu rosto de encontro ao alto da minha cabeça, seus braços firmes em volta de mim.

— Me desculpe. Eu não devia ter saído do quarto sem o hijab — falei, com a voz trêmula.

— Não foi culpa sua. Esses caras são uns animais. Nem todos nós árabes somos assim e pode ter certeza de que esse aí vai pagar caro pelo que fez.

Afastei o rosto para encará-lo. Ia pedir que não deixasse o sujeito ser morto, mas apenas preso e castigado. Por mais monstruoso que ele fosse, era um ser humano e eu não queria que uma vida se perdesse por minha causa. Porém, antes que eu tivesse tempo de falar, a voz do estuprador partiu de trás de Omar e nós dois nos viramos ao mesmo tempo para ele. Estava ajoelhado sobre o gramado, ainda meio bambo pela surra, os ombros encolhidos, o rosto ensanguentado, os olhos fixos no chão.

— Alteza, eu suplico pelo vosso perdão. A moça estava vestida inadequadamente, a essa hora sozinha no jardim. Não consegui me controlar. Em nome da vossa infinita bondade, eu suplico pela sua misericórdia, meu príncipe.

— Cale a boca, desgraçado! — Omar vociferou, ao mesmo tempo que desferia um violento chute no rosto

dele, arremessando-o para trás, fazendo com que caísse de costas no chão, desacordado. Depois fechou sua mão em torno do meu braço e saiu me puxando rumo à moradia das empregadas.

Demorei alguns instantes para processar o que aquele homem dissera. Ele chamou Omar de Alteza, de príncipe. *Seria isso possível? Omar era o príncipe herdeiro? O homem que me comprara como uma mercadoria e vinha mentindo para mim esse tempo todo? Mas com que finalidade?*

Enquanto era levada pelo braço, juntei as peças na minha cabeça. Lembrei-me da primeira vez em que o vi fumando no gazebo perto do lago, à vontade como apenas alguém da realeza ficaria ali. Depois no palácio real, emprestando-me livros sem qualquer preocupação em ser repreendido e, por fim, lembrei-me da comitiva que nos levou ao passeio há dois dias, do fato de não termos deixado o veículo nenhuma vez. O príncipe jamais deixaria outra pessoa usufruir da limusine dele, tampouco sair por aí na companhia da sua amante e apenas alguém da realeza precisaria de todos aqueles seguranças. Se não saímos do veículo, foi para que a multidão não o visse e deixasse claro quem era.

Droga! Era ele mesmo. Não existia mais dúvida. Como não percebi isso antes?

Agindo por impulso, puxei meu braço da sua mão com um safanão, afastando-me alguns passos.

— Aquele sujeito te chamou de Alteza. Você é o príncipe — falei, com tom de acusação.

Ele passou os dedos entre os cabelos curtos, em um gesto de impaciência.

— Não era para você saber ainda, mas, como ele disse, eu sou mesmo.

— Como assim, não era para eu saber? Até quando achou que ia me esconder uma coisa dessas?

— Acho que isso não importa mais se agora você já sabe. — Ele se aproximou de mim, enquanto eu me afastava. — Vamos sair daqui. Preciso te deixar em seu quarto e voltar antes que aquele imbecil acorde e fuja.

Tentou segurar-me novamente pelo braço, mas o puxei com outro safanão.

— Não me toque! — esbravejei, sentindo a bile subir pelo meu estômago.

Nesse instante, a fisionomia dele endureceu, assumindo uma frieza assustadora.

— Não tocar? — indagou, como se eu tivesse falado algum absurdo, com sua voz tão fria quanto seu olhar. — Será que você ainda não entendeu que pertence a mim? Eu posso te tocar como e quando eu quiser. Portanto, nunca mais me diga o que fazer ou não com você.

Com aquela postura imponente e ameaçadora, que desde o início me deixou intimidada, assustada, ele avançou em minha direção, lentamente. E, mais uma vez, segurou em meu braço, deixando claro que eu não passava de um objeto que lhe pertencia, com o qual podia fazer o que bem quisesse. Um objeto sem vontade própria, sem sentimentos, cuja existência dependia inteiramente dele.

Talvez, devido ainda ao trauma acarretado pela tentativa de estupro, meu organismo reagiu de forma desmesurada, repelindo-o violentamente. Meu estômago se revirou, minha cabeça girou. Inclinando-me para a frente, vomitei todo o jantar e fiquei completamente tonta, minhas pernas ameaçando falharem, minha vista embaçando. Era como se toda a tensão vivida nos últimos dias viesse à tona ao mesmo tempo, me tornando fraca, doente, incapaz de me manter de cabeça erguida, ou mesmo de pé. Tudo o que eu queria naquele instante, era sumir, desaparecer.

— Por Deus! O que você tem? Está pálida como um fantasma — o maldito príncipe disse, ao meu lado.

Novamente, ele tentou me segurar e foi quando eu quis me afastar do seu toque que minhas pernas cederam de vez, obrigando-o a me erguer em seus braços, impedindo que despencasse no chão.

Com meus membros fracos, débeis, tentei pelo menos esmurrá-lo no peito, mas nem disso fui capaz. Como se não bastasse ser dele, estava completamente dependente da sua benignidade. Droga!

— Me solta, seu cretino. Eu odeio você — falei, enquanto ele me carregava rumo à casa das empregadas.

— Odeia nada. Se ainda não soubesse quem sou, estaria nos meus braços agora, mas de outro jeito. Então vê se para de ser implicante.

— Você pode se considerar o meu dono, mas nunca vai poder ditar meus sentimentos. Eu odeio você pelo simples fato de ter me comprado, como se eu fosse um animal e isso nunca vai mudar.

— Eu não te comprei. Eu salvei a sua vida e agora ela pertence a mim. Se não fosse pela minha vontade de te comer, você nem existiria mais.

— Não sou um camelo, que você pode comprar para usar como bem entender.

— Acredite, vou montar em você, mas não como em um camelo. Vai ser de um jeito muito mais agradável.

Eu queria ter dado uma bofetada no rosto dele, por ser tão petulante, mesmo que isso me rendesse algumas chibatadas depois. No entanto, estava tão fraca que mal consegui me mover, embora tivesse tentado.

— Você não passa de um pervertido, um imoral petulante!

— Não precisa dizer mais nada. Eu já entendi. Aliás, você tem deixado claro, todos os dias, o que pensa sobre mim. De acordo com suas palavras, sou impotente, tenho o pau minúsculo e sou gay. Quando eu te pegar de jeito, você vai descobrir o quanto errou em todos esses julgamentos.

— Você nunca terá o que quer! — retruquei.

— Terei sim. E você vai adorar. Vai me pedir para te comer todo dia.

— Vai sonhando.

sexual submissa, cheia de gratidão e ansiosa para o agradar, como certamente eram as outras. Ele podia até chegar a me possuir, mas teria que me pegar à força, pois eu jamais me entregaria por vontade própria. Não enquanto fosse uma prisioneira.

Não demorou muito, a médica apareceu para me examinar. Era a mesma mulher que me aplicou uma injeção anticoncepcional quando cheguei a Al Saud.

Sob o olhar atento do príncipe, ela verificou minha pressão arterial, mediu a glicose, fez mais alguns procedimentos, inúmeras perguntas sobre o que aconteceu, até que por fim declarou que se tratava de um quadro de estresse pós-traumático. Me deu alguns remédios para o enjoo, a tontura, além de um calmante e me disse que eu precisava descansar.

Sob o efeito do medicamento, fui relaxando rapidamente. Estava muito sonolenta, quase adormecendo quando ouvi o príncipe ordenando a ela que ficasse comigo enquanto ele resolvia algo lá fora. Em seguida, ele deixou o aposento. Certamente fora cuidar do castigo do estuprador e eu só esperava que não o matasse, mas apenas o prendesse. A pena de morte não era algo com o que eu concordasse.

Tentei lutar contra o sono, mas foi impossível. Antes de adormecer, ainda ouvi a voz dele novamente no quarto.

Ao tentar abrir os olhos para verificar se estava mesmo lá, tive o vislumbre de uma imagem embaçada sua sentado na cadeira perto da cama, mas podia ser apenas o início de um pesadelo.

***

O sol forte de um novo dia que se iniciava já se infiltrava no quarto, através da pequena fresta na cortina da janela, quando despertei. Era uma manhã tão quente que eu sentia meu corpo febril, ardente, embora a sensação fosse agradável até demais. Talvez tivesse esquecido de ligar o ar-condicionado, ou talvez os medicamentos estivessem apresentando algum tipo de efeito colateral que me deixava daquele jeito, a ponto de ferver, com o bico dos meus seios doloridos, a pele sensível.

Instintivamente, apertei as pernas uma na outra e me descobri toda lambuzada entre as coxas, meu clitóris inchado, sensível. Apertei-as novamente e soltei um arquejo, com a excitação me varrendo de cima a baixo. Eu devia ter tido um sonho muito pornográfico para acordar naquele estado. Ainda de olhos fechados, tentei lembrar, mas nada me veio à mente.

Em busca de um alívio para tamanha excitação, tentei levar a mão ao meu sexo, no entanto, somente

quando me movi, percebi que não estava sozinha na cama. Aterrorizada, abri os olhos e vi o braço, musculoso e peludo, jogado por cima de mim, ao mesmo tempo em que tomava consciência do corpo másculo colado ao meu, por trás, uma perna sobre meus quadris, a ereção empurrando minha bunda, o que explicava todo aquele turbilhão de sensações que me invadia.

Virei o rosto para trás e, ao me deparar com o príncipe deitado atrás de mim, de conchinha, adormecido, com o peito nu, levei um susto tão grande que soltei um grito agudo, alto, enquanto pulava da cama com um sobressalto, como se ela estivesse coberta de formigas.

Acordado pelo meu grito, ele se sentou de supetão, com o lençol cobrindo-o da cintura para baixo.

— O que houve, o palácio está pegando fogo? — indagou ele, sobressaltado.

— Não que eu saiba.

— Então por que essa gritaria?

— Você me assustou. O que diabos está fazendo aí?

Ele voltou a se deitar, novamente relaxado.

— Ah, foi só isso?

— Como assim foi só isso? Você não pode abusar de mim enquanto estou dormindo.

— Eu não fiz nada disso. Sequer toquei em você. Só deitei aqui porque a cadeira estava me dando dor nas costas e a cama tem bastante espaço. — Seu olhar pensativo desceu pelo meu corpo, examinando-me. — Está se sentindo melhor?

Eu estava ótima. Apenas ainda levemente sonolenta, devido ao efeito do medicamento.

— Estou bem. Só preciso de um banho quente e demorado.

Eu precisava me livrar da sujeira daquele imundo, ainda em cima de mim. No entanto, minhas palavras provocaram alguma reação no homem deitado na minha cama, pois seus olhos se transformaram em fogo puro, enquanto fitavam os meus e, de repente, senti minha face enrubescendo ao visualizar mentalmente uma imagem de nós dois submersos em uma banheira de espuma, completamente nus.

Instintivamente, meus olhos desceram pela sua seminudez e se detiveram na gigantesca protuberância na altura do seu colo, o que me fez corar ainda mais.

— Gostando do que vê? — Sua voz rouca, carregada de insinuações, penetrou minha mente e praticamente dei um pulo para trás, reprimindo o turbilhão de sensações que ameaçava tomar conta de mim.

Eu precisava sufocar o desejo que aquele homem me despertava. Ele não era um simples conselheiro, não era o sujeito humilde e generoso que acreditei ter conhecido. Era um ditador perigoso e mortífero, que me considerava sua propriedade.

— Acho melhor você sair daqui, Omar. Preciso de privacidade — pronunciei seu nome falso sem ao menos perceber.

— Meu nome não é Omar, e sim Jawad. Príncipe Jawad. — Ele se levantou, usando apenas uma calça. Quando veio em minha direção precisei me esforçar valentemente para não descer meu olhar para o peito nu, coberto por pelos escuros. — Repete comigo: Jawad.

— Eu prefiro Omar. — Fitei-o desafiadoramente, fazendo questão de parecer insuportável, pois talvez assim o mantivesse longe de mim.

— Não me chame de Omar de novo. Diga Jawad. Agora!

A ordem partiu quase como uma ameaça e me apressei a obedecê-lo.

— Jawad.

— Ótimo. Gostei do som dele na sua voz. — Pegou sua camisa pendurada no espaldar da cadeira e começou a se vestir. — Tenho vários compromissos para hoje, mas

estarei aqui ao meio-dia para almoçar com você. Esteja pronta.

— Pronta para quê? Vai me estuprar como aquele porco tentou ontem?

Seus lábios se dobraram no vislumbre de um sorriso, porém o que se refletiu no brilho do seu olhar foi uma frieza cortante, tão intimidante que me fez recuar alguns passos.

Talvez confrontá-lo a todo momento não fosse o caminho mais inteligente a seguir, visto que, como ele mesmo dissera, minha vida pertencia a ele e podia tirá-la na hora que quisesse, sem que ninguém pudesse fazer absolutamente nada para o impedir. Embora o simples ato de olhar para ele fosse suficiente para me deixar irritada, eu precisava tomar mais cuidado.

Jawad se colocou à minha frente, a poucos centímetros de distância, ainda fechando os botões da sua camisa.

— Se essa for a minha vontade, vou sim. E você não terá ninguém para socorrê-la, como a socorri ontem. Embora eu duvide que vá querer ser socorrida quando estiver acontecendo. — Sua voz era baixa e ameaçadora, o olhar frio como gelo. — Mas a princípio precisamos tratar de negócios.

— Não vou escrever nada de bom sobre você. Nem perca seu tempo tentando me convencer.

Droga! Por que eu não conseguia controlar minha língua?

— Sim, você vai. Fará tudo o que eu quiser e mandar. — Segurou-me pelo queixo e aproximou sua face da minha, com os olhos gélidos fixos nos meus. — Entenda de uma vez que a sua vontade agora pertence a mim, que fará tudo o que eu quiser, que seu querer é o meu querer, assim como tudo em você é meu, inclusive a sua vida. Tudo o que você tem a fazer é ouvir e obedecer.

Apesar de baixa, sua voz estava carregada de uma ameaça aterradora, que me fez gelar por dentro. Ainda assim, fui incapaz de apenas me calar e assentir, como deveria.

— Nunca! — retruquei, puxando meu queixo da sua mão.

— É o que veremos.

Dito isto, ele se dirigiu para a porta e deixou o aposento.

Passei quase uma hora de molho na banheira de água quente, com bastante espuma, limpando-me da sujeira que ainda sentia em meu corpo, das mãos daquele porco imundo, e ao mesmo tempo relaxando, esquecendo-me do que houve.

Ao sair do banho, eu me vesti para ir tomar o café da manhã no refeitório, novamente fazendo a refeição com Alzira, que já sabia sobre a tentativa de estupro pela qual passei. Todas ali já sabiam, inclusive algumas vieram prestar suas condolências a mim. As mais conservadoras achavam que mereci aquilo, por ter saído do meu aposento sem o hijab.

O que mais me impressionou, foi que todas elas tinham ordens de não me deixar saber que o príncipe estava no palácio e não em viagem, como me fizeram acreditar. Quando cobrei Alzira pela deslealdade em me esconder uma informação como aquela, ela disse que a punição para quem me contasse seria ter a língua cortada e, após ouvir isso, nem tive mais como culpá-la.

De volta ao aposento, encontrei uma pilha de livros sobre a mesinha, certamente deixada ali por alguém a mando da Vossa Alteza. Eram dois romances históricos e três contemporâneos, alguns dos quais eu já havia lido.

O príncipe estava redondamente enganado se acreditava que podia me comprar com livros. Eu não permitiria que ele me ludibriasse com falsas gentilezas. Só os leria porque não tinha mais nada para fazer.

Embora eu soubesse que não havia como evitar que ele fizesse comigo o que pretendia desde o início, que era me levar para a sua cama, eu tentaria pelo menos adiar

esse momento o quanto pudesse. Então, determinada, troquei o vestido por um roupão bem longo e fechado e me deitei, fingindo que ainda estava doente, com sintomas de estresse pós-traumático, a fim de evitar que ele me incomodasse, obrigando-me a ir almoçar em sua companhia, quando obviamente me tornaria sua sobremesa.

Passei a manhã inteira ali, quieta, lendo, mergulhada no sedentarismo. Por volta do meio-dia ouvi uma leve batida na porta e logo em seguida Dahab entrou, elegante e bem arrumada como todos os dias.

— Vossa Alteza solicita a sua presença na residência real — avisou ela.

— Fala para ele que ainda estou doente. Com os mesmos sintomas de ontem.

— Você não me parece nada doente.

— Não pareço, mas estou. Quem é você para julgar? É médica por acaso? — Irritada, fechei o livro e sentei-me recostada no espaldar da cama a fim de fitá-la mais diretamente. — Além de não ser médica, é uma grande mentirosa. O tempo todo você ajudou o príncipe a me enganar, fazendo-me acreditar que ele era apenas um conselheiro.

— Eu cumpro ordens. E você deveria fazer o mesmo. Não é uma atitude muito inteligente confrontá-lo a

todo momento como você faz.

— E quem você pensa que é para me dizer o que fazer?

— Jasmine, não me trate como se eu fosse sua inimiga, até porque você não ia querer uma inimiga como eu. — Fez um momento de silêncio e, como eu não disse nada, continuou falando: — Sabe... a maioria das mulheres da Arábia Saudita daria tudo para estar no seu lugar, recebendo a atenção de um homem como o príncipe. Ele é simplesmente maravilhoso, é lindo, gentil, inteligente, generoso. Se você parasse de confrontá-lo e o tratasse como ele merece, teria tudo dele, seria coberta de ouro e de seda, o acompanharia nas mais incríveis viagens, poderia, inclusive, convencê-lo a deixá-la visitar sua família.

Percebi que ela assumia um olhar sonhador enquanto falava.

— A maioria das mulheres, inclusive você, né?

— Sim. Eu seria a mulher mais realizada do mundo se ele se interessasse por mim. Estaria coberta de joias caras, usufruindo de tudo do bom e do melhor. Mas ele não olha para mim, como olha para você.

— Na minha terra, a mulher que se sujeita a esse tipo de condição tem um nome e é prostituta.

— Pois aqui tem outro nome e se chama mulher sábia. Mas cada pessoa pensa de uma maneira, não é mesmo?

— Isso mesmo.

— Vou avisar a Vossa Alteza que você está indisposta. Com licença.

Com isto, ela deixou o quarto e fiquei quieta, refletindo sobre suas palavras. De algum modo, ela estava certa, até porque, quando a curra não tinha saída, o melhor seria relaxar e gozar, naquele caso, mais gozar do que relaxar. No entanto, embora eu tenha me sentido irresistivelmente atraída pelo príncipe desde o início, quando acreditei que era outra pessoa, eu não tinha estômago para ir para a cama com um homem por obrigação, ou em troca de coisas materiais. Podia ser tolice da minha parte, mas era uma tolice que fazia parte de mim, da minha essência, da forma como fui educada pelo meu pai.

Por mais que aquele homem exercesse essa atração descabida sobre mim, tudo havia mudado depois que descobri que ele se considerava meu dono. Provavelmente eu teria nojo de mim mesma e me sentiria suja como quando aquele demente me atacou na noite passada, se fosse para a cama com ele por obrigação, por coerção, embora isso não pudesse ser evitado. Em algum

momento eu teria que pagar o preço por ele ter salvado a minha vida, teria que cumprir a função pela qual estava ali. Eu só esperava que não fosse logo e estava grata por ter conseguido um pretexto para adiar isso por mais aquele dia.

CAPÍTULO 15

Jawad

Definitivamente aquele dia havia começado péssimo e estava indo de mal a pior. Said Amin era o nome do jornalista que parecia determinado a arruinar o meu principado. Eu não podia dar um espirro que ele noticiava em seu maldito jornal, sempre propagando um escândalo que logo ganhava proporções mundiais. Se autodenominava de progressista, mas era apenas um encrenqueiro da pior espécie.

Quando surgiu um caso de corrupção na minha família, envolvendo dois primos e um tio, há alguns anos, fez disso a notícia do século. Porém, quando puni os responsáveis, fez parecer que eu era um ditador frio e insensato, que mandava prender os membros da família para não correr o risco de perder a coroa para um deles. Foi ele também quem deixou o mundo inteiro saber sobre as princesas não terem permissão para saírem da residência real e, como sempre, deu a entender que isso era algo terrível, quando na verdade era um costume bastante comum manter as jovens moças em casa, na nossa cultura.

Como se não bastasse, esta manhã, mais uma vez, minha foto saiu estampada na primeira página do seu jornal, com uma grande legenda me denominando de carrasco ditador, pelo simples fato de eu ter mandado castrar o animal que teve a ousadia de colocar as mãos em Jasmine e tentar violentá-la. Ele foi castrado durante a madrugada e, pela manhã, a notícia já estava no jornal. Alguém em Al Saud estava passando informações para aquele bastardo e eu ia arrancar a cabeça de quem quer que fosse, quando descobrisse sua identidade. Ah, se ia!

Como sempre, a história da castração foi o destaque da matéria, o fato de o canalha ter tentado estuprar uma mulher, mal apareceu na notícia. Por um lado, até que foi bom assim, pois o nome de Jasmine ficou fora dessa história. Se ela fosse mencionada, o escândalo teria sido ainda maior, já que o mundo inteiro acreditava que eu a mantinha no palácio como minha refém. Disse apenas que ele atacara uma empregada da residência real.

Como se não bastasse todos os meus problemas, meu pai continuava insistindo naquele maldito casamento com minha prima Najah. Havia marcado um almoço com a família dela sem ao menos me consultar. Estavam quase chegando a Al Saud. Logo hoje, que eu pretendia almoçar com Jasmine e quem sabe talvez, se tivesse sorte, finalmente enfiar meu pau nela, como vinha desejando

fazer desde o dia em que a vi pela primeira vez, naquela praça, prestes a ser enforcada.

Meu pau era mesmo um descontrolado, com tantas mulheres na Arábia Saudita dispostas a qualquer sacrifício em troca de alguns minutos na minha cama e ele querendo comer a mais birrenta e pirracenta de todas. Eu nunca ia entender.

Pelo menos eu teria tempo de conversar um pouco com ela antes que os convidados do meu pai chegassem. Não era apenas a boceta dela que eu queria, precisava convencê-la a escrever os artigos para mim, já que, no momento, essa era a única forma que eu via de melhorar a imagem da minha família e do meu país lá fora.

Eu a aguardava em meu aposento. Almoçaríamos na sacada com vista para o arvoredo onde passamos uma noite nos braços do outro, se meu pai não tivesse marcado aquele maldito encontro com a família de Najah. Na hora combinada, houve uma leve batida na porta, mas quem entrou foi Dahab, sozinha, o que fez com que uma veia latejasse em minha têmpora. A irritação levou meu sangue a ferver nas veias.

— Majestade, com sua licença.

Dahab reverenciou-me respeitosamente, curvando-se diante de mim, dizendo as palavras com sua voz suave, meiga. Era uma bela mulher, alta, dona de um corpo bem

esculpido, com a pele naturalmente bronzeada, olhos cor de mel e uma boca carnuda até demais. Além de bonita, era educada, mansa e submissa. Eu não entendia por que nunca me interessei em torná-la minha amante. Ela sim, com toda a sua benevolência, me faria um homem feliz, pois estaria sempre pronta para me satisfazer. Ali mesmo, naquele instante, se eu mandasse que ela se ajoelhasse aos meus pés e chupasse meu pau, ela obedeceria sem hesitar. Mas o meu pau gostava mesmo era de problemas.

— Onde ela está? — indaguei, irritado, impaciente.

— Majestade, Jasmine disse que ainda se sente doente depois de ontem e pediu humildemente que o príncipe perdoe a sua ausência.

— Ela pediu humildemente? — Ergui uma sobrancelha, duvidando daquilo.

— Não exatamente com essas palavras. Mas disse que se sente doente.

Jasmine realmente não me parecia nada bem depois do que aquele miserável fez com ela. Era para ele estar morto agora, se ela não tivesse me pedido que não o matasse. Apesar de ter me parecido bem melhor pela manhã, podia ter tido uma recaída. Felizmente tínhamos uma médica no palácio. Por outro lado, podia estar inventando aquela história para não vir me ver. Como eu

Mas não se exponha mais que o necessário. Tenha cuidado com os soldados. Evite se aproximar.

— Claro, Majestade.

— Tudo bem. Pode ir. — Fui firme ao dizer.

— Como queira. Com sua licença.

Pouco tempo depois, eu estava em um dos salões da residência real, vestido a rigor, com a túnica branca longa, o ghtrah quadriculado vermelho, a echarpe com fios de ouro pendurada nos ombros. Na companhia dos meus pais e das minhas duas irmãs, eu recebia a família de Najah, minha possível futura noiva.

Sua mãe era irmã do meu pai. Como uma mulher não podia receber um título real, seu marido era o Ministro da Fazenda, um título muito importante na nossa hierarquia. Como Najah era filha única, vieram apenas os três.

Inicialmente, cumprimentaram meu pai, que ocupava seu lugar ao trono; em seguida se dirigiram aos demais, nos cumprimentando com o devido respeito. Quando Najah se colocou diante de mim, parecendo segura demais para uma mulher que estava diante do seu possível futuro marido, reparei bem nela, com olhos de um homem que olhava para uma mulher, como nunca havia feito antes, pois sempre a vi quase como uma irmã. Até que era uma mulher bonita, com os cabelos ocultos pelo hijab, tinha a

pele morena e olhos castanhos. Eu poderia julgar melhor se visse um pouco mais além da seda do vestido folgado e longo que usava.

Eu não tinha ideia de como ela se sentia em relação àquela proposta de casamento, podia estar pensando em cortar os pulsos para não ter que se prender a mim, assim como podia estar feliz com a ideia. Nós nunca tivemos a oportunidade de conversar a respeito, até porque era uma proposta recente, pensada pelo meu pai.

Seguindo as etiquetas, permanecemos no salão principal até que uma das governantas anunciou que o almoço estava servido, quando então nos colocamos em torno da grande mesa retangular, com lugar para pelo menos uma dúzia de pessoas, no salão de jantar. Como sempre, meu pai ocupou a cabeceira, comigo à sua direita.

Enquanto comíamos, conversamos sobre o ministério do meu possível futuro sogro, entre outros assuntos importantes, até que, quase ao final da refeição, o rei tocou no assunto pelo qual nos reuníamos ali:

— Como já é de conhecimento de toda a nação, Jawad foi o filho que escolhi para herdar o trono. Atualmente está à frente da liderança de nosso país, devido a problemas de saúde que estou enfrentando. Não vai demorar mais muito tempo para que ele se torne o rei e, como todo soberano, precisa de uma mulher ao seu lado.

Najah teve uma educação muito boa, nunca se ouviu qualquer boato sobre a conduta moral dela. Por isso faço gosto de que se torne esposa do meu filho.

— Majestade, estamos honrados que a tenha escolhido e fazemos gosto desta união — disse o pai de Najah.

O rei lançou seu olhar inquiridor rumo à mãe dela, sua irmã, e ouviu o mesmo discurso aprovador. Em seguida foi a vez de ouvir a própria Najah.

— Será uma honra para mim, Majestade. Garanto que posso fazer o príncipe muito feliz.

Droga! A opinião dela não ajudava muito nos meus planos de continuar solteiro.

Quando todos à mesa olharam na minha direção, foi a minha vez de expressar a minha opinião e tentei enrolar o máximo possível, abordando assuntos que não tinham muito a ver com o tema, falando de soberania e responsabilidades, de modo que ao final da minha fala não havia dito nem que sim, nem que não. Minha vontade era de dizer não, lógico, pois prezava demais pela minha liberdade. Entretanto, tinha certeza de que meu pai tomaria minha coroa e daria a um dos meus irmãos se o fizesse.

Ao final da refeição voltamos a nos reunir no salão principal, para degustar de um pouco mais do chá típico e jogar mais conversa fora. Fiquei surpreso quando Najah

solicitou permissão aos pais, ao rei e a mim mesmo, para conversar comigo em particular, o que demonstrava que, pelo menos, ousadia ela tinha. Restava descobrir se tinha também belas curvas no corpo e algum fogo entre as pernas.

Seguimos para um salão menor e quando me sentei, indicando-lhe a poltrona em frente, ela optou por continuar em pé.

— Vossa Alteza, desde já peço perdão pela minha ousadia em solicitar essa reunião com você. O fato é que Vossa Alteza me pareceu meio indeciso sobre esse casamento e gostaria de esclarecer algumas vantagens que terá ao se casar comigo, para que não tenha dúvidas do quanto será uma união vantajosa.

Cheguei a pensar que ela se livraria daquele vestido largo e me mostraria o quão vantajosa seria aquela união, no entanto, ela apenas continuou falando, andando de um lado para o outro, com meus olhos atentos aos seus movimentos tentando adivinhar como ela era por trás de todo aquele tecido.

— Sei que Vossa Alteza tem ideias progressistas, prova disso foi a permissão que concedeu a nós mulheres para dirigirmos e para cursarmos uma faculdade. É maravilhoso que pense assim. No entanto, existe a necessidade de alguém para mantê-lo com os pés no chão,

para evitar que fira nossa cultura e consequentemente nossa gente.

— E você é a pessoa certa para isto — falei, entediado.

— Claro. Como o rei disse, tive uma educação rigorosamente islâmica. Conheço cada linha do nosso livro sagrado, cada costume, cada tradição da nossa gente. Posso manter Vossa Alteza com os pés no chão quando tentar voar alto demais, mas sem jamais interferir ou ir contra a sua vontade.

O que ela dizia era o oposto do que eu queria ouvir e me deixou completamente entediado. Por outro lado, ela podia estar certa. Talvez o fato de eu tomar atitudes progressistas, nunca tomadas por uma autoridade da Arábia Saudita, me levasse a ultrapassar os limites de vez em quando, e estando ao meu lado ela poderia servir como um freio para quando eu fosse longe demais nas minhas decisões. Além disso, o fato de ela tratar aquela união mais como uma negociação, do que como um matrimônio realmente, deixava claro que jamais se importaria com quantas amantes eu tivesse. Por mais que fosse permitido a um homem ter até quatro esposas, algumas mulheres nunca aceitavam isso pacificamente e menos ainda aceitavam as amantes. Mas Najah parecia prática a ponto de não se importar.

— Acho que você pode ter razão. Talvez eu precise de uma mulher como você ao meu lado — falei e ela abriu um sorriso largo.

Seguindo a tradição, levantei-me e me coloquei diante dela, segurando suas mãos entre as minhas.

— Najah Khan Al-Abadi Nazir, você aceita se casar comigo?

— Será uma honra, meu senhor — respondeu ela, emocionada.

Com isto, a merda estava feita. Said Amin teria mais uma notícia sobre mim para estampar no seu jornal no dia seguinte. Talvez, desta vez, não saísse na primeira página, já que não era algo capaz de gerar um grande escândalo.

O resto daquele dia foi tão estressante quanto o início dele, com vários compromissos a serem cumpridos e decisões a serem tomadas. Finalmente, ao entardecer, tive um tempo livre e decidi ir ver como Jasmine
de saí, olhi

Me perguntando o que diabos Jasmine estava fazendo em uma sala de costuras, segui para lá e entrei. Paralisei diante da porta ao me deparar com a cena. Ao som de uma música animada, que tocava no mesmo aparelho que vi em seu quarto, Jasmine fazia a dança do ventre em meio a uma roda formada pelas empregadas, que batiam palmas perante a sua performance. Tinha a alegria estampada em sua fisionomia e nenhum sinal do mal-estar que alegara sentir mais cedo, certamente como pretexto para não ir ao meu quarto quando chamei, o que despertou uma raiva quase descontrolada dentro de mim, fazendo meu sangue ferver nas veias.

Se havia uma coisa que eu não tolerava era ser enganado, feito de tolo, como ela estava tentando fazer. Além de mentir, tentando me fazer de idiota, ela dançava para as mulheres como se debochasse de mim, já que obviamente todas ali sabiam que ela inventara a doença para não ter que me obedecer.

Eu ensinaria a ela que não era um homem com quem pudesse brincar.

Ao mesmo tempo em que a cólera me consumia, vê-la dançando com aquela roupa, tão linda e sexy, se remexendo daquele jeito provocante, com o corpo praticamente todo à mostra, como dançara somente para mim, há dois dias, fez aflorar em minhas entranhas uma

corrente de tesão tão violenta que me deixou quase cego, dominado pelo turbilhão de emoções que se conflitavam em meu interior. Raiva e desejo me invadindo na mesma medida.

Quando finalmente elas se deram conta da minha presença, o aparelho de som foi imediatamente desligado e em meio ao silêncio carregado de tesão que tomou conta do ambiente, todas se ajoelharam respeitosamente no chão, reverenciando-me, com exceção de Jasmine, que permaneceu tranquilamente de pé, fitando-me com petulância.

Eu faria com que ela engolisse todo aquele desrespeito!

— É assim que você está doente? — vociferei, estrondosamente. A raiva pulsando nas veias, misturando-se à excitação.

— E-eu... e-estou... me sentindo melhor a-agora — ela gaguejou. — Mas realmente não estava bem pela manhã.

Sua decisão de continuar mentindo só serviu para me deixar ainda mais furioso. O estresse e a tensão acumulados durante todo o dia afloraram em meus nervos ao mesmo tempo, fazendo meu sangue ferver ainda mais, tornando-me ainda mais irracional.

Nesse estado, deixei a pulseira e os livros ali mesmo, fui até o meio da sala, segurei-a firme pelo braço, e saí puxando-a para fora, sem que ela tentasse se soltar, obviamente ciente de que seria inútil, pois ninguém ali a ajudaria.

Enquanto Jasmine me acompanhava, tensa e paralisada de medo, seu rosto assustado empalidecia, com seus olhos arregalados. Era bom mesmo que estivesse apavorada pelo que lhe aconteceria.

Sob o olhar compadecido das criadas que íamos encontrando pelo caminho, sem que nenhuma ousasse interferir, arrastei Jasmine até seu aposento e bati a porta por dentro. Em seguida, atirei-a sobre a cama, sem nenhuma delicadeza. Seus olhos azuis arregalaram-se ainda mais de pânico, diante da constatação do que aconteceria.

— Cansei de ser indulgente com você. Se tem uma coisa que não tolero é que me façam de idiota. Já está mais do que na hora de você me dar o que quero, fazer o que veio fazer aqui.

— Eu não fiz você de idiota. Eu juro. Estava realmente doente quando Dahab veio me chamar.

— Não cometa o erro de continuar mentindo para mim, Jasmine.

Quando ela me viu arrancando a túnica longa e o ghtrah, ficando apenas com a calça, tentou escapar engatinhando sobre o colchão, até o outro lado da cama. Porém, a impedi, fechando a mão em torno de sua panturrilha, puxando-a de volta e a virando de frente.

Cego de raiva, me deitei em cima dela, aprisionando seu corpo frágil sob o meu, enquanto ela se debatia, tentando escapar, mas sem a mínima chance. Ainda conseguiu arranhar o meu peito com suas unhas crescidas, causando uma pequena laceração, o que me fez aprisionar seus pulsos contra o colchão, acima da sua cabeça. Ao mesmo tempo em que a imobilizava debaixo de mim, a ereção crescia com o contato do seu calor, o tesão se sobrepunha à ira, levando-me a um estado de espírito quase animalesco.

— Eu sinto muito por ter mentido. Não vai mais acontecer. Por favor, não faça isso — admitiu ela, finalmente.

Só que era tarde demais para me fazer parar. E mesmo que conseguisse, eu não queria parar. Queria finalmente descobrir como era estar dentro dela, sentir seu gosto, seu calor mais íntimo, fazê-la gemer de prazer, como desejei fazer desde o primeiro instante em que a vi.

Dominado por uma luxúria animalesca, descontrolada, levei a mão livre às alças do bustiê e as

puxei para baixo, desnudando os seios lindos, redondos e empinados, com os bicos rosados. Morrendo de tanto desejo, levei minha boca a um deles e passei a língua em torno do mamilo, antes de o abocanhar e chupar forte. O desejo crescia dentro de mim. Meu pau, duro como uma pedra, estava pressionado contra o seu ventre desnudo, enquanto acariciava a pele macia da sua cintura com a mão livre.

Enquanto Jasmine desistia de lutar, permanecendo imóvel, paralisada, passei a boca para o outro seio e mamei como um esfomeado, venerando o gosto de luxúria que ela tinha, sua deliciosa maciez. A excitação me consumia, tomando conta de cada célula do meu ser, aniquilando meu último vestígio de racionalidade. Foi então que ouvi um soluço partindo da garganta dela e ergui a cabeça para observar o seu rosto.

Algo congelou dentro de mim quando percebi que Jasmine estava chorando, desesperadamente, seus olhos lindos expressando o mais impensável horror, a face contorcida de medo.

Por Deus! O que eu estava fazendo? Eu não era um maldito estuprador. Odiava esse tipo de covarde e ainda assim estava agindo como um, por ter pedido a cabeça. *Caralho!* Eu não era esse tipo de homem.

Como se uma força sobrenatural me puxasse por trás, saí de cima dela rapidamente, enquanto Jasmine permanecia lá, imóvel, trêmula, em prantos, causando-me um misto de raiva e nojo de mim mesmo, por ter agido como um animal.

Merda! Em que espécie de homem eu havia me transformado?

Levantei-me da cama e me afastei alguns passos, desejando bater minha cabeça na parede, odiando-me como jamais odiei algo, ou alguém. Respirei fundo algumas vezes, forçando-me a acalmar os ânimos do meu corpo, a controlar os batimentos cardíacos alterados, a lascívia excessiva nas veias. Peguei minha túnica do chão e a vesti, assim como o ghtrah.

Quando voltei a observá-la, Jasmine ainda não havia se movido do lugar. Parecia paralisada, mergulhada em estado de choque.

— Me desculpe. Acho que perdi a cabeça. — Ela continuou lá parada, silenciosa, embora já não chorasse mais. — Não sou um estuprador e nem pretendo me tornar um. Não voltarei a tocar em você até que também queira isso. — Silenciei-me, esperando que ela dissesse algo, mas tudo o que partiu dela foi o silêncio. — Mas que droga! Será que você pode dizer alguma coisa? Esse seu silêncio está me deixando ainda mais nervoso.

Hesitantemente, como se despertasse aos poucos de um transe, ela se moveu, erguendo o bustiê para ocultar os seios. Com a mesma lentidão, levantou-se e se colocou no lado oposto do quarto ao qual eu me encontrava, arredia, com suas costas coladas na parede, os ombros encolhidos, os braços cruzados na frente do peito, os olhos focando qualquer direção que não fosse o meu rosto.

Quanto mais eu a observava, percebendo o quanto estava assustada, mais a culpa me espezinhava.

— Estou com muito medo de você — disse ela, finalmente, com um sussurro trêmulo.

Com a agilidade de um raio, atravessei o quarto e me coloquei diante dela, segurando seu queixo para erguer o seu rosto e fazer com que seus olhos encontrassem os meus.

— Mas não precisa. Eu nunca te machucaria e já disse que o que houve aqui não vai se repetir. Não contra a sua vontade. — Era inútil deixá-la acreditar que algum dia eu desistiria de tê-la como amante. — Só tenha em mente que eu jamais vou abrir mão de você. Você será minha mulher, na cama e onde mais eu quiser e essa decisão é incontestável, embora eu esteja disposto a esperar até que você esteja pronta.

— Tudo bem.

— Eu realmente sinto muito pelo que quase fiz.

— Eu sei.

Ao perceber que ela estava mais calma, eu me afastei. Aquele assunto estava resolvido, eu esperaria por ela, apesar de não ter ideia de quanto tempo seria capaz de continuar a desejando sem tê-la. Entretanto, ainda precisávamos falar sobre os artigos que eu precisava que escrevesse para o seu jornal. Era necessário deixar claro que sua recusa em fazer isso não era algo que eu aceitaria.

— Era para termos conversado sobre isso na hora do almoço, mas você não apareceu. Eu preciso que escreva os artigos para mim e não vou aceitar que se recuse.

— Eu não posso...

— Me deixe terminar de falar — interrompi-a. — Sente-se.

Obediente como eu nunca tinha visto, Jasmine sentou-se na beirada da cama, enquanto eu me acomodava em uma cadeira, deixando mais de um metro de distância entre nós, a fim de evitar perder a cabeça novamente. As roupas que ela usava não ajudavam muito com o meu autocontrole.

— Como eu já disse, se escrever esses artigos para o seu jornal, ajudando a melhorar a minha imagem, da minha família e do meu país lá fora, eu te darei o que

quiser. Peça-me qualquer coisa. Tudo o que o dinheiro pode comprar.

— Quero a minha liberdade — disse sem vacilar e o nervosismo me fez arder mais uma vez.

Estressado, como passei todo o dia, puxei o maço do cigarro do bolso e acendi um, dando uma grande tragada.

— Como eu já disse, isso está fora de questão. Você é minha, sua vida me pertence e nada será capaz de me convencer a abrir mão de você. — Dei outra tragada grande, chegando à conclusão de que precisava ser mais firme com ela, ou jamais conseguiria o que queria. Já estava passando da hora de Jasmine entender quem era que mandava ali. — Por outro lado, se você continuar se recusando a me obedecer, se me deixar perceber que não serve para nada, vou devolvê-la ao rei do lêmen, até porque a fortuna que paguei pela sua vida e dos seus amigos não é de se jogar fora. E pode ter certeza de uma coisa: quando ele tiver você em suas mãos, sozinha, sem os seus amigos, ele não vai querer apenas te matar, ele vai te maltratar tanto que você acabará implorando pela morte. — Vi o corpo dela estremecer de pavor e tive certeza de que acreditava que eu realmente seria capaz de fazer aquilo. — E tem outra. Eu posso simplesmente escrever o que quiser e te obrigar a assinar como se fosse da sua

autoria, com a certeza de que um dos meus servos arrancaria todas as suas unhas com um alicate, caso se recuse. Elas não iam fazer a mínima diferença para o que tenho reservado para você.

Ela estremeceu novamente, aterrorizada, certa de que eu seria mesmo capaz de uma atrocidade daquelas. Desde o início Jasmine demonstrava ter medo de mim, mesmo quando acreditava que eu era apenas um reles conselheiro. Com isto revelava o velho preconceito contra pessoas muçulmana s, a certeza de que todos nós éramos monstros impiedosos e sem coração.

— Não precisa fazer isso. Vou escrever o que você quer.

Ao ouvi-la concordando, a bizarra ideia de chantageá-la também, para que se entregasse a mim, passou rapidamente pela minha cabeça, porém tratei de afastar o pensamento, pois seria incapaz de possuir uma mulher contra a vontade dela. Jasmine seria minha, disso eu não tinha dúvida, mas apenas quando quisesse ser.

— Ótimo. Agora estamos falando a mesma língua. Pense no que quer como pagamento pelo seu trabalho. Faça uma lista e te darei tudo. Apenas não me peça para deixá-la ir embora, porque isso está fora de cogitação.

Jasmine assentiu e com isto o assunto estava encerrado, eu já podia ir embora, mas não queria. Sem

conseguir parar de olhar para ela, tudo o que eu ambicionava era ficar ao seu lado, experimentar novamente os seus beijos, me perder no calor do seu corpo, como fizemos antes de aquele maldito permitir que ela soubesse quem eu era. Mas eu não podia tê-la, não ainda. Precisava esperar com paciência.

Se havia uma coisa da qual eu tinha certeza, era de que ela também me desejava como homem, já que foi capaz de arriscar sua vida por mim, quando acreditava que eu era Omar. Eu não conseguia entender por que complicava tanto as coisas, por que meu título, ou o fato de eu ter impedido sua morte, a levava a colocar tantas barreiras entre nós. Seria tão mais simples se apenas se rendesse ao que sentia e nos permitisse termos momentos de prazer nos braços do outro. Mas algum dia ela se renderia, isto se eu não tivesse estragado as coisas naquele dia, com todo o meu descontrole.

— Bom. Eu já vou indo. Amanhã volto para terminarmos essa conversa. Por favor, não finja que está doente de novo.

— Não fingirei.

Demorei mais alguns instantes observando-a, desejando-a ardentemente, com cada parte de mim. Tudo ordenava que eu ficasse ali e a fizesse minha, mas eu seria

incapaz de agir como um animal mais uma vez. Então, apenas me levantei e deixei o aposento.

CAPÍTULO 17

Jasmine

Depois que Jawad deixou o quarto, finalmente consegui voltar a respirar regularmente, com o meu coração se acalmando e o pavor se esvaindo do meu âmago. Em desespero, deitei-me na cama, em posição fetal, e deixei que as lágrimas rolassem desenfreadas pelo meu rosto, pela certeza de que eu jamais deixaria de ser uma prisioneira, a refém de um ditador cruel e perigoso. O príncipe não passava de um monstro impiedoso, como minha intuição me alertou desde a primeira vez em que o vi, mesmo antes de saber quem ele realmente era.

Eu estava apavorada, aterrorizada com aquele homem, temendo que ele cumprisse todas as terríveis ameaças que fez, que voltasse a agir como um animal e me violentasse, que me matasse caso eu me recusasse a obedecê-lo. E o pior nisso tudo, era que, apesar de todo o horror que sentia por ele, meu corpo me traiu quando ele estava em cima de mim, quase me violentando. O medo e a lascívia se misturaram em meu íntimo, tornando-se uma só coisa; e, por mais inacreditável que fosse, eu gostei da forma como ele me tocou, do calor da sua boca sugando meus seios, de todo o ardor que meu corpo experimentou

naquele momento. No fundo, em algum canto obscuro dentro de mim, eu desejei que ele tivesse continuado, que tivesse ido até o fim e, quanto mais eu pensava nisso, mais as lágrimas escorriam dos meus olhos, pois era loucura, não podia existir insanidade maior. Era impossível que alguém que me despertava tanto medo, me despertasse também tamanho desejo.

A atração e o querer que ele me provocou desde a primeira vez em que o vi, ainda estavam lá, vivos, pulsando dentro de mim, apesar de todo o pavor, de todas as ameaças que ele me fez.

Por Deus! Eu devia estar ficando louca, ou doente de alguma síndrome parecida com a de Estocolmo. Apenas isso explicava o conflito de sentimentos dentro de mim.

Depois de todas as ameaças apavorantes, eu nunca mais me atreveria a desobedecê-lo, pelo menos não sobre os malditos artigos que queria que eu escrevesse. Tinha certeza de que ele seria capaz de cumprir o que disse. Portanto, produziria artigos ficcionais, mas que fossem o mais verossímeis possível, pois a verdade jamais convenceria o mundo a ter uma visão positiva daquela gente e de seus costumes, como ele intencionava.

Para começar, eu precisava gravar um vídeo dizendo que estava em Al Saud por vontade própria, como uma convidada da realeza e que escreveria os artigos, ou

ninguém acreditaria que foram produzidos por mim. Precisava também convencer o dono do jornal a publicá-los, mas essa seria a parte mais fácil, visto que o mundo islâmico era um verdadeiro mistério para nós ocidentais e informações partidas direto da fonte sobre a vida na Arábia Saudita seriam mais que bem-vindas.

Além do mais, fazendo aquilo pelo príncipe, talvez eu ganhasse sua confiança e com o tempo poderia arranjar um meio de fugir. Seria difícil, mas não impossível. Eu só tinha que ser mais esperta que ele. Como ele mesmo disse, eu poderia pedir qualquer coisa como pagamento, com exceção da minha liberdade. Eu pensaria em algo que posteriormente me ajudasse em minha escapada, além de exigir também que ajudasse meu pai doente e que me deixasse falar com ele regularmente.

Não saí do quarto nem para o jantar. Passei a noite toda pensando no que exigiria do príncipe, que pudesse me ajudar mais à frente a me livrar daquele cativeiro, sem que ele desconfiasse de nada.

Quando a manhã chegou, eu estava com uma lista pronta. Como acordei cedo, consegui tomar o café no mesmo horário que as empregadas, no refeitório lotado, na agradável companhia de Alzira. Tão logo terminei a refeição, pedi a Dahab que avisasse ao príncipe que eu

estava pronta para conversar com ele sobre nosso assunto pendente.

— Não é assim que funciona. Quando quiser falar com você, o príncipe manda alguém vir aqui te chamar — disse ela.

— Mas o assunto é mais de interesse dele que do meu. E vai que ele está desocupado agora?

Ela refletiu por um instante antes de responder:

— Tudo bem. Vou lá perguntar se ele te recebe. Mas não garanto nada.

Com isto, ela pegou seu hijab perto da porta de saída e se foi.

Ao retornar, minutos depois, Dahab tinha a fisionomia um tanto estranha, os olhos arregalados de espanto, como se tivesse visto um fantasma pelo caminho.

— Aconteceu alguma coisa? — indaguei.

— Nada. Ele vai te receber. Vem comigo.

Também coloquei meu hijab e atravessamos os poucos metros que separavam a residência das criadas, da residência principal, caminhando através do caminho formado por blocos de cimento colocados sobre o gramado verde.

No hall de entrada, onde havia o lavatório, deixamos os hijabs pendurados e avançamos pelo suntuoso palácio, cuja estrutura me deixava impressionada todas as vezes

em que a via, devido ao excesso de luxo em cada detalhe, à riqueza e extravagância presentes em tudo.

Atravessamos três salões e subimos pela imensa escadaria de mármore. No segundo andar, Dahab pareceu hesitar antes de abrir uma enorme porta de madeira polida, adornada com detalhes prateados.

— É o aposento dele. Pode entrar. Eu volto daqui — anunciou, diante da porta entreaberta e um calafrio desceu pela minha espinha, com o medo me espezinhando.

Eu não sabia que o veria em seu aposento e tive vontade de desistir, de voltar junto com Dahab, apavorada com o que ele pudesse fazer comigo lá dentro. Contudo, eu já tinha ido até ali. Além do mais, ele prometera que não voltaria a me tocar contra a minha vontade. Mas será que cumpriria a promessa?

— Será que você pode entrar comigo? — indaguei, covardemente.

Dahab nunca me pareceu tão estranha como naquele momento. Parecia tão assustada quanto eu.

— Não. Mas pode ficar tranquila. Ele não vai te fazer mal algum.

Hesitei, cogitando seriamente voltar. Mas por fim, decidi ir em frente e entrei. Um frio se instalou na boca do meu estômago quando Dahab fechou a porta pelo lado de

fora, deixando-me sozinha. A sensação que tive, foi de que acabava de entrar na toca de um leão.

O cômodo era tão imenso quanto os demais salões do palácio. Com detalhes dourados no papel de parede em estilo clássico, tinha três lustres imensos pendurados no teto, um maior no meio, outros dois menores dos lados. A cama *king size*, ainda com os lençóis emaranhados, ficava bem no centro e aos arredores se espalhava a mobília em estilo provençal, adornada com detalhes dourados, parecendo fios de ouro. Havia um mimoso jogo de mesa com cadeiras, poltronas acolchoadas, belos tapetes cobrindo todo o chão e cortinas aveludadas nas janelas, tudo em harmonia por ter o mesmo tom claro de dourado com branco.

Não havia ninguém ali. Ao ouvir vozes partindo da direção de uma enorme porta dupla que se encontrava aberta, segui para lá e, ao atravessá-la, fiquei paralisada, petrificada, com a cena com a qual me deparei.

O cômodo se tratava de um gigantesco banheiro, ao centro do qual havia uma banheira de hidromassagem do tamanho de uma piscina e dentro dela estava o príncipe, completamente nu, com a espuma da água cobrindo suas partes mais íntimas. Junto com ele havia duas mulheres, também nuas. Uma delas se mantinha sentada na borda da banheira, atrás do príncipe, mantendo-o acomodado

entre suas pernas abertas enquanto massageava suavemente seus ombros. A outra mulher, uma morena linda de tirar o fôlego, mantinha-se de bruços dentro da banheira, parcialmente submersa na espuma, acomodada entre as pernas do príncipe, o movimento de suas mãos sob a água indicava que o masturbava enquanto espalhava beijos sobre seu abdômen sarado. Com certeza estava pagando um boquete nele e fizera uma pausa ao ouvir os meus passos. Os três estavam em meio a uma suruba, o que explicava a cara de Dahab quando chegou de volta à outra residência.

Além de ditador, aquele homem era um pervertido.

— Chegou na hora certa, Jasmine — disse ele, com a maior cara de pau. — Junte-se a nós, a água está uma delícia. Está a fim de uma massagem? Hanna tem mãos deliciosas. Vai te fazer relaxar em dois minutos.

Eu não sabia nem o que dizer, tampouco como me sentir diante daquela imagem. Um misto de constrangimento e raiva me inundava na mesma medida em que um desejo violento tomava conta de cada uma das minhas terminações nervosas, pela visão do corpo másculo dele ali exposto, a pele lindamente morena salpicada de água, os pelos negros do peitoral musculoso molhados, as coxas grossas e peludas escapando da espuma. Uma corrente de excitação desceu pelo meu corpo, de forma

fervorosa, a ponto de me fazer umedecer entre as pernas. Por uma fração de segundo quis estar no lugar de uma daquelas mulheres, tocando-o, sentindo-o, sendo dele. Ao mesmo tempo, eu o odiava por estar com elas.

As emoções conflitavam-se dentro de mim, transformando-se em um turbilhão que fazia minha cabeça girar, enquanto tudo o que eu conseguia era ficar ali petrificada, observando-os com meu rosto em chamas.

— V-vou... esperar lá fora. — Consegui finalmente empurrar as palavras através da minha garganta.

Girei sobre os saltos das minhas sandálias e voltei para o quarto apressada. Apenas ao chegar lá percebi que estava tremendo de raiva e nervosismo. Minha vontade era sair correndo dali, voltar para a outra moradia e me refugiar em meu quarto, só para não ter que olhar para a cara daquele safado de novo. *Mas do que isso adiantaria se eu teria que o ver mais cedo ou mais tarde?* O que eu precisava era reprimir as emoções e agir como se não sentisse nada.

De onde estava, ouvi quando Jawad ordenou às duas mulheres que se vestissem e fossem embora. Não vi por onde elas saíram, porém logo ele apareceu usando um longo roupão atoalhado, com os cabelos molhados penteados para trás, a fisionomia totalmente relaxada, a

pele ligeiramente avermelhada, como se tivesse acabado de gozar.

— Nada como começar o dia com um bom banho quente, uma boa massagem e uma boa foda — disse ele.

Seu descaramento atiçou ainda mais a raiva dentro de mim, sem que eu entendesse a razão do meu organismo reagir assim. Devia estar era aliviada que ele tivesse quem satisfizesse suas taras, pois assim me deixava em paz.

— Então esse é o seu harém? — indaguei, cinicamente, reprimindo a raiva dentro de mim.

Seus lábios se abriram em um sorriso largo, revelando dentes branquíssimos que contrastavam lindamente com a pele morena.

— Eu não tenho um harém. Essas são apenas mulheres que vêm aqui de vez em quando.

— Sempre que você *"ordena"*! — disparei, fazendo questão de enfatizar a palavra.

— Elas não vêm porque eu ordeno, mas porque querem vir. Como elas, tem muitas e muitas outras que querem estar naquela banheira comigo.

Eu até queria duvidar daquilo, mas sabia que era verdade. *Que mulher não ia querer tomar um banho de espuma com um espécime daquele?* Apesar de cafajeste,

ditador e mentiroso, ele era irresistivelmente bonito, de um jeito másculo, meio bruto.

— Se tem tantas mulheres à sua disposição, então por que precisa de mim?

— Eu não preciso, mas quero. — Jawad se aproximou alguns passos de mim. Seus movimentos exprimiam aquela aura de poder e perigo que sempre o acompanhava. — Quero você com uma intensidade quase insana, como jamais me senti em relação a uma mulher. Não vejo a hora de te fazer gozar de novo, só que ainda mais forte e gostoso, com meu pau todo dentro de você.

CAPÍTULO 18

Jasmine

O calor da lascívia desceu pelo meu corpo, ferozmente, provocando um formigamento na altura do meu ventre, uma sensação que me apressei em sufocar.

— Não é verdade. Se me quisesse tanto assim, não estaria se esbaldando com outras mulheres — repreendi-me mentalmente por ter permitido que a raiva transparecesse no tom da minha voz.

Jawad ficou sério, observando-me com a expressão surpresa.

— Se te causa desgosto que eu fique com outras mulheres, não chegarei mais perto de nenhuma delas.

Engoli em seco, mais uma vez reprimindo as emoções, escondendo a agitação que suas palavras provocaram em meu íntimo.

— Não precisa se privar das suas safadezas por minha causa. Nunca vai acontecer nada entre nós — declarei, demonstrando uma frieza que não existia. — Você só vai conseguir alguma coisa comigo se me pegar à força, como quase fez ontem.

Subitamente, a fisionomia dele endureceu. As sobrancelhas se uniram, formando uma profunda ruga em

sua testa, e o brilho no olhar deu lugar a uma frieza assustadora.

— É o que vamos ver.

— Uma dúvida. Por que você mentiu dizendo que era um conselheiro?

— Não fiz de caso pensado. Simplesmente aconteceu. Você estava tentando fugir. Se eu dissesse que era o príncipe, teria que puni-la. Não teria acontecido se você tivesse seguido as regras e ficado quieta no seu quarto. Mas gostei que tenha sido assim, pois, quando se entregar a mim, terei certeza de que não será por medo nem por obediência, mas porque é isso que você realmente quer.

Por alguma razão desconhecida, suas palavras reacenderam o formigamento abaixo do meu umbigo.

— É o que vamos ver — repeti o que ele disse antes.

— Sim. Vamos. E não demorará muito.

Desfazendo o contato visual, Jawad seguiu rumo à porta que dava para uma sacada e fui atrás dele, com meus olhos sequiosos examinando suas costas largas dentro do roupão.

— Já tomou o café da manhã? — indagou.

— Já.

— Eu ainda não. Sente-se aqui. Me diga sobre o que quer conversar além da minha libido.

Segui-o até a varanda ensolarada, onde havia uma mesa grande com um farto café da manhã recentemente servido. A vista dali era incrível. Podia-se enxergar quase todo o jardim verdejante de Al Saud, inclusive o arvoredo no qual estivemos na noite em que dormimos nos braços do outro.

Observando aquele lugar percebi o quanto sentia falta do homem que acreditava que ele era, do cara simples e humilde que me fazia sentir reconfortada, acolhida, naquele lugar, longe de tudo o que eu conhecia. Só que aquele homem não existia. Era apenas o disfarce de um ditador.

— Foi uma das melhores noites da minha vida, a que passei lá com você.

A voz de Jawad penetrou minha mente, despertando-me dos meus devaneios e só então percebi que ele acompanhava a direção do meu olhar, certamente deduzindo sobre o que eu pensava.

— Foi bom para mim também. Pena que o homem com quem eu estava não existe. Era apenas uma mentira inventada.

— Ele existe e está bem aqui na sua frente. O resto são apenas barreiras inexistentes criadas por sua mente

preconceituosa.

— Preconceituosa? Você me compra como se eu fosse uma mercadoria, me prende, mente para mim e eu que sou a preconceituosa?

— Eu não te comprei, eu salvei sua vida para que ela pertencesse a mim. A prisão onde você está não é exatamente a cela de uma cadeia. E quanto à mentira, não fiz de caso pensado. E sim, você tem preconceito comigo e com minha gente, por não compreender nossa cultura.

— Não são coisas boas o que cresci lendo e ouvindo sobre vocês.

— E é exatamente isso que eu preciso que você modifique com a sua escrita. — Ele puxou uma cadeira à mesa para que eu me sentasse e o fiz. — Já fez a lista do que vai querer em troca de escrever os artigos?

Jawad acomodou-se na cadeira do outro lado da mesa e começou a se servir da comida.

— Sim. Foi sobre isso que vim falar. Mas antes preciso dizer que, para que isto funcione, eu preciso gravar um vídeo afirmando que sou sua convidada e não sua prisioneira, ou ninguém no mundo acreditará que fui eu que escrevi esses artigos. Depois, temos que convencer o dono do jornal onde trabalho a publicar.

— Concordo. E pode ter certeza de que sei como convencê-lo.

Ele não precisou dizer que era com dinheiro, para que eu soubesse.

— Ótimo. Para começar, vamos escrever a história da sua vida, falar sobre sua infância, como foi sua educação, se teve alguma dificuldade na vida. Essas coisas ajudam a conquistar o afeto das pessoas e para isto vou precisar que você seja totalmente franco comigo, me fale tudo, sem esconder nada. Outra coisa, para que eu fale bem de você, você vai precisar fazer coisas boas, como ajudar os famintos da África, fazendo doações.

— Claro. Isso pode ser providenciado.

— Para os artigos posteriores, vou precisar fazer pesquisas, conhecer a família real, explorar o palácio e seu país.

— Você terá passe livre para explorar Al Saud. Vou providenciar um aposento para você aqui, ou você pode ficar no meu.

— Não. Me mudar para um apartamento só meu faz parte de uma das minhas exigências.

Suas sobrancelhas novamente uniram-se, formando uma ruga em sua testa.

— Não. Você continua morando aqui e isso está fora de discussão.

Como eu já imaginava que ele diria isso, não fiquei tão desapontada.

— Você disse que me daria o que eu quisesse.

— Menos a sua liberdade. Pense em outra coisa. Joias, dinheiro, um jornal só seu. Eu posso trazer seu pai para a Arábia Saudita e providenciar para que ele t3

aflorassem em meus olhos. Não existia nada nesse mundo mais importante para mim que o bem-estar do meu pai.

— Mesmo assim, agradeço.

— De nada. E então, o que mais vai querer como pagamento?

— Bem, já que não posso me mudar, quero acesso irrestrito à internet, um apartamento no meu nome, em Nova Iorque, um milhão de dólares na minha conta bancária e um jornal só meu, que pode ser aqui mesmo em Riad.

O príncipe refletiu por um instante, antes de voltar a falar:

— Certo. Estou de acordo com tudo. Mas nem pense em usar a internet para contatar seus amigos ocidentais e tentar fugir de mim. Jamais cometa esse erro.
— Era exatamente isso que eu pretendia fazer. — Por outro lado, se você ganhar minha confiança, poderá ter seu apartamento e morar sozinha, a longo prazo. Assim como o jornal.

Eu pretendia estar bem longe dali, antes que findasse esse prazo.

— De acordo.

Continuamos sentados na varanda, apreciando o calor do sol ameno, assim como a brisa fresca que soprava, enquanto conversávamos, acertando todos

Eu estava abrindo a boca para perguntar como deveria me portar diante de seus pais, quando, de repente, ele tirou o roupão, ficando completamente nu.

Ainda tive tempo de dar uma boa olhada na sua masculinidade, enorme e ereta, rodeada por pelos negros curtos, antes de me apressar em virar para o outro lado, chocada e ao mesmo tempo excitada com a visão inesperada.

Caralho! Era muito grande o que ele tinha no meio das pernas!

— O que foi, Jasmine? Nunca viu um homem nu?

— Não um que não fosse nada meu.

— Nesse caso, pode olhar, porque sou todo seu e tudo para você. Seu namorado, seu marido, seu amante, o último homem que você terá na vida.

Só não saí daquele quarto o mais rápido possível porque podia ouvir que aquele desavergonhado estava se vestindo.

— Eu admiro seu otimismo, mas não me relaciono com homens que me mantenham em cárcere privado e fazem suruba com outras mulheres.

— E com que tipo de homem se relaciona? Um nerd que prefere manter o nariz enfiado nos livros didáticos, ao invés de manter o pau enfiado na mulher dele?

Chocada, com a descrição que ele fazia de Donald, meu ex-namorado, virei-me para encará-lo, no exato instante em que ele acabava de fechar o zíper da calça social que vestira. Seu peitoral forte e peludo ainda estava exposto, mas me forcei a resistir à tentação de descer meu olhar para ele.

— Como sabe sobre Donald?

Apenas depois de proferir a pergunta me dei conta de que ela confirmava as palavras dele sobre as atitudes do meu ex. Droga!

— Não há nada sobre você que eu não saiba.

— Como? — Eu ficava cada vez mais aturdida.

— Com um bom detetive particular. É indispensável saber tudo sobre as pessoas com quem convivo, principalmente as que trago para dentro de casa. — Ele vestiu uma camisa de seda branca e veio andando em minha direção enquanto abotoava os botões. — Comparada com as outras mulheres do seu país, até que você é comportada. Teve apenas um namorado durante a faculdade, não saía com qualquer homem, não bebia demais e nem usava drogas. Passou a vida inteira estudando e cuidando do pai nas horas vagas, nunca fez nada de extraordinário, como viajar pela Europa, ou conhecer as praias paradisíacas da América do Sul. Aliás, você nunca foi a lugar nenhum e precisamos dar um jeito

de mudar isso. O mundo lá fora é lindo demais para que você não o conheça.

Ele se colocou diante de mim, a poucos centímetros de distância e, quando me dei conta, suas mãos grandes estavam se fechando dos dois lados da minha cintura, me apertando, me apalpando, sem que a deliciosa corrente de calor que vagava através de mim me permitisse me afastar, ou mesmo me mover.

— O que está fazendo? Você disse que não voltaria a me tocar, sem a minha permissão.

As pontas dos meus dedos comichavam de tanta vontade de afundarem nos pelos daquele peito, tudo em mim ardia com o desejo de esquecer de vez a razão, passar os braços em volta do seu pescoço e me embolar com ele em cima daquela cama enorme. A determinação que me mantinha longe dele estava perdendo miseravelmente suas forças. Quanto mais Jawad me tocava, mais ardentemente eu queria me perder naquele corpo grande e másculo.

— Até agora não ouvi você reclamando. Além disso, não estou tentando transar com você. Só quero te mostrar como você me deixa, caso ainda tenha dúvida da intensidade do meu desejo. — Ele segurou firme dos dois lados dos meus quadris e me puxou de supetão, colando meu corpo ao dele, quando pude sentir a ereção firme e

enorme empurrando meu ventre, fazendo com que a violenta corrente de tesão me varresse e deixasse escapar um arquejo. — Eu gozei três vezes esta manhã, mas não parece. Meu pau está duro como uma pedra porque estou perto de você.

Suas palavras funcionaram como um balde de água fria jogado sobre minha cabeça. Minha mente projetou a imagem dele na banheira com as duas mulheres e foi o que me motivou a cerrar os punhos contra seu peito e o empurrar.

— Segura a sua onda. Nunca vai acontecer.

— Vai antes do que você imagina — ele falava enquanto dobrava as mangas da camisa. Ao terminar, jogou uma túnica branca por cima e voltou a me fuzilar com seus olhos verdes. — E então, está pronta para conhecer o rei?

Assenti, mas não estava. Sentia-me nervosa com a perspectiva de estar diante do maior soberano do Oriente Médio, alguém sobre quem já havia lido coisas terríveis nos jornais, principalmente sobre suas ações contra as mulheres que se tornavam adúlteras, ou deixavam de seguir as normas impostas pela sua cultura de alguma outra forma. Admirava-me que Jawad fosse filho dele e, ainda assim, agisse de maneira tão contraditória, cedendo

vários direitos às mulheres, como o de dirigir e ir à faculdade.

CAPÍTULO 19

Jasmine

Eu não sabia exatamente o que mais ele havia feito de bom ou de ruim durante seu principado, pois sua liderança era recente e, nos últimos tempos, eu andava ocupada demais com a finalização dos trabalhos da faculdade e, posteriormente, procurando emprego. Resultado disso era que sequer sua face eu havia conhecido por meio dos jornais.

Por mais que eu me esforçasse, era impossível ficar indiferente àquele homem enquanto explorávamos as dependências do palácio. Havia uma coisa nele que me atraía irresistivelmente, havia nele uma energia vigorosa, uma aura de poder e masculinidade que irradiava e me envolvia, uma força bruta que me puxava em sua direção e me excitava.

À medida em que avançávamos pelos salões imensos, ele ia me explicando a história e a funcionalidade de cada um, sem que eu prestasse atenção em todas as palavras que saíam da sua boca. Minha mente estava concentrada em como seria sentir novamente o calor daqueles braços fortes me envolvendo, em ter toda aquela vitalidade me tomando e me fazendo sua.

Às vezes, eu achava que era perda de tempo me negar a ele, quando a verdade era que o queria demais. Nem o medo que ele me despertava era maior que a força desse querer. Por outro lado, eu não podia esquecer das ameaças que ele me fez. Seria arriscado demais me entregar a alguém capaz de fazer o que ele prometera, além de muita falta de amor-próprio. Continuar mantendo distância era, sem dúvida, a decisão mais acertada.

Em um dos salões em que entramos, finalmente encontramos o rei, sentado na cabeceira de uma grande mesa retangular, rodeado por outros cinco homens que usavam trajes típicos árabes. Do rei, eu me lembrava. Já havia visto sua foto em alguns noticiários. Era um homem franzino, evidentemente prejudicado pela saúde fragilizada, mas com um brilho sagaz nos olhos castanhos-claros.

Após cumprimentá-lo respeitosamente, beijando sua mão, Jawad nos apresentou:

— Pai, essa é Jasmine. A jornalista americana de quem lhe falei. Ela escreverá sobre nós e ajudará a melhorar nossa imagem em outros países.

O rei fixou seus olhos especuladores em mim.

— Aproxime-se, minha jovem.

Coloquei-me diante dele e fiz uma reverência respeitosa, dobrando os joelhos e inclinando a cabeça.

— Majestade. É uma honra conhecê-lo.

— Está mesmo disposta a nos ajudar nessa questão, para que o mundo tenha uma visão menos preconceituosa das nossas tradições e da nossa forma de liderar nossa gente?

— Claro. Será um privilégio escrever para vocês. Apenas não serei mentirosa. Como já expliquei ao príncipe Jawad, relatarei o que encontrar de bom em vosso país, assim como ignorarei aquilo que não aprovar.

— E o que já viu de bom em nosso país? Está sendo bem tratada aqui? As pessoas estão sendo hospitaleiras?

— Sim. Todos estão sendo muito bons.

O rei olhou para o filho e deu-lhe o esboço de um sorriso, dizendo:

— Gostei dela, apesar dos trajes inadequados.

Obviamente ele estava reclamando do fato de eu não estar usando o hijab, pois o vestido era típico árabe, longo, folgado e formal.

— As roupas são questões culturais dela, pai — disse Jawad.

O rei voltou seu olhar novamente para mim.

— Seja bem-vinda a Al Saud. Quero que venha jantar essa noite conosco, para conhecer o resto da família.

— Claro. Será uma honra.

Antes de sairmos, Jawad explicou-me que os demais presentes no salão eram os conselheiros do rei. Disse-me o nome de cada um, indicando-os, até que chegou a um jovem rapaz cujo nome era Omar.

— Omar, tenho a impressão de que o conheço profundamente — brinquei e o rapaz ficou todo sem jeito, enquanto uma nuvem negra parecia se formar diante da fisionomia de Jawad.

— Acho que já chega. Vamos indo — disse ele, repousando sua mão na base da minha coluna e me conduzindo para fora, sob o olhar atento dos outros homens.

Ele acompanhou-me até a porta do meu aposento na residência das empregadas. Disse que providenciaria tudo para darmos início ao nosso projeto e que começaríamos ainda naquele dia. Antes de se afastar, enfiou a mão no bolso da túnica e de lá tirou uma pequena e delicada pulseira de diamantes.

— Separei para você entre as joias da família real. Já tinha desistido de te dar, mas acho que vai ficar linda no seu braço.

Ele fez um gesto com o objeto, indicando que eu estendesse o braço e hesitei, pensando nos milhares de motivos que tinha para não aceitar, entre eles levá-lo a acreditar que havia concordado em me vender, em ser sua

amante a troco de presentes, como me disseram que eram as outras mulheres. No entanto, era uma pulseira tão linda, tão delicada, que acabei não resistindo e estendi o braço para que ele a colocasse, o resvalar sutil dos seus dedos sobre minha pele me fez arrepiar inteira.

— É muito linda. Obrigada — agradeci, realmente encantada.

— Não precisa se sentir intimidada e nem na obrigação de agradar a todos durante o jantar dessa noite. Meu pai gostou de você e isso, além de raro, é tudo o que importa.

— Tudo bem.

— Esteja pronta, às sete. Venho te buscar.

Ele ficou parado, observando-me. Durante um longo momento de silêncio, seus olhos inesquecíveis vagaram pelo meu rosto. Até que, por fim, soltou um longo suspiro, deu meia volta e se foi, deixando um imenso vazio em seu lugar.

Apesar de ditador, metido e perigoso, até que o príncipe não era uma companhia tão ruim, isso quando não estava tentando me agarrar ou me chantagear. E sem ele, o que me restou foi a infame solidão na qual eu vivia mergulhada ultimamente.

Ao entrar no quarto, encontrei outra pilha de livros de romance, certamente deixados ali a mando dele. Quase

caí na tentação de escolher um, deitar-me na cama e mergulhar na leitura. Contudo, eu tinha que elaborar minha fala para o vídeo que gravaria. Precisava pensar em cada palavra a ser dita, minuciosamente, falar a verdade e, ao mesmo tempo, ser convincente sobre não ser uma prisioneira em Al Saud. Essa parte, não dava para evitar a mentira.

Com o acesso à internet que o príncipe prometera me dar, as pessoas certas saberiam que eu precisava de ajuda para voltar ao meu país. Eu só esperava encontrar essas pessoas e poder contar com elas.

***

— É verdade que você vai jantar com a família real hoje? — indagou Alzira, ao acomodar-se à minha mesa, para almoçarmos juntas.

Ela mal cabia em si de tanta empolgação, fitava-me com os olhos arregalados, maravilhados, como se a notícia fosse sobre eu ir passar uns dias em Marte e não ir a um jantar na casa ao lado.

— Nossa! As notícias correm rápido por aqui! — exclamei.

— Até porque não é uma notícia corriqueira. Você é uma *alkaliba* e vai estar no mesmo recinto com o rei, a

rainha, o príncipe e as princesas. Tem ideia do quanto isso é importante?

— Não acho que seja grande coisa. Não vou lá como amante daquele traste. Eles estão me contratando como jornalista.

— Foi o que me disseram. Você deve ser muito inteligente para ser contratada pela família real. Quando falei sobre isso a Naim, ele também ficou assombrado. Nunca uma mulher, que não fosse da realeza, sentou-se à mesa com a família real.

Pronto. Após tocar no nome do seu namorado, ela não falou mais em outra coisa a não ser nele. E eu não sabia se ficava mais espantada ao ouvir da sua boca que estava transando com um homem casado, ou que as fofocas corressem tão depressa por ali, visto que o convite para o jantar fora feito há poucas horas e todos já estavam sabendo.

Naquela tarde, Dahab dispensou-me da aula de dança para que eu recebesse a visita de uma mulher que veio me vestir e pentear para o tal jantar, como se fosse um grande evento. Passei a tarde toda sendo produzida, tendo meus cabelos hidratados e escovados, as unhas pintadas e a pele cuidada.

No final de tudo foi a vez de escolher a roupa, como se existisse alguma opção além dos vestidos de seda

longos e folgados, completamente parecidos uns com os outros. Sob a orientação da *personal stylist*, escolhi um modelo mais colorido que os outros. Em estilo kaftan, tinha as mangas longas esvoaçantes, um grande bordado dourado no decote comportado e era longo e soltinho, não tão folgado quanto os demais. No final da produção até que gostei do resultado, principalmente da maquiagem bem-feita e da forma como meus cabelos pareciam um véu de seda com os fios bem escovados.

Dahab e a *personal stylist* ainda estavam comigo, dando-me dicas de etiquetas árabes, quando Jawad invadiu o aposento, parecendo uma miragem dentro da túnica branca longa até os tornozelos, com o ghtrah quadriculado escondendo seus cabelos curtos, a echarpe dourada pendurada em seus ombros acentuando aquele aspecto de soberania e poder, que parecia inerente a ele.

Enquanto as outras duas mulheres se curvavam em reverência a ele, permaneci de cabeça erguida, encarando-o, forçando-me a ignorar a agitação que sua proximidade provocava em meu íntimo, o coração batendo descompassado e meus sentidos mais aguçados.

— Você está verdadeiramente linda — elogiou-me.

Silenciosas e cabisbaixas, as outras duas deixaram o quarto, parecendo ratinhos fugindo de uma tempestade.

— Não tive opção a não ser deixar que me enfeitassem como se eu fosse uma árvore de Natal. — Fiz questão de ser desagradável, já que assim talvez ele tomasse ranço de mim e me mandasse de volta para Nova Iorque.

O problema era se ele decidisse me devolver para o rei do Iêmen. Mas não tinha razão para fazer isto, enquanto eu estivesse escrevendo os artigos para o jornal. Pelo menos era com o que eu contava.

— Um dia, você perceberá que é uma pessoa privilegiada por ter alguém para ajudá-la a se vestir.

— E um dia você perceberá que não sou um bibelô que você pode manter presa em uma caixinha.

— Acredite, se eu realmente a considerasse uma prisioneira, as coisas seriam muito mais tortuosas para você.

A frieza contida no tom de sua voz, assim como na expressão do seu olhar, me fez estremecer de pavor.

Alzira já me falara sobre os terríveis calabouços existentes em Al Saud, para onde eram levados os prisioneiros. Eu acabaria indo parar em um deles, se não aprendesse a me conter e desistir de confrontar aquele homem a todo momento.

— Como estão os preparativos para a gravação do vídeo? — indaguei, a fim de mudar de assunto e, ao

mesmo tempo, lembrá-lo que ele precisava de mim para outra coisa que não sua satisfação carnal.

— Tudo arranjado. Amanhã uma equipe virá para Al Saud.

— Não precisava tudo isso. Bastava um celular com uma boa câmera.

— Quero que tudo fique perfeito. — Ele aproximou-se um passo de mim, colocando-se muito perto. Seus olhos verdes translúcidos, fixando nos meus, fez meu coração agitar-se um pouco mais. — Não aceito nada que não seja a perfeição.

Compreendi o sentido das suas palavras e uma corrente de excitação me percorreu de cima a baixo, meu corpo traiçoeiro exigiu furiosamente pelo contato com seu calor gostoso, pelo toque de suas mãos.

Que espécie de poder era esse, que aquele homem exercia sobre mim? Eu jamais compreenderia como alguém conseguia me amedrontar e excitar na mesma medida.

Reprimindo as emoções, desviei meu olhar do seu e afastei-me alguns passos.

— Nada é completamente perfeito — falei.

— Isso depende da forma como se vê as coisas. — Seu olhar examinou rapidamente o relógio de ouro em seu pulso. — Temos que ir. Meus pais já estão esperando.

Eu estava pegando a abaya e o hijab sobre a cama, quando ele me interrompeu:

— Não precisa colocar nada disso, deixe-me continuar apreciando a sua beleza. Se algum dos guardas ousar olhar para você, farei com que tenham os olhos arrancados.

— Claro. Arrancar os olhos de alguém é a sua cara.

— Isso não faria de mim um monstro, como você está supondo. Jamais puni alguém injustamente. Agora vamos.

Atravessamos o jardim e avançamos pela residência real. Ao passarmos pelos imensos salões, como sempre me flagrei fascinada com a exuberância presente em cada um deles, mais uma vez encontrando um detalhe novo do qual ainda não havia me dado conta.

Fiquei surpresa quando adentramos o imenso salão onde a família estava reunida. Não se tratava de um simples jantar, mas de uma animada festa, com um aparelho de som tocando as melodias típicas árabes e algumas dançarinas – usando roupas mais comportadas que as das odaliscas –, movimentando-se em meio ao cômodo, cuidando do entretenimento da realeza. Uma das dançarinas era uma das mulheres que estava na banheira com Jawad nesta manhã.

Puta merda!

Sentado em seu trono, ao fundo, estava o rei, com sua postura curvilínea e o rosto abatido, devido às enfermidades que o acometiam, as quais eu não sabia ao certo o que eram. Em poltronas à sua volta, parecendo nada mais que suas súditas, havia várias mulheres de diferentes idades, todas bem-vestidas e maquiadas, as quais presumi serem suas esposas. Apenas uma delas tinha idade suficiente para ser a mãe de Jawad, aquela que se mantinha mais próxima ao rei, certamente sua primeira esposa. Não tinha nenhuma semelhança física com o príncipe, mas ainda assim acreditei ser a mulher que o trouxe ao mundo.

Seguindo o protocolo que me foi passado, coloquei-me diante do rei e o reverenciei respeitosamente.

— Majestade, agradeço o convite. É uma honra estar aqui esta noite — falei.

— Seja bem-vinda à nossa casa. Já conhece as rainhas e as princesas?

Virei-me na direção das mulheres e fiquei espantada ao vê-las reverenciando Jawad, enquanto ele entrava, inclusive sua mãe e irmãs.

Sob o olhar curioso das mulheres, Jawad repousou sua mão na base da minha coluna e nos aproximou de onde elas estavam, apresentando-me a cada uma delas.

Eram realmente esposas do monarca e a mais velha, sua mãe, como deduzi.

Elas me olhavam com muita curiosidade, embora não tenham demonstrado a hostilidade que eu esperava, por ser uma *alkaliba.*

— Seja bem-vinda à nossa casa! Por favor, sente-se — disse a rainha Faizah, mãe do príncipe.

CAPÍTULO 20

Jasmine

Ela tinha olhos cor de mel e belos cabelos castanhos. Pela postura altiva em relação às demais, parecia ser a que mais tinha poder entre as esposas. Apesar de ser excessivamente séria, possuía uma amistosidade sincera em seu semblante e parecia mais segura do que presumi que podia ser uma mulher que dividia o marido com outras três esposas.

Acomodei-me em uma das poltronas de couro, enquanto Jawad ia se juntar ao pai mais adiante e a mãe dele continuava falando:

— Não sei se você conhece nossa cultura suficiente para saber disso, mas não temos o costume de nos reunir para jantarmos todos juntos, quando temos convidados. Normalmente homens e mulheres ficam em recintos separados. Mas hoje é uma ocasião muito especial, porque todos nós queremos conhecer a mulher que convencerá o mundo a ter uma visão diferente sobre nós.

Minha nossa! As palavras dela me fizeram sentir o peso absurdo daquela responsabilidade. Eu não sabia se seria capaz de mudar a visão que o mundo inteiro tinha

sobre eles. Minha única certeza era de que tentaria pelo menos ajudar.

— Eu farei tudo o que estiver ao meu alcance para mostrar às pessoas de outros países tudo o que a Arábia Saudita tem de bom a oferecer.

As outras mulheres pareceram animadas com a minha declaração, sorrindo umas para as outras, proferindo palavras de otimismo.

Aquilo tudo era realmente muito importante para todos eles e, quanto mais eu percebia isso, mais me dava conta do tamanho da minha responsabilidade.

— Outro costume que não temos é o de receber as *alkalibas* na residência real. — A rainha continuou falando: — Não vou ser hipócrita deixando você acreditar que sua condição não nos incomoda, mas quero que saiba que, apesar disso, você é uma pessoa muito especial para nós.

Ela se silenciou e continuou me encarando, com o semblante fechado, obviamente esperando pela minha reação a sua afirmação. *Mas o que eu podia dizer?* Falar que estava ali contra a minha vontade, que não queria ser uma *alkaliba* e que não passava de uma prisioneira do seu filho, não ia ajudar ninguém, mas apenas criar mal-estar e confusão. Seria mais simples deixar que ela pensasse o que quisesse. Pelo menos estava sendo franca e não

fingindo que não se importava com o que pensava sobre mim.

— Obrigada pela consideração, Majestade. Me esforçarei para merecer a sua simpatia.

— Ótimo. Agora que estamos esclarecidas sobre isso, me diga se está sendo bem tratada na residência das empregadas. Não gostaria de um aposento aqui?

— Não! — respondi tão alto e tão depressa que acabei atraindo a atenção de todos, inclusive dos dois monarcas que, apesar da música que tocava, podiam ouvir toda a nossa conversa. — Quer dizer. Estou sendo muito bem tratada lá, Alteza. Não gostaria de me mudar.

— Que assim seja. E você já sabe qual a primeira coisa que vai escrever sobre nós e nosso país?

Expliquei a ela que, inicialmente, eu precisava gravar o vídeo, depois conseguir convencer o dono do meu jornal a publicá-lo, assim como os artigos. Em seguida fazer pesquisas e só então começar com a produção dos manuscritos. Certamente eu teria uma coluna semanal, ou mensal, no jornal e a cada texto abordaria temas diferentes, sempre positivos e relevantes. Provavelmente começaria escrevendo sobre a magnitude de Al Saud, mas ainda não tinha certeza.

Continuamos por ali conversando durante longas horas. As mulheres sempre de um lado do recinto, os dois

homens do outro.

Mais tarde, nos reunimos em outro salão, todos em torno de uma grande mesa retangular, onde estava servido o farto jantar, um misto de comidas típicas árabes e alguns pratos típicos da minha terra. Segundo a rainha, havia mandado prepará-los especialmente para mim.

Após a refeição, voltamos para o salão mais animado do palácio, onde as músicas voltaram a ser tocadas e as dançarinas voltaram a dançar para o deleite de todos.

Aquele era o conceito de diversão deles, ouvir músicas, conversar e ver mulheres dançando. Não havia qualquer vestígio de bebida alcoólica e senti falta de, pelo menos, uma taça de vinho, para ajudar a me soltar um pouco.

Tão logo o príncipe e o rei deixaram o grande salão, certamente para tratar de algum assunto particular, a mulherada toda caiu na dança, com exceção da rainha mãe, que continuou altiva e imperiosa sentada em seu lugar, apenas observando toda a movimentação que acontecia à sua volta.

— Vem, dança com a gente. — Quem me convidou foi a princesa Farah, a irmã mais nova, a mesma que conheci antes de saber que Jawad era o príncipe herdeiro.

— Não. Obrigada. Estou bem assim.

— Talvez ela prefira dançar com a roupa de odalisca, como fazem as *alkalibas* — disse a outra princesa, Hayfa, aproximando-se por trás da irmã, com a fisionomia fechada.

Essa era mais calada, hostil. Passou a noite inteira me lançando olhares fulminantes, como se quisesse me incendiar viva. Meu palpite era que tinha mais preconceito com as *alkalibas* do que o resto da família, só que a opinião dela pouco me importava, até porque eu não estava naquela condição por vontade própria.

— Na verdade, prefiro mesmo. E de preferência trancada no quarto com um homem — provoquei, apenas pelo prazer de vê-la ainda mais irritada. — Você devia experimentar algum dia. Talvez ajudasse a melhorar essa sua cara emburrada.

Farah soltou uma gargalhada sonora, enquanto a vítima do meu veneno ficava com o seu rosto vermelho de raiva. *Quem mandou ela me provocar?*

— Como se atreve a falar comigo nesse tom?! — esbravejou ela, furiosamente.

— Só respondi seu comentário, Alteza. Me perdoe se fui franca demais.

— Já vi que você é o tipo de *alkaliba* que sairá de Al Saud com a língua cortada, como tantas outras.

Ao processar suas palavras, engoli em seco, com uma nova onda de pavor me invadindo. *Será que aquilo era verdade? Eles cortavam a língua das mulheres que falavam demais?*

— Para com isso, Hayfa. É uma festa. Vamos nos divertir — disse Farah.

Hayfa continuou me encarando, desafiadoramente, sem que eu dissesse mais nada, aterrorizada com suas palavras.

— Se calou, *alkaliba?* Achou mesmo que todas que passam pela cama dos homens daqui saem inteiras? Vai sonhando! Depois de usar e abusar de vocês como bem querem, até enjoarem, o passo seguinte é a mutilação.

— Já chega, Hayfa. — A irmã voltou a alertá-la. — Deixa ela em paz.

— Você acha que é melhor que as outras amantes porque é jornalista, mas assim que Jawad não precisar mais da sua escrita, vai colocá-la onde é o seu lugar. Se não for ele, será Najah a dar um jeito em você.

Ela me lançou aquele olhar de desdém, que outrora eu achava tão infantil, mas que jamais me pareceu mais mortífero. Depois, deu-me as costas e se juntou às outras, dançando animadamente, como se não tivesse acabado de tocar o terror em uma pessoa.

— Não liga para ela. Minha irmã está cheia de problemas e fica descontando as frustrações dela nos outros.

— Eles realmente fazem o que ela disse com as *alkalibas.* Eles as mutilam?

O breve instante de hesitação que Farah fez, confirmou que era tudo verdade.

Meu Deus! Que espécie de monstros eram aqueles homens? Definitivamente, eu precisava parar de confrontar o príncipe, antes que ele fizesse o mesmo comigo.

— Mas não vai acontecer com você. Relaxa. Meu irmão gosta muito de você. Toda a nossa família gosta.

Eu ia abrir a boca para perguntar a ela quem era a Najah mencionada por Hayfa, mas nesse instante Jawad entrou no meu campo de visão, avançando pela sala ao lado do pai, deixando-o para vir direto em minha direção. Seu olhar hipnótico capturou o meu de uma forma tão intensa e inesperada, que, de súbito, todos à minha volta pareceram desaparecer, restando apenas nós dois no salão.

— Divertindo-se? — indagou ele, repousando a mão sobre meu ombro. Seu toque despertou uma onda de calor que desceu pelo meu corpo como uma descarga de eletricidade.

— Na verdade, acho que já vou indo — falei, afastando-me do contato dele.

Suas sobrancelhas se uniram, formando uma ruga em sua testa.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não. Está tudo bem.

Não vi quando Farah se afastou, mas quando olhei em volta, ela não estava mais perto de nós.

— Por que quer ir tão cedo? Fica mais um pouco.

Percebi que seu hálito cheirava a uísque e cigarros, o odor me parecia mais agradável do que eu gostaria.

— Então quer dizer que as bebidas alcoólicas são proibidas no seu país, mas apenas para as mulheres, né?

— E para os súditos. Mas não é algo que você possa sair dizendo por aí.

— Quanta hipocrisia!

— O que diabos você tem? Quando saí estava bem, agora parece toda nervosa.

— Não é nada. Só estou cansada. Vou embora.

— Eu te levo.

— Não precisa.

— Precisa sim.

Era inútil tentar impedir que ele me acompanhasse de volta. Então, educadamente me despedi de todos e

seguimos o percurso de volta para a residência das empregadas.

— Você volta daqui — anunciei, tão logo paramos diante da porta fechada do meu quarto.

— Você não pode me dizer o que fazer. Essa função é minha. — Apesar de macabras, as palavras foram pronunciadas com um raro tom de irreverência.

Talvez devido ao efeito do uísque que andara bebendo com seu pai, o príncipe estava mais descontraído naquela noite.

— Sei. Porque você é dono da minha alma — soltei, com escárnio.

— Pode ficar com a sua alma, só sou dono de todo o resto. — Ele veio se aproximando devagar, enquanto eu recuava, ciente de que não tinha para onde escapar. — Sou dono do seu corpo, dos seus desejos, da sua vida e do seu futuro.

Por fim, minhas costas encontraram o obstáculo da parede e eu estava encurralada entre ela e seu corpo grande.

— Não sou um objeto para ter um dono.

— Esquece esse discurso. Ele já está mais do que desgastado. Você é minha e pronto. — Suas mãos grandes se fecharam em volta da minha cintura, com posse, sua proximidade excessiva me invadiu, seu cheiro gostoso, de

tabaco misturado com uísque e perfume caro, inebriando-me, quase me impedindo de pensar. — Você sabe que é minha. Quando acreditava que eu era Omar me disse várias vezes que pertencia a outro homem. Esse homem sou eu e quero você demais, assim como você também me quer. Então pare de lutar e aceite o inevitável.

— Você disse que esperaria até que eu quisesse isso.

— Acontece que você quer isso. Tanto quanto eu.

Suas mãos foram me percorrendo devagar, ao passo em que inclinava a cabeça e afundava seu rosto na curva do meu pescoço, seus lábios mornos acariciavam deliciosamente minha pele, fazendo o desejo feroz explodir em minhas veias, levando-me a arder e ferver. O centro das minhas pernas latejava enquanto minha calcinha molhava.

Ele estava certo em suas palavras, eu o queria também, com uma voracidade jamais experimentada antes e era inevitável que acontecesse algo entre nós. Em algum momento, eu não conseguiria mais lutar contra esse desejo e seria inteiramente sua. Mas não enquanto fosse sua prisioneira. Por mais que estivesse cercada de conforto, se eu não podia voltar para casa, era nada mais que uma prisioneira.

Seu corpo forte prendeu o meu de encontro à parede, ao passo que sua boca alcançava a minha e quase me tornei incapaz de formular qualquer pensamento racional, quando ele me beijou, tamanho era o turbilhão de sensações que explodia dentro de mim. Meu coração estava a ponto de sair pela boca, tão frenéticas eram suas batidas.

Eu estava prestes a passar meus braços em volta dele e me entregar, afinal era o que queria e já não tinha mais forças para evitar. Entretanto, as palavras da princesa, sobre eles mutilarem as mulheres com quem se relacionavam naqueles termos voltaram-me à mente, vívidas, provocando-me uma indescritível onda de terror, que se misturou a tudo mais em meu íntimo, me fazendo estremecer entre seus braços.

Agindo unicamente por instinto, fechei os dentes sobre o lábio inferior dele e fiz pressão, até sentir o sangue quente jorrar do ferimento que causava.

— Mas que merda! O que diabos você está fazendo? — vociferou Jawad, afastando-se.

Ele levou a mão à boca e observou seus dedos sujos de sangue.

Cheguei a me encolher de encontro à parede, golpeada por um medo aterrador de que ele se tornasse violento, de que me espancasse ali mesmo, por tê-lo ferido,

por tê-lo confrontado mais uma vez. Espancar uma mulher não era nada difícil para alguém que tinha o costume de mutilar suas amantes.

— Você vai me bater? — indaguei, trêmula.

— Apesar de você merecer, não sou o tipo de homem que bate em mulher.

— Não. Apenas as mutila, arrancando a língua e as outras partes do corpo.

— De onde diabos você tirou isso?

As coisas podiam ficar ainda mais feias para o meu lado se eu delatasse a princesa, se dissesse o que ela me contou. Eles eram irmãos, jamais ficariam um contra o outro e a merda toda ia sobrar para mim.

— Não há nada em Al Saud que fique em segredo. Eu sei de todas as maldades que vocês fazem com as *alkalibas.*

— Pois está muitíssimo mal informada. Eu nunca fiz mal a uma mulher que tenha sido minha. Mas não adianta repetir isso, né? A ideia que você tem a meu respeito está tão enraizada em você que nada pode mudar isso. — Irritado, sem tirar a mão sobre o ferimento na boca, ele continuou falando: — Quer saber? Vá dormir antes que eu perca a minha paciência. A equipe de vídeo chegará amanhã depois do horário do almoço. Esteja pronta.

Assenti e ele continuou parado, observando-me, sem fazer qualquer menção de se retirar, o que me deixou receosa ao abrir a porta do quarto e entrar.

Ao fechar a porta pelo lado de dentro e me ver sozinha no aposento imenso, decorado com mais luxo e requinte do que eu já tinha visto durante toda a minha vida, fui arrebatada pela mais inconsolável solidão, que parecia doer-me até os ossos. Era como eu me sentia todas as vezes que Jawad me deixava, como se sua companhia fosse algo de que eu necessitava, um vício do qual dependia.

Nem mesmo as barbaridades que ficava sabendo sobre o que ele era capaz de fazer com uma mulher eram suficientes para que eu o repudiasse, para que não quisesse estar com ele. A verdade era que eu queria que ele tivesse entrado, que estivesse ali comigo, o que era uma grande loucura.

Talvez, depois que eu começasse a escrever os artigos, ocuparia minha mente com essa nova empreitada e pararia de me sentir assim em relação a ele. Essa atração desmedida, esse desejo insano, não era mais do que fruto do tédio e da ociosidade nos quais vivia mergulhada naquele lugar. Quando tivesse com o que me ocupar, sequer me daria conta da existência do príncipe. Tinha certeza disso.

CAPÍTULO 21

Jasmine

Tive uma noite de sono agitada e intranquila, povoada por pesadelos nos quais eu tinha minha língua cortada por Jawad, depois minhas mãos eram arrancadas e, por fim, eu era trancafiada no porão do palácio, junto com os demais prisioneiros.

Na manhã seguinte, sentia-me cansada como se tivesse passado a noite em claro, com meus olhos rodeados por olheiras enormes. Logo hoje que eu tinha o vídeo para gravar e precisava estar com uma boa aparência. Mas não era nada que um pouco de maquiagem não pudesse resolver.

Como quase todos os dias, tomei o café da manhã junto com Alzira, que me bombardeou com perguntas sobre o jantar, como sempre externando sua curiosidade sem fim sobre tudo o que eu fazia, ou deixava de fazer. Após a refeição, me recolhi ao aposento e deitei-me para ler um livro.

Aproximava-se do horário do almoço, quando a porta foi aberta e Jawad invadiu o cômodo, apressado, sem pedir licença, como de costume. Ele tinha o semblante carregado, os ombros largos enrijecidos de tensão, uma

ruga formada no meio da testa. Trazia uma folha de jornal em sua mão, não usava a túnica nem o ghtrah e parecia ainda mais gostoso, com o corpo grande e forte marcado pela calça simples e a camisa casual.

Como sempre, sua proximidade me deixou completamente afetada, cada um dos meus sentidos em alerta, ligados nele, algo se agitando em meu íntimo.

— Aconteceu alguma coisa? — indaguei, apressando-me em levantar e me recompor. Seus olhos lindos estavam atentos aos meus movimentos enquanto eu ajeitava o vestido de volta no lugar.

— Quero que veja isso.

Ele entregou-me o jornal e examinei seu conteúdo. Era um jornal local, árabe, denominado de “O Progressista”. Estampada na primeira página, estava uma fotografia minha, extraída do *Facebook*, na qual eu não parecia nada sofisticada, ou elegante, pelo contrário. Era uma foto tirada na praia, durante uma viagem à Califórnia, na qual eu usava um short minúsculo, a peça superior de um biquíni e bebia cerveja direto do gargalo da garrafa. Era um desses momentos insanos, cuja imagem poderia parecer bastante divertida na América, mas extremamente vulgar na Arábia Saudita.

No título da reportagem, em letras garrafais, estava escrito: “PRÍNCIPE LEVA ALKALIBA AMERICANA PARA

JANTAR COM A FAMÍLIA REAL”. A matéria inteira era tão pretensiosa quanto seu título. Com palavras hostis contra Jawad e sua família, tentavam ridicularizar e vulgarizar o fato de eu ter participado daquele jantar, como se isso fosse um grande desrespeito com a população árabe. Mencionava ainda, com a mesma agressividade, que o príncipe e o rei fizeram uso de bebidas alcoólicas durante o evento, o que, de acordo com as leis locais, era crime.

— Nossa! Quanto absurdo. Quem é esse cara que escreveu isso?

— É um jornalista local que parece ter como objetivo de vida me destruir.

— Por quê? O que você fez a ele?

— Nada. Ele simplesmente cismou com a minha cara. Se considera um revolucionário, ativista nas causas humanitárias. Mas não faz isso pela sociedade, não tem uma opinião formada sobre nada, a não ser me demonizar.

— E como ele tem todas essas informações?

— Aí é que está a raiz do problema. Não sabemos como. Acho que ele tem um informante em Al Saud e vou acabar com a raça dele quando descobrir quem é. — O tom de sua voz soou tão agressivo e ameaçador, que senti um calafrio percorrendo minha espinha. — Você por acaso comentou com alguém que meu pai e eu bebemos ontem à noite?

Outro calafrio me percorreu, ainda mais intenso que o primeiro.

— Claro que não. Você disse para eu não comentar.

Na verdade, eu tinha comentado com Alzira, enquanto ela me bombardeava com suas perguntas. Mas Alzira jamais seria a informante de um jornalista mau-caráter como aquele. Com certeza, não foi ela.

— A pessoa que está passando essas informações para ele mora aqui, está entre os empregados. Aquele homem que tentou te estuprar foi castrado durante a madrugada e, ao amanhecer, a notícia já estava no jornal. Preciso saber quem é o safado que está armando contra mim.

Senti um terceiro calafrio ao ouvi-lo mencionar o que fez com o estuprador, embora não conseguisse lamentar nada por ele. Pelo menos nunca mais faria isso com uma mulher.

— Eu posso ficar de olho para ver se descubro quem é.

— De jeito nenhum! Fique bem longe dos empregados. Não quero que chegue perto de nenhum outro homem.

— Tudo bem.

— O que preciso que você faça é que desminta esse safado no vídeo que gravará hoje. Diga que não é minha

amante, que não temos nada um com o outro, a não ser uma contratação de emprego, de acordo com a qual você está aqui para escrever sobre minha família e nada mais.

— Claro. Eu já ia fazer isso.

— Assim será melhor. Até porque, se essa notícia chega a outros países, não vão mais ter nenhuma dúvida de que a estou escravizando sexualmente.

— Concordo. Vou falar que não temos nada, até porque é verdade.

— E mesmo quando deixar de ser verdade, você continuará afirmando isso.

Não falei nada. Não queria entrar em outra discussão dizendo a ele que essa verdade jamais deixaria de existir.

— Quando a equipe chega para o vídeo? — perguntei, depois do momento de silêncio.

— Depois do almoço. Esteja pronta. Venho buscar você.

— Tudo bem.

Ele ficou parado durante um instante, silencioso, fitando-me com seus olhos inesquecíveis, como se memorizasse meus traços. Até que, por fim, pegou o jornal de volta e deixou o quarto.

Após o almoço, novamente a *personal stylis*t veio me produzir, desta vez para a gravação do vídeo, como se

eu fosse alguma inválida que não conseguia se vestir e pentear sozinha.

No horário mencionado, Jawad invadiu o aposento para me buscar e seguimos juntos para a moradia principal. Em um dos salões, decorado como um luxuoso escritório, a equipe já nos esperava para a produção do vídeo.

Usando os trajes típicos árabes, havia dois garotos bem jovens, responsáveis pela câmera, uma *Canon Powershot* de última geração – embora demonstrassem não saber ao certo o que fazer com ela – e um terceiro cuidando da direção da arte.

O verdadeiro Omar, conselheiro do príncipe, também estava lá e ficou todo sem jeito quando o cumprimentei, provavelmente por causa da brincadeira que fiz com ele na ocasião em que nos conhecemos.

Era um rapaz tímido, mas dono de uma beleza rara, com belos olhos cor de mel, sombreados por sobrancelhas grossas e um belo porte atlético dentro da túnica branca, embora não chegasse nem aos pés de Jawad.

Ambos tinham belezas diferentes. Enquanto Jawad era brutalmente másculo e viril, Omar era mais sutil, quase delicado.

O sujeito que dirigia o projeto, queria que eu gravasse sentada atrás da mesa retangular do escritório,

mas achei que ficaria melhor gravar de pé, pois passaria uma impressão mais impessoal. Levamos a questão à Jawad e ele concordou comigo.

Após alguns testes, coloquei-me diante de uma estante repleta de livros, com a câmera apontada em minha direção, e tão logo foi dado o play, comecei a falar, em inglês, satisfeita por falar no meu idioma nato, depois de tantos dias falando apenas em árabe.

— Meu nome é Jasmine Elizabeth Campbell, tenho vinte e quatro anos, sou americana, jornalista. Há alguns dias, minha equipe e eu estávamos a caminho dos Emirados Árabes, onde faríamos uma reportagem sobre a cultura islâmica, quando nosso avião fez um pouso de emergência no Iêmen, onde, após sermos equivocadamente confundidos com traficantes de drogas, fomos condenados à morte. No dia da nossa execução, em um ritual bárbaro de enforcamento, o príncipe herdeiro da Arábia Saudita, Jawad Nazir, estava presente e salvou nossas vidas, negociando nossa liberdade com o rei daquele país. Na ocasião, todos nós assinamos um contrato de acordo com o qual eu deveria permanecer na Arábia Saudita, mas não como prisioneira, ou amante do príncipe, como presumimos inicialmente. A intenção dele desde o início era me contratar para escrever uma série de artigos sobre o seu país, sua cultura, sua família e, assim,

mostrar ao mundo algumas concepções equivocadas que se tem sobre sua gente. Estou sendo muito bem tratada aqui, inclusive meu pai está recebendo assistência médica custeada pelo príncipe e, em breve, iniciarei a produção desses artigos, para os quais tenho feito relevantes pesquisas. Ao contrário do que muitos pensam, não sou uma prisioneira em Al Saud, tampouco sou amante do príncipe. Sou apenas uma hóspede e estou sendo muito bem tratada.

Proferi mais algumas palavras, agradecendo a atenção de todos e encerrei o discurso.

Precisei relembrar o porquê exatamente estava fazendo aquilo, porque estava mentindo tão descaradamente, afirmando que era livre, e todas as ameaças que Jawad me fizera voltaram-me à mente, deixando-me aflita, angustiada.

— Você foi maravilhosa — disse Jawad.

Ele veio até mim e, antes que eu pudesse evitar, estreitou-me em seus braços fortes, apertando-me de encontro ao seu peito.

Ao observar a cena, os outros homens deixaram a sala sem ao menos disfarçar a pressa.

— Por favor, apenas me deixe em paz — pedi.

Pressionei meus punhos cerrados em seu peito e ele se afastou.

— Está tudo bem?

— Estou bem. Só quero voltar para o meu quarto. Já posso ir?

— Vou verificar com o rapaz da supervisão, mas acho que não vai precisar de uma segunda tomada. — Ele me observava com um misto de desconfiança e curiosidade refletido nos olhos verdes. Era como se não lembrasse das ameaças que me fizera, ou não as levasse a sério. — Vamos. Eu te levo de volta.

Deixamos a sala e, ao encontrarmos o produtor do vídeo do lado de fora, Jawad teve sua confirmação de que não precisávamos fazer uma nova gravação. Mantendo meus braços cruzados na frente do peito, meu corpo todo tenso, não permiti que ele chegasse muito perto de mim enquanto seguíamos de volta para a residência das empregadas. Ao nos aproximarmos da porta do meu quarto, parei, para que ele soubesse que devia voltar dali, sem que eu precisasse pedir.

— Obrigado pelo que fez. Pode ter certeza de que será muito bem recompensada — disse Jawad. — Tenho uma viagem agendada para os próximos dias, mas darei um jeito de entrar em contato com o dono do jornal em que você trabalha. Tenho certeza de que ele vai concordar em publicar o vídeo e os artigos.

— Eu também tenho certeza — ironizei, ciente de que se ele recusasse, Jawad pagaria o suficiente para convencê-lo a mudar de ideia.

— Na volta, trarei o seu pagamento. Tenha só mais um pouco de paciência.

Eu não via a hora de ter acesso à internet. Ia procurar a CIA, o FBI, o governo e quem mais pudesse me ajudar a voltar para casa. Sem que Jawad soubesse de nada, claro.

— Tudo bem.

Ele me encarou durante um breve momento de silêncio, com suas sobrancelhas franzidas e o olhar expressando preocupação.

— Você está mesmo bem?

— Sim. Só quero ficar sozinha.

Suspirou pesadamente, como se desistisse de me fazer falar a verdade.

— Certo. Até depois então.

Sem que eu esperasse, inclinou-se até mim e plantou um beijo rápido no alto da minha cabeça, afastando-se em seguida.

No quarto, a solidão desoladora voltou a me fazer companhia. Tentei me concentrar na leitura de um livro, mas nem isso estava adiantando mais. Eu só queria ir para casa, ver meu pai, voltar para a minha vida, para a

agitação do trabalho e a correria do dia a dia. Jamais me acostumaria com uma vida como aquela, a passar o dia inteiro sozinha, sem fazer nada, sendo tratada como uma inútil que não conseguia nem se vestir sozinha para um evento.

O que eu disse naquele vídeo, não foi de todo mentira, realmente as pessoas me tratavam bem ali, as empregadas já tinham se acostumado comigo e nem me olhavam mais de cara feia, eu estava rodeada de luxo e conforto.

Entretanto, aquele não era o meu lar, não era a vida pela qual lutei duramente, dividindo-me entre a faculdade e os cuidados com o meu pai para me tornar uma jornalista de respeito. Aquela não era a vida que escolhi.

Tudo o que fiz, todas as batalhas que enfrentei, foi para me tornar uma pessoa livre e independente e ali eu era o oposto disso. Não passava de um joguete nas mãos de Jawad, que me usava para alcançar seus objetivos. Se eu não fosse capaz de escrever aqueles artigos, talvez ele já tivesse se livrado de mim, ou me mutilado, como sua irmã disse que costumava fazer com as amantes que o desagradavam.

Eu não sabia por quanto tempo mais conseguiria viver assim, confinada, sozinha, com esse medo constante de que ele perdesse a cabeça de repente e fizesse o pior

comigo, machucando-me de forma irreversível, ou mesmo me matando.

Minha única saída era fazer uso da internet para buscar ajuda em segredo e se esse plano falhasse, o plano B seria ganhar sua confiança e, quando ele menos esperasse, escapar de suas garras. Esse segundo plano era muito mais difícil, por isso eu precisava que o primeiro desse certo. Esperava, sinceramente, que Jawad não demorasse a voltar dessa tal viagem e trouxesse meu celular com acesso à internet.

CAPÍTULO 22

Jasmine

Vários dias se passaram e Jawad não apareceu para falar comigo. Dia após dia, eu o esperava, espezinhada pela ansiedade, mas nem notícia dele. Eu não sabia se ainda estava viajando, ou se já havia retornado ao palácio. Quando perguntava à Dahab ou a Alzira, ambas me diziam que ele ainda não tinha voltado, mas elas já haviam mentido sobre isso antes, de modo que não era possível ter certeza. Talvez ele estivesse no palácio e não vinha falar comigo porque nunca teve a intenção de me dar as coisas que exigi, como o acesso livre à internet, ou talvez a solidão estivesse me deixando paranoica.

Não era apenas pelo que ele me traria, o anseio que eu tinha em revê-lo. Eu sentia tanta falta dele, de ouvir a sua voz, de me aconchegar ao seu calor, do seu jeito de me olhar, que chegava a doer por dentro.

Por mais que me custasse admitir, aquele homem havia despertado algo em mim, uma paixão visceral, irracional, que precisava ser ignorada e esquecida, mas da qual eu tinha certeza de que só conseguiria me livrar quando estivesse bem longe dele, em Nova Iorque, de volta ao meu corrido dia a dia.

Todas as noites eu ficava acordada até o horário em que ele costumava sair até o gazebo para fumar. Pensava seriamente em pular a janela e ir procurá-lo. Precisava de um grande esforço para me conter e não cometer tal loucura. Não apenas porque era perigoso lá fora, mas porque eu tinha prometido a mim mesma que não me entregaria a ele enquanto estivesse confinada como uma refém.

O que me salvava de enlouquecer ali eram os livros, que de vez em quando Dahab trocava, certamente a mando dele e a amizade de Alzira, que ficava mais forte a cada dia. Eu gostava também das aulas de dança do ventre, mas não era todo dia que Dahab tinha tempo de ministrá-las. Ela era a governanta a quem todas ali respondiam e com isto estava sempre muito ocupada.

Sem um relógio, ou mesmo um calendário, ou um rádio, eu estava quase completamente perdida no tempo. Não tinha mais noção de data e mal me recordava que dia da semana era aquele.

Havia passado pouco tempo do horário do almoço, eu estava espichada na cama, completamente à vontade, com a saia do vestido embolada na altura dos quadris, os cabelos espalhados sobre o colchão, lendo um romance da Sylvia Day, quando de súbito a porta se abriu e Jawad entrou, avançando pelo aposento, altivo e soberano, dentro

da sua túnica branca longa, carregando uma sacola grande, a qual eu mal conseguia enxergar. Meu olhar estava vidrado nele, em seu rosto lindo, na forma enfeitiçadora como seus olhos claros contrastavam com a pele morena, no desenho perfeito da sua boca, na barba curta e bem aparada salientando o maxilar forte, na sua postura ostensiva de um verdadeiro nobre.

Levantei-me da cama quase sem conseguir respirar, arrebatada pela sua presença, por aquela aura de poder e de perigo que sempre o envolvia, tomando conta de tudo; pela forma sequiosa como me observava ajeitando a saia do vestido de volta no lugar, como se estivesse faminto e eu fosse seu alimento.

Tentei reprimir as emoções que me bombardeavam, conter o misto de saudade e desejo que tomavam conta de mim, mas sequer consegui controlar as batidas aceleradas do meu coração. Tudo em mim se agitava enquanto eu me dava conta do quanto sentira a sua falta durante aqueles dias, embora jamais admitiria isso em voz alta.

— Como você está? — indagou, com seus olhos lindos fitando os meus.

— Entediada. E você, como foi a viagem?

— Entediante. Queria que você estivesse lá comigo.

Ele não podia nem sonhar o quanto eu queria isso também.

— Eu estava aqui, onde você diz que é o meu lugar.

— Seu lugar é onde eu estiver.

— Nem sempre as coisas são como queremos.

— Eu faço com que sejam exatamente como eu quero.

— Já percebi isso. — Previ que se continuássemos com aquela conversa íamos acabar discutindo mais uma vez, então mudei de assunto: — Conseguiu convencer meu chefe a publicar o vídeo e os artigos?

— Ele não é mais o seu chefe. Agora você trabalha para o *New York Times* e terá uma coluna quinzenal para publicar os seus artigos sobre a Arábia Saudita. Só falta assinar a papelada.

Permaneci em silêncio por um instante, fitando-o atônita, enquanto digeria aquela informação. Trabalhar para o *New York Times* era o sonho de todo jornalista, de Montana até o Texas. Eram necessários anos de experiência para conseguir uma vaga nesse jornal. Como Jawad havia alcançado essa façanha?

— Você os pagou para que me contratassem?

— Nem um centavo. Após conversar com o dono do seu antigo jornal, percebi que o mundo ocidental está mais sequioso por informações sobre o Oriente Médio do que eu presumia. Então decidi procurar o maior jornal. Eles viram seu vídeo e aceitaram a proposta na mesma hora.

Caramba! Aquilo só não era melhor porque eu não havia conquistado por méritos próprios, mas ainda assim era incrível. A verdadeira realização de um sonho.

— Que ótimo. Isso é maravilhoso.

Jawad me deu um sorriso de tirar o fôlego.

— Eu sabia que você ia gostar. — Ele aproximou-se da mesa e depositou sobre ela a sacola. — Tem mais uma novidade boa para você.

Antes de me mostrar o conteúdo da sacola, ele sacou um sofisticado celular do bolso da sua túnica e aproximou-se de mim, colocando-se tão perto que seu cheiro gostoso me alcançou, interferindo diretamente na minha capacidade de raciocinar com coerência. Tudo em que eu consegui me concentrar foi na sua proximidade, na descabida vontade de jogar tudo para o alto, me atirar naqueles braços fortes e matar a saudade.

— O vídeo que você fez falando sobre sua estadia aqui, está com mais de cinquenta milhões de visualizações no *YouTube*. — Ele ligou o aparelho e vi o vídeo com essa quantidade de visualizações, postado no canal do meu antigo jornal. — Acho que esse número contribuiu para a decisão do *New York Times* te contratar.

Aquilo significava que o vídeo estava sendo visto por pessoas do mundo inteiro, o que era incrível e inesperado. Dei uma lida em alguns comentários e descobri que as

pessoas acreditavam em mim, desejavam-me sorte nessa nova empreitada e algumas delas faziam perguntas sobre o tão desconhecido e misterioso mundo árabe.

— Agora você é conhecida no mundo inteiro, o que significa muito para quem pretende seguir a carreira jornalística — disse Jawad e sorri para ele. — Aqui está tudo o que você me pediu. Te garanto que, se você continuar fazendo um trabalho tão bom, terá muito mais.

Ele abriu a sacola e fiquei ansiosa, mal podendo acreditar que finalmente poderia acessar a internet, me conectar ao meu verdadeiro mundo de novo. Não sabia nem por onde começar.

Antes de mais nada, ele pegou um documento e entregou-me.

— Aí está o comprovante de um milhão de dólares na sua conta bancária e do apartamento na Quinta Avenida em seu nome.

Examinei o conteúdo do papel e constatei que era aquilo mesmo. Eu era uma milionária agora, embora não pudesse usufruir disso. Pelo menos não por enquanto.

Em seguida, Jawad entregou-me as chaves de um carro.

— Mas um carro não fazia parte do acordo — comentei.

— Eu sei. Mesmo assim decidi te dar esse presente. Acho que você vai querer ir ao shopping, ou visitar algum outro lugar da nossa bela cidade. Agora que as mulheres podem dirigir na Arábia Saudita, não há razão para que você não saia por aí no seu próprio carro. — Ele enfiou a mão na sacola e entregou-me um cartão de crédito. — Para o caso de querer sair e se divertir por aí.

— E por acaso eu vou poder fazer isso?

— Acompanhada dos seguranças, claro.

Nem tive tempo de ficar desapontada, pois nem por um segundo acreditei que ele realmente me deixaria sair sozinha.

— A sede do seu jornal está sendo providenciada, aqui em Riad. Em breve, você terá seu próprio local de trabalho.

— Mas sempre cercada de seguranças, óbvio.

— Só até eu ganhar sua confiança. Depois você será uma mulher independente. Estou providenciando também um apartamento só seu, para quando você conquistar minha total confiança.

Até que as coisas que ele me oferecia eram tentadoras. *Que ser humano resistiria a ter seu próprio negócio e um apartamento só seu?* Todavia, eu ainda preferia voltar para casa e conquistar minhas coisas com o

suor do meu trabalho. Embora essa vontade já não me parecesse assim tão imensa, como antes.

Que maravilha! Eu estava começando a cair na lábia daquele príncipe safado, permitindo que me comprasse, o que era o fim da picada.

— E por fim, o que você mais queria. Acesso ilimitado à internet.

Quase soltei um grito, de pura euforia, quando ele tirou da sacola um notebook novinho, de última geração, um *iPhone* e um tablet e entregou-me.

Ainda incrédula, peguei o *iPhone* e o liguei, certificando-me de que realmente estava conectado à web.

— Ai, meu Deus! Nem posso acreditar. Obrigada — falei, concentrada na tela do aparelho moderno e sofisticado.

— Já está com todos os aplicativos que vocês americanos tanto amam instalados e não precisa de senha para acessar o Wi-Fi, já vem com tudo embutido. — Sua voz assumiu um tom de gravidade, quando ele continuou: — É de suma importância que você não permita que as empregadas, ou qualquer outra pessoa do palácio, acesse a internet. Isso é proibido por lei por aqui. Esta concessão a você só é possível porque é estrangeira. Além disso, precisa estar conectada com o mundo devido à sua coluna no jornal.

— Claro. Fique tranquilo. Não deixarei ninguém acessar. Na verdade, as pessoas aqui não sabem nem o que é internet.

Eu mal cabia em mim de tanta felicidade. Não conseguia desviar meu olhar do aplicativo de troca de mensagens na tela. Tão logo Jawad me deixasse sozinha, faria uma chamada de vídeo para o meu pai e, em seguida, para todos os amigos e conhecidos. Finalmente ia poder revê-los, tranquilizá-los dizendo que estava bem e matar a saudade. Não eram tantos amigos assim, mas eu prezava pelos poucos. Não permitiria que eles soubessem que eu estava em Al Saud contra a minha vontade, para que não se preocupassem, nem fizessem alarde.

Depois de falar com todo mundo, procuraria ajuda para fugir. Os órgãos de investigação internacional do governo deviam ter preparo suficiente para me tirar da Arábia Saudita às escondidas, sem que uma guerra fosse declarada pela quebra do contrato que eu e minha equipe assinamos no dia em que quase fomos enforcados. Jawad jamais saberia de nada. Quando se desse conta da minha ausência, eu já estaria em um avião de volta para casa. Mal podia acreditar que em breve estaria livre.

— Tem mais uma coisa que você precisa saber — anunciou Jawad, arrancando-me dos meus pensamentos.

Notei que ele me observava fixamente, enquanto eu tramava mentalmente minha fuga. Sua expressão inescrutável me impediu de saber se desconfiava do que se passava pela minha cabeça.

— O quê?

— Você não vai poder usar a internet para tentar fugir de mim, pois, apesar de ter acesso irrestrito a todos os sites e aplicativos, tudo será monitorado por mim e um dos meus conselheiros. Os aparelhos são clonados. Nada do que você fizer deixará de ser visto. Eu sinto muito.

Ele falava como se realmente lamentasse por controlar a minha vida daquela forma e como se fosse capaz de ler meus pensamentos. Fiquei lá paralisada, digerindo lentamente suas palavras, à medida em que todas as minhas esperanças, toda a minha felicidade e empolgação foram se esvaindo do meu ser, dando lugar a uma sensação de derrota atordoante.

Eu não podia acreditar que ele realmente faria aquilo! Que tiraria minha única chance de ser livre, que continuaria me tratando como se eu fosse sua propriedade, um objeto inanimado sem direito a nada, nem mesmo à privacidade. Foi muita burrice da minha parte acreditar que ele me permitiria aquele pequeno sopro de liberdade.

Aquele sujeito não passava de um escroto, um controlador do caralho! Um abusador.

À medida em que eu fazia tais percepções, uma raiva cega, descontrolada, foi se alastrando furiosamente pelas minhas veias, tomando conta de tudo em mim, fazendo meu sangue ferver.

— Você não pode fazer isso — murmurei, com a voz trêmula, contendo o furacão que se formava em minhas entranhas.

— Na verdade, eu posso sim. Posso fazer tudo o que eu quiser no que diz respeito a você.

Lembrei do maldito contrato que ele me fizera assinar na ocasião em que me resgatou no lêmen. Ele repetia as palavras constantes naquele documento, como se o mencionasse, como se jamais tivesse deixado de me considerar uma posse, um objeto que comprara. Como se jamais tivesse me visto como um ser humano.

— Você prometeu.

— Que te daria acesso à internet e estou cumprindo. Só que monitorarei todos os seus passos, todas as suas conversas. E quando eu não tiver tempo, meu conselheiro o fará.

— Seu desgraçado!

Por fim, não fui mais capaz de conter a ira que me acometeu e explodi, avançando para cima dele quase sem perceber o que fazia, atacando-o com punhos e pés, chutando e batendo descontroladamente, fazendo uso de

uma força física que eu sequer sabia que tinha, enquanto ele se esquivava dos golpes, nem sempre conseguindo escapar.

— Maldito! Você não é o meu dono, não tem o direito de fazer isso comigo! Eu não quero mais ficar aqui. Não cometi crime algum para que faça de mim uma prisioneira.

— Então eu estava certo. Você realmente queria acessar a internet para tentar fugir e está completamente frustrada porque o plano deu errado.

— Meu lugar não é aqui! Quero voltar para a minha casa!

— Que casa? Um apartamento dentro do qual você mal tinha espaço para se mover? Pode tirar isso da cabeça. Seu lugar é aqui agora, a Arábia Saudita é o seu lar, eu sou o seu dono e você não vai a lugar nenhum. Nunca mais! Acostume-se com isso de uma vez.

Completamente descontrolada, consegui alcançar seu rosto com a palma da minha mão e dei-lhe uma bofetada estalada, com toda a força, deixando a marca dos meus dedos em sua pele e toda a sua face vermelha de ódio.

— Pare com isso! Não me faça revidar! — vociferou, estrondosamente, aprisionando meu pulso com o qual lhe bati.

Mas eu tinha a outra mão e foi nela que concentrei todas as minhas forças físicas para bater do outro lado do seu rosto, em outra bofetada que fez ainda mais estalo. Seu rosto ficou ainda mais vermelho, com uma fúria descomunal refletida no verde de suas íris e tive quase certeza de que ele acabaria com a minha raça ali e naquele momento. Ainda assim, não me amedrontei, nem recuei. A raiva dentro de mim era tanta que não deixava espaço para mais nada.

Segurando-me pelos dois pulsos, Jawad me empurrou até a cama e, com facilidade, atirou-me bruscamente sobre ela, deitando-se em cima de mim, aprisionando-me com seu corpo grande e sólido, enquanto eu continuava me debatendo, lutando, tentando o acertar e machucar como eu podia, mas sem mais alcançar muito resultado.

— Já chega! Pare com isso! — exaltou-se.

CAPÍTULO 23

Jasmine

Continuei lutando, debatendo-me e me contorcendo, tentando o machucar, enquanto suas mãos aprisionavam meus pulsos e seu corpo enorme imobilizava todo o resto de mim. Era impossível competir com suas forças físicas e, aos poucos, fui perdendo minhas energias, o cansaço me vencendo, até que já não conseguia mais brigar e fiquei imóvel, com minha respiração ofegante, o coração acelerado.

Senti o calor da sua respiração pesada batendo em minha face e, como se despertasse de um transe, me dei conta de que seu rosto estava a poucos centímetros de distância do meu, os olhos quase translúcidos fixos nos meus. Seu calor masculino, infernalmente excitante, alcançou-me através das roupas, fazendo o sangue correr ainda mais quente em minhas veias e um latejar impaciente se instalar entre minhas pernas.

Tentei ignorar o novo turbilhão de sensações que me inundava, mas foi impossível. Logo o desejo escaldante aflorou em meu interior, tão intenso e descontrolado quanto todo o resto, misturando-se a tudo mais, transformando o

meu íntimo em uma profusão incontrolável de emoções que conflitavam-se entre si.

Agindo como um animal irracional, movido unicamente por instintos, ergui a cabeça e cobri sua boca com a minha, movimentando meus lábios nos dele, fazendo pressão, enquanto Jawad permanecia imóvel, seus olhos abertos fixando meu rosto, com espanto, seus músculos tensionando ainda mais.

Como se estivesse em choque, tentando entender o que acontecia comigo – algo que nem eu mesma compreendia –, ele continuou imóvel durante um momento, com apenas meus lábios sendo pressionados nos seus. Porém, logo se rendeu, retribuindo o beijo com uma sofreguidão gostosa, abrindo a boca e enfiando sua língua sequiosa na minha, devorando-me avidamente, atiçando ainda mais o fervor descabido que tomava conta de mim e ditava todas as minhas ações, como se eu fosse um fantoche, escrava das minhas emoções exacerbadas.

Sem separar sua boca da minha, Jawad soltou os meus pulsos e desceu suas mãos pelos meus braços, ao passo em que eu abria as pernas e permitia que ele encaixasse seus quadris entre elas. A ereção friccionava meu sexo molhado por sob as roupas, levando um gemido surdo aos meus lábios.

Naquele instante, nada mais me importava. Tudo o que eu queria e precisava era senti-lo mais intimamente, tê-lo dentro de mim. Não apenas porque o desejava desde o início, mas porque não existia uma escapatória. Eu pertencia àquele homem e sempre pertenceria. Ser sua em todos os sentidos era inevitável, o meu destino, traçado muito antes de eu entrar naquele avião que nos deixou no Iêmen.

Sua boca implacável ainda devorava a minha, o resvalar da sua língua exigente me fazia ferver e arder, quando suas mãos desceram para o decote do vestido e o puxaram dos dois lados, brutalmente, rasgando o tecido com facilidade, de cima a baixo, até que eu estivesse deitada sobre trapos, usando apenas a calcinha pequena.

Sem sair de cima de mim, Jawad abandonou minha boca e desceu a sua através da minha pele nua e quente, lambendo cada centímetro por onde passava, formando trilhas de beijos. Passou por entre meus seios e continuou descendo, beijando minha barriga, mordiscando meu ventre, acendendo labaredas de fogo onde tocava.

Ele segurou a calcinha pequena dos dois lados e a puxou pelos meus pés, erguendo a cabeça para observar meu sexo escancarado diante dos seus olhos brilhantes de luxúria. Um gemido abafado escapou da sua boca, atingindo-me como eletricidade.

Jawad espalmou as duas mãos no interior das minhas costas e as afastou até que não fosse mais possível, deu mais uma olhada no meu sexo ainda mais aberto e o atacou com sua boca incomparavelmente habilidosa. Deu uma mordida bem em cima da minha pélvis, sugou meus grandes lábios, um de cada vez, como se me degustasse aos poucos e então invadiu-me com sua língua deliciosa, quente e úmida. Deixei escapar um gemido alto quando ele a colocou diretamente sobre meu clitóris, como se já conhecesse o meu corpo e minhas necessidades.

Como se brincasse com meu ponto mais sensível, lambeu-o com lânguidos movimentos circulares, que foram acelerando aos poucos, até se tornarem frenéticos, incessantes e enlouquecedores. Meu corpo todo vibrava, ondas de um prazer desmedido me percorriam, fazendo-me gemer cada vez mais descontroladamente.

Mergulhada naquele mar de luxúria que me afogava, enterrei meus dedos em seus cabelos curtos e os puxei, lançando minha cabeça para trás e movimentando os quadris para esfregar meu sexo na sua boca gostosa, completamente enlouquecida e perdida, arrebatada pela intensidade das sensações.

Com a destreza de um homem que conhecia muito bem o corpo de uma mulher e sabia exatamente como

levá-la à loucura, Jawad introduziu dois dedos na minha vagina lambuzada, movimentando-os em um delicioso entre e sai. Minhas paredes latejavam em torno deles, como se os mastigasse. Ao mesmo tempo, ele fechou seus lábios macios em volta do meu clitóris e deu início a uma sucção lenta e enlouquecedora, o que me levou à completa perdição.

Em meio a gritos e gemidos, fui arrebatada por um gozo longo e inesquecivelmente profundo, capaz de fazer meu corpo todo se sacudir sobre a cama, como se toda a tensão acumulada durante os dias se esvaísse de mim de uma só vez.

Quando comecei a amolecer e me aquietar, Jawad colocou seus lábios deliciosos bem na minha entrada e sugou, como se deliciasse com os resquícios do meu prazer, o que foi suficiente para que meu corpo reagisse de imediato. O fervor voltou com violência, como se eu não tivesse acabado de gozar.

Eu estava largada sobre a cama, completamente nua e escancarada diante do seu olhar, ainda exaurida pelo gozo, mas novamente excitada a ponto de sentir minha intimidade palpitar de tanta vontade de tê-lo dentro de mim, quando ele ficou em pé à minha frente e arrancou sua túnica pela cabeça.

— Não se atreva a se mover — disse Jawad, enquanto se despia de suas roupas, sem desviar seu olhar esfomeado da minha nudez.

— Eu não vou a lugar nenhum — sussurrei, ofegante.

E para onde eu iria? Minha vida, meus caminhos, meu futuro, já não pertenciam a mim, mas a ele. Não apenas porque as coisas eram forçadas a ser assim, mas porque eu queria. Parecia loucura, mas naquele instante eu me sentia tão dele, eu o queria com tanta força, que esse querer chegava a ser quase uma dor.

Meus olhos foram contemplados com sua completa nudez, a visão mais magnífica que uma mulher podia ter. Ele era todo lindo, gotoso demais, másculo, musculoso sem exagero, com o peitoral largo e peludo, a barriga achatada, sem nenhuma grama de gordura e o abdômen reto no formato de um V, com a trilha de pelos negros atravessando-o. O pau era ainda mais longo e grosso do que eu havia percebido quando o vi de relance e estava completamente duro, esticado para cima, com a ponta lubrificada.

A imagem mexeu ainda mais com as minhas terminações nervosas, fazendo-me latejar e pulsar mais ardentemente entre as pernas. Fui tomada por uma vontade quase descontrolada de sentar-me na beira da

cama e colocá-lo na boca, descobrir que gosto tinha. Mas não tive tempo, logo Jawad acomodava-se sobre mim novamente, cobrindo-me toda com seu corpo atlético, apoiando seu peso nos cotovelos e encaixando seus quadris entre minhas pernas.

Ele afundou seu rosto na curva do meu pescoço, beijando e lambendo minha pele, deixando-me ainda mais excitada. Então, segurei seu pau pelo meio e o guiei até a minha entrada, tomada por uma ansiedade crescente.

Sem deixar de beijar e mordiscar minha pele, ele foi entrando em mim devagar, me fazendo latejar ainda mais incessantemente a cada centímetro daquela delícia que empurrava para dentro de mim, até que estava todo dentro, pressionando deliciosamente as predes lambuzadas do meu canal, torturando-me com a ansiedade em senti-lo metendo bem forte e rápido.

Jawad ergueu o rosto para fitar os meus olhos. Havia a mais crua luxúria refletida na sua expressão, em seu rosto lindo contorcido de prazer. Puxou os quadris e, por fim, deu uma estocada brusca, chocando sua pélvis violentamente contra a minha, alcançando-me tão fundo que soltei um grito agudo, ainda me acostumando com seu tamanho exagerado, ligeiramente incômodo.

Sem desviar seu olhar lindo, com aquele brilho meio selvagem, do meu, ele puxou seus quadris e remeteu-se

contra mim novamente, brutalmente, sem dó nem piedade, batendo fundo em mim, arrancando-me outro grito, de um misto de susto, desconforto e prazer. Voltou a puxar o pau e metê-lo com toda força novamente, até que não parou mais de fazer aquilo, dando início a um incessante e enlouquecedor vai e vem, me abrindo toda, comendo-me tão gostoso que o desconforto se foi e me flagrei gemendo como uma alucinada, movendo os quadris para cima e para baixo a fim de buscar mais dele, como se estivesse faminta durante toda a minha vida e só então encontrasse meu alimento. A lascívia me estilhaçou a tal ponto que enterrei as pontas dos meus dedos nos músculos das suas costas, fazendo pressão até que minhas unhas afiadas estivessem cravadas em sua carne.

Com um movimento rápido e habilidoso, Jawad nos virou sobre a cama, colocando-me por cima dele, montada em seu pau, quando pude ter uma visão ainda mais ampla do espécime masculino debaixo de mim, todo grande, moreno, peludo, a personificação das minhas fantasias mais eróticas.

Agindo como se estivesse faminta por ele, apoiei os dois pés no colchão e as mãos em seu peito e passei a mover-me freneticamente, rebolando os quadris, subindo e descendo, enlouquecida e ao mesmo tempo fascinada com a expressão de prazer em seu semblante contorcido.

Suas mãos fortes seguraram dos dois lados dos meus quadris e passaram a auxiliar em meus movimentos, permitindo-me ir ainda mais depressa, levá-lo ainda mais fundo. Inclinando meu corpo para trás, apoiei minhas mãos em seus joelhos e abri ainda mais minhas pernas, me arreganhando toda e rebolando, quando então seus olhos luxuriosos desceram pela minha nudez e fixaram-se em nossos sexos unidos, o que o tornou ainda mais duro dentro de mim.

Olhei naquela direção e vi nossos sexos se devorando. Percebi o quanto minha boceta estava escancarada diante do seu olhar e me senti subitamente indecente. Eu agia como jamais havia agido com outro homem, sem o mínimo pudor ou vergonha. Meus líquidos eram abundantes e molhavam sua pélvis morena, ligeiramente peluda.

Um vago vislumbre de constrangimento surgiu dentro de mim, mas não teve tempo de se intensificar. Logo Jawad mudou nossa posição novamente sobre a cama, passando os braços em volta do meu dorso e se colocando em cima de mim. Com seu corpo colado ao meu de cima a baixo, seu pau se movimentava mais lentamente dentro do meu canal, enquanto seus olhos verdes estavam fixos nos meus.

— Estou quase gozando — grunhiu ele.

— Goza... Preencha minha boceta... Ahhh...

Movendo-se languidamente dentro de mim, ele afastou uma mecha de cabelo que caía na minha testa.

— Me diz que você é minha! — ordenou.

— Sim. Eu sou sua. Pode fazer o que quiser comigo.

Enquanto falava, eu movia meus quadris sob os dele, tentando desesperadamente acelerar seus movimentos. Sentia uma vontade louca de me acabar em gozo tomando conta das minhas entranhas.

— Você vai ser sempre minha.

— Sim... por toda a minha vida...

Com isto, ele atacou minha boca com a sua, no mais faminto dos beijos, ao mesmo tempo em que apressava os movimentos de vai e vem, metendo e tirando, forte e brusco, levando-me àquela insanidade deliciosa.

Abrindo-me ainda mais para ele, abracei seus quadris com as minhas pernas e me perdi de vez, gozando e gritando, acabando-me em seus braços. Sua cabeça se ergueu para que seu olhar registrasse tudo. Então, foi a sua vez de gozar e, com um rosnado, ele se derramou dentro de mim, com seu pau soltando espasmos enquanto jorrava seu sêmen quente e viscoso.

Sem se retirar do meu interior, Jawad nos virou de lado na cama e me abraçou com braços e pernas. Ficamos ali imóveis, com nossos corpos colados um no outro,

durante um longo momento em que o silêncio era quebrado apenas pelo som da nossa respiração ofegante.

— Isso foi maravilhoso — sussurrei.

— Não foi, está sendo.

Eu ainda estava toda mole, sucumbida pelo orgasmo, quando Jawad recomeçou a se mover dentro de mim, entrando e saindo devagar, deslizando em nossas lubrificações. Sua boca gostosa tomou a minha com a mesma languidez enquanto o peito musculoso pressionava meus mamilos sensíveis e, como se eu fosse escrava da devassidão, logo meu corpo estava todo aceso de novo, dominado por um tesão absurdo, intenso como eu jamais experimentara antes na vida.

Como se fôssemos incapazes de parar, continuamos na cama, nos movimentando agitadamente, nos saciando, como dois famintos, durante as horas que se seguiram, até a completa exaustão.

Eu já não conseguia mover nenhum músculo do meu corpo, esgotada como se tivesse corrido uma maratona, suada e saciada, quando por fim Jawad levantou-se para atender o celular que há muito tocava no bolso da sua túnica, presenteando-me com uma bela visão da sua bunda durinha, redonda e empinada, ao caminhar pelo quarto. Sua pele tinha o tom bronzeado de um surfista

que ia todos os dias à praia, mas sem a marca da sunga, o que o tornava ainda mais gostoso.

— O que diabos você quer? Estou no meio de uma reunião importante aqui, caralho! — vociferou, estrondosamente, ao atender o telefone.

Ouviu por um instante e voltou a esbravejar com a pessoa do outro lado da linha, na pele de quem eu não queria estar. Até que, por fim, encerrou a ligação.

— Infelizmente, tenho que ir — anunciou ele.

Quando se virou de frente para mim, tive uma visão ampla e clara do pau enorme, semiereto, lambuzado de gozo e, por mais incrível que pudesse parecer, a imagem me fez voltar a pulsar entre as pernas, desejando senti-lo novamente me penetrando, como se não estivesse trêmula de tanta exaustão.

Minha nossa! No que aquele homem havia me transformado?

— Você está bem? — Jawad indagou e fiz que sim com a cabeça.

Ele sentou-se na beira do colchão e ajeitou uma mecha solta dos meus cabelos, o resvalar dos seus dedos na minha testa suada provocou uma onda de calor que me varreu inteira.

— Aproveite seu tempo livre para passear pela cidade com uma amiga, no seu novo carro. Vá ao

shopping, faça compras. Compre tudo o que quiser, não importa o quanto custe.

A ideia parecia atraente, mas eu preferia gastar esse tempo falando com as pessoas do mundo real, através da internet.

— Talvez eu faça isso.

— Riad tem lugares lindos. Tenho certeza de que você vai se divertir.

Dito isto, ele se levantou e entrou no banheiro, de onde logo ouvi o som da água do chuveiro.

CAPÍTULO 24

Jasmine

Sozinha, a agitação em meu corpo por fim foi se acalmando, o coração voltando a bater no seu ritmo natural, o sangue fluindo com mais calma. Sem a excitação interferindo na minha sensatez, fui me dando conta de que Jawad havia conseguido exatamente o que queria, havia me derrotado, se tornado meu dono, em todos os sentidos da palavra.

Eu simplesmente havia desistido de lutar e me entregado a um destino que não escolhi para mim, a uma vida que não era minha. Me tornara a pessoa que sempre lutei para não ser: dependente, fraca, submissa, sem vontade própria e nada me parecia mais humilhante que isto.

Não que eu estivesse arrependida do que acabara de acontecer entre nós, pelo contrário, foi maravilhoso, inesquecível, mas não o suficiente para me fazer ignorar a condição na qual me encontrava, ou todas as ameaças que ele me fez. E o pior era que não havia mais nada que eu pudesse fazer para modificar minha realidade, meu último trunfo era o acesso à internet, mas essa ideia já não seria possível. O que me restava era aceitar pacificamente o

destino que ele me oferecia e viver como a sua amante para o resto da vida. Pelo menos não era pior que ser morta.

Jawad saiu do banheiro ainda completamente nu, usando uma toalha felpuda para secar a pele morena, que parecia ainda mais irresistível salpicada de água. Observando-o cheguei à conclusão de que jamais me senti tão irremediavelmente atraída por um homem, jamais senti nos braços de outro o que experimentei com ele. *Por que ele não podia ser apenas um carinha que conheci na balada, ou nas ruas de Nova Iorque?* Tinha que ser o líder tirano de um país do Oriente Médio, altamente poderoso e mortalmente perigoso. Era muita falta de sorte da minha parte!

Sem conseguir desviar meu olhar dele, enquanto vestia suas roupas, odiei a mim mesma por me permitir sentir tudo o que explodia em meu íntimo todas as vezes em que ele me tocava, por ser incapaz de resistir às suas investidas, por ser fraca a ponto de ter me entregado e me deixado guiar pelas minhas emoções. Depois, o odiei, por me deixar sem opção, de todas as formas possíveis, por me seduzir de maneira tão infalível, por me atrair daquela forma, por me tornar tão dele e me fazer o querer de forma tão irremediável.

— Eu odeio você. — Deixei escapar.

Ele parou o que fazia, mas por apenas um breve segundo. Logo voltou a se vestir, com o semblante revestido por uma impassibilidade indecifrável.

— Odeia nada. Você apenas queria odiar. Mas não consegue.

— Convencido.

— Realista.

Completamente vestido, lindo como uma miragem, ele veio até mim e inclinou-se para plantar um beijo quase casto em minha testa.

— Aproveite seus presentes. Nos vemos depois.

Dito isto, seguiu rumo à porta e se foi, deixando aquele vazio desolador de sempre em seu lugar. A solidão me abateu como se eu não estivesse sozinha apenas quando estava com ele. Eu podia estar no refeitório da moradia, cercada pelas empregadas, mas continuava me sentindo só e perdida. Apenas Jawad era capaz de afastar essa sensação de mim e, de repente, me flagrei me perguntando quando o veria novamente, ansiando que fosse logo, mas temendo que demorasse vários dias de novo.

Puta merda! Aquele homem estava realmente conseguindo mexer com a minha cabeça.

Depois que ele se foi, continuei deitada na cama, pensando em tudo, no que acabáramos de fazer, no quanto

estava cada dia mais presa a ele e àquele lugar.

Conquistar sua confiança e fugir seria meu plano B, no entanto, eu não tinha nenhuma esperança de conseguir isso. Jawad era esperto e estava ciente das minhas intenções, prova disto era o telefone clonado. Ele jamais se descuidaria a ponto de me permitir escapar. Portanto, o que me restava era me conformar com aquela vida e tentar torná-la o mais suportável possível.

Animada com a perspectiva de poder falar com meu pai através de uma chamada de vídeo, tomei um banho rápido, vesti um vestido confortável e arrumei o quarto, eliminando qualquer vestígio do sexo que fora feito ali. Em seguida, acomodei-me à mesinha e fiz a ligação.

As lágrimas afloraram dos meus olhos quando seu rosto enrugado surgiu na tela. Uma saudade infinita tomava conta de mim, ao mesmo tempo em que eu ficava feliz por ver o quanto parecia bem, com a face corada, desprovida do aspecto doentio de antes.

— *Jasmine... é você mesmo?* — indagou ele, com sua fisionomia carregada de emoção e as lágrimas brotando dos seus olhos.

— Sim, pai. Desculpe a demora em fazer contato. Não é fácil acessar a internet aqui. Ah, por favor, não chore, ou vou chorar também.

— Me desculpe, filha. Estou emocionado demais em te ver depois de tanto tempo. Fiquei tão preocupado.

— Não precisa se preocupar. Eu estou bem. Estou aqui a trabalho, como já lhe falei e não aprisionada como dizem os fofoqueiros.

— Eu vi o vídeo que você gravou. O assisti várias vezes. Você está mesmo bem? Não estão te forçando a fazer isso?

— Eu estou ótima. As pessoas aqui são muito boas para mim. Mas me fale de você. Como está indo?

Meu pai me contou que um representante do príncipe apareceu na casa dele há algumas semanas, oferecendo tratamento com os melhores especialistas da cidade, nos melhores hospitais, por meio dos quais ele havia conseguido fazer uma cirurgia raríssima que o livrou quase completamente do câncer. Ainda fazia tratamento, mas estava livre do risco de morte e sua completa recuperação agora era uma certeza.

Disse também que recebeu do príncipe, através do seu representante, uma casa confortável na zona rural do estado, onde estava vivendo atualmente.

Fiquei espantada com o fato de meu pai aceitar tudo aquilo de um completo estranho, visto que sempre foi um homem muito orgulhoso. Jawad deve ter sido bastante

persuasivo, deve ter falado mais do que revelar ser o meu chefe.

Conversamos durante longas horas, trocando informações, narrando os acontecimentos dos últimos dias, matando a saudade. Em um dado momento ouvi a voz de uma mulher falando com ele e, quando perguntei quem era, ficou todo sem jeito, explicando que se tratava de apenas uma vizinha viúva que de vez em quando aparecia para almoçar com ele. Fiquei feliz demais em saber que tinha conhecido alguém com quem se dava bem, que não estava sozinho.

Quando encerramos a ligação, já era noite para mim, mas meio-dia em Nova Iorque. Então aproveitei o horário do almoço das pessoas de lá para falar com todos os amigos, dar notícias, matar a saudade. Entretanto, falar com eles não foi tão emocionante quanto eu esperava. Primeiro porque não éramos tão apegados a ponto de sentirmos falta uns dos outros, estávamos mais para colegas de faculdade e de trabalho que para amigos. E segundo, porque, como sempre, estavam todos muito apressados, correndo para chegar a algum lugar, para cumprir determinado horário.

A impressão que tive foi de que aquele tempo longe de tudo me modificou de certa forma, levando-me a perceber que a vida podia ser vivida sem tanta correria,

que existiam coisas mais importantes que o capitalismo selvagem. Percebi também que uma barreira transparente parecia ter sido erguida entre mim e as pessoas que eu conhecia.

Já não éramos mais tão parecidos, não pensávamos mais da mesma forma, ou mesmo tínhamos as mesmas opiniões. Minha estada na Arábia Saudita não havia colocado apenas um oceano entre nós, mas toda uma forma de ver o mundo, de modo que estávamos sem sintonia, em ritmos completamente diferentes.

Após conversar com a maioria das pessoas que eu pretendia e acabar desistindo de falar com outras, passei a navegar pelos sites de notícias, atualizando-me sobre o que estava acontecendo no mundo, quando descobri que o novo vírus que fora descoberto na China, há algumas semanas, começava a se espalhar pelo mundo, transformando-se em uma pandemia de grandes proporções e apenas então compreendi porque meu pai aceitou aquela proposta para viver no campo. Era o lugar mais seguro para se estar nesse momento, principalmente para pessoas idosas como ele.

Após todas as conversas e pesquisas, dediquei-me a ler os documentos referentes ao meu contrato com o *New York Times*. Ali dizia que minha coluna seria quinzenal, sem um prazo estipulado para o encerramento

do contrato e meu salário seria ótimo, a quantia que todo jornalista sonhava em ganhar no seu início de carreira. Todos os trâmites legais para a minha contratação seriam tratados pessoalmente pelo assessor do príncipe que se encontrava em Nova Iorque, o mesmo sujeito que mediava as conversas entre Jawad e meu pai. Depois de ler tudo, assinei sem hesitar, mal podendo acreditar que realmente estava acontecendo.

Deixei o celular no quarto enquanto ia ao refeitório jantar e quando voltei, entediada, decidi pesquisar sobre o príncipe Jawad.

Descobri que nunca tinha ouvido falar dele antes daquela viagem porque assumira o trono há apenas um ano e meio. Era denominado pela imprensa mundial como um líder progressista, responsável pela criação de leis que beneficiavam as mulheres sauditas, como as que lhes permitiam ir à faculdade e dirigir, pela primeira vez na história do país. Além disso, lutou contra a corrupção em seu país, punindo inclusive membros da sua própria família.

Li também que ele pretendia investir em outros negócios que não fosse a indústria petrolífera e estava construindo uma cidade futurística, multimilionária, que visava sediar grandes empresas, de diversas áreas, além

de receber turistas de todo o mundo, o que me deixou bastante curiosa, ansiosa para saber mais a respeito.

Apenas ao entrar nos sites de notícias locais, descobri que o príncipe tinha um inimigo de peso dentro do seu próprio país, Said Amin, jornalista e proprietário do maior jornal da região, com sede em Riad. Havia várias notícias negativas sobre Jawad em seu jornal, entre elas uma distorção dos escândalos de corrupção, extravagâncias com o dinheiro público e muito mais. Eram manchetes tendenciosas, cujo objetivo parecia ser, claramente, manchar a imagem do príncipe.

Entre todas as reportagens, a que mais atraiu a minha atenção foi saber que as princesas não tinham permissão de deixar a residência real, o que, embora fosse um costume bastante comum no Oriente Médio, me parecia extremamente cruel.

Não demorou muito, a internet se tornou cansativa e tediosa. Logo eu estava repreendendo a mim mesma por voltar a pensar naquele homem, em tudo o que fizemos naquela tarde, no quanto gostaria que ele aparecesse em meu quarto novamente. Mas ele não apareceu e, mais uma vez, a solidão foi minha companheira durante toda a noite.

***

No dia seguinte acordei tomada pela curiosidade em saber como era sair por aí de carro, quantos seguranças me seguiriam, se não havia realmente uma possibilidade de escapar. Então decidi ir dar uma volta pela cidade no meu novo veículo. Mesmo que não conseguisse fugir, pelo menos me divertiria um pouco e me livraria do tédio. Convidei Alzira para ir comigo, porque uma mulher não podia sair sozinha naquele país.

— Nada disso. A função de acompanhá-la é minha e sou eu quem deve ir com você — disse Dahab, tão logo comuniquei-lhe que sairíamos.

— Não que eu esteja menosprezando sua companhia, mas você é uma mulher ocupada. Fique aqui com seus afazeres. Alzira vai comigo.

— Vou ter que levar o assunto à família real.

Sem esperar que eu dissesse mais nada, Dahab foi até onde sua abaya ficava pendurada e, em seguida, rumou para a residência principal. Só que eu conhecia o caminho da garagem e, assim que ela desapareceu das minhas vistas, fui direto para lá, puxando uma amedrontada Alzira pela mão.

Até porque Alzira também estava precisando de um pouco de diversão para levantar o seu astral. Ela andava meio desanimada ultimamente, achando que o namoradinho estava demorando para propor-lhe

casamento, ou que talvez não tivesse a intenção de se casar com ela, o que seria uma grande tragédia, já que entregara sua virgindade a ele e uma moça que não era mais virgem, não tinha nenhum valor naquele lugar.

Na minha opinião, agora que ele já tinha conseguido o que queria, não assumiria compromisso algum com ela. Os homens geralmente eram assim, em todos os continentes.

Os guardas nos observaram alarmados ao nos verem passar rumo à garagem. Não tentaram nos deter, mas falaram algo no rádio que usavam para se comunicar, obviamente fofocando ao príncipe onde estávamos indo.

Ao alcançarmos o local enorme, repleto de carros de luxo, alguns folheados a ouro, precisei clicar no alarme das minhas chaves para descobrir qual era o meu. Fiquei perplexa quando as luzes traseiras de uma BMW cor-de-rosa choque se acenderam. Mais extravagante, impossível. Só faltou ser conversível para ficar ainda mais atrativa.

Nos acomodamos no veículo com cheiro de carro novo e tão logo deixamos a garagem, seguindo rumo aos portões de saída, um Sedan preto surgiu em nossa cola, certamente abarrotado de seguranças prontos para me deter, caso eu tentasse me aproximar de algum aeroporto, ou mesmo da embaixada americana. O que me restava, portanto, era relaxar e me divertir.

Sair de Al Saud de carro, sem pedir permissão a ninguém, ou sem que alguém tentasse me deter, foi muito mais fácil do que eu esperava. Logo Alzira e eu estávamos trafegando pelas movimentadas ruas de Riad, ouvindo músicas árabes no som da BMW, atraindo a atenção de todos por onde passávamos, devido à extravagância do veículo caro.

Eu não era ingênua a ponto de me enganar acreditando que Jawad não sabia exatamente onde eu estava, os percursos que fazia. Além dos seguranças em nossa cola, eu tinha certeza de que meu celular possuía algum rastreador por meio do qual ele acompanhava cada um dos meus passos. Ele não me deixaria sair tão facilmente, se fosse diferente.

Após percorrermos vários bairros da cidade, apenas pelo prazer de dirigir por aí sem rumo algum, apreciando a falsa sensação de liberdade, fomos direto para o shopping. Evidentemente a maioria das lojas vendiam trajes típicos, como os vestidos de seda em estilo kaftan, hijabs, túnicas e abayas. Porém, encontrei uma loja, meio escondidinha, que vendia roupas de todos os estilos. E não eram roupas qualquer, mas marcas de grifes famosas, como Prada e Gucci e foi onde deixei uma pequena parte da fortuna do príncipe. Comprei vários vestidos para mim e Alzira, calçados e acessórios e paguei a conta com o cartão de

crédito que Jawad me dera. Só não sabia se poderíamos usar tudo aquilo em Al Saud, provavelmente não, mas pelo menos os tínhamos.

Após as compras, fomos almoçar ali mesmo na praça de alimentação, sob a constante vigilância dos seguranças, que se mantinham sempre por perto, embora tentassem agir com discrição.

— Eu queria ir a um lugar onde eles não pudessem nos seguir — falei, enquanto comia o típico sanduíche de cordeiro.

— Pelo menos eles ficam longe e ninguém desconfia que é a nós que estão seguindo — comentou Alzira.

Ela levava uma garfada da sua salada à boca, quando, de súbito, seu rosto se iluminou, como se algo genial lhe tivesse ocorrido.

— Já sei onde podemos ir — disse, empolgada — Uma prima minha está se casando hoje. A festa dela é só para mulheres e eles não vão poder entrar.

Fitei-a espantada.

— Nossa! Sua prima está se casando e você aqui? Não pretendia ir à festa?

— A casa do noivo fica em uma região afastada da cidade. É muito difícil chegar lá sem um carro. Mas você tem um.

— Beleza. Então vamos à festa.

CAPÍTULO 25

Jasmine

A tal residência onde acontecia a festa realmente ficava distante. Foram quase duas horas dirigindo até chegar lá. Não era uma casa de campo simples como eu esperava, mas uma luxuosa moradia construída de tijolos diante da qual havia vários carros estacionados.

Acompanhada da prima da noiva, não tive dificuldade para conseguir entrar e fiquei feliz ao ver os seguranças sendo barrados na porta, por ser uma festa exclusivamente feminina. Com as armas que certamente traziam guardadas sob suas túnicas, eles poderiam forçar sua entrada, se quisessem. Entretanto, até mesmo os funcionários da realeza precisavam respeitar as regras do islã, de acordo com as quais, em um casamento, os noivos faziam festas em dias diferentes, separadamente, sendo que na festa do noivo os convidados eram exclusivamente homens e na da noiva apenas mulheres.

Atravessamos o jardim bem cuidado e logo, no hall de entrada, uma pessoa guardou nossas abayas e lenços, o que me deixou ainda mais satisfeita. No grande salão para o qual fomos conduzidas, nenhuma das convidadas estava coberta, todas usavam vestidos de festa normais,

com saias longas e bastante brilho. Além do espaço reservado para mesas e cadeiras, havia um palco com sofás, uma escadaria a um canto que levava ao segundo andar e uma pista de dança.

As coisas estavam muito animadas por ali, com uma banda formada exclusivamente por mulheres, tocando músicas típicas animadas e as convidadas dançando soltas como nunca vi. Havia também muitas delas acomodadas às mesas, onde eram servidas de petiscos por garçonetes do sexo feminino. As bebidas consistiam basicamente em café e chá árabe, sem nenhuma gota de álcool. Não havia sinal da noiva em parte alguma.

Animada, caí na dança, seguida por Alzira, que parecia tímida ao se balançar no ritmo das melodias. Tentei imitar os passos das outras, balançando bastante os ombros e estendendo as mãos para o alto, a fim de evitar me tornar o centro das atenções de alguém, por agir diferente.

Eu estava realmente me divertindo ali. Dançando livremente, em meio a tanta gente alegre, sem a constante vigília dos seguranças. Trazer-me àquela festa foi a melhor ideia que Alzira já teve.

Algum tempo depois, a entrada dos noivos foi anunciada com muita euforia. Nesse momento, todas as mulheres tiveram que se cobrir com seus hijabs e abayas.

Um corredor largo foi aberto entre as convidadas e da escadaria que levava ao segundo andar, logo surgiram lindas odaliscas dançando animadamente, balançando seus lenços de tecido sanfonado. Em seguida, por trás delas, veio o noivo, um homem com cerca de cinquenta anos, baixinho e gorducho. Seguindo o percurso feito pelas odaliscas, ele subiu no palco e sentou-se no sofá de três lugares.

Depois, foi a vez de surgir um pequeno grupo de mulheres que tocava tambores e dançavam, enquanto as convidadas batiam palmas, fazendo tudo parecer um desfile de carnaval com suas diferentes alegorias. Atrás delas, por fim, surgiu a noiva.

Fiquei chocada ao vê-la. Precisei piscar os olhos repetidas vezes para ter certeza de que estava enxergando direito. Não convencida, fui para a primeira fila do corredor e a olhei bem de perto, meu coração afundou no peito ao constatar que se tratava de uma criança, uma menina que não tinha mais que doze anos, ainda sem corpo de mulher. Seu rostinho juvenil refletia uma tristeza angustiante, enquanto caminhava em meio às convidadas na direção do futuro marido.

Meu Pai do Céu! Será que aquela gente não conseguia enxergar o absurdo daquela situação? Como

eram capazes de permitir que uma criança se tornasse a esposa de um homem adulto?

Eu estava atônita, de queixo no chão e ao mesmo tempo indignada, com a raiva me consumindo de dentro para fora.

— Sua prima tem quantos anos? — indaguei à Alzira, ainda com esperança de apenas a aparência dela ser infantil.

— Onze. Completa doze na semana que vem.

Fiquei ainda mais estarrecida, não apenas pela idade da menina, mas também pela naturalidade com que Alzira disse aquilo.

— Mas é uma criança! Não tem idade para se casar, principalmente como um velho.

— Eu sei. O assunto é meio delicado, minha família até evita comentar. Mas os pais dela precisavam muito de dinheiro e o noivo é um homem rico e poderoso. Vai ajudar muito a todos eles.

Quanto mais ela falava, mais chocada e indignada eu ficava.

A jovem noiva subiu no palco e sentou-se ao lado do pedófilo filho da puta. A expressão em seu olhar era de cortar o coração. Percebia-se o esforço que ela fazia para não cair no choro, pois se o fizesse certamente seria repreendida, ou talvez recebesse algumas chibatadas.

Depois, foi a vez de os parentes dela entrarem e se juntarem ao casal sobre o palco. Uma fotógrafa registrava tudo, a única ali com permissão para isto.

A festa continuou rolando como se tudo aquilo fosse muito natural. Alguns parentes da noiva vieram cumprimentar Alzira com alegria, enquanto eu tentava me segurar no lugar e não avançar para cima daquele maldito que se unia em matrimônio com uma criança, até porque não havia nada que eu pudesse fazer por ela. Muito provavelmente a lei do país permitia aquele tipo bizarro de união.

No entanto, conter meus impulsos nunca foi muito o meu forte e, quando dei por mim, já estava caminhando rumo ao palco, com passos largos e firmes. Antes que alguém tivesse tempo de me deter, subi nele, agarrei a menina pela mão e a puxei para mim, segurando-a junto ao meu corpo, como se fosse capaz de protegê-la de toda aquela maldade.

Nesse instante, os sons dos tambores cessaram, um silêncio sepulcral recaiu sobre o salão. Todos me observavam com perplexidade, tão quietos que pareciam nem respirar.

— Não vou permitir que cometam a atrocidade de casar uma criança com esse velho nojento! — falei, em alto

e bom tom e uma chuva de murmúrios atônitos se fez audível entre os presentes.

— Quem é essa maluca? Tirem ela daqui! — gritou o noivo.

Ele levantou-se e veio em minha direção, com passos rápidos e apressados, enquanto meus olhos fitavam a saída do salão. Eu só tinha que atravessar o corredor formado entre as convidadas e alcançar a saída. Se fosse bem depressa, conseguiria tirar a menina dali sem ser apanhada. O resto, eu pensaria depois. O importante agora era chegar até os seguranças lá fora.

— Não se atrevam a tocar em mim. Sou protegida do príncipe Jawad de Al Saud. — O noivo se deteve a meio caminho, ao ouvir-me pronunciando o nome do príncipe. — Quem colocar as mãos em mim, vai ter que responder a ele.

Agarrada à menina, que também se agarrava a mim como a uma tábua de salvação, diante de dezenas de olhares atônitos, fui descendo do palco devagar, seguindo rumo à saída, pelo espaço aberto em meio às convidadas, que pareciam petrificadas de tanta incredulidade.

Estávamos quase alcançando o final do corredor, quando a voz medonha do noivo ecoou alta pelo salão:

— Segurem ela!

Ainda tentei correr, mas não consegui prosseguir por nem um metro mais. Logo várias mãos nos agarraram, as próprias mulheres arrancaram a menina de mim, optando por sacrificá-la àquele velho a dar-lhe uma chance de ser livre, de ter uma vida melhor.

Eu podia ter saído sem ela, a chance me foi dada, porém me recusei a abandoná-la. Segundos depois, como se surgissem do nada, vários homens usando túnicas brancas típicas me seguraram pelos dois braços, imobilizando-me por completo.

Droga!

— Não se atreva a me fazer mal. Sou amiga do príncipe Jawad — insisti.

O noivo veio andando em minha direção, fuzilando-me com ira nos olhos escuros.

— Nem o príncipe está acima da lei. Você invadiu minha casa, tentou sabotar meu casamento, sequestrar a minha esposa. Quem você pensa que é? Como diabos entrou aqui?

Olhei na direção de Alzira, que se encolhia em meio às convidadas, pálida de tanto medo.

— Como entrei, não interessa. Mas não saio sem a menina. Não vou permitir que se case com essa criança, seu pedófilo desgraçado!

— Como você é estúpida. Nós já estamos casados. Nada mais pode ser feito. Agora saia da minha casa antes que eu te dê uma surra das grandes.

Os homens me soltaram, esperando que eu desse meia volta e fosse embora, mas me mantive firme onde estava.

— Não saio sem a garota — anunciei, decidida.

O pedófilo sorriu, sem que o gesto alcançasse o seu olhar.

— Você não é muçulmana. Se fosse, saberia que, ao invadir a casa de um homem, está dando a ele o direito de fazer com você o que quiser. Eu podia te usar para esquentar minha cama, mas prefiro te mandar para a cadeia, onde é o lugar de pessoas loucas como você.

Nem os seguranças que me vigiavam a mando do príncipe foram capazes de impedir que a polícia me levasse, quando foi chamada pelo dono da casa e pouco tempo depois eu estava sendo jogada na cela de uma cadeia, presa por crime de invasão, tentativa de sequestro e baderna. Além de não ter conseguido salvar a menina do cruel destino para o qual fora empurrada, ainda havia conseguido me encrencar com a lei. Depois do que passei no Iêmen, por causa dessa mesma lei, regida por livros religiosos, eu sabia que estava muito ferrada.

Droga! Não era exatamente isso que eu tinha em mente quando decidi sair de casa para me divertir naquela manhã. Era para eu estar passeando por aí na minha BMW cor-de-rosa.

A cadeia da Arábia Saudita não se diferia muito da americana. Não que eu a conhecesse, mas vi muitas na televisão. Esta, tratava-se de uma cela grande, com grades pretas, uma cama pequena e nada mais. Não havia outra mulher presa no lugar e nem nas outras celas por onde passei ao longo do corredor.

Ali trancafiada, eu entrei em pânico, temendo que nem mesmo o poder do príncipe fosse suficiente para me livrar de todas as acusações e que passasse o resto da vida presa. Os seguranças dele não conseguiram impedir minha prisão, o que me deixava ainda mais preocupada.

E eu reclamando da confortável acomodação de Al Saud. Estava pagando minha língua correndo o risco de passar o resto dos meus dias naquele muquifo.

As horas se arrastavam com uma lentidão espantosa enquanto eu caminhava de um lado para o outro do pequeno espaço com cerca de quatro metros quadrados. Eu havia perdido a noção de quanto tempo estava ali, sabia apenas que era muito, quando, por fim, ouvi vozes masculinas se aproximando e logo reconheci a

de Jawad, repreendendo rispidamente o guarda que o acompanhava.

Eu nunca havia ficado tão feliz em ver uma pessoa quanto quando ele apareceu diante da cela e o guarda abriu a porta para que entrasse. Como de costume, usava sua túnica longa e branca e o lenço branco com vermelho na cabeça. Tinha a fisionomia contraída, as sobrancelhas unidas formavam uma ruga profunda em sua testa, revelando sua insatisfação.

— Graças aos céus, você está aqui. — falei.

— Dessa vez você se superou — disse Jawad, com tom de voz tão frio quanto o olhar com que me fuzilava.

— Eu apenas tentei salvar uma menina de um destino cruel.

— Será que você não consegue passar um só dia da sua vida sem quebrar alguma norma, ou arranjar algum problema? — vociferou, irritado.

— Se quer saber, não me arrependo do que fiz. Pior é vender uma menina a um pedófilo.

— Isso não é assunto seu. — Ele passou a mão pela barba curta, em um gesto de impaciência, antes de continuar falando: — Enfim, consegui convencer o chefe de polícia a te soltar, mesmo que não tenha sido fácil. Vamos embora daqui.

Aliviada, dei um passo rumo à porta de saída.

— E a garota? — indaguei.

— Está na casa do marido, onde é o lugar dela.

Movida por algum instinto de autodestruição, dei um passo atrás, colocando-me no fundo da cela.

— Não saio daqui enquanto ela estiver com aquele homem.

Jawad fitou-me incrédulo.

— Você só pode estar de brincadeira! — exclamou, atônito. — Me diz que você está fazendo uma piada, porque não foi fácil conseguir sua soltura e agora você está me dizendo que não quer ir embora?

— Estou falando muito sério. Não saio daqui enquanto ela estiver com aquele pedófilo imundo! — Decidida, deitei-me na cama de solteiro e cruzei os braços na frente do peito. — Você é um homem sensato e sabe que é uma monstruosidade sem tamanho casar uma menina de onze anos com um velho de cinquenta. Não importa nem a idade dele, é insano casar uma criança.

— Jasmine, levante-se daí e venha comigo agora mesmo — disse Jawad, com uma fúria mal contida refletida no olhar, parecendo uma bomba prestes a explodir.

— Tenho certeza de que você não concorda com isto. — Ignorando sua ordem direta, continuei falando: — Prova disto é ter se recusado a transformar Alzira em sua amante porque ela era muito jovem na época. Você é um

homem digno e poderoso o bastante para impedir essa monstruosidade. Portanto, se me quiser de volta em Al Saud, vai ter que libertar aquela pobre menina primeiro.

Como se finalmente perdesse a compostura, ele veio em minha direção com a fúria de um touro violento que via um tecido vermelho sendo chacoalhado do outro lado da arena. Previ que me penduraria no ombro e me levaria à força, então sentei-me no canto da cama e me encolhi toda, gritando:

— Não se atreva a fazer isso. Se tentar me levar contra a minha vontade, vou fazer um escândalo tão grande que entrará para a história de Riad.

Respirei aliviada quando ele recuou. Olhou quase desesperado para o guarda, como se perguntasse a ele o que devia fazer. Só que o jovem rapaz parecia tão incrédulo quanto ele diante da cena que presenciava. Ambos não passavam de dois machistas que nunca tinham visto uma mulher ser firme e decidida. Certamente estavam considerando meu comportamento como uma grave desobediência, digna de uma surra de chibata.

— Eu sinceramente não sei como você espera que eu desfaça um casamento que já foi realizado — disse Jawad, parecendo mais calmo, como se finalmente baixasse a guarda.

— Você pode qualquer coisa. Estamos no país em que você é soberano, a maior autoridade. Faça uso desse poder e salve a vida daquela criança.

— Ela não está correndo risco de vida.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

Derrotado, ele soltou um profundo suspiro.

— Se o casamento já tiver sido consumado, não haverá mais nada a ser feito. Então cruze os dedos.

— Vou cruzar e obrigada.

Ele observou-me por um instante de silêncio, com uma expressão indecifrável refletida no brilho do seu olhar lindo. Até que por fim deixou a cela apressado e o guarda trancou a porta pelo lado de fora.

Sozinha, o que me restou foi rezar, mesmo sem saber como se fazia isso e torcer para que ele conseguisse salvar aquela pobre coitada.

CAPÍTULO 26

Jasmine

Não passou pela minha cabeça que o tempo pudesse se arrastar ainda mais lentamente que antes, mas ele estava em câmera lenta, transformando segundos em minutos, minutos em horas, enquanto eu esperava Jawad voltar, torcendo para que tivesse conseguido desfazer a loucura que era aquele casamento.

Já era noite quando uma mulher, toda coberta com hijab e abaya pretos, apareceu me trazendo uma tigela de sopa, que não consegui comer, tamanha era minha ansiedade. Tentei cochilar um pouco, esperando que assim o tempo passasse mais depressa, mas não consegui relaxar minimamente, cada músculo do meu corpo era tomado pela tensão, pela apreensão de que aquela menina pudesse estar sendo estuprada por aquele maldito pedófilo.

A expressão desoladora no rosto daquela criança não saía da minha cabeça. Eu jamais me perdoaria se não conseguisse salvá-la.

Por fim, depois de longas horas, ouvi vozes partindo do corredor e corri para perto das grades, de onde logo avistei Jawad se aproximando, junto com o guarda. Mal

pude acreditar quando vi que a garota estava com ele, toda vestida de preto, com apenas seus olhos à mostra. Ainda assim eu sabia que era ela.

Emocionada, esperei o guarda destrancar a porta. Ao sair fixei meus olhos nos de Jawad e pousei minha mão do lado esquerdo do seu peito, em uma gratidão infinita, impossível de ser traduzida em palavras, transbordando dentro de mim.

— Aí está ela. Não a levei direto para casa porque se não a trouxesse aqui você nem acreditaria em mim — disse Jawad, com sua voz carregada de irritação.

Mas eu saberia como acalmá-lo depois.

Com as emoções à flor da pele, aproximei-me da menina, colocando-me diante dela e afastei o niqab para observar o seu rosto. Era linda como uma boneca de porcelana. Tinha a fisionomia muito assustada e os olhos rasos de lágrimas.

— Você está bem, minha querida? — indaguei.

— Sim, senhora.

— Não precisa me chamar de senhora. Meu nome é Jasmine. Qual o seu?

— Kalila.

— Aquele porco não colocará mais as mãos dele em você. Tudo ficará bem agora.

— Senhora, que dizer, Jasmine. Eu sei que suas intenções são as melhores, que só está tentando me ajudar, mas se eu não me tornar a esposa dele minha família continuará passando fome.

Meu coração afundou ainda mais, pelo tamanho da responsabilidade que ela carregava sobre seus ombros.

— Não passará. Isso eu te garanto. O príncipe vai providenciar para que nunca mais falte comida na mesa de vocês, e nada mais do que precisarem. Não é, Jawad?

Quando me virei para observar o seu rosto, ele ainda estava sério, porém algo havia mudado em sua expressão. A frieza cortante de antes havia dado lugar a algo parecido com um afeto genuíno, enquanto nos observava e assentia.

— Viu só? Ele é o príncipe da Arábia Saudita e agora você e sua família são protegidas dele. Nada mais faltará a vocês.

Por fim, a menina abriu um sorriso largo e, seguindo o impulso, a estreitei em um abraço apertado.

Deixei o lugar segurando a mão dela, enquanto Jawad caminhava à nossa frente. Na saída da delegacia, onde seus seguranças nos aguardavam, todas as pessoas na sala se curvaram em reverência ao príncipe, que observava a todos altivamente, com desprezo.

— O que você ainda está fazendo aqui? — Jawad vociferou, estrondosamente, dirigindo-se a um dos homens, na pele de quem eu não ia querer estar.

Logo reconheci que era o mesmo policial que me prendeu na festa de casamento.

— Alteza, suplico humildemente pelo vosso perdão. Eu não sabia que a moça era sua protegida quando a prendi. Achei que estava inventando essa mentira para se safar — disse o homem, com seus olhos respeitosamente direcionados para o chão.

— Você colocou suas mãos sujas em algo que me pertence, seu vagabundo! Devia estar grato que não mandei amputá-las, mas apenas o destituí do seu cargo. Agora saia da minha frente antes que eu mude de ideia!

O sujeito enfiou o rabo entre as pernas e saiu do caminho, tão humilhado que quase fiquei com pena. Quase.

Algum tempo depois, Jawad e eu havíamos deixado Kalila na casa de sua família, em um rancho muito simples ali perto, junto com uma quantia em dinheiro equivalente ao dobro do que o pedófilo pagaria para se casar com ela. Como o casamento não havia sido consumado ainda, felizmente, bastou que fosse anulado, com a ordem do príncipe.

Estávamos no interior da sua limusine de sete metros de comprimento – que se parecia mais com uma danceteria que com um veículo –, sentados nas poltronas acolchoadas laterais, quase de frente um para o outro, a caminho de Al Saud. Mergulhado no mais absoluto silêncio, o príncipe não desviava seus olhos de mim, fuzilando-me com aquele brilho furioso, amedrontador, refletido na sua expressão.

Quanto a mim, tudo o que conseguia era me perguntar se ele estava usando calças por baixo da túnica branca e longa, cujo tecido revelava os contornos das suas pernas compridas e mexia com a minha imaginação de um jeito que eu não conseguia evitar.

— Você não tem ideia do quanto está me devendo pelo que fiz hoje — disse ele, com a voz carregada de ameaça, os dentes cerrados de tanta irritação, após percorrermos um longo trecho do percurso em silêncio.

— Sempre fui muito boa para pagar minhas dívidas — disparei e, a fim de mudar de assunto, indaguei: — Como você conseguiu anular o casamento?

— Disse ao noivo que uma nova lei foi estipulada, proibindo o casamento de mulheres com idade inferior a dezesseis anos.

— E você pretende estipular essa lei?

— Agora serei obrigado. Amanhã mesmo faço com que seja instaurada.

Sorri para ele, satisfeita.

— Mas dezesseis anos ainda é muito jovem, tem que ser pelo menos dezoito.

— Vai me dizer que no seu país, que chamam de a terra da liberdade, as mulheres já não estão se casando aos dezesseis?

— Só em casos raríssimos. Quando a garota engravida, por exemplo.

— Com dezesseis, a mulher já é uma adulta.

— Você poderia colocar pelo menos dezessete. — Bati meus cílios para ele e vi sua boca linda entreabrindo-se para puxar o ar.

— Vou pensar no assunto.

Sua fisionomia voltou a endurecer, com aquele vinco se formando no centro da sua testa.

— Muito obrigada pelo que você fez por aquela garota. Foi muito importante para todas as mulheres. Essa nova lei será o assunto do primeiro artigo que vou escrever para o jornal. O mundo vai aplaudir sua atitude.

— Isso é pouco em troca de eu ter abandonado todos os meus compromissos para sair correndo para uma delegacia. — Seus olhos verde-claros se tornaram mais

intensos sobre os meus. — O que mais você vai me dar para me recompensar?

O tom carregado de insinuações da sua voz foi capaz de fazer com que algo se agitasse em meu íntimo, em um calor lascivo aflorando na altura do meu ventre.

— Depois do que você fez, sou capaz de tudo para agradá-lo, Alteza — respondi no mesmo tom malicioso e vi seus olhos se arregalarem surpresos, ao mesmo tempo que sua boca linda voltava a se entreabrir.

— É a primeira vez que você me chama de Alteza.

— Foi a primeira vez que deu vontade.

— Você trata meus pais com o devido respeito, mas não a mim.

— É mais divertido te desrespeitar.

— Está se divertindo à minha custa, Jasmine?

— É que ando meio entediada ultimamente.

Seguindo um impulso incontrolável, caí de quatro sobre o chão do carro e engatinhei na direção dele. Diante do seu olhar atônito, coloquei-me de joelhos entre suas pernas, apalpando as pernas compridas por sobre o tecido das roupas, extasiada com o quanto eram firmes e musculosas.

— O que está fazendo? — Jawad indagou, com um sussurro rouco.

— Te dando o pagamento pelo que fez hoje.

Seus olhos se arregalaram ainda mais e tive a impressão de que ninguém nunca havia pagado um boquete nele dentro de um carro antes. Tecnicamente, eu tiraria sua virtude naquele sentido e ia amar fazer isto. Como ia!

Guiada pelos meus instintos mais primitivos, levantei a barra da sua túnica até acima dos seus quadris e percorri as mãos por sobre o tecido macio da calça social, apreciando a firmeza dos seus músculos.

Enquanto ele permanecia petrificado no lugar, apenas me observando espantado, abri o fecho da calça e tirei o membro gigantesco de dentro da cueca. Já estava completamente duro, esticado para cima, com as veias formando protuberâncias, e uma gota transparente escapando da ponta.

Deliciada e excitada, masturbei-o enquanto o apreciava. Era delicioso demais, com a glande morena, totalmente grosso, longo e reto. Minha vontade era tirar a calcinha e sentar em cima dele. Bastava o tocar para que eu ficasse toda molhada, latejando entre as pernas.

Por fim, inclinei a cabeça e ouvi um gemido rouco escapando de sua garganta quando o coloquei entre meus lábios e fui descendo devagar, engolindo-o aos poucos, até que estivesse bem no fundo da minha garganta. Puxei a cabeça e refiz o movimento, repetidas vezes. Em seguida,

passei a língua em volta da glande e o lambi todo, da raiz até a ponta. Dei umas boas lambidas no saco limpo e depilado e voltei a enfiá-lo na boca, mamando com ganância, deliciando-me.

— Porra... que delícia! Onde você aprendeu a fazer isso? — grunhiu. — Esquece. Não quero saber.

Jawad tirou meu hijab e fechou sua mão no comprimento dos meus cabelos, virando minha cabeça ligeiramente de lado, para que seus olhos registrassem o que eu fazia. Enquanto um sibilo escapava dos seus lábios, sua outra mão veio gananciosa para a gola da minha abaya e a abriu, infiltrando-se no decote do vestido, segurando um dos meus seios. Apalpou-o com sua palma e, então, esfregou o mamilo entre os dedos, enviando uma corrente de tesão que me atravessou com violência e se instalou entre minhas pernas, fazendo minha vagina palpitar e encharcar um pouco mais. Um desejo arrebatador de senti-lo dentro de mim tomou conta de cada célula do meu organismo, arrancando-me um gemido abafado.

Instintivamente, abri um pouco mais as pernas e levei minha mão ao meu sexo, introduzindo os dedos na calcinha e tocando-me, tentando aplacar o fogo abrasador que me consumia.

Jawad sibilou novamente. Em seguida, apertou um botão na parede do veículo e falou com o motorista do outro lado do vidro escuro:

— Mohamed, continue dirigindo até eu mandar parar.

Após a ordem seca e direta, voltou a enfiar a mão no meu decote e a massagear o meu seio, ora esfregando o mamilo, ora beliscando-o, enquanto continuava segurando meus cabelos com a outra mão, forçando minha cabeça cada vez mais para baixo, fazendo com que eu o engolisse cada vez mais fundo. Sua forma animalesca de agir deixava-me ainda mais excitada, enlouquecida de tanto desejo, sem que o massagear dos meus dedos na minha intimidade fosse suficiente para aplacar esse fogo que me consumia.

— Vem cá. Coloca essa bocetinha gostosa no meu pau! — ordenou Jawad, rouco e excitado.

Eu sentia meu rosto quente, meus olhos lacrimejantes, devido ao ataque do seu pau enorme à minha garganta, quando o tirei da boca e fiquei de pé. Sem hesitar, livrei-me rapidamente da abaya, enquanto ele suspendia a saia do meu vestido e se livrava da minha calcinha.

Nua da cintura para baixo, montei em seu colo, toda arreganhada, com uma perna de cada lado. Posicionei a

glande macia na minha entrada lambuzada e fui descendo devagar, permitindo que deslizasse aos poucos para dentro de mim, apreciando cada centímetro me tomando, me esticando, me enlouquecendo, até que alcançasse o fundo do meu canal e eu estivesse toda preenchida, invadida, completa como nunca antes na vida.

— Puta merda... que delícia... — balbuciei, ensandecida.

Subi o corpo e desci novamente, mais depressa, sentindo-o ainda mais fundo, mais gostoso. Era tão bom tê-lo todo enterrado em mim que eu podia sentir as minhas paredes palpitando em volta da carne rija, como se tivessem vida própria.

— Diz isso de novo — Jawad mandou e obedeci.

— É uma delícia dar a boceta para você.

— Você precisa ir nesses casamentos mais vezes.

Ele deu um tapinha estalado na minha bunda, em seguida, me fez erguer os braços e arrancou o vestido do meu corpo, com habilidade, deixando-me completamente nua em cima do seu colo. Apenas os vidros fumês do veículo nos protegiam dos olhares das pessoas que trafegavam pelas ruas. Mas elas não podiam nos enxergar e vê-los assim tão perto deixava tudo ainda mais excitante.

Suas mãos fortes se fecharam dos dois lados dos meus quadris e passaram a acompanhar meus

movimentos sobre seu corpo. Enlouquecida, eu subia e descia cada vez mais depressa, o som das nossas pélvis se chocando ecoava alto. Parei com ele todo dentro de mim e girei os quadris, sentindo-o me empurrando tão fundo que soltei um grito agudo, alucinada de um prazer selvagem, jamais antes experimentado.

Segurando firme em meus cabelos, Jawad me fez arquear as costas para trás e sua boca atacou um dos meus seios, lambendo, chupando, mordendo, deixando-me ainda mais doida, completamente viciada nele, em como me fazia sentir com aquilo. Passou a boca para o outro peito e sugou com a mesma ganância, deixando o bico duro, exposto diante do seu olhar brilhante de luxúria.

— Jasmine... goza no meu pau... — ordenou, com a voz deliciosamente rouca, o hálito quente acariciando meu mamilo sensível.

Ele passou a língua no vão entre meus seios e voltou a mamar um deles, enquanto eu continuava me movimentando freneticamente sobre seu colo, desvairada, quase fora de mim.

Com o pau enfiado na minha vagina até a raiz, entrando e saindo depressa, pressionando deliciosamente minhas paredes, suas mãos passeavam no vão entre minhas nádegas, apalpando minha bunda. Até que, aos poucos, meus músculos foram enrijecendo e explodi em

um gozo tão intenso que levou lágrimas aos meus olhos, meus gemidos descontrolados ecoaram altos no interior do veículo.

Em seguida, foi a vez dele e pude sentir seu pau soltando espasmos dentro de mim, seu sêmen jorrando quente e gostoso em meu interior, seus gemidos mal contidos soando roucos.

Depois que a calmaria nos tomou, permanecemos imóveis, naquela posição durante um longo momento, como se fizéssemos parte de um só ser. Jawad foi o primeiro a se mover, segurando meus cabelos para trás e levando minha boca até a sua, beijando-me com uma paixão desmedida, fazendo todo o meu corpo se acender mais uma vez, com a ereção voltando a se formar dentro de mim. No entanto, ao invés de continuar, ele separou nossas bocas e me tirou de cima dele.

— Vista-se. Precisamos voltar ao palácio.

Sua voz soou inesperadamente ríspida e fria, como se não tivéssemos acabado de ser do outro, da forma mais íntima que se podia pertencer a um ser humano. Ele ainda estava zangado pelo que eu fiz e tive a sensação de que o que aconteceu entre nós não significara nada para ele, quando para mim foi magnificamente importante. Sua atitude funcionou como se alguém me jogasse um balde de água fria.

Com dificuldade de voltar a encará-lo, vesti-me depressa e voltei a sentar-me no lugar de antes.

— Mohamed, pode voltar ao palácio — falou Jawad, apertando o botão de comunicação com o motorista.

Ele me deu mais uma olhada demorada, com aqueles olhos frios e inexpressivos, como se eu não passasse de uma estranha que havia recolhido na rua e voltou sua atenção para o vidro do carro, como se observasse algo do lado de fora, ou como se refletisse. Permaneceu assim durante todo o restante do percurso, agindo como se eu não estivesse ali, o que me causou uma desoladora sensação de desânimo, de que fui usada por ele.

Mas essa era a verdade. Eu estava ali para que ele me usasse para o seu prazer. Não havia nada mais a esperar daquilo que existia entre nós. Eu era o brinquedinho do qual ele se aproveitava para se aliviar e nada mais. Precisava entender isso até para evitar me sentir abandonada todas as vezes que ele virasse a cara para mim depois do sexo.

CAPÍTULO 27

Jasmine

Chegando a Al Saud, ainda na garagem, com aquele jeito frio e distante, Jawad me mandou cobrir o rosto com o niqab, comunicou-se com alguém através do rádio e logo duas empregadas apareceram para me acompanhar até a moradia secundária, sem que houvesse qualquer despedida entre nós dois além de um breve "*Te vejo depois*".

Ao avançar pela residência das empregadas, logo encontrei Alzira, que veio falar comigo toda sem jeito.

— Jasmine, me perdoe por não ter falado que você estava comigo na festa, quando te prenderam. Fiquei com muito medo do que pudessem me fazer. Você é protegida do príncipe, mas eu não sou ninguém. Teriam me surrado se eu tivesse aberto a boca para te defender. Me desculpe.

Suas palavras levaram embora toda a irritação que sua atitude me provocou. Ela fez bem em não interferir. Já tinha problemas suficientes em sua vida namorando com um sujeito que aparentemente não a merecia. Não precisava de mais encrenca.

— Tudo bem. Não precisa se desculpar. Eu entendo.

Ela sorriu ainda sem graça.

— Então, você não está zangada comigo?

— Claro que não. Vamos esquecer o que houve.

Com um abraço, selamos a paz entre nós.

Como já havia passado da hora do jantar, comi apenas um sanduíche rápido e fui para o meu quarto, onde encontrei todos os vestidos que comprei no shopping já organizados no closet, inclusive os que comprei para Alzira. Eu podia apostar que as governantas a proibiram de usá-los, ou mesmo guardar entre seus pertences. Mas isso não seria problema. Quando fôssemos sair novamente, eu faria com que ela vestisse um deles por baixo da abaya, sem que as outras mulheres vissem.

Exausta, tomei um banho demorado e espichei-me na cama. Enquanto o sono não vinha, não consegui pensar em outra coisa a não ser na atitude de Jawad após transarmos na limusine. Ele não havia agido assim quando ficamos juntos em meu quarto. Algo acontecera e eu não sabia o que, já que não tinha o direito de interrogá-lo a esse respeito. Ele não era apenas meu chefe, mas também meu dono. Podia agir como quisesse, sem me dar nenhuma explicação. Quanto antes eu entendesse isso, menos teria meus sentimentos feridos por aquele homem.

***

No dia seguinte acordei bem-disposta. Após tomar o café da manhã no refeitório, junto com Alzira, que parecia quase desesperada devido ao namorado se mostrar cada dia mais distante, tranquei-me no quarto e comecei a escrever o esboço do meu primeiro artigo para o jornal. Minha ideia inicial era escrever sobre o esplendor de Al Saud, mas queria aproveitar que os acontecimentos do dia anterior ainda estavam frescos em minha mente para pô-los no papel. Falaria sobre como os casamentos aconteciam na Arábia Saudita, sobre ter ido a um deles e sobre a nova lei instaurada pelo príncipe, a qual garantiria a ele aplausos pelo mundo inteiro.

Como sabia que ele leria o que eu escrevesse, antes de enviar para a publicação, não podia nem dizer que ele só instauraria essa lei porque flagrei um casamento entre uma criança e um homem adulto. Definitivamente essa história precisava ficar de fora, ou Jawad jamais aprovaria, pois seria uma mancha na sua imagem e na cultura do seu país.

Passei o dia todo distraída, escrevendo, fazendo pesquisas e lendo. Também conversei um pouco com meu pai e fiquei com Alzira, que estava verdadeiramente apavorada com o destino que certamente a aguardava. Uma mulher que se entregava a um homem antes do casamento, naquele país, era punida com surra de chibata

e perdia todo o seu valor, de modo que nenhum outro homem a aceitaria como esposa. Esse era o seu temor.

À noite, sozinha no quarto, espezinhada pela solidão, como se Jawad fosse a única pessoa que me importasse na vida, me flagrei mais uma vez pensando nele, esperando que aparecesse na minha porta, que invadisse o quarto e me tomasse em seus braços. A frustração foi enorme quando percebi que ele não apareceria. Livrar-me dessa falta que ele me fazia quando não estava por perto, era algo a mais que eu precisava trabalhar.

No dia seguinte, a rotina se repetiu. Escrevi um pouco, li, conversei, naveguei na internet. Cedo da noite, eu já estava no quarto, assistindo a um filme no computador, quando meu celular vibrou com a chegada de uma mensagem. O contato estava salvo como *Sumuu* – Alteza em árabe – e bastou ler isto para eu saber que se tratava de Jawad.

Sumuu: *Estou esperando você no meu quarto. Venha agora mesmo e não esqueça de se cobrir antes de atravessar o jardim.*

Meu coração chegou a disparar, com a expectativa de revê-lo, de estar novamente acolhida entre aqueles

braços fortes, de sentir o seu cheiro e ouvir sua voz gostosa. No entanto, empertiguei-me, me dando conta do quanto aquilo era degradante, do quanto o tom que ele usava era autoritário e arrogante. Tudo bem que eu estava ali para servi-lo, já havia aceitado isso, mas não custava nada ele demonstrar o mínimo de gentileza e educação. *Quem ele pensava que eu era?*

Jasmine: *A distância é a mesma. Tenho certeza de que você não está com uma perna amputada, que o impeça de caminhar até aqui.*

Foi a minha resposta.

A mensagem seguinte chegou quase imediatamente.

Sumuu: *Será que você não consegue obedecer a uma ordem nenhuma vez na vida?*

Jasmine: *Na verdade, estou ocupada, vendo um filme. Talvez, quando terminar, eu dê um pulo aí.*

Dito isto, abandonei o celular de lado e voltei a me concentrar no filme, ignorando as mensagens que ouvia chegando, uma atrás da outra. Em algum momento, ele

desistiria; acabaria percebendo que não era bem assim que se tratava uma mulher.

Por mais que eu fosse propriedade sua, precisava haver no mínimo respeito. Além do mais, por mais que eu gostasse de estar com ele, por mais que delirasse de prazer em seus braços, eu não podia esquecer de todas as ameaças que ele me fez e do perigo que representava.

As palavras da sua irmã, sobre ele mutilar suas amantes quando o desrespeitavam, ainda estavam frescas em minha mente e me causavam calafrios só de lembrar. Embora sua ausência fosse quase uma tortura, eu não podia me permitir gostar de alguém assim, precisava fazer alguma coisa para mudar isto.

Eu estava espichada na cama, tentando voltar a prestar atenção no filme, quando a porta se abriu e Jawad entrou, avançando pelo quarto com a sutileza de um temporal. Tinha a fisionomia endurecida e os olhos brilhantes de raiva. Não usava sua túnica, mas apenas calça e camisa comuns.

Embora eu tivesse acabado de chegar à conclusão de que precisava evitar nutrir qualquer sentimento por ele, meu coração quase saiu pela boca quando o vi, tão lindo e charmoso, parecendo o que realmente era: um príncipe soberano e poderoso.

— Quando é que você vai entender que precisa me obedecer? Que é para ir aonde e quando eu chamar? — esbravejou, estrondosamente.

Fechei o computador e me coloquei de pé sobre a cama, pronta para confrontá-lo, porém quase esquecendo o que tinha a dizer quando seu olhar faminto desceu pelo corpo oculto por apenas uma camisola transparente.

— E se eu me recusar, vai fazer o quê? Me mutilar como fez com suas outras amantes?

Ele pareceu chocado com as minhas palavras.

— O quê? Do que diabos você está falando? Eu nunca faria uma coisa dessas com alguém, muito menos com você.

— Não precisa mentir. A princesa me contou tudo na noite em que jantei lá. Eu já sei que você e os outros homens da sua família fazem isso com as *alkalibas*.

Um pinicão desceu pela minha espinha quando ele silenciou-se, como se estivesse sem palavras, o que confirmava que era tudo verdade.

Minha nossa! Eu estava atraída por alguém capaz de arrancar partes do corpo das mulheres com quem transava.

— Nem todos nós fazemos — disse Jawad, com a voz mais calma. — Aconteceu apenas uma vez e não foi comigo. — Parou para retomar o fôlego, como se hesitasse

em continuar: — Meu irmão mais velho tinha uma amante que morava aqui. Eles se desentenderam e ele mandou arrancar a língua dela. — Seus olhos lindos registraram o estremecimento que me percorreu. — Mas ele não mora mais na Arábia Saudita. É embaixador do nosso país em Nova Iorque.

— Que bizarro! Logo na cidade onde eu nasci e cresci. Felizmente nunca precisei ir até a embaixada saudita.

— Eu seria incapaz de machucar assim uma mulher, principalmente você. Achei que já tivesse aprendido a confiar em mim, que já tivesse entendido que não sou um monstro.

— Não é tão fácil confiar quando se ouve tantas histórias.

— Mas agora você já sabe que são histórias falsas. — Ele deu um passo na direção da cama, fixando seus olhos intensos nos meus. — Venha comigo. Passe a noite no meu quarto.

Não havia nada que eu pudesse querer mais do que aceitar aquele convite e quase disse isso a ele. Mas eram tantas coisas erradas naquela relação – isso se fosse possível denominar de uma relação, o que acontecia entre nós –, que eu não sabia nem por onde começar a enumerar.

— Não quero passar a noite no seu antro de perdição. Onde você se esbalda com várias mulheres ao mesmo tempo.

— Depois daquele dia em que você me viu com aquelas duas na banheira, não levei outra lá. Eu disse que não ficaria com mais ninguém e cumpri minha palavra. — Dessa vez, ele conseguiu me deixar boquiaberta. — Não existe razão para que eu tenha outra mulher se a única que quero de verdade é você. É em você que penso todos os dias. Você é a única capaz de me fazer sentir menos solitário. Eu a quero como jamais desejei outra mulher, Jasmine.

Ele se silenciou e continuou me encarando, como se esperasse que eu dissesse algo, quando tudo o que eu fazia era continuar parada, com meu coração disparado e meus olhos presos aos seus. Eu também o queria, como jamais quis outro homem, apenas era difícil aceitar toda aquela situação na qual me encontrava.

— Podemos ir agora, ou você tem mais alguma objeção? — indagou Jawad, com um raro tom de descontração.

— Na verdade, só mais uma pergunta. Por que você ficou tão estranho depois que transamos ontem na limusine?

Subitamente, sua descontração esvaiu-se do seu semblante, dando lugar a uma frieza tão cortante, que quase me fez arrepender de ter tocado no assunto. Novamente sua fisionomia estava fechada, carregada de tensão, como naquela noite.

— Por causa desse desejo desenfreado que sinto por você — disse ele, depois do breve silêncio, pegando-me de surpresa. — Eu nunca havia tomado uma decisão que influencia na direção do meu principado, com base na opinião de uma mulher.

— Lá vem você com seu machismo.

— Não é machismo, é tradição. Eu fui criado assim, tal qual o meu povo também foi. Eu sempre fui um líder centrado, inatingível e ontem me vi quase louco na porta de uma delegacia por causa de uma mulher. Eu criei uma lei por causa de você, Jasmine, porque estou tão cego por você que não consegui te dizer não. Tem ideia do que isso representa para um homem saudita, em especial para um líder?

Eu o compreendia. Infelizmente para os muçulmanos as mulheres não podiam opinar em nada, principalmente em algo tão grandioso quanto o futuro de uma nação. Jawad estava tomado pelo temor de ser confundido com um homem fraco, devido a essa cultura machista, que não os permitia dar ouvidos a alguém do

sexo oposto. Temia ser manipulado por uma mulher, por desejá-la demais e isso deixava claro o quanto era grandioso o desejo dele por mim.

— O que você fez hoje foi grandioso. Vai contribuir para o bem de muitas mulheres e esse bem retornará para você um dia. Você agiu como um grande líder e nada mais.

Com meu coração aquecido, as emoções me bombardeando fervorosamente, desci da cama e fui até ele. Como se eu fosse puxada por um ímã, fiquei na ponta dos pés e passei os braços em volta do seu pescoço, aconchegando meu corpo ao seu, extasiada com a masculinidade viril de encontro a mim, com o peitoral forte encontrando meus seios, pressionando-os, despertando aquele fervor gostoso em meu interior.

Estar finalmente em seus braços, depois de uma noite de solidão e saudade, era como encontrar alimento e água fresca depois de dias no deserto, perdida, faminta e sedenta.

No instante seguinte, seus braços estavam em volta da minha cintura, apertando-me de encontro a si e sua boca devorava a minha, com paixão e lascívia, a língua me explorava gostoso, fazendo tudo ferver em meu íntimo.

Nos beijamos como se aquele fosse o último instante de nossas vidas, demoradamente, profundamente. A paixão visceral explodia dentro de mim, levando-me a

querê-lo com tanta intensidade que chegava a ser quase assustador. Ali eu já não era mais eu, já não conseguia pensar com racionalidade, tudo em mim era dominado e tomado por aquele homem, pelo desejo escaldante que ardia em meu âmago e me ordenava a ser dele de todas as formas que ele quisesse.

Seus lábios deixaram os meus e desceram pela pele do meu pescoço, fazendo-me incendiar por onde passavam, enquanto meus dedos ansiosos se infiltravam sob a camisa dele, tocando os músculos das suas costas.

— Me diz que vai passar a noite comigo, no meu quarto — Jawad sussurrou de encontro à minha pele. Seu hálito quente, com cheiro de uísque e cigarros, provocou arrepios pelo meu corpo.

— Sim, eu vou. Esta e todas as noites que você quiser.

— Ótimo. Era isso o que eu precisava ouvir.

Subitamente, sem qualquer aviso prévio, ele desvencilhou-se dos meus braços, agarrou-me pelas pernas e me pendurou em seu ombro, a cabeça para um lado, as pernas para o outro. Gritei de susto.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— É hoje que você vai me pagar por todos os desaforos que me fez.

Ele deu um tapa estalado na minha bunda, em seguida jogou um lençol por cima de mim e rumou para a porta, com passos determinados.

Caralho! Em que espécie de cilada eu havia me metido?

Por mais que o tom de sua voz contivesse um discreto toque bem-humorado, ao proferir a ameaça um misto de medo e ansiedade me invadiu, espezinhando-me, deixando-me nervosa, tentando imaginar o que aquele louco pretendia fazer comigo.

Ignorando os meus protestos, ele me carregou para fora do quarto, onde uma das governantas se encontrava e se mostrou tão chocada com a cena que observava, que até se esqueceu de reverenciar o príncipe.

Comigo pendurada em seu ombro, atravessou a parte do jardim que separava uma residência da outra e depois os imensos salões de Al Saud. Por sorte, não encontramos mais ninguém pelo caminho, até que estávamos na sua luxuosa suíte, onde ele finalmente me soltou, não com gentileza, mas me atirando de qualquer jeito sobre a cama grande e macia.

— Eu não sei o que você pretende com isso, mas...

Antes que eu tivesse tempo de concluir a frase, ou mesmo de me sentar, Jawad subiu na cama e se colocou em cima de mim, aprisionando minhas coxas unidas entre

seus joelhos e meus pulsos com suas mãos, contra o colchão, me tocando apenas assim, com seu tronco elevado. Ficava muito grande em cima de mim, seu corpo forte e másculo me cobria toda, dominando-me de um jeito ao mesmo tempo excitante e assustador.

— Com medo, Jasmine? — indagou Jawad, erguendo uma sobrancelha.

Seu rosto estava rente ao meu, seus olhos inesquecíveis refletiam um brilho ardiloso, quase endiabrado.

— Não tenho mais medo de você — menti.

No fundo, eu ainda sentia certo medo de todo o poder que ele exercia sobre mim, do fato de possuir o direito de fazer qualquer coisa comigo, sem jamais ter que responder por isto.

— Mas devia ter.

— O que você vai fazer?

— Uma coisa que venho querendo fazer desde que você insinuou que eu sou um homossexual.

— Não seja rancoroso. Isso é passado.

— Eu vou te mostrar quem é o homossexual.

Dito isto, ele puxou a ponta de uma corda que estava presa a um dos lados do espaldar da cama e amarrou um dos meus pulsos, com meu braço esticado para cima.

— Você só pode estar brincando — falei, aturdida, sem saber ao menos o que pensar sobre aquilo.

— Isso não é uma brincadeira.

CAPÍTULO 28

Jasmine

Após prender fortemente meu pulso, ele puxou mais uma corda do outro lado e prendeu o outro. Levantou seu tronco, ainda me aprisionando entre seus joelhos e observou-me por um instante de silêncio, seus lábios se curvaram em um sorriso malicioso, como se sentisse prazer e satisfação em me ver ali amarrada.

— Você não pode fazer isso! — protestei, incrédula.

— Não só posso, como vou.

Saindo de cima de mim, Jawad foi até os pés da cama e, para minha mais completa perplexidade, prendeu também meus tornozelos com cordas, de modo que fiquei espichada na cama, com as pernas abertas, os braços suspensos, os pulsos e tornozelos amarrados.

— Não estou gostando disso. Pode me soltar agora mesmo.

Tentei me soltar eu mesma, mas os movimentos só fizeram com que as cordas machucassem minha pele.

Jawad colocou-se de pé ao lado da cama e desceu seus olhos pelo meu corpo, vagarosamente, capturando cada detalhe de mim, com a luxúria clara na sua expressão.

— Está linda — sussurrou, rouco e excitado. — Não sabe o quanto esperei para tê-la assim.

— Que tipo de pervertido é você? Um sadomasoquista?

— Não, embora aprecie esse tipo de jogo de vez em quando. Isso é uma punição pela sua língua comprida demais.

Ele foi até uma mesa a um canto, sobre a qual havia uma garrafa de uísque e um copo com a bebida pela metade. Pegou o copo e deu um grande gole antes de sentar-se em uma poltrona perto da cama, com seus olhos vidrados em mim.

— Qual será o próximo passo? Me surrar com um chicote?

— Eu já disse que seria incapaz de machucar você.

Sem desviar seus olhos de mim, Jawad enfiou a mão no bolso da sua calça, de onde tirou o maço de cigarros e acendeu um, dando uma grande tragada.

— Eu pensei que álcool fosse proibido no seu país.

— E é. Alguns prazeres são reservados exclusivamente para a realeza. Você aceita um gole?

— Com as mãos amarradas fica meio difícil.

— Você não precisa delas.

Ele ficou de pé e livrou-se rapidamente da sua camisa, exibindo o peitoral musculoso, excitantemente

moreno e peludo. Pegou o copo com uísque e aproximou-se de mim. Subiu na cama e montou-me, um joelho de cada lado dos meus quadris, seu tamanho e sua força bruta deixando-me completamente dominada, à sua disposição.

— Abra a boca! — ordenou ele.

A princípio fiquei sem entender, mas então ele encheu sua boca com uísque e inclinou-se, debruçando sobre mim. Encostou sua boca na minha e abri os lábios a tempo de receber o gole do uísque gelado. A bebida desceu rascante pela minha garganta, o gosto forte se misturou ao sabor da sua língua que me invadiu logo em seguida, resvalando na minha, despertando a mais incontrolável luxúria em meu âmago, minha intimidade latejando e pingando.

Apoiando o peso do seu corpo nos cotovelos, Jawad deitou-se todo sobre mim, com o peito forte esmagando deliciosamente meus seios, a ereção me empurrando entre as pernas, deixando-me completamente em chamas.

Com a habilidade de um homem que sabia exatamente o que fazer com uma mulher, ele foi descendo sua boca deliciosa através da minha pele, beijando e lambendo meu pescoço, meu colo. Suspendeu a minha camisola pequena até acima dos meus seios, deixando-a

toda embolada, apenas com a calcinha minúscula me cobrindo, seus olhos lindos varrendo minha nudez.

Jawad pegou o copo que havia deixado de lado e derramou o uísque sobre minha pele, dos seios até a altura do meu sexo. O líquido gelado me fez tremer, a expectativa intensificou o tesão escaldante. Abandonou novamente o copo e voltou a se debruçar sobre mim. Com sua boca macia e quente de encontro à minha pele, lambendo e sugando o uísque, deixou um rastro de brasas por onde passava.

Ele fechou os lábios sobre um dos meus mamilos e deu início a uma sucção tão deliciosa, que deixei escapar um gemido baixo. A umidade entre minhas coxas encharcou minha calcinha, aquele latejar se tornou ainda mais impaciente, cada célula do meu organismo suplicava por senti-lo me penetrando.

— Me diz se um boiola é capaz de devorar assim uma mulher, Jasmine — grunhiu, com sua boca de encontro à minha pele sensível.

— Esquece essa história. Eu não penso mais isso de você.

— Não é fácil esquecer quando se é o acusado na história.

Ele passou a boca para o outro peito e prendeu o mamilo entre seus dentes, fazendo uma suave e deliciosa

pressão, que foi sentida também abaixo da minha pélvis.

— Me desculpe pela minha boca grande, Alteza — murmurei, em tom de súplica, com minha respiração muito ofegante, o coração disparado. — Nunca mais o acusarei de uma coisa dessas.

— Assim espero.

Ele continuou descendo sua boca através de mim, deixando-me cada vez mais excitada, fervendo por cada poro, enquanto eu queria soltar minhas mãos e enterrar meus dedos em seus cabelos curtos e puxá-lo ainda mais para mim, como se ele fosse uma droga e eu a viciada. Porém, amarrada, tudo o que eu podia fazer era me contorcer sob suas carícias, me acabando de tanto querê-lo, com o desejo me estilhaçando.

Jawad usou as duas mãos para romper o pequeno pedaço de tecido na lateral da minha calcinha e a desceu pela outra perna, abandonando-a enroscada no meu tornozelo. Deu uma olhada demorada na minha vagina ali toda escancarada e voltou a inclinar-se sobre mim.

Beijou um dos meus joelhos e foi subindo a boca pelo interior da minha coxa. Antes de alcançar o meu sexo, enfiou as mãos sob minha bunda e elevou brevemente meus quadris, colocando sua boca ali onde eu mais necessitava, como se ele se banqueteasse de mim.

Logo sua língua quente e úmida estava me golpeando freneticamente no lugar certo, movendo-se em círculos sobre meu clitóris, deixando-o inchado e sensível, arrancando-me gemidos descontrolados, levando-me a abrir ainda mais as pernas e mover levemente os quadris, esfregando meu sexo na sua boca deliciosa, sentindo-me enlouquecida, perdida de tanta lascívia.

Jawad me chupava com a experiência de um mestre na arte de fazer sexo, como se conhecesse intimamente as necessidades que provocava em meu corpo. Ora me lambia aceleradamente, ora lentamente, percorrendo a língua por toda a minha extensão, introduzindo-a na minha vagina lambuzada.

Fechou os lábios sobre meu ponto mais sensível e deu início a uma sucção lenta e tortuosa, ao mesmo tempo em que deslizava ambos os polegares na minha abundante umidade, elevando-os até a minha entrada melada, fazendo pressão dos dois lados, abrindo-a, ameaçando me penetrar, mas sem o fazer, martirizando-me com a expectativa de senti-lo dentro de mim.

Por fim, sem deixar de chupar meu clitóris, ele deitou meus quadris de volta na cama e introduziu dois dedos na minha vagina, movendo-os em um frenético vai e vem, fazendo com que eu explodisse em mil pedaços, gozando gostoso, gemendo e gritando seu nome.

Mesmo depois que a tempestade passou e meu organismo foi se acalmando, Jawad continuou me lambendo incessantemente, deixando-me quase em agonia, recusando-se a afastar sua boca do meu sexo quando eu me esquivava, remexendo os quadris na tentativa de desfazer o contato.

— Por favor, já chega. Não aguento mais! — supliquei, inundada por aquela aflição indescritível.

— Só acaba quando eu determinar — sussurrou ele, com o hálito quente acariciando minha sensibilidade. — Um homem afeminado chuparia sua boceta com tanta vontade?

— Ai, meu Deus! Ainda essa história?!

— A acusação foi grave.

Ele circundou meu clitóris inchado com seus lábios macios e sugou, torturando minha sensibilidade, quase matando-me de aflição.

— Ahhh... Alteza, eu suplico pelo vosso perdão... Ahhh... nunca mais voltarei a ofendê-lo. Tens a minha palavra.

Por fim, ele parou e veio subindo seu corpo grande e gostoso, colocando-se em cima de mim, até que seu rosto lindo estivesse rente ao meu.

— Assim está bem melhor.

Dito isto, ele atacou minha boca com a sua, introduzindo sua língua em mim, exigindo que eu retribuísse e o fiz, resvalando minha língua na dele. A lascívia crua me percorreu, reacendendo meu corpo para o desejo insano que fervia em meu sangue.

Jawad separou nossas bocas e rolou para um lado apenas enquanto livrava-se da sua calça e da cueca. Completamente nu, voltou para cima de mim, tornando a me beijar daquele jeito faminto que apenas ele sabia como fazer e me penetrou, lentamente. Deliciando-me com cada centímetro daquela carne rija e quente deslizando para o meu interior, pressionando e esticando as paredes do meu canal, tão deliciosamente que as fazia latejar à sua volta como se tivessem vida própria.

Logo ele estava todo dentro de mim, movendo-se em um vai e vem, apressadamente, deliciosamente, alcançando o fundo do meu corpo, tocando-me onde jamais fui tocada. Cada estocada me fazendo gemer mais alto, mais descontroladamente, meu corpo todo dominado pela luxúria, pelo mais indescritível prazer, que me fazia arder e ferver.

Jawad movia seus quadris no mesmo ritmo em que movia sua língua dentro da minha boca, rápida e freneticamente, comendo-me das duas formas, devorando-

me, tornando-me tão sua que eu já não lembrava como era não ser.

Sem deixar de se mover dentro de mim, com estocadas bruscas e firmes, ele ergueu o rosto para me encarar, com o brilho da luxúria tornando suas íris verdes mais escuras.

— Vou passar a noite toda dentro de você — grunhiu ele, quase como uma ameaça.

— Quero que passe a noite dentro de mim... ahhh... fodendo minha boceta assim... bem gostoso... ahhh...

— Eu te quero demais.

— E eu a você...

Ele voltou a me beijar, ainda mais profundamente, esfomeadamente e quase me levou à loucura quando parou com o pau todo enfiado em mim e girou os quadris, girando em meu interior, dilatando minhas paredes lambuzadas, pressionando-me tão fundo que gritei enlouquecida, alucinada.

Eu tinha gozado mais duas vezes quando, por fim, ele me libertou das cordas e me levou para o banheiro enorme, onde transamos novamente, submersos na água morna da banheira. Passamos a noite inteira naquela entrega insana, como se a fome que nutríamos pelo outro jamais se esgotasse e crescesse mais e mais à medida que tentávamos saciá-la. Era madrugada quando, por fim,

a exaustão nos tomou e adormecemos abraçados, completamente nus nos braços do outro.

Jawad ainda estava agarrado a mim quando despertei, tarde no dia seguinte. Abraçava-me por trás, uma perna e um braço jogados sobre meu corpo, o peitoral musculoso pressionando minhas costas, a ereção enorme empurrando minha bunda. Ainda adormecido, estava completamente imóvel e tinha sua respiração lenta e prolongada.

Por mais que eu estivesse toda dolorida, principalmente nos pulsos, tornozelos e entre as pernas, não consegui evitar o fervor da excitação que tomava conta de mim, deixando meus mamilos sensíveis, meu sexo todo molhado, meu sangue a ponto de ferver nas veias. Tentei ignorar o turbilhão de sensações e permanecer quieta para não o despertar, mas foi impossível. Meu desejo por aquele homem era insano e descontrolado e, quando dei por mim estava me movendo lentamente contra ele, ajeitando-me, encaixando-me nele. Faminta pelo seu corpo, ergui uma perna, encaixei sua glande na minha entrada e fui descendo devagar, fazendo com que me penetrasse, sentindo-o grande e gostoso dentro do meu corpo.

Puta merda! Não existia nada mais perfeito e delicioso que senti-lo todo dentro de mim, aquele tamanho

me esticando toda, me ensandecendo e me transformando em um ser irreconhecível de sensações e sentidos.

A princípio, eu movia meus quadris vagarosamente, apreciando a forma lenta como ele entrava e saía de mim. No entanto, o tesão era intenso demais, descontrolado e mesmo sem perceber passei a me mover cada vez mais depressa, enlouquecida pelo prazer intenso, até que por fim ele acordou.

— Jasmine! — Jawad praticamente rosnou o meu nome, sua voz enrouquecida pelas horas de sono, entoada por um tom de perplexidade.

Na mesma hora, sua mão veio para um dos meus seios, massageando-o deliciosamente e sua boca alcançou minha orelha mordendo-a, tornando tudo ainda mais descontrolado e inesquecível.

Jawad se posicionou melhor atrás de mim, segurou minha perna, elevando-a ainda mais e passou a arremeter-se bruscamente contra meu corpo, estocando mais firme, mais depressa, alcançando-me mais fundo, quase me levando à loucura.

— Quero acordar assim todos os dias — disse, com sua boca de encontro ao meu ouvido.

— Eu também.

Continuamos naquela dança frenética sem pressa alguma de pararmos, sua boca mordiscando minha orelha,

o peito forte e peludo amparando minhas costas, a mão possessiva segurando minha perna no ar, o pau grande e grosso invadindo minha carne molhada. Até que juntos alcançamos o êxtase, gozando de forma prolongada, seu pau soltando espasmos que tornavam tudo ainda mais intenso, seu esperma quente jorrando abundante, completando-me de uma forma inexplicável e única.

Quando a calmaria nos tomou, permanecemos imóveis, abraçados, com seu pau ainda dentro de mim. Uma paz gostosa nos envolvia enquanto a calmaria desses momentos nos embalava.

— Eu não queria ter que sair da cama hoje — sussurrou Jawad, preguiçosamente.

— Eu também.

— Queria te prender no meu quarto e passar o dia inteiro te comendo.

Algo nas suas palavras me incomodou a ponto de me deixar quase angustiada. Foi impossível não me lembrar da minha condição, de que ele me mantinha em cárcere privado, longe de casa e tudo o que eu conhecia. Embora eu não pudesse evitar o desejo que nutria por ele, não podia simplesmente ignorar e esquecer aquela situação. Seria muita falta de amor próprio.

— Você já me mantém presa, no seu palácio — falei, com amargura.

Tentei sair da cama, mas ele me puxou de volta. Fez-me deitar e ficou em cima de mim, aprisionando-me com seu corpo forte.

— Você não está presa aqui. Está livre para ir onde quiser.

— Desde que não saia da cidade e desde que os seguranças venham junto. Isso não é liberdade.

— Jasmine, isso é temporário. Apenas até você se acostumar aqui. — Ele deslizou para um lado e apoiou a cabeça sobre um cotovelo, ainda me mantendo cativa com sua perna e o outro braço.

— E se eu nunca me acostumar aqui?

— Você vai. Não quero que veja Al Saud, ou a Arábia Saudita, como uma prisão, mas como seu lar de agora em diante. Me diga do que precisa para que sua permanência aqui fique melhor e eu te darei. Faço qualquer coisa para que se sinta em casa, para que aceite nosso país como seu novo lar.

Derrotada, suspirei pesadamente, ciente do quanto era inútil insistir em discutir aquele assunto com ele. Jawad jamais entenderia o que era liberdade de escolha. Por outro lado, eu já não me sentia tanto uma prisioneira como no início. Talvez ele estivesse certo sobre eu me acostumar com aquela vida e acabar aceitando que seu país era meu novo lar. Ter salvado Kalila do destino cruel que havia sido

reservado para ela, de certa forma me tornou mais forte, pois me levou a perceber que eu podia fazer mais pelas mulheres sauditas. Talvez eu pudesse desempenhar alguma função naquele lugar que não abrir as pernas para o príncipe sempre que ele mandava.

CAPÍTULO 29

Jasmine

— Quer que eu traga seu pai para morar aqui, para que você não sinta saudade dele? Posso providenciar uma casa confortável, com empregados e os melhores médicos para cuidar dele.

Lembrei-me da pandemia que estava acontecendo no mundo. Definitivamente não era um bom momento para enfiar meu pai em um avião durante horas.

— Não. Deixe-o onde está. — Também me deitei de lado e apoiei a cabeça sobre um cotovelo, encarando-o de frente, hipnotizada com o verde translúcido do seu olhar. — Mas, mudando de assunto, comecei a escrever meu primeiro artigo. Vou falar sobre a nova lei que proíbe meninas muito jovens de se casarem. Preciso de informações sobre ela e sobre você, sua infância. Vai servir como uma introdução a todo o trabalho que realizarei.

— Eu li o que você escreveu. Ficou ótimo. Gostei de não ter mencionado o casamento que presenciou.

Precisei de um grande esforço para conter a irritação que suas palavras me provocaram. Era degradante que ele tivesse acesso a tudo o que eu fazia no meu computador.

— O objetivo é melhorar a imagem do seu país, e não piorar — falei, com amargura. — Para continuar, vou precisar de mais informações sobre a nova lei. Já foi criada?

— Sim. E está em vigor. Conversaremos sobre isso durante o café da manhã. Agora vou te dar um bom banho.

Dito isto, ele deixou a cama, levantou-me em seus braços e carregou-me para o banheiro.

Algum tempo depois, estávamos acomodados à mesa na sacada da suíte dele, de onde podíamos avistar o imenso jardim gramado de Al Saud e ouvir o canto reconfortante dos pássaros.

Era mais um dia lindo em Riad, com o sol brilhando quente no céu azul, o calor intenso nos aquecendo. Como já era quase meio-dia, pulamos o café e fomos direto para o almoço, pratos típicos servidos com capricho sobre a mesa redonda em estilo africano.

Atendendo ao meu pedido, Jawad havia mandado que uma das empregadas trouxesse meu celular da outra residência e eu o mantinha sobre a mesa, para o caso de precisar fazer alguma anotação importante.

— Me fale mais sobre essa lei. Como se chama e quais são os termos — falei.

Fiquei feliz quando ele me disse que a chamaria de lei Kalila e que proibiria o casamento de qualquer pessoa

com idade inferior a dezessete anos. Meninas e meninos. Ele narrou todos os detalhes, alguns dos quais anotei no celular.

— Vou falar sobre você na introdução do artigo. Me conte como foi sua infância, onde estudou, com quem convivia, onde morava, essas coisas.

— Bem. Eu nasci aqui mesmo em Riad, estudei nas melhores escolas, fiz faculdade de Direito aqui e de Administração na Alemanha. Perdi minha mãe quando tinha cinco anos e fui criado pela minha madrasta. A mulher que você conheceu como rainha quando jantou na residência real.

— Eu sinto muito pela sua mãe. Como aconteceu?

Uma angústia pungente refletiu-se no brilho do seu olhar e quase me arrependi de ter tocado no assunto.

— Naquela época, meu tio era o rei da Arábia Saudita e as mulheres ainda não podiam dirigir, mas ela dirigia escondida, ou quando estávamos em outros países. Certa noite, durante uma das ocasiões em que meu pai estava viajando junto com o meu irmão mais velho, tive uma febre muito alta e nenhum dos empregados que estavam em casa sabiam dirigir. Então ela pegou o carro e foi me levar ao pronto socorro. Alguém viu e avisou à polícia, que logo começou a nos perseguir. Ela não quis parar por medo de não chegar ao hospital a tempo de me

salvar e na correria acabou batendo o carro. Eu só escapei com vida porque estava no banco de trás e vi de perto quando ela deu o último suspiro. A mulher que você conheceu naquela noite já era a segunda esposa do meu pai e criou a mim e meu irmão, como se fôssemos filhos dela.

Eu nunca o tinha visto tão devastado quanto enquanto contava aquela história e meu coração afundou no peito.

— Eu sinto muito que você tenha passado por tudo isso.

— Foi doloroso, mas já faz tempo.

— Por isso você criou a lei que permite às mulheres dirigir?

— Sim. Foi meu primeiro projeto após receber a coroa.

— Acho que tomou a decisão certa.

— Obrigado.

Após a refeição, Jawad vestiu seus trajes tradicionais, que o tornavam ainda mais charmoso, acentuando aquela aura de poder e soberania que já era inerente a ele. Disse que eu tinha permissão para explorar livremente a residência real, desde que não saísse descoberta no jardim e, em seguida, se foi, deixando um imenso vazio em seu lugar.

A fim de preencher esse vazio, vesti o vestido que a empregada trouxera e fui explorar a residência, fazendo anotações do que pretendia inserir no artigo. Felizmente não me deparei com o rei nem com uma de suas esposas, enquanto vagava pelos imensos salões. Da família real vi apenas a princesa mais jovem, que também era a mais simpática e com quem conversei por algum tempo.

Nos dias que se seguiram, passei a dedicar quase todo o meu tempo à produção do artigo, escrevendo, fazendo pesquisas, revisando o conteúdo. A história de infância de Jawad, praticamente desconhecida pelo mundo, certamente ajudaria a despertar a empatia das pessoas por ele. Seria a introdução de tudo o que eu pretendia escrever posteriormente, assim como a nova lei criada com o nome da menina.

Enquanto ocupava meus dias com o trabalho, as noites eram todas dedicadas a Jawad. Ciente de que eu não era muito boa em obedecer a suas ordens, ele já nem enviava mensagens, ia pessoalmente me buscar em meu quarto e me levava à sua suíte, onde vivíamos nossos momentos de paixão. Uma paixão visceral que se fortalecia e crescia mais a cada dia, tomando conta de tudo em mim, dirimindo minha sensatez, tornando-me um ser que agia por impulso e seguia seus instintos mais primitivos e carnais, de um modo que eu já não conseguia mais

imaginar o meu cotidiano sem aquele homem e isso era assustador, pois, embora eu fosse toda dele, ele não era meu. Jamais existiria uma relação de verdade entre nós, eu sempre seria a sua *alkaliba* e nada mais. Ele não tinha qualquer compromisso comigo, podia arranjar quantas mulheres quisesse, sem que eu tivesse o direito de reclamar e só em imaginá-lo com outra, eu ficava angustiada.

Uma semana depois, meu artigo estava pronto e foi publicado no *New York Times*, tomando uma importante página do jornal. Após a publicação, minha caixa de e-mails passou a estar constantemente lotada de mensagens, de várias empresas, pessoas influentes e repórteres, fazendo perguntas a respeito da minha estadia em Al Saud, me convidando para dar entrevistas. Eu respondia a todos com educação, claro, recusando os convites e fazendo com que acreditassem na veracidade daquilo que escrevia, até porque a maior parte era mesmo verdade. A única mentira era sobre minha estadia em Al Saud ser exclusivamente profissional.

Entre esses e-mails recebi um de Said Amin, o jornalista arqui-inimigo de Jawad. Queria fazer uma entrevista comigo, em Al Saud, e achei que seria uma ótima oportunidade de instaurar a paz entre o príncipe e ele. Talvez se Said conhecesse Jawad melhor, se

percebesse o ser humano íntegro e bom que ele era, parasse de o perseguir tão ferrenhamente. E quanto a Jawad, só tinha a ganhar com essa trégua, visto que era sempre bom para um líder ter relações diplomáticas com seus oponentes, torná-los seus aliados. O difícil seria convencer Jawad a receber o tal jornalista, mas ainda assim eu tentaria.

— Receber aquele demônio aqui?! De jeito nenhum! — vociferou Jawad, tão logo mencionei a proposta.

Tínhamos acabado de transar, estávamos aconchegados nos braços um do outro, ainda nus, na cama dele.

— Eu sei que o cara é um mala, um escroto, mas se você o receber, se fingir que o tolera, poderá trazê-lo para o seu lado.

— Eu não sou o tipo de homem que finge tolerar alguém. Ou gosto, ou não gosto e ponto final.

Se todos fossem assim, o mundo seria um lugar bem melhor.

— Às vezes é preciso ser hipócrita. Fazer certos sacrifícios em nome dos nossos objetivos. Você quer se tornar um líder querido e bem visto pelo seu povo e pelo mundo. Convencer esse sujeito a parar de falar mal de você, será meio caminho andado.

— Eu até poderia fazer esse sacrifício, mas a proposta dele é entrevistar você e não vou permitir que chegue perto do que é meu. Prefiro matá-lo antes.

— Nós não precisamos ficar sozinhos. Você pode estar conosco o tempo todo, ou mandar que um de seus conselheiros esteja.

— Aí seriam dois marmanjos desejando o que me pertence. Nem pensar!

— Eu estaria coberta dos pés à cabeça. Eles não teriam nem o que desejar.

Derrotado, Jawad suspirou pesadamente.

— Você não vai desistir enquanto eu não concordar, não é?

— Não mesmo.

— Vamos fazer assim, eu vou pensar no assunto, depois te dou uma resposta. Agora venha aqui, me deixa sentir você mais uma vez.

E como eu poderia resistir? Desarmada, entreguei-me novamente a ele, sem pudores e sem reservas, percebendo o crescer daquela paixão desenfreada que se tornava cada dia mais incontrolável e ditava tudo em mim.

Passaram-se três dias até que eu conseguisse convencer Jawad a receber Said em Al Saud. Marcamos para uma quarta-feira à tarde, numa semana durante a

qual o rei e a rainha encontravam-se em uma viagem de férias.

As condições exigidas pelo príncipe foram que as princesas se mantivessem o tempo todo em seus aposentos, enquanto ele estivesse lá; que Said não usasse câmeras, gravadores, ou qualquer outro meio de registro e que eu estivesse toda coberta, com apenas meus olhos à mostra.

Assim, no dia combinado, estávamos em um dos salões imensos, à espera do jornalista, quando ele entrou, acompanhado de dois guardas, um de cada lado. Era um homem com cerca de cinquenta e poucos anos, alto e parrudo. Tinha a fisionomia contraída, os olhos raivosos, mas ainda assim curvou-se diante do príncipe, reverenciando-o respeitosamente.

— Alteza, meus cumprimentos — disse ele.

Com um aceno de cabeça, Jawad dispensou os dois soldados, que se retiraram imediatamente.

— Seja bem-vindo a Al Saud. Foi bem recebido no portão? — disse Jawad.

— Teria sido melhor, se não fosse pelo excesso de revista. Só faltou olharem dentro das minhas calças. — Desviando os olhos do príncipe, como se recusasse a ouvir qualquer pedido de desculpas ou explicações, o sujeito se

voltou para mim pela primeira vez: — Senhorita, como está?

— Muito bem, obrigada.

Duas coisas percebi nele de imediato. Primeiro, que realmente era um ranço de pessoa, com atitudes arrogantes; e segundo, que tinha um jeito completamente afeminado, como se fosse homossexual. Eu ficaria sem saber, pois nunca mais abriria minha boca para especular uma coisa dessas, não enquanto estivesse naquele país.

— Pode se sentar. Aceita beber alguma coisa? — indagou Jawad, com uma tranquilidade inabalável, digna do soberano que era.

— Claro. Um chá gelado. Mas só se não for dar muito trabalho.

— Não é trabalho algum.

Said sentou-se em uma poltrona diante de nós, enquanto Jawad tocava um sininho solicitando a presença de uma empregada, que apareceu quase de imediato e, após receber a ordem, desapareceu para ir buscar o chá.

— Não foi uma decisão fácil aceitar recebê-lo aqui depois de tanto atacar minha imagem e da minha família no seu jornal. Espero que considere isso um acordo de paz — Jawad falava com aquele ar de poder e soberania que caía muito bem nele e me deixava quase hipnotizada, sem conseguir desviar o olhar.

— Claro. Não há nada que eu almeje mais do que a paz. — Era possível notar o sarcasmo muito sutil no tom de voz de Said.

Realmente, aquele sujeito parecia odiar Jawad; e, como o príncipe havia me garantido que jamais fizera mal algum a ele, eu só podia presumir que esse ódio era motivado por inveja, ou alguma paixão recolhida. Se havia uma coisa que a vida na faculdade, e fora dela, me ensinara é que ódio gratuito não existe, ele é motivado pela inveja, ou pela rejeição de uma pessoa desejada. O caso daquele jornalista era um desses dois e meus instintos me diziam que era a rejeição. Ele queria alguém que jamais teria e sabia disso, o que era digno de pena.

Um clima de tensão quase tocável instaurou-se no ambiente, enquanto os dois conversavam.

— Sei que está aqui para entrevistar minha convidada. Fique à vontade para começar quando quiser. Não vou interferir, mas estarei aqui o tempo todo.

— Eu compreendo. — Como tudo mais que saía da boca de Said, aquelas duas palavras também pareciam ter um sentido dúbio. — Pelo menos me deixaram ficar com o lápis e a caderneta — completou ele, com uma irritação mal contida, tirando uma caderneta e um lápis do bolso da sua túnica.

— Não são permitidos registros de sons e imagens em Al Saud, como deve saber.

— Claro que não. — Ele se voltou novamente para mim. — Senhorita Campbell, é de conhecimento mundial que, na ocasião do seu resgate do lêmen, você e sua equipe foram coagidos a assinar um documento que a obrigava a permanecer em Al Saud, como escrava sexual do príncipe, em troca de suas vidas. O que a fez decidir mentir sobre isso no vídeo publicado por seu antigo jornal, dizendo que está aqui por vontade própria? Está sendo ameaçada pela família real?

— Bastardo! Como se atreve a entrar na minha casa para me fazer essas acusações? — Jawad vociferou, levantando-se e avançando para cima do outro homem, tão furioso que eu podia enxergar uma veia latejando em sua têmpora.

— Calma, Alteza. Foi só uma pergunta. — Me apressei em dizer, levantando-me e colocando-me entre os dois, os olhos atentos de Said registravam minha atitude com excessiva atenção.

Como parecia ser inteligente, na certa acabara de perceber que o príncipe e eu éramos amantes. Felizmente não tinha como provar, ou seria a notícia principal do seu jornal no dia seguinte.

Jawad o encarou enraivecido por um longo momento de silêncio, sem que Said demonstrasse qualquer reação de medo, como se no fundo quisesse ser agredido, só para ter o que noticiar no dia seguinte. Por sorte, Jawad se acalmou e voltou a se sentar em seu lugar.

Sentei-me em meu lugar e invoquei minha serenidade interior antes de começar a falar.

— Na verdade, eu não menti. Cada palavra dita naquele vídeo é verdadeira. O único equívoco nessa história foi nossa má interpretação quando lemos o contrato no lêmen. Estávamos muito nervosos, correndo o risco de sermos enforcados. Não havia nenhuma palavra se referindo a sexo entre mim e o príncipe naquele documento. Minha estadia aqui, desde o início, é estritamente profissional, para escrever os artigos sobre a família real.

— Então está me dizendo que não existe nada entre você e o príncipe além desse contrato de trabalho?

— Exatamente.

Era visível a frustração em seu rosto, enquanto ele anotava algo na caderneta. Ele sabia que o príncipe e eu éramos amantes e buscava qualquer deslize nosso que pudesse usar como prova. Era mesmo um escroto, que só pensava em prejudicar alguém que jamais lhe fizera mal. Como podia existir gente assim? Eu nunca entenderia.

— Você já está aqui há quase dois meses e ainda não foi visitar o seu pai. Como explica isso?

Puta merda! Ele não desistia. Que irritante!

— Não quero me enfiar em um avião durante uma pandemia de um vírus mortal.

— Certo. Sensato da sua parte. — Ele anotou mais algo na sua caderneta antes de continuar fazendo perguntas.

E assim foi toda a entrevista, o tempo todo ele jogava indiretas e fazia perguntas indiscretas, tentando a todo custo receber uma confirmação daquilo que não tinha dúvidas, ou seja, que Jawad e eu éramos amantes e que eu não estava em Al Saud por vontade própria. Era um homem inteligente, sabia o que perguntar para tentar me fazer confessar. No entanto, eu também não era burra e consegui desviar do assunto com maestria, dizendo apenas o que queria que ele acreditasse, o que era conveniente para o príncipe.

CAPÍTULO 30

Jasmine

Estávamos conversando há quase uma hora, quando Dahab avançou pelo salão, toda coberta como eu, apenas seus olhos aparecendo. Estava aflita, agitada, mas ainda assim reverenciou o príncipe respeitosamente, antes de começar a falar:

— Alteza, me perdoe pela intromissão, mas está havendo uma confusão lá fora, no jardim.

Quase pude ouvir um palavrão ecoando dos pensamentos de Jawad, por acontecer algo de ruim enquanto aquele abutre estava ali. Dependendo do que se tratava, seria um prato cheio para o jornal dele.

— Que confusão? — indagou Jawad, com uma serenidade forçada.

— Uma das empregadas foi flagrada na casa dos empregados. Em situação... — Ela hesitou antes de completar a frase: — ...inadequada. Omar está aplicando o procedimento padrão.

— Ótimo. Diga a ele que continue. E não volte a interromper aqui.

— Sim, senhor.

Dahab já estava se virando para sair, quando fui tomada por um mau pressentimento.

— Espere. Quem é a empregada? — indaguei.

— Alzira.

Levantei-me de supetão, com o sangue fugindo da minha face.

— E qual é esse procedimento padrão? O que diabos estão fazendo com ela?

Dahab olhou para Jawad, como se temesse minha reação e delegasse a ele a incumbência de me responder. Só que ele não disse nada.

— O que vão fazer com ela? — indaguei mais uma vez, aflita, sobressaltada.

— Uma moça solteira, que se coloca em situação inadequada com um homem, é castigada com uma surra de chibata — Said respondeu. O prazer de presenciar uma discórdia na residência real era evidente no tom de sua voz.

— Não vão fazer isso com Alzira — anunciei, aflita, sobressaltada, pronta para correr em seu socorro.

No entanto, antes que tivesse tempo de dar o primeiro passo, Jawad veio até mim e segurou-me firme pelo braço.

— Você não vai a lugar nenhum! — esbravejou.

— Não vou permitir que façam uma covardia dessa com ela. Nem tente me impedir.

Puxei meu braço com um safanão, mas ele não soltou, continuou apertando firme.

— Não é covardia, é a lei. Ela sabia quais eram as consequências. Fez isso porque quis.

Eu não podia acreditar que ele realmente permitiria que uma garota frágil como ela fosse surrada por um bando de marmanjos. *Onde estava o homem intenso, maravilhoso e apaixonante nos braços de quem eu dormia todas as noites? E se fosse eu no lugar de Alzira, ele deixaria que me surrassem também?*

— Me solta, Jawad — falei, entredentes, enquanto a decepção me dilacerava a alma.

— Você não vai lá. Será que dá para obedecer pelo menos uma vez na vida?

— Não! Se você consentir uma coisa dessas é porque também não passa de um covarde.

Invadida por um turbilhão de emoções, que me faziam tremer, puxei meu braço com ainda mais força e finalmente consegui me libertar. Sem me importar com mais nada, corri em direção à saída dos fundos do palácio, quase atropelando Dahab, que também seguia naquela direção, só que mais devagar.

Ao alcançar o jardim, a princípio não vi nada de diferente. Então segui rumo à residência dos empregados, diante da qual se formava uma pequena aglomeração de pessoas, em sua maioria os guardas e outros empregados. Algumas poucas mulheres, todas cobertas, se mantinham mais afastadas.

Estavam formando um círculo em torno de algo e, quando me aproximei para verificar do que se tratava, mal pude acreditar no que meus olhos viam. No centro do círculo, Alzira se encontrava amarrada a um poste fincado no chão, de frente para ele, seus braços os circundando. Não usava abaya, nem o hijab, apenas um vestido de tecido delicado com o qual, segundo as tradições, não podia ser vista por homem algum, que dirá por todos aqueles que a rodeavam. Tinha seu rosto banhado de lágrimas e seus cabelos negros e cacheados caíam-lhe pelas costas.

Ao seu lado, Omar, o conselheiro do príncipe, segurava a chibata de couro enquanto explicava a todos o que ela havia feito para merecer a punição. Segundo suas palavras, ela havia sido flagrada na cama com Naim, o maldito por quem estava apaixonada. Mal pude acreditar quando o vi tranquilo e calmo entre os espectadores, sem mover um só dedo para a defender. Era apenas mais um covarde de merda!

Eu havia acabado de chegar, quando Jawad apareceu atrás de mim, seguido pelo jornalista, que àquela altura já não tinha mais dúvidas de que éramos amantes, devido ao calor da discussão entre nós que presenciara, quando inclusive eu me esquecera da sua presença e chamara o príncipe pelo primeiro nome.

— Isso é influência sua? — Jawad indagou, sua voz externando sua ferocidade.

A acusação despertou uma raiva quase cega dentro de mim. Como ele podia levar seus pensamentos para essa direção, quando um ser humano estava prestes a ser machucado daquela forma? Eu já não o reconhecia e percebia o quanto me enganei acreditando que era um homem íntegro.

— Por favor, não permita que façam isso com ela! — supliquei, reprimindo a raiva.

— Não posso fazer nada. Esse é o procedimento. Ela não devia ter feito o que fez.

— Você pode, apenas não quer — falei, com os dentes cerrados e meu sangue fervendo de ódio.

Lancei um olhar na direção de Said, que se encontrava logo atrás de nós, e ele me deu um sorrisinho vitorioso, confirmando que já não tínhamos mais como esconder a verdade. Mas ele que se fodesse, eu não ligava para o que escreveria no seu maldito jornal.

Omar encerrou seu discurso e se virou para Alzira, desferindo-lhe uma chibatada tão violenta, que o som se fez audível, alto e tenebroso. O golpe rasgou o tecido do vestido dela, formando uma marca avermelhada em suas costas, provocando-lhe uma dor que a fez gritar em agonia.

Quase desesperada, senti as lágrimas aflorarem em meus olhos, me vendo a ponto de poder sentir sua dor e, quando o homem ergueu a chibata no ar para golpeá-la mais uma vez, não consegui me conter. Seguindo a um impulso incontrolável, corri até o centro do círculo e abracei Alzira por trás, de modo que a chibata acertou minhas costas em vez da dela, a dor lancinante me alcançou no âmago, me torturando.

Ainda assim, continuei lá, protegendo-a, com meus olhos fechados, esperando pelo golpe seguinte, que certamente viria.

— Pare! — A voz de Jawad ressoou alta, grossa. — Já chega. Solte a mulher agora mesmo.

O momento que se seguiu foi de um silêncio profundo, como se as pessoas nem respirassem mais e os pássaros se calassem.

Ao abrir os meus olhos, vi Jawad vindo em nossa direção, com sua túnica longa esvoaçando ao sabor do vento, sua aura de força e poder parecendo ainda mais evidente.

Sob os olhares que se mantinham atentos sobre nós, ele chegou em mim e segurou-me pelos ombros, tentando afastar-me de Alzira, enquanto eu relutava, quase em estado de choque, pela forma como aquelas pessoas conseguiam banalizar tamanha violência contra uma mulher.

— Já chega. Pode sair daí. Acabou — disse Jawad, com a voz gentil.

Como se despertasse de um transe, afastei-me dela, ao mesmo tempo em que me esquivava do toque das mãos dele, as lágrimas caindo abundantes dos meus olhos, em um misto de raiva, dor e decepção.

— Não me toque! — falei.

— Você está bem? — indagou ele, como se não tivesse me ouvido.

— Estaria melhor se você tivesse impedido que isso acontecesse. — Meu lábio inferior tremeu enquanto eu pronunciava as palavras. Seus olhos atentos registravam o movimento, com um brilho indecifrável refletido na sua expressão.

Observou-me em silêncio por um instante e, então, se voltou para Omar.

— Pode soltar Alzira. Acabou a punição! — ordenou.

Uma chuva de sussurros atônitos se fez audível diante da sua ordem. Na certa, não esperavam que ele

interrompesse aquela crueldade. Eram todos coniventes, inclusive as mulheres, o que estava além da minha compreensão. *Ao invés de lutar contra uma violência da qual eram vítimas, elas apoiavam. O que tinham na cabeça?*

Jawad me deu as costas e seguiu rumo à entrada do palácio, enquanto eu esperava que Alzira fosse solta. Quando a desamarraram, abracei-a pela cintura e a conduzi rumo à moradia das empregadas.

— Acho que você conseguiu a notícia que queria para o seu jornal. — Ouvi Jawad dizer a Said, furioso, quando passei perto de onde ambos se encontravam.

Alzira estava com tanta vergonha das outras mulheres, e de todo mundo, que a levei para se refugiar no meu quarto e não saí mais do seu lado naquele dia. Além da ferida no corpo, ela estava repleta de feridas na alma. Estava deprimida pela forma como o namorado reagiu quando foram flagrados juntos, na outra residência, no quarto dele, quanto ele disse aos guardas que foi ela quem o procurou, quem se ofereceu para fazer sexo e, como homem, ele não podia recusar.

Segundo ela, na verdade fora ele quem a chamara para ir até lá, dizendo que tinha uma surpresa que ela acreditou ser finalmente seu pedido de casamento. No entanto, a promessa de se casar que ele lhe fizera há

semanas, não passara de uma mentira para conseguir o que queria e agora ela estava marcada pelo resto da vida. Nenhum homem decente ia querer se casar com uma mulher que não era mais virgem. Talvez uma das consequências desse acontecimento fosse sua dispensa do trabalho em Al Saud e, caso acontecesse, provavelmente seria vendida pela família para se tornar concubina de algum velho rico, pois para esposa já não servia mais.

Só que eu não permitiria que nada daquilo acontecesse com ela. Jawad teria que me matar primeiro, se pretendesse mandá-la ir embora. E mesmo que ele me punisse por isto, eu ia ter uma conversinha com o covarde que fez aquilo com ela. Ah, se ia! Se alguém tivesse que deixar Al Saud, esse alguém era ele.

Com o cair da noite, Dahab trouxe sanduíches para nós. Ela também estava do lado de Alzira, indignada com tudo aquilo, porém não se manifestava a respeito por receio de que acabasse se prejudicando.

Alzira estava profundamente adormecida na minha cama, enquanto eu me mantinha deitada ao seu lado, tentando me concentrar na leitura de um livro, mas sem conseguir, quando a porta do quarto novamente se abriu e, dessa vez, foi Jawad quem entrou. Tinha sua fisionomia

contraída, as sobrancelhas formando um vinco na sua testa.

Embora eu mal conseguisse olhar para ele, meu coração teimoso insistiu em bater mais depressa no peito quando ele se aproximou, como se uma parte de mim fosse dominada por essa paixão incontrolável.

— Como ela está? — indagou ele, cochichando para não a acordar.

— Vai ficar bem. Está mais ferida por dentro do que por fora. Mas aquele maldito não conseguiu destrui-la.

— Vim te buscar. Deixe-a aí e venha dormir comigo.

Fuzilei-o com meus olhos, mal podendo acreditar que realmente estava me fazendo aquela proposta depois do que aconteceu, depois de ter permitido que aquele carrasco do seu conselheiro surrasse uma mulher indefesa, mesmo depois de eu implorar que o impedisse.

Dominada pela raiva, levantei-me a fim de evitar acordar Alzira e olhei dentro dos seus olhos, dizendo:

— Não vou com você a lugar nenhum. E se tentar me levar à força, o escândalo vai ser tão grande que vai ser ouvido até nos Emirados Árabes.

Ele ergueu as duas mãos no ar, como se se rendesse.

— Fica calma. Não vou te forçar a nada.

— Acho bom mesmo nem tentar.

— Nos vemos depois então. Boa noite.

Ele se dirigiu rumo à porta e o segui. Precisava falar sobre o futuro de Alzira, mas não ali perto onde pudéssemos acordá-la.

— O que houve? Mudou de ideia sobre vir comigo? — indagou Jawad com malícia, tão logo atravessamos a porta.

— Não brinque comigo hoje, Jawad. Não estou com

Nunca! Quero voltar para a minha casa. Não quero viver aqui.

— Sua casa agora é aqui.

Soltei outro soluço e ele pareceu desmoronar, demonstrando algo parecido com remorso, ou culpa. Observou-me em silêncio por um instante e, então, me puxou para si, estreitando-me em seus braços, apertando-me forte contra o corpo sólido.

Não o abracei de volta, ainda indignada, no entanto aninhei minha cabeça em seu peito e chorei ainda mais irrefreavelmente. Minhas lágrimas molhavam o tecido da sua túnica enquanto seu rosto afundava em meus cabelos, no alto da minha cabeça.

— Nos países com múltiplas religiões, como o seu, as pessoas costumam fazer uma oração com a qual pedem forças para mudar aquilo que pode ser mudado, serenidade para aceitar o que não pode e sabedoria para distinguir uma coisa da outra. Entenda nossos costumes como algo que não pode ser mudado e tenha serenidade para aceitá-los.

Fiquei surpresa que ele conhecesse aquela oração, normalmente abordada em grupos de apoio.

— Nunca vou aceitar ser tratada assim.

— E você nunca será, confie em mim. Não posso fazer nada por Alzira, mas sempre vou proteger você.

Nunca, enquanto eu viver, permitirei que alguém a machuque. Você é importante demais para mim. — Sua boca foi deslizando dos meus cabelos para o meu rosto, espalhando uma trilha de beijos sobre a minha pele, à medida em que o aperto dos seus braços se tornava mais firme em torno de mim. — Venha para a minha suíte, passe a noite comigo — sussurrou, com o hálito quente me acariciando, despertando o mais primitivo dos desejos em minhas entranhas.

Apesar da paixão desenfreada que explodia em meu peito, desvencilhei-me dos seus braços e o afastei com ímpeto.

— Não. — Passei a mão no meu rosto para secar as lágrimas. — Hoje não. Vou ficar com Alzira.

— Tudo bem. Ela precisa mesmo de você hoje. — Ele plantou um beijo casto em minha testa. — Tenho que ir. Não tolero ficar perto de você, sem poder te tocar. Volte para o quarto. Boa noite.

Dito isto, ficou lá parado me observando enquanto eu entrava de volta no aposento.

Deitando-me ao lado de Alzira, que ainda se encontrava mergulhada em um sono profundo, tentei dormir também, mas os pensamentos fervilhavam em minha mente, impedindo-me de relaxar.

Eu não podia fazer nada para mudar toda a cultura de um país, isso era fato. Como Jawad disse, precisava ter serenidade para aceitar como as coisas eram naquele lugar, a forma terrível como as mulheres eram tratadas. No entanto, eu ainda podia ajudar Alzira e o faria, mesmo que precisasse comprá-la com o milhão de dólares que se encontrava na minha conta bancária, caso seus pais decidissem vendê-la como punição pelo que ela fez. Aquela quantia, deveria ser suficiente. Daria inclusive para mantê-la em um apartamento na cidade, onde eu poderia me refugiar de vez em quando, quando quisesse dar um tempo de toda aquela loucura que era viver em Al Saud. O príncipe não me impediria, no máximo mandaria os seguranças vigiarem a porta do apartamento enquanto eu estivesse lá dentro.

Antes de adormecer, eu havia tomado uma decisão. Não esperaria Alzira ser devolvida para os pais. Se ela concordasse, já sairia dali direto para um apartamento.

CAPÍTULO 31

Jawad

Demorei para conseguir pegar no sono naquela noite, minha cama jamais pareceu tão vazia, o quarto enorme jamais ficou tão silencioso. Mas era apenas a ausência de Jasmine nos meus braços, dormindo ao meu lado, entregando-se a mim sem reservas, presenteando-me com seu cheiro gostoso, sua feminilidade delicada, sua entrega desinibida, como vinha sendo nos últimos dias.

Não fazia muito tempo que ela estava dormindo comigo todas as noites, porém eu tinha a sensação de que fazia séculos, tamanho era o vazio acarretado pela sua ausência. Eu jamais me senti tão afetado por uma mulher, como me sentia por Jasmine. Ela era como um vício, e eu o viciado. Felizmente, ela era toda minha e essa ausência seria temporária. Logo, eu a teria novamente em meus braços.

Apesar de dormir pouco, levantei-me cedo na manhã seguinte, já me preparando psicologicamente para enfrentar o dia difícil que teria pela frente, devido à notícia que obviamente estaria estampada na primeira página do jornal de Said, o que certamente ele transformaria em mais um escândalo.

Era muita falta de sorte que aquele episódio com Alzira tivesse acontecido logo quando ele estava aqui para presenciar tudo e distorcer os acontecimentos como quisesse na sua matéria. No mínimo ia dizer que as empregadas da residência real não eram mulheres respeitáveis. Contudo, nunca uma funcionária de Al Saud havia passado por uma situação daquelas, sempre foram todas muito bem-comportadas. Parecia coisa de outro mundo que tivesse acontecido logo quando aquele rato estava presente. Puta que pariu!

Protelando o momento em que leria os jornais, demorei mais que o necessário no banho, depois tomei o café da manhã na sacada, muito devagar, sem que aquele momento jamais tivesse me parecido tão solitário. Eu estava começando a me acostumar a fazer a primeira refeição do dia na companhia de Jasmine. Sem ela, tudo estava muito monótono e silencioso.

Após a refeição, não tive mais como adiar e peguei o tablet para ler as notícias. Fui direto para o site do jornal de Said. Como esperava, minha foto estava estampada na primeira página, com o letreiro em letras garrafais: “PRÍNCIPE HERDEIRO, JAWAD NAZIR, É MANIPULADO POR UMA MULHER”.

Puta que pariu! Eu sabia que ele ia pegar pesado, mas não imaginei que fosse chegar tão longe.

Após uma pequena dissertação, completamente agressiva, sobre as consequências de se ter um líder fraco, que segue as ordens de uma mulher, inclusive infringindo as leis por causa dela, ele começou a narrar os acontecimentos da tarde anterior, de forma completamente distorcida, afirmando que Jasmine mentiu descaradamente durante a entrevista que lhe concedeu, afirmando veementemente que não éramos amantes, para no momento seguinte me chamar pelo primeiro nome e me tratar como se fôssemos íntimos. Deu ênfase excessiva ao fato de eu tê-la atendido quando ela me pediu que livrasse Alzira do merecido castigo, afirmando que eu infringira a lei de punição por sua causa, porque estava apaixonado por ela, insinuando que, por causa dessa paixão, eu havia me tornado um capacho nas mãos dessa mulher.

Para piorar tudo, revelou que a lei Kalila foi criada também para atender a um pedido de Jasmine e, a fim de me ferrar um pouco mais, fez uma enorme dissertação questionando a conduta das empregadas de Al Saud, devido a Alzira ter sido flagrada com um homem nos aposentos dele.

Puta merda! Aquele demônio sabia exatamente como destruir a reputação de uma pessoa e estava fazendo isso com a minha. Se eu colocasse minhas mãos nesse filho da puta, nem sabia o que seria capaz de fazer,

muito provavelmente não o deixaria vivo. E o pior, era que me prejudicava a troco de nada. Eu jamais fiz mal a ele, jamais dei motivos para que me odiasse tão ferrenhamente. Não conseguia entender a razão de tanto repúdio de sua parte. Mas ele ia me pagar caro. Desta vez, eu não ia deixar as coisas ficarem assim. Ele tinha ido longe demais.

Maldita hora em que concordei em aceitar recebê-lo em Al Saud!

Meu sangue ainda fervia de raiva, quando meu celular vibrou com uma chamada de vídeo do meu pai e me senti ainda pior, pois tive certeza de que ele lera aquela matéria e esse era o motivo da sua ligação.

Puta merda!

— Oi, pai — atendi.

— *Será que você pode me explicar o que significa isso?* — indagou ele, furioso do outro lado da linha, virando a tela do seu tablet em minha direção, na qual estava estampada a matéria feita por Said, a mesma que eu acabara de ler.

— Nada de novo. Só aquele rato tentando manchar minha imagem mais uma vez.

— *O que você tinha na cabeça para deixar esse sujeito entrar em Al Saud?* — Meu pai vociferava furiosamente, enquanto eu tentava manter a calma.

Ele estava na Itália, passando as férias com a esposa mais velha.

— Foi uma tentativa de trégua que deu errado. Eu não imaginei que uma das empregadas ia ser flagrada naquela situação, justo quando ele estava aqui.

— *E de quem foi a ideia dessa tentativa de trégua? Foi daquela mulher?*

Suas palavras funcionaram como um soco no meu estômago. Olhando de um ponto de vista prático, eu realmente havia feito algumas coisas, que normalmente não faria, por causa de Jasmine. *Será que o maldito jornalista estava certo sobre eu estar sendo manipulado por ela?* Era só o que me faltava!

— *Não precisa nem responder. Pela sua cara, já sei que foi ideia dela.* — Continuou meu pai, ligeiramente mais calmo. — *Você não é o primeiro homem no mundo a passar por isso e nem será o último. Você está apaixonado por essa mulher, infelizmente aconteceu e ela está usando isso para te manipular.*

— Que absurdo! Eu não estou apaixonado por ela. E definitivamente não estou sendo manipulado. Apenas atendi a um pedido dela.

— *Jawad, você criou uma lei por causa dela, infringiu outra e aceitou receber aquele homem aí. Pare para pensar e vai perceber o que ela está fazendo com*

você. Não o culpo, ela é realmente uma mulher intrigante, bonita e inteligente, mas você precisa voltar a colocar sua cabeça no lugar.

— Minha cabeça está no lugar.

— *Para começar, você precisa se afastar dela* — continuou ele, como se não tivesse me ouvido. — *Não estou dizendo para mandá-la embora, até porque ela está fazendo um ótimo trabalho com aqueles artigos, mas para dar um tempo dela, ficar uns dias sem vê-la, se concentrar em outras coisas.*

— Pai, isso não será necessário.

— *A segunda medida para melhorar essa situação será tornar público seu noivado com Najah. Quando as pessoas souberem que, em breve, você terá uma esposa, vão entender que essa Jasmine não significa nada e toda essa fofoca vai por água abaixo.*

Percebi que eu estava mais envolvido com Jasmine do que imaginava, quando foi ela a primeira pessoa em que pensei depois que meu pai disse aquilo, na sua reação quando soubesse que eu estava noivo de outra mulher, que escondi isso dela durante todo esse tempo. Para as mulheres sauditas era natural que um homem tivesse mais de uma esposa, ou amante, mas para Jasmine era diferente. Eu tinha certeza de que a magoaria e isso era a última coisa que eu queria.

Pensei seriamente em recusar a sugestão do meu pai, mas era inútil. Em algum momento aquela história viria à tona, todos saberiam, até porque faltava pouco mais de um mês para o dia do casamento. Era perda de tempo protelar o assunto.

— Vou providenciar para que outro jornal coloque a notícia do noivado na sua primeira página amanhã — avisei, com um gosto amargo em minha boca.

— *Ótima decisão. Só assim a fofoca que aquele imundo gerou vai acabar. E trate de se afastar daquela mulher.*

Nós conversamos por mais algum tempo e por fim encerramos a ligação.

Aquele dia mal consegui me concentrar nas dezenas de compromissos que tive, o tempo todo pensando na reação que Jasmine teria quando soubesse que eu me casaria. Talvez Said estivesse certo sobre eu estar cego de paixão por ela, pois, se fosse qualquer outra mulher, eu não estaria minimamente preocupado, visto que aquelas circunstâncias eram totalmente normais. Todo homem tem suas amantes e esposas. Não há nada de mau nisso.

Quando a noite caiu, decidi que contaria a ela pessoalmente, seria melhor do que deixar que soubesse através de uma notícia no jornal, pelo menos teria a chance de explicar que aquele casamento se tratava de mera

formalidade, que ela era a única mulher que eu realmente queria.

Além do mais, ao acompanhar os passos dela na internet durante aquele dia, descobri que estava comprando um apartamento em Riad e precisava conversar a respeito, entender o porquê de um imóvel na cidade, se Al Saud era e sempre seria o seu lar.

Após o jantar, deixei a residência principal e segui para a moradia das empregadas, entrei em seu quarto e a encontrei deitada na cama, em posição fetal, completamente imóvel, embora estivesse acordada. Usava uma camisola pequena, que deixava suas curvas perfeitas à mostra, tinha os cabelos escuros espalhados sobre o travesseiro e seu cheiro delicioso estava por toda parte, inebriando-me. Sua imagem deixou-me de pau duro. Só que hoje eu precisava controlar meu desejo. Depois de ouvir o que eu tinha a dizer, ela não ia querer me ver nem pintado de ouro na sua frente. Contudo, em algum momento, teria que entender que as coisas eram assim e nada podia mudá-las.

A tristeza era visível em seu semblante. Estava sofrendo por causa da amiga, que deixou Al Saud naquele dia, indo morar novamente com os pais. Era de cortar o coração o quanto essa história afetara Jasmine. Porém, eu não podia fazer nada a respeito. A própria Alzira procurara

por aquele destino. Se tivesse se comportado, nada daquilo estaria acontecendo.

— Você está bem? — indaguei.

Ao sentar-me na beirada da cama, fui tomado por um desejo quase descontrolado de enfiar meus dedos em seus cabelos ondulados e brilhantes e os acariciar. No entanto, me contive.

— Não muito. Alzira voltou para a casa dos pais dela.

— Vi que você está comprando um apartamento. É para ela?

Jasmine sentou-se, com as costas apoiadas no espaldar da cama, as pernas cruzadas na frente do corpo. Observei seus seios balançando com seus movimentos, dentro do tecido fino da camisola, depois tive um vislumbre do fundo da sua calcinha preta e cheguei muito perto de perder o autocontrole.

— Sim. Você se importa? — indagou ela.

— Não. O dinheiro é seu. Use-o como quiser.

— Obrigada.

— Leu as notícias sobre o acontecimento de ontem?

— Você sabe que sim. Aquele Said é um asqueroso.

— Um dia, ele receberá o que merece. — Vi seu corpo estremecer, como se eu tivesse dito que mataria o cara. — Tem uma coisa que preciso te falar.

Eu não conseguia desviar meus olhos dela. Estava duro, hipnotizado, excitado ao extremo. Minha vontade era de esquecer o assunto que vim tratar, jogá-la na cama e fazê-la minha até a exaustão. Porém, era necessário falar, seria pior se ela soubesse através dos jornais.

— Pode falar.

A fim de acalmar os ânimos do meu corpo, levantei-me e recostei-me na borda da mesa mais adiante, virando-me para encará-la.

— Eu vou me casar.

— O quê? Como assim? — Ela parecia meio atordoada, como se não compreendesse.

— Estou noivo de uma mulher já faz algum tempo. O assunto estava sendo mantido em segredo, mas será divulgado nos jornais amanhã.

Lentamente, seu queixo foi caindo, à medida em que uma angústia mal contida ia se estampando na expressão do seu olhar. Ela abriu a boca para dizer algo, mas desistiu. Então, deu de ombros.

— Ótimo. Seja feliz com ela. Apenas nunca mais volte a chegar perto de mim — falou, com uma amargura mal disfarçada.

— Você sabe que me distanciar de você nunca foi uma opção.

Foi então que Jasmine explodiu. Com sua face vermelha de raiva, levantou-se da cama e colocou-se à minha frente, fitando-me diretamente, desafiadoramente.

— Acontece que agora é! — esbravejou. — Não vou ficar trepando com um homem casado. Isso sim é inaceitável na minha cultura. Vocês vivem me chamando de *alkaliba*, mas não sou uma puta. Portanto, fica com a sua mulher para lá e me deixa em paz.

Ela estava brava somente porque não queria ser confundida com uma puta? Mas que decepção!

Jasmine tentou se afastar, voltar para a cama, como se o assunto estivesse encerrado. Todavia, segurei firme em seu braço e fiz com que voltasse a fitar os meus olhos.

— Não querer se tornar amante de um homem casado é a única razão da sua indignação? E nem se atreva a mentir.

— Não quero ser uma puta!

— Eu disse para não mentir! Está zangada somente por causa de um rótulo bobo e insignificante?

Ela hesitou antes de falar, com seu lábio inferior tremendo.

— Você sabe que não — murmurou, com um fio de voz.

— E qual a verdadeira razão?

Novamente hesitou, mas por fim respondeu:

— Eu sinto alguma coisa por você. Não dormiria em seus braços todas as noites se não sentisse nada. Não consigo nem imaginar a ideia de te dividir com outra mulher.

Por alguma razão desconhecida, suas palavras provocaram um calor na altura do meu peito.

— Acontece que eu também sinto essa coisa e não me casaria com outra mulher, ou mesmo olharia para qualquer outra, se tivesse opção. Mas acontece que eu não tenho. Para ser líder desse país, eu preciso de uma esposa, por mera formalidade, principalmente depois do que aquele rato noticiou no jornal dele.

— Vai me dizer que está sendo forçado a se casar? Não insulte a minha inteligência!

— A partir do momento em que fui escolhido para ser líder da minha nação e que optei por isto, eu sabia que precisaria fazer sacrifícios e esse é um deles.

— Grande sacrifício, ter uma esposa que acata todas as suas ordens e aceita que você tenha quantas outras mulheres quiser.

— Acontece que eu não quero outra, mas apenas você. Essa mulher não terá nada de mim, a não ser meu nome num pedaço de papel. Minhas noites continuarão sendo exclusivamente suas.

— Claro, até que seja exigido um herdeiro. Aí você vai dizer que foi forçado a transar com ela.

— Jasmine, se fosse permitido o casamento de um príncipe e uma estrangeira, seria você quem eu escolheria para ter como esposa, com muita satisfação. Mas não existe essa opção, infelizmente.

— E quem disse que eu ia querer me casar com você? Que se foda você, seu principado e as malditas leis do seu país!

Cheguei à conclusão de que seria perda de tempo continuar discutindo com ela enquanto estivesse nervosa daquele jeito. Quando se acalmasse, ela entenderia que as coisas tinham que ser assim, que não podiam ser mudadas. O melhor a ser feito agora era mesmo me afastar, dar um tempo, esperar que cada coisa se ajeitasse em seu lugar.

— Eu espero que logo você entenda que as coisas têm que ser assim. Que, para mim, esse casamento não passa de uma formalidade boba, que você é a única mulher que me importa, a única que quero. — Ela não disse nada, apenas continuou me encarando com olhos raivosos. — Vamos conversar em outro momento, quando estiver mais calma.

Tentei dar um beijo em sua testa, levar seu cheiro e seu gosto comigo, já que passaria vários dias sem vê-la.

No entanto, ela se esquivou do contato e fui embora levando apenas a sua imagem na minha mente, além de uma saudade antecipada dos nossos momentos juntos.

CAPÍTULO 32

Jasmine

Já fazia uma semana que eu não via Jawad. Eu sabia que ele havia se afastado por causa da reportagem feita por Said. Tinha acreditado que estava se tornando um capacho em minhas mãos, que estava sendo manipulado por mim. Ele já acreditava nessa besteira antes, deixou isso claro na forma como agiu depois de transarmos dentro da sua limusine. O machismo no qual cresceu inserido estava tão incrustado nele, que o simples ato de ouvir o que uma mulher tinha a dizer o feria. Era assim com todos os homens nascidos naquela cultura medonha.

Eu não sabia se sentia mais ódio dele, por ser tão idiota a ponto de se sentir ferido pela minha opinião, ou de mim mesma, por sentir tanto a sua falta.

Minhas noites sem ele eram uma verdadeira tortura. Eu sentia falta de dormir aninhada em seu calor, de experimentar os seus beijos, de me inebriar com seu cheiro gostoso, de tê-lo dentro de mim. Imaginar que, em breve, seria outra mulher a dormir do seu lado, a tê-lo para si, a ser dona do seu desejo, estava acabando comigo. Eu nunca imaginei que algo pudesse doer tanto, quanto doía quando eu pensava nele com outra, a sua esposa, aquela

que sempre o teria, que o possuiria de uma forma que eu jamais poderia.

Caralho! Era difícil pensar nisso sem que as lágrimas aflorassem dos meus olhos, sem que algo parecesse se despedaçar dentro do meu peito.

Não era para eu estar assim. Aquele homem praticamente me sequestrou, negava minha liberdade dia após dia. Era para eu o odiar, ao invés de nutrir por ele essa paixão desenfreada que fazia da sua ausência um martírio insuportável.

Ele se afastara para me esquecer, no entanto, não permitia que eu o esquecesse também. Todos os dias fazia questão de me lembrar da sua existência, mandando Dahab trazer presentes idiotas, como flores e joias, como se tentasse me comprar, para que eu o aceitasse mesmo sendo casado. Mas ele que tirasse o cavalinho da chuva! Eu jamais seria sua enquanto tivesse outra mulher; e se minha decisão o insatisfizesse, ele que me mandasse de volta para a minha casa.

Os primeiros dias sem ele foram os piores. O vazio que sua ausência me provocava era tão grande que várias vezes pensei em pular a janela do quarto no meio da madrugada e tentar a sorte de o encontrar fumando no gazebo. Porém, meu amor-próprio não me permitiu cometer tal insanidade.

Nos dias que se seguiram consegui comprar o apartamento de Alzira e minha rotina se tornou mais suportável, pois passei a permanecer mais tempo na companhia da minha única amiga, do que sozinha, claro que com todas as saídas do apartamento e do prédio – talvez também do quarteirão inteiro –, fortemente vigiadas pelos seguranças do príncipe. Pelo menos, no interior da moradia, eles não entravam e tínhamos toda privacidade para conversarmos, ouvirmos músicas, assistir filmes e nos distrairmos.

Quando chegou da casa dos pais, Alzira estava toda marcada da surra que seu irmão mais velho lhe dera, pelo que ela aprontou em Al Saud. Mas, pelo menos agora, ela estava livre de todos eles, segura em um lugar só seu.

Como uma mulher árabe não podia morar sozinha, eu pagava uma empregada para morar com ela. Uma senhora idosa, que não se incomodava quando ligávamos o som da sala no último volume e começávamos a dançar como loucas, extravasando nossas frustrações.

Contudo, não ficávamos apenas no apartamento. De vez em quando saíamos para passear pela cidade na minha BMW cor-de-rosa, sempre seguidas e vigiadas pelos seguranças, ocasiões em que íamos ao shopping e aos pontos turísticos de Riad, que não eram muitos.

Naqueles dias, eu estava me dedicando à produção do meu segundo artigo para o *New York Times*. Escreveria sobre as belezas e as riquezas de Al Saud, praticamente desconhecidas pelo mundo fora de suas paredes. Precisava tirar várias fotos da residência para a coluna, mas sempre me certificava de que Jawad não estava lá antes de me aventurar a percorrer os imensos salões.

De acordo com as funcionárias, a tal noiva dele era também sua prima e, depois que o noivado deixou de ser segredo, ela passou a vir visitá-lo todos os dias, ocasiões em que passavam horas conversando em um dos salões, sempre acompanhados de alguém da família da noiva, como mandavam as tradições.

Infelizmente para ela existia essa norma, pois se eu bem conhecia Jawad, não era apenas na conversa que eles ficariam, se o tal parente não estivesse de olho.

Embora eu não o visse mais, sabia que ele acompanhava cada passo meu por meio da constante vigília dos seguranças e por meio da internet. Como os dispositivos que me dera eram todos clonados, ele podia ver tudo o que eu fazia, cada palavra que conversava com meu pai e amigos, cada linha que digitava, cada site que visitava. Não apenas ele, mas seu conselheiro carrasco também.

Na sexta-feira à noite, eu estava sozinha em meu quarto, consumida pelo tédio, sem conseguir me concentrar em nenhum livro ou filme, quando tive uma ideia meio mirabolante, cujo objetivo era confrontar Jawad, só para que ele não perdesse o costume, ou no mínimo fazê-lo passar uma vergonha, para que aprendesse a não mandar seu ridículo conselheiro vigiar minha privacidade.

Durante aqueles dias, eu descobri que podia comprar itens de outros países através da internet e vinha comprando pequenas coisas, como livros, perfumes e maquiagem. Nada chegava embalado como deveria, devido à revista na entrada do palácio, mas pelo menos chegava.

Sem nada de interessante para fazer naquela noite, decidi entrar no site de um sexy shop, ciente de que tanto o príncipe, seu conselheiro, e quem mais ele tinha colocado para acompanhar minha navegação, estavam vendo. Naveguei por algumas mercadorias e acabei comprando um pênis de borracha de tamanho mediano. Não que pretendesse usá-lo, ou mesmo acreditasse que chegasse até mim, o intuito era apenas irritar aquele babaca, ferir seu ego machista.

Cinco minutos depois que fechei a compra, ela foi cancelada e fiquei ainda mais frustrada ao descobrir que,

além de ver tudo o que eu fazia no computador, eles podiam também interferir, desfazer minhas ações.

Fala sério! Era muita invasão de privacidade.

Continuei navegando pela internet, procurando outra coisa com a qual pudesse irritá-lo, porém, antes que tivesse tempo de encontrar algo, a porta do quarto se abriu e ele entrou, avançando pelo quarto com a sutileza de uma britadeira, pisando firme e apressado.

Bastou que meus olhos recaíssem sobre ele, depois de tantos dias sem o ver, para que um verdadeiro temporal de emoções acontecesse em meu íntimo. Tudo se agitava dentro de mim, o coração disparava no peito, o sangue fluía mais quente nas veias.

Ele não usava a túnica formal, nem o lenço, apenas uma calça e camisa simples, mas, ainda assim, carregava aquela aura de poder, de soberania e força, que me abalava e me atraía como se uma corda me puxasse para ele.

— Quer me dizer o que diabos significa isso? — vociferou Jawad, colocando-se no centro do quarto, exibindo a tela do seu celular, na qual havia um print da compra do pênis de borracha.

— Significa que sou uma mulher sexualmente ativa e tenho necessidades.

Seus olhos lindos registraram atentamente meus movimentos quando me levantei da cama e me coloquei em pé diante dele, fitando-o desafiadoramente. Por mais que, no fundo, ainda nutrisse um certo medo daquele homem, preferia o enfrentar a me encolher.

— Você sabia que não sou o único a ver o que faz na internet?

— Sabia. Mas não vou deixar de suprir minhas necessidades porque seu conselheiro está vendo.

— Você está me fazendo passar vergonha!

— Pare de mandar seu cão de guarda me vigiar e não terá mais que passar por isso.

— Está fazendo isso de propósito para me irritar, não é?

— Não seja egocêntrico. Nem tudo tem a ver com você.

— Se você está mesmo precisando de um pau, eu tenho um aqui para você, e dos grandes!

Seus olhos refletiram fogo puro quando ele deu um passo em minha direção, enquanto eu recuava outro.

— Acontece que esse aí já tem uma dona e não gosto de mercadoria de segunda mão.

— Quantas vezes vou ter que repetir que você é a única mulher da minha vida?

— Não seja mentiroso. Você tem uma noiva que, em breve, será sua esposa.

Pronunciar aquilo doeu-me na alma, como se uma faca me fosse cravada na carne.

— Mas não é ela que eu quero e sim você — sussurrou, rouco, fitando-me profundamente nos olhos.

A fim de evitar o seu olhar, tentei dar-lhe as costas, mas ele foi mais rápido e logo sua mão forte se fechou firme em volta do meu pulso e me puxou com um safanão, fazendo com que meu corpo se chocasse contra o seu, quase com violência.

Com aquela impetuosidade que me excitava muito mais do que eu podia controlar, ele me aprisionou em seus braços, passando um em volta da minha cintura, a outra mão segurando firme em minha nuca, para no instante seguinte atacar minha boca com a sua, roubando-me um beijo.

Lutei bravamente contra as sensações que tentavam me invadir, contra o desejo cego que emergia dentro de mim, mas foi inútil e logo entreabri os lábios para receber os seus. Sua língua me invadiu com volúpia, resvalando na minha de um jeito erótico, como só ele sabia fazer. O corpo grande e forte colou-se todo ao meu, tornando-me pequena diante de si, transformando-me em um ser desprovido de

afastar nem um centímetro, empurrou-me com seu corpo grande até que minhas costas encontrassem a parede e apoiou-me nela. Enfiou uma mão por baixo da minha coxa, fazendo com que eu a erguesse e inclinou os olhos para friccionar a ereção bem ali onde eu necessitava, me fazendo arquejar em sua boca, o desejo tórrido transformando meu sangue em brasas, quase me levando ao descontrole.

Tive vontade de enfiar minhas mãos entre nós dois, abrir o fecho da sua calça e fazer com que ele me penetrasse ali mesmo, tamanho era o meu anseio em senti-lo tão duro e grande dentro de mim. No entanto, eu não podia me esquecer de que ele era um homem comprometido, em breve casado. Eu não podia me entregar para alguém assim. Estava além dos meus princípios.

Não era apenas a questão moral que me refreava, embora também estivesse envolvida, era como eu me sentia sabendo que tinha que o dividir com outra mulher, sabendo que sempre estaria em segundo plano na sua vida, que seria outra pessoa a passar as noites em seus braços, enquanto eu ficava ali abandonada esperando por suas migalhas. Eu não era forte o bastante para aceitar uma situação como essa. Já bastava a condição de refém na qual me encontrava.

Apegando-me aos últimos vestígios de sensatez, interrompi o beijo e pressionei meus punhos cerrados em seu peito, fazendo com que ele se afastasse de mim.

— Se é sexo que você quer, vá procurar a mulher com quem vai se casar — cuspi as palavras, ainda ofegante.

Jawad afastou-se alguns passos, deu-me as costas por um instante, passando seus dedos entre os cabelos, então voltou a me encarar.

— Não é ela que eu quero. É você.

— Mas é a ela que você pertence, não a mim.

— Nunca vou ser dela desse jeito. Tudo o que ela terá de mim é o nome em um pedaço de papel.

— Conta outra. Não pense que sou tola a ponto de acreditar numa mentira dessa. Se você me deixa sozinha tanto tempo, mesmo sendo solteiro, imagina depois de casado.

— Como eu disse, precisei ficar longe esse tempo para tentar gostar menos de você, mas agora percebo que foi tolice. Eu nunca vou deixar de sentir o que sinto. É muito mais forte do que eu.

As meias-verdades que saíam da boca dele começavam a me irritar.

— Não, Jawad. Não foi só por isso que você se afastou. Foi por causa da matéria que Said fez. Você

também acha que estava sendo manipulado por mim.

— E não estava?

Eu não esperava que ele admitisse.

— Claro que não. Ouvir minha opinião e concordar com ela, ou atender a um pedido meu, está muito longe de ser manipulação. Se eu realmente tivesse esse poder sobre você, já teria te convencido a me deixar voltar para casa.

Uma expressão surpresa refletiu-se no brilho do seu olhar.

— Aqui é a sua casa — disse ele.

— Não é. Minha casa é em Nova Iorque.

Ele deu um passo em minha direção.

— Eu achei que você já tinha tirado essa história da cabeça. Pensei que passando mais tempo fora de Al Saud, convivendo em um apartamento com sua amiga, já estava começando a se acostumar a viver aqui.

— Eu nunca vou me acostumar a viver aqui.

— Acho bom se esforçar, pois esse agora é o seu lar.

Não falei mais nada a respeito, pois era inútil voltar àquele assunto mais uma vez. Ele nunca mudaria de opinião e tampouco eu aceitaria sua decisão como algo natural, como se ele tivesse o direito de decidir o meu destino. Era algo que sempre estaria entre nós.

— Amanhã vou visitar *Neom*, gostaria que viesse comigo.

Neom era a cidade futurística que ele estava construindo na costa do mar Vermelho, sobre a qual li na internet. Por mais que minha curiosidade em conhecer aquele lugar fosse enorme, eu não ia facilitar as coisas para ele, acompanhando-o nessa viagem.

— Não estou a fim.

Jawad novamente percorreu os dedos entre seus cabelos curtos e aproximou-se mais um passo de mim, com seus olhos verde-claros cravados nos meus.

— Eu sei que só faço merda quando o assunto está relacionado a você, que não devia ter ficado tanto tempo longe, foi um erro, mas quero consertar as coisas e, acima de tudo, quero que você goste da Arábia Saudita, de estar aqui. Acho que devíamos sair mais. Acho que devo te levar para conhecer melhor o meu mundo. Então vem comigo. Te garanto que você vai gostar.

— Eu não quero. Chame a Najah para ir com você.

— Você está sendo intransigente.

— E você pretensioso, achando que pode ficar com todas as mulheres que passam pelo seu caminho.

Derrotado, ele soltou um longo suspiro.

— Desisto de falar com você sobre isso. Você nunca vai entender.

— Pelo contrário, eu entendo tudo.

— Não entende porra nenhuma! Você pertence a mim, caralho! Assinou aquele maldito contrato dando-me completo direito sobre você, sua vida e seu destino. Se eu quiser te amarrar naquele carro e te levar comigo para onde eu for, posso fazer isso sem a permissão de ninguém, nem mesmo a sua.

Seu tom de voz era ríspido e suas palavras me fizeram estremecer de puro pavor. Ele estava certo sobre ter o poder de fazer o que quisesse comigo e isso me aterrorizava. Contudo, apesar do pânico, não recuei nem baixei a cabeça. Já estava cansada de sentir medo, de ser coagida.

— Então faça isso, Jawad. Me amarre e saia comigo por aí. Por que não me prende do lado de fora do carro e sai me arrastando? — disparei, fitando-o de cabeça erguida.

— Porque eu seria incapaz de machucar você.

— Nossa! Quanta gentileza. — Não economizei no sarcasmo.

O que ele não percebia, era que já estava me machucando, se casando com aquela mulher.

— É inútil tentar conversar com você depois que coloca alguma coisa na cabeça.

— Então não discuta.

— Tem razão. Vou embora.

Sem qualquer aviso prévio, ele voltou a me puxar para si, de supetão, beijou-me apaixonantemente nos lábios e voltou a me soltar com a mesma impetuosidade.

— Boa noite — disse.

Com isto, deu-me as costas e se foi.

CAPÍTULO 33

Jasmine

Como sempre, quando ele me deixava, o mais insuportável vazio tomou o seu lugar. O quarto parecia maior, mais silencioso, minha existência de súbito parecia sem sentido.

Quando voltei a deitar-me na cama, tentando pegar no sono, vi-me invadida pelo arrependimento de ter recusado seu convite para conhecer a cidade futurística que ele estava construindo, porém, no fundo, guardava comigo a certeza de que tomara a decisão certa em não ir.

Continuar envolvida com um homem que, em breve, se se casaria com outra, era o mesmo que pedir para sofrer. Por outro lado, eu não tinha ideia do que aconteceria conosco, pois, querendo ou não, eu estava presa àquele homem e não tinha como escapar. Não existia uma forma de eu voltar para Nova Iorque, de deixar de pertencer a ele. Em algum momento, eu teria que ceder e encarar o destino de me tornar a amante de um homem casado, a segunda opção dele. Esse era o futuro reservado para mim e não havia como fugir.

Durante a noite, pensando em tudo, com minha mente em turbilhão, eu quis chorar, gritar, abrir aquela

porta e sair correndo, desaparecer. Contudo, antes que o dia amanhecesse, cheguei à conclusão de que estava insistindo em lutar uma batalha já perdida, estava apenas dando murro em pontas de faca, me machucando ainda mais. Rejeitar Jawad não iria convencê-lo a desistir de mim, a me mandar de volta para Nova Iorque. No máximo, o levaria a me devolver para o lêmen, onde eu encontraria o meu fim, embora, no fundo, eu já não acreditasse que ele seria capaz disso.

Talvez existisse alguma verdade nas suas palavras quando disse que sua noiva nada significava para si a não ser uma mera formalidade exigida pelo seu cargo, talvez a paixão visceral dentro de mim fosse recíproca, talvez ele realmente me quisesse tanto quanto eu a ele. Era perda de tempo lutar contra essa paixão, pois ela era maior do que eu e jamais seria vencida. Seria menos doloroso viver esse sentimento do que manter Jawad longe, mesmo sabendo que não tinha como evitar uma reaproximação. Eu pertencia a ele e nada poderia mudar isso.

***

Quando acordei na manhã seguinte, eu estava decidida. Se ele ainda não tivesse saído para ir à tal cidade futurística, eu iria com ele, nem que fosse para mudar de

ares, passear e me distrair um pouco, afinal sua companhia apenas me fazia bem. Não existia uma pessoa com quem eu gostasse de estar mais do que com ele. Precisava apenas evitar me lembrar de que era um homem comprometido com outra mulher. Se fosse possível esquecer uma coisa dessas.

Além do mais, eu estava louca para conhecer a nova cidade. Provavelmente seria a primeira pessoa ocidental a colocar os pés em *Neom*.

Tão logo me levantei, peguei o celular e enviei uma mensagem para Jawad, o coração já batendo descompassado no peito, com a simples expectativa de o rever.

Jasmine: *O convite para ir à Neom ainda está de pé?*

Digitei.

A resposta veio quase de imediato.

Jawad: *Esteja pronta em meia hora. Passo aí para te apanhar.*

Mal tive tempo de tomar banho e me vestir. Considerando que seus seguranças, e talvez grande parte

da população, nos rodearia o tempo todo e eu não poderia tirar a abaya em momento algum, decidi vestir um dos trajes que comprei no shopping, um vestidinho Chanel de tecido leve, curto, florido, com um profundo decote em V e mangas compridas. Era perfeito para um passeio durante o dia, pena que ninguém, além de mim, o veria. Calcei sandálias de salto, fiz uma maquiagem bonita, escovei bem os cabelos, deixando-os soltos e estraguei tudo jogando a abaya, o hijab e o niqab por cima, ficando com apenas os olhos à mostra.

Na hora combinada, a porta do quarto se abriu e o príncipe invadiu o aposento, usando sua túnica longa esvoaçante, seus cabelos escuros ocultos pelo lenço branco e vermelho. Como sempre, aquela aura de poder, de força e soberania que o envolvia me deixou afetada, todos os meus sentidos despertos, com seus olhos inesquecíveis capturando os meus.

— Já tomou seu café da manhã? — indagou ele.

— Ainda não.

— Foi o que pensei. Fazemos isso na limusine. Está pronta?

— Acho que sim.

Na verdade, eu queria que ele me visse com o vestido novo, mas infelizmente isso não seria possível.

Jawad não estava brincando quando disse que tomaríamos o café da manhã na limusine. No interior do luxuoso veículo de sete metros de comprimento, havia sido colocada, entre as poltronas de couro laterais, uma mesa retangular, sobre a qual estava servido um verdadeiro banquete, com pães frescos, frutas, queijos e sucos. Assim, fizemos a refeição enquanto trafegávamos vagarosamente pelas ruas movimentadas de Riad, um carro com os seguranças indo à nossa frente, outro logo atrás, o ar-condicionado nos protegendo do calor de cinquenta e um graus.

Fiquei surpresa quando adentramos um grande heliponto, onde um helicóptero pronto para partir nos aguardava. Sentados lado a lado, no interior da moderna aeronave, voamos até a costa do Mar Vermelho, onde *Neom* estava sendo construída.

A primeira vista aérea da nova cidade não me impressionou muito. Na verdade, pouca coisa havia sido terminada, a maioria dos edifícios – que prometiam ter a estrutura mais moderna do mundo –, ainda estavam com apenas os alicerces prontos. Ainda assim, a beleza e excentricidade do lugar me encantaram. Ficava sobre as montanhas, onde Jawad explicou que o vento soprava fresco e constante, tornando a temperatura mais amena e

se expandia por cerca de quinhentos quilômetros da costa do mar.

Ainda estávamos no ar, sobrevoando a nova cidade, quando Jawad me esclareceu que os castelos reservados para ele e os outros membros da sua família, seriam construídos à beira-mar, com praias particulares, porto, heliponto e campos de golfe. Estes teriam a arquitetura tradicional barroca, diferente dos demais edifícios, que seriam sofisticados e modernos. Disse ainda, que eu poderia escolher qualquer um deles para a sede do meu jornal e qualquer outro para sediar meu apartamento, com isto reforçando a promessa de que eu realmente teria um jornal só meu e moraria sozinha. Prometeu ainda que, apesar de as construções estarem apenas no início, estariam prontas em no máximo três anos.

Pousamos em um heliponto em construção perto do mar, onde uma dúzia de seguranças já nos aguardava e nos escoltaram até a limusine, que também já esperava.

Ao saltar do helicóptero percebi que a temperatura ali realmente era mais amena, muito melhor que o calor excessivo que fazia no restante do país. Além disso, a vista do mar era deslumbrante.

De limusine, percorremos vários quarteirões da nova cidade, em velocidade baixa, com os seguranças sempre nos acompanhando nos outros veículos. Revelando-se um

excelente guia turístico, Jawad foi me mostrando onde ficaria cada coisa. Apontou o prédio onde seria uma moderna escola, a mesquita, os prédios comerciais e residenciais, os clubes elegantes, o museu e até uma danceteria e casa de shows.

Confessou que almejava construir ali uma segunda Nova Iorque, ainda mais sofisticada que a minha cidade natal e, de repente, me flagrei escolhendo onde ia querer abrir a sede do meu jornal e onde moraria, com meu peito se enchendo com a expectativa de viver naquele lugar que parecia saído dos sonhos.

Por onde passávamos, podíamos ver os operários trabalhando a todo vapor e parando o que faziam para reverenciar respeitosamente a comitiva real. Em um determinado local, paramos e Jawad saltou sozinho, apenas com os seguranças o seguindo, quando conversou durante algum tempo com o homem que parecia liderar os demais operários.

Quando retornou, voltamos a percorrer as ruas largas até que, por fim, adentramos os altos portões de uma das poucas construções com uma de suas áreas já finalizadas, um luxuoso clube recreativo, cuja sede Jawad disse que usava como escritório temporário, até que o edifício, onde ficaria definitivamente, estivesse pronto.

Era um lugar enorme e lindo, com várias piscinas, um lago natural, quadras e restaurantes, onde almoçaríamos. Lá dentro, saltamos do veículo e seguimos para um dos restaurantes, o qual tinha uma de suas paredes aberta, dando vista para o lago de águas tranquilas, cercado pelo gramado verde.

Fiquei aliviada quando vi que os seguranças se afastaram e finalmente pude tirar a abaya, o véu e o lenço.

— Você está verdadeiramente linda — disse Jawad, puxando uma cadeira para que eu me acomodasse à mesa.

O jeito como seus olhos esfomeados percorriam as curvas do meu corpo, ressaltadas pelo vestido delicado, me deixava inevitavelmente excitada. Um formigamento se instalava na altura do meu ventre.

— Lindo mesmo é esse lugar — falei, percorrendo os olhos através da imensa área verde à nossa frente.

E era verdade. O restaurante ficava localizado em um ponto ligeiramente mais elevado, de modo que nos dava uma vista ampla do gramado mais adiante, onde ficava o lago e algumas belas árvores.

— Será um clube que receberá algumas das pessoas mais importantes do mundo. Homens de negócios, reis e rainhas. E você estará entre eles. Será uma das pessoas mais importantes desse lugar.

— Fico lisonjeada.

— E deve mesmo ficar. — Sentado do outro lado da pequena mesa, ele pousou sua mão grande sobre a minha. — Você poderá se tornar proprietária de qualquer parte desse lugar. Me diga qual delas deseja e será sua.

Comecei a fazer uma pequena lista mentalmente, no entanto logo meu raciocínio foi comprometido pelo calor que se espalhava pelo meu sangue, provocado pela sua mão sobre a minha, e não consegui pensar em mais nada a não ser em ter um pouco mais daquele contato.

— Vou pensar no assunto — falei.

— Ótimo.

Jawad tocou um pequeno sino e logo duas mulheres, todas cobertas, apareceram trazendo o almoço, cujo aroma se espalhou rapidamente pelo ambiente.

A comida estava simplesmente divina. Como entrada tivemos o tradicional tabule – uma salada à base de trigo para quibe e vegetais. O prato principal era arroz de carneiro e a sobremesa o delicioso maamoul.

Fizemos a refeição embalados por uma conversa leve e descontraída, sem abordarmos nenhum assunto importante. Ao final, tomei chá, ele tomou café e por fim, percebendo meu fascínio pelo lugar, ele me convidou para uma caminhada através dos campos verdes, a qual aceitei sem hesitar.

Livres da constante vigília dos seguranças, que certamente ficaram tomando conta da única entrada do clube, passamos a vagar através dos vastos campos verdejantes, envolvidos por aquela atmosfera prazerosa de paz e descontração, falando sobre tudo e, ao mesmo tempo, sobre nada.

O mais agradável naquele lugar, além da exuberância da natureza, era o vento fresco sempre soprando, amenizando a temperatura que costumava estar constantemente acima dos quarenta – às vezes até dos cinquenta – graus na Arábia Saudita. Realmente foi uma excelente escolha de lugar para construir uma cidade.

Estávamos bastante afastados da sede, quando nos refugiamos sob a sombra de uma árvore frondosa e finalmente encontrei coragem para fazer o que queria desde que coloquei meus olhos nele pela manhã. Aproximando-me dele, me coloquei na ponta dos pés e comecei a abrir os botões no colarinho da sua túnica.

— O que você está fazendo? — indagou Jawad.

— O que você está vendo.

— Não sei se esse é o lugar adequado para isto.

Ele percorreu seus olhos em volta, verificando se não tinha mesmo ninguém por perto.

— Ninguém vai nos ver. Os seguranças ficaram para trás.

Ele continuou empertigado, enquanto eu tentava arrancar a peça de roupa do seu corpo.

— O que foi, Alteza? Nunca transou no mato antes?

— Eu adoro quando você me chama de Alteza. — Praticamente grunhiu.

Dito isto, ele passou um braço em volta da minha cintura e me puxou de supetão, chocando meu corpo no seu. Fechou a outra mão no comprimento dos meus cabelos, atrás da cabeça, e os puxou, fazendo-me erguer o rosto, tomando minha boca com a sua, em um beijo que me deixou sem fôlego. A lascívia pura me percorria, fazendo-me ferver e arder.

Nossos corpos se fundiram um no outro, o calor da sua masculinidade atravessou nossas roupas, alcançando-me, fazendo meus mamilos intumescerem sensíveis, o espaço entre minhas pernas pulsar e molhar.

Com a mesma impetuosidade com que me agarrou, Jawad me soltou, apenas enquanto tirava sua túnica e a forrava sobre o gramado. Voltando a grudar sua boca na minha, com aquela sofreguidão que me enlouquecia, abriu o zíper atrás do meu vestido e fez a peça cair aos meus pés.

Suas mãos grandes percorriam minha pele desnuda, apertando minha bunda, invadindo o vão entre as nádegas. Abriu o fecho do sutiã e o arrancou do meu corpo. Cobriu

meu seio com uma mão, massageando deliciosamente o mamilo.

Jawad me fez inclinar para trás e debruçou-se sobre mim, colocando um dos mamilos na boca, chupando forte e gostoso, me fazendo gemer e choramingar. Passou a boca quente e úmida para o outro

Ondas de excitação me percorriam ferozmente, enquanto meus gemidos ecoavam altos.

No instante em que seus lábios macios seguraram meu ponto sensível e sugaram, me derramei em um gozo profundo e prolongado. Meu corpo todo convulsionou, minhas costas se inclinaram como se tivessem vida própria.

— Jawad, quero você... — sussurrei, rouca pelos gritos, ofegante pelo desejo. — Não suporto mais esperar para tê-lo dentro de mim.

Com uma pressa absurda, ele livrou-se da camisa e ficou de pé para arrancar a calça e a cueca, ambas de uma vez, ficando totalmente nu diante de mim, sob a completa claridade do dia, sem que eu conseguisse desviar meu olhar do seu físico másculo, devorando sua nudez com olhos famintos.

Ele era lindo demais, todo másculo, grande, com a pele morena marcada por músculos bem definidos no peito e nos bíceps, aquela camada de pelos negros no peitoral acentuando sua irresistível virilidade. Uma única trilha de pelos descia dali, passando pelo abdômen em formato de V e seguindo até a pélvis achatada, coberta por outra rala camada de pelos escuros que circundavam o pau enorme, deliciosamente duro, com as veias formando protuberâncias.

Atendendo às súplicas do meu corpo, ele veio por cima de mim, apoiando o peso do seu corpo nos cotovelos. Encaixou seus quadris entre minhas pernas e me penetrou, forte, brusco, apressado. Sua rigidez bruta deslizou na minha carne molhada, me esticando gostoso, me abrindo toda, como se ameaçasse me partir ao meio.

Ensandecida, passei as pernas em volta da sua cintura, os braços em torno do seu pescoço e me arremeti contra ele, tentando acompanhar o ritmo dos seus movimentos de vai e vem, sentindo-o tão fundo que quase fui à loucura. Minha boca alcançou a pele do seu pescoço, dando lambidas e mordidas, enquanto minhas unhas cravavam em suas costas.

— Caralho... como senti falta disso... como senti falta de você... — grunhiu ele, no meu ouvido.

— Eu também senti a sua.

E era verdade. Apenas naquele instante eu percebia o quanto era imensa a minha saudade dele, o quanto eu estava incompleta com sua ausência.

Com movimentos ágeis e habilidosos, Jawad inverteu nossa posição sobre a túnica, colocando-me por cima dele. Depois, sentou-se e me puxou para cima, fazendo-me montar em seu colo. Com nossos rostos na mesma altura, seus olhos lindos, escurecidos pelo tesão,

fixavam-se nos meus, enquanto sua boca estava entreaberta para puxar o ar.

Sem jamais sair de dentro de mim, passou a se mover em um ritmo mais lento, entrando e saindo deliciosamente devagar, meus líquidos molhando sua pélvis. Segurou firme em meus cabelos, na altura da nuca e guiou minha boca até a sua, invadindo-me com sua língua, movendo-a no mesmo ritmo em que se movia dentro do meu canal, deixando-me um pouco mais viciada, enlouquecida.

— Se eu morresse agora, partiria feliz... porque estou dentro de você de novo... — disse ele, com um sussurro.

— Não existe outro lugar em que eu gostaria de estar também — confessei ofegante, com meus olhos presos aos seus e meu corpo todo moldado ao dele.

— Estou quase gozando... isso vai ser muito rápido... já faz muito tempo...

— Não ficou com outra mulher durante todo esse tempo?

— Claro que não. Não existe outra que eu queira, a não ser você.

— Me promete que vai ser sempre assim... que nunca vai ter outra mulher... que será sempre apenas meu...

Enfiei meus dedos em seus cabelos curtos, e segurei firme, como se instintivamente temesse que ele fugisse daquela promessa.

— Eu prometo... serei sempre seu... apenas seu...

Ele trouxe sua boca para a minha, prendeu meu lábio inferior entre os seus e sugou, tão íntimo e delicioso que fiquei ainda mais sem chão. Segurou-me firme de encontro ao seu corpo e voltou a me deitar sobre a túnica, colocando-se em cima de mim, com seus olhos sempre presos aos meus.

— Vou gozar... vem comigo...

Ele deu mais algumas estocadas fortes, bruscas e profundas, até que ambos explodimos ao mesmo tempo, gozando prolongadamente. Meus gemidos saíram altos e descontrolados, enquanto meus olhos registravam o prazer expresso na sua fisionomia.

Ficamos imóveis ali deitados por apenas alguns segundos, somente até recuperarmos o fôlego. Logo Jawad estava novamente se movendo dentro de mim, duro, grande e gostoso, deslizando no meu gozo e no seu, sem pressa alguma, a boca possessiva tomando a minha, mostrando-me o quanto eu era sua e ele era meu, sem que nada jamais pudesse mudar isto.

CAPÍTULO 34

Jawad

— Fica de quatro! — ordenei e Jasmine obedeceu sem hesitar, colocando-se de quatro sobre a túnica, toda arreganhada em minha direção, a claridade do dia me permitia observar cada detalhe dela.

Puta merda! Como ela estava meladinha, uma mistura do meu esperma e do seu gozo escorria da sua vagina estreita, o ânus parecia intocado logo acima.

Espalmando a mão no alto das suas costas, fiz com que ela descesse os ombros até o chão e empinasse ainda mais a bunda, se abrindo toda para mim, parecendo tão deliciosa naquela posição que meu pau soltou um espasmo, louco para estar dentro dela de novo.

Incapaz de resistir, inclinei-me atrás dela e dei uma mordida em sua nádega, para em seguida levar minha boca para o seu sexo e lamber o clitóris minúsculo, deixando-o ainda mais inchado. Passei a língua em seu buraquinho menor e lambi esfomeado. Meu pau soltou outro espasmo, tamanha era a vontade de se enterrar todo ali. Se ela era bem apertadinha na frente, eu morreria com o quanto me apertaria ali atrás.

— Vai dar esse cuzinho para mim hoje? — indaguei.

— Seu pau é grande demais, vai me machucar.

— Eu juro que não. Se machucar, você avisa.

Erguendo meu corpo, segurei dos dois lados dos seus quadris, encaixei minha glande na sua entrada lambuzada e entrei de uma vez, com uma estocada forte e bruta. Seu gemido descontrolado deixou-me ainda mais duro, mais doido de tanto tesão. Puxei os quadris e passei a me arremeter contra ela incessantemente, fodendo-a forte e gostoso, chocando minha pélvis contra a sua bunda, sem dó nem piedade, fazendo com que o som ecoasse alto pelo campo deserto.

Puta que pariu, como ela era apertadinha, quente e macia! Eu poderia gozar mais umas duas vezes ali mesmo, mas queria a sensação daquele cuzinho me apertando. Não conseguiria controlar isso enquanto estivesse olhando para ele assim todo exposto.

Então, puxei o pau do seu interior e encaixei a ponta na sua entradinha menor, massageando devagar, movendo-o apenas por cima, a glande melada cumpria a função de deixá-la lubrificada. Quando finalmente fiz um pouco de pressão, tentando entrar, Jasmine ficou toda tensa.

— Relaxa. Já disse que não vou te machucar.

Levei a cabeça do pau novamente para a entrada da sua vagina e espalhei nossos líquidos sobre seu orifício

menor, deixando-o todo melado, lubrificado. Passei uma mão por sobre sua coxa e toquei a bocetinha quente e macia, massageando lentamente o clitóris, seus gemidos ecoavam suaves e delicados. Sem parar de massageá-la ali na frente, fui me enterrando aos poucos no seu buraquinho minúsculo, deslizando devagar para dentro, sentindo seu corpo dilatar cada vez mais, me recebendo com relutância. Fui empurrando cada centímetro para dentro, com cuidado, até que estava enfiado até a raiz, seu anelzinho latejava em volta da minha carne dura.

Continuei masturbando-a enquanto puxava o pau e metia de novo, dando início àquele vai e vem enlouquecedor, movendo-me cada vez mais depressa, sentindo seu corpo me apertar tanto que chegava a ser quase doloroso, porém gostoso demais.

A princípio Jasmine demonstrou o desconforto natural de uma mulher que fazia sexo anal pela primeira vez com um homem, mas logo estava rebolando e gemendo no meu pau, me deixando louco, pedindo mais e dei, metendo cada vez mais rápido e mais fundo, com o gozo se aproximando.

Sem sair de dentro dela, fechei as mãos no comprimento dos seus cabelos escuros e a puxei para cima, acomodando suas costas de encontro ao meu peito. Fiz com que virasse o rosto para um lado e me apossei da

boca, chupando sua língua gostosa, tomando posse do que era meu.

Tirei a mão da bocetinha melada e subi, segurando um dos seios, beliscando e massageando o mamilo, sentindo seu corpo todo vibrar de encontro ao meu, com os gemidos sendo abafados pela minha boca.

Passei a mão para o outro peito e belisquei o mamilo antes de brincar com ele, esfregando-o entre meus dedos. Meu pau soltou espasmos dentro dela enquanto minha boca abafou seus gemidos.

Continuei com aquela brincadeira até que as sensações foram se concentrando na altura da minha pélvis e percebi que não ia conseguir me segurar por muito tempo, a encheria de porra novamente.

— Vou gozar e quero que goze comigo de novo... — grunhi, com minha boca de encontro ao seu ouvido.

Sem soltar seus cabelos, levei a outra mão para o meio das suas pernas e quase fui à loucura quando encontrei sua excitação escorrendo pelo interior das suas coxas, deixando-a toda lambuzada. Cobri novamente a bocetinha com os dedos e massageei freneticamente o clitóris, movendo-me dentro dela no mesmo ritmo acelerado, entrando e saindo.

Logo Jasmine se esvaiu em gozo, se derramando toda, se acabando, com minha mão na frente e meu pau

atrás. Seus gemidos eram altos, deixando-me ainda mais desvairado. Quando ela começou a se aquietar, foi a minha vez.

Soltando-a, deixei que seu corpo caísse para a frente e segurei dos lados dos seus quadris, metendo mais forte e mais bruto, acelerando os movimentos até que mergulhei em êxtase, ejaculando demoradamente, encharcando-a com meu sêmen.

Minhas pernas estavam ligeiramente trêmulas quando me retirei do seu interior. Deitei-me sobre a túnica forrada no chão e a puxei para mim, fazendo com que se deitasse ao meu lado, colada em mim. Nossa pele suada estava grudando na do outro, uma de suas pernas jogada sobre meu corpo, a boceta lambuzada resvalando minha coxa. Levei minha boca à sua e a beijei com verdadeira paixão, sentindo-a tão entregue, tão minha, que nunca mais quis parar de beijá-la. Mas, por fim, separei nossas bocas e aninhei sua cabeça confortavelmente em meu peito.

Permanecemos imóveis durante um longo momento, apenas com o canto dos pássaros e o assobio do vento quebrando o profundo silêncio, aquela paz tranquila que eu tinha apenas em seus braços nos envolvendo, nos tornando cúmplices e íntimos.

— Vai cumprir o que prometeu? — indagou Jasmine, com a voz doce e preguiçosa.

Vasculhei minha mente à procura do que ela estava falando e lembrei-me da promessa que fiz enquanto estava dentro dela, de nunca ter outra mulher, de continuar permitindo que ela fosse a única. Isso ia ser complicado depois que eu me casasse com Najah, mas eu deixaria para pensar numa solução quando chegasse a hora. Cada problema no seu tempo.

A verdade era que eu seria capaz de descumprir minhas obrigações matrimoniais para não ferir Jasmine. Como Said afirmou em seu jornal, pelo visto eu estava mesmo em suas mãos. Mas e daí, se esse era o lugar onde eu queria estar?

— Vou sim. Você é a única mulher da minha vida e sempre será. O resto são apenas convenções.

Ela me deu um sorriso, que encheu meu peito de calor.

Continuamos ali aconchegados um no outro, entregues, trocando carícias, matando a saudade que estava demais, até o fim da tarde. O sol começava a se pôr quando retornamos à sede do clube e dei uma passada no escritório para assinar alguns documentos antes de seguirmos de volta para o heliponto.

No final de semana seguinte, seria o aniversário do meu pai e, como todos os anos, uma grande comemoração aconteceria em Al Saud. Muitos convidados estariam presentes, inclusive Najah, com sua família e Said, já que eu não podia impedir a entrada dele.

Não seria uma situação agradável que Jasmine encontrasse minha noiva, ou que nos descuidássemos e voltássemos a nos comportar de forma inadequada na presença de Said, ou de qualquer outro jornalista. Portanto, ela não podia estar nessa festa e eu ainda não sabia como dizer-lhe isso.

Desde que saímos pela manhã, eu esperava pelo momento certo para falar e fui adiando, até que não pude mais, pois a limusine estacionava de volta na garagem da residência real e nos despediríamos.

— Tem algo que preciso te dizer — falei.

— Não gosto quando você começa um assunto com essa frase — disse ela, franzindo a testa.

— No próximo sábado será o aniversário do meu pai.

— Eu ouvi as funcionárias falando a respeito, do quanto será grandioso. Como será essa comemoração?

— O de sempre. Homens e mulheres em salões separados, muita música, comida e animação.

— Alguma roupa específica para usar?

Hesitei antes de continuar falando, angustiado em antecedência pela sua reação.

— É isso que quero te falar. Você não poderá ir.

Lentamente, a descontração e a paz adquiridas durante aquele dia foram esvaindo-se do seu semblante, dando lugar a um abatimento que fez meu coração afundar para o estômago.

— Porque sua futura esposa vai estar lá e é uma afronta que a *alkaliba* do noivo dela esteja no mesmo recinto — afirmou, com uma amargura dolorosa.

— Não é só por isso. Vai ter muita gente, vários repórteres. Said vai estar lá.

Ela fitou-me surpresa.

— Vão deixar esse homem entrar no palácio de novo?

— É a lei. De acordo com ela, não podemos impedir a entrada da imprensa no dia mais importante do país.

Jasmine observou-me por um instante de silêncio, com seu semblante abatido, entristecido, até que por fim desviou o olhar e deu de ombros.

— Fodam-se você e sua noiva. Eu não ligo.

Com isto, ela colocou o hijab, abriu a porta do carro e saltou, caminhando rumo à saída da garagem com passos largos e apressados. O som das suas sandálias se chocando contra o assoalho ecoavam altos pelo enorme

recinto, enquanto eu a seguia de perto. Os seguranças em volta faziam cara de paisagem, fingindo que não nos viam e nem ouviam.

— Espere, você não pode ir embora assim. Me deixe explicar.

Precisei segurar em seu pulso para fazê-la parar e virar para mim.

— Não precisa explicar nada. Eu já entendi tudo. Eu sou a puta que não pode se juntar às mulheres de respeito, que não pode estar onde você está porque é um homem comprometido. Fica tranquilo, não sou a barraqueira que vai aparecer lá e exigir sua atenção. Não costumo ir aonde minha presença não é bem-vinda.

Com a mesma ferocidade com que pronunciava as palavras, ela tentou arrancar seu pulso da minha mão, mas não soltei.

— Eu entendo sua mágoa. Entendo mesmo e queria fazer alguma coisa para mudar isso, mas é assim que as coisas são. Você acha que Najah é mais importante para mim porque estará nesse evento e você não, mas isso não é verdade. Nem ela, nem esse evento, significam nada para mim. Isso não é nada perto do que temos.

— Você não entende. Se entendesse saberia o quanto dói ter você só pela metade, ter que abrir mão de

uma parte sua, ser excluída dos seus momentos mais importantes, ser a outra.

Seus olhos azuis marejaram de lágrimas e quase desmoronei.

— Pelo menos, você tem a melhor parte de mim.

Quis puxá-la para meus braços e beijá-la até que ela esquecesse toda a mágoa, até que se rendesse a essa paixão, que estava acima de tudo mais para mim. Contudo, nesse instante as duas funcionárias que a acompanhariam até a moradia das empregadas adentraram o espaço da garagem e a soltei, permitindo que fosse com elas.

***

Jasmine

Tão logo entrei no meu quarto, atirei-me de bruços sobre a cama e chorei desesperadamente. O fato de Jawad não querer minha presença na comemoração do aniversário do seu pai era apenas o início do resto da minha vida, do destino que ele havia reservado para mim. Eu seria sempre a excluída, aquela que viveria nas sombras, esperando por suas migalhas, recebendo sua atenção apenas quando ele quisesse transar. Seria um

objeto de alívio para ele e nada mais. Não faria parte da sua vida de outra forma.

Durante toda a minha existência, eu conheci várias mulheres que viviam nessa situação, sendo a outra, ficando sempre em segundo plano e jamais imaginei que um dia me tornaria uma delas, que viveria com tão pouca dignidade.

Se pelo menos eu tivesse uma saída, se fosse forte o bastante para lutar pela minha liberdade. No entanto, não eram mais apenas os muros altos de Al Saud que me prendiam a Jawad, era aquela paixão desenfreada que crescia mais a cada dentro de mim, impedindo-me de ficar longe dele.

Naquela noite não consegui nem jantar, tamanha era a angústia dentro do meu peito. Dispensei o sanduíche que Dahab me trouxe no quarto e acabei dormindo cedo, tomada pela exaustão adquirida durante o dia inesquecível que tivemos, cujo encanto foi quebrado com suas palavras depois que chegamos ao palácio.

***

Quando acordei no dia seguinte, sentindo-me um pouco mais calma, encontrei várias mensagens dele no celular, tentando, do seu jeito torto, se desculpar,

demonstrando que estava ciente do quanto suas atitudes me magoavam e ainda assim não as mudava.

Passou o dia todo enviando mensagens carinhosas, se mostrando gentil e atencioso, como não costumava se mostrar. À noite, quando apareceu em meu quarto, tentando mais uma vez me seduzir; ao invés de expulsá-lo, como seria o sensato a fazer, eu me rendi à paixão e o aceitei na minha cama, passando toda a noite em seus braços, entregue àquele desejo insano que parecia jamais ter fim.

Assim aconteceu nas noites que se seguiram e durante aquela semana voltamos à antiga rotina, durante a qual ele aparecia todas as noites em meu quarto e me levava para dormir em seus braços, na sua suíte, como se eu fosse escrava não sua, mas dessa paixão descontrolada que tomava conta de tudo em mim e me impedia de me negar a ele, como deveria.

Naquela semana consegui finalizar meu segundo artigo para o *New York Time*s, o qual se tornou um grande sucesso ao ser publicado. Era a primeira vez que o mundo ocidental colocava os olhos nas belezas de Al Saud, através das fotos que tirei e logo após sua aparição nos jornais, como da outra vez, as pessoas passaram a me procurar com mais frequência.

Minha caixa de e-mail passou a estar cada vez mais lotada de convites para eventos, jantares, entrevistas, de alguns dos quais eu participava, via on-line, claro. Até mesmo os antigos colegas de faculdade e de trabalho, que pouco me deram atenção quando os contatei, antes de escrever para o jornal, passaram a se mostrar mais atenciosos e ansiosos pela minha atenção, demonstrando o quanto eram hipócritas.

Quando

residência principal para olhar, apenas ouvi a música tocando alta e animada, acompanhada de vozes alegres, enquanto caminhava da garagem até a moradia secundária.

Entrei no meu quarto e me tranquei, tentando ignorar tudo o que acontecia, esquecer o fato de que não tinha o direito de estar onde as pessoas decentes estavam, onde se encontrava o homem nos braços de quem eu passava todas as minhas noites. No entanto, mesmo de dentro do meu quarto, eu ainda podia ouvir a música, o toque animado dos tambores e isso não estava me ajudando muito a esquecer, minha mente insistia em projetar a imagem de Jawad feliz e descontraído, dançando com a mulher que em breve seria sua esposa.

Tentei me concentrar na leitura de um livro, depois em um filme qualquer, fazendo de conta que nada estava acontecendo, mas não deu certo. Nada era capaz de aplacar aquela angústia que teimava em permanecer dentro de mim, me ferindo, me sufocando, meus olhos ameaçando derramar um mar de lágrimas.

Eu queria ser forte a ponto de impedir que Jawad me abalasse de tal maneira, que conseguisse me despertar tantas emoções incontroláveis, mas eu não era. Eu o queria todo para mim, não apenas na cama, e a certeza de

que jamais o teria me feria como se alguém me esfaqueasse no peito.

Quase a ponto de não conseguir mais respirar, sufocada dentro do quarto, decidi sair para dar uma volta e fui como estava, sem me cobrir, usando apenas o vestido de seda longo. Não haveria mesmo ninguém no bosque onde eu procuraria refúgio. Era o lugar mais isolado de Al Saud, afastado das residências o suficiente para que eu não ouvisse a música de lá e, estando sozinha, no silêncio, talvez eu encontrasse um pouco da paz que tanto precisava naquele momento.

CAPÍTULO 35

Jasmine

A noite começava a cair quando deixei a residência e segui rumo ao bosque, a pouca claridade do fim do dia iluminava o meu percurso, impedindo que os guardas me enxergassem de longe.

Caminhei com passos largos e apressados até não poder ouvir mais a música que tocava na residência principal. Ao avançar pela área repleta de árvores frondosas, lembrei-me dos momentos que passei ali com Jawad. Foi naquele lugar que ele me tocou intimamente pela primeira vez, foi ali que dormi nos braços dele pela primeira vez, quando acreditava que era um simples conselheiro.

Meu Deus! Como eu sentia falta da simplicidade de nós dois antes de saber que ele era o príncipe.

Avançando um pouco mais pelo arvoredo, sentei-me no tronco caído de uma árvore e repassei mentalmente cada instante daquela noite em seus braços. Pensei na forma selvagem como me beijou, no medo que eu ainda sentia dele, na forma como me tocou, no sossego que me arrebatou quando adormeci aninhada ao seu corpo.

Naquela ocasião, essa paixão louca que me dominava já existia, eu apenas não tinha percebido isso ainda.

Eu estava lá sentada, com a cabeça povoada pelos pensamentos, o peito pesado de angústia, quando ouvi o farfalhar de folhas secas sendo mexidas no chão, um pouco mais adiante, como se tivesse alguém ali e imediatamente me coloquei em alerta. A constatação de que eu não usava véu, nem lenço, provocou-me uma onda de medo, das consequências de ser vista assim por algum degenerado.

Sem emitir qualquer som, levantei-me e me esgueirei até o esconderijo atrás do tronco de uma árvore, quando novamente ouvi o som das folhas sendo movidas.

Com certeza havia alguém ali. *Estaria me observando? Teria me seguido? Se sim, por que não aparecera ainda?*

Bombardeada pelos questionamentos, ainda me mantendo escondida atrás do tronco, estiquei o pescoço naquela direção e tentei enxergar alguma coisa, descobrir de quem se tratava.

Estava quase completamente escuro, de modo que eu pouco enxergava. Precisei esperar que minhas vistas se acostumassem com a pouca claridade, para que por fim avistasse um vulto se movendo. Eles estavam semiocultos pelo caule de uma das árvores e apenas quando saíram de

trás dele consegui distinguir que se tratava de dois homens e estavam se beijando, apaixonadamente, completamente alheios à minha presença.

A princípio achei que estava vendo coisas, que a penumbra pregava uma peça em meus olhos. Mas então aproximei-me um pouco mais, me esgueirando por trás dos troncos sem emitir qualquer som. Escondi-me atrás de um deles e olhei de perto. Era realmente aquilo e os homens eram Said, o repórter, e Naim, o namorado de Alzira, o cretino que quase arruinou a vida dela.

Que Said era gay, isso pouco me surpreendia, mas quanto a Naim, isso era no mínimo espantoso.

Que ele fosse gay e casado com uma mulher não me surpreendia, pois o homossexualismo era crime na Arábia Saudita e os homossexuais geralmente se casavam com pessoas do sexo oposto para esconder suas verdades. Mas por que ele teria um caso com Alzira? Talvez fosse bissexual, porém, nada sentia pela minha amiga, essa era uma certeza que eu tinha.

Comecei a refletir sobre isso e de súbito tudo ficou claro em minha mente. A verdade era que aquele relacionamento entre ele e Alzira não passara de uma grande armação. Ele se aproximara dela a mando de Said, a fim de obter informações sobre mim e sobre Al Saud. Eu me lembrava de que o príncipe mencionara certa vez que

havia um espião na residência real, passando informações para o jornalista. Com certeza, esse espião era Naim.

E o pior nessa história nem era isso e sim o fato de ele ter armado todo aquele circo quando Said estava no palácio, levando Alzira para a residência dos empregados, providenciando para que ambos fossem flagrados transando, para que Said tivesse um escândalo para noticiar em jornal.

Mas que desgraçados filhos da puta! Quase destruíram a vida de uma pessoa inocente em nome dos seus objetivos sórdidos. Jawad ia acabar com a raça deles quando soubesse a verdade e eu lhe contaria agora mesmo.

A raiva dentro de mim era tão fervorosa que acabei me descuidando e pisei sobre um graveto no chão ao dar um passo à frente, provocando um ruído que atraiu a atenção dos dois homens.

— Tem alguém aqui — disse Naim, alarmado.

Consegui ouvir o ruído da arma dele sendo puxada do coldre.

Puta merda! Se ele colocasse as mãos em mim, naquele arvoredo isolado e escondido, não me deixaria viva para contar a todos que era gay. Cacete! Eu estava muito ferrada.

Com meu coração disparado de medo, o sangue gelando nas veias, grudei as costas no tronco da árvore, no lado oposto ao que eles estavam e fiquei petrificada, quase sem respirar, esperançosa de que não me vissem. No entanto, logo pude ouvir seus passos hesitantes vindo diretamente para mim.

Droga!

Cedendo a um impulso motivado pelo medo, deixei meu esconderijo e tentei correr em direção às moradias, apostando na hipótese de que pudesse ser mais rápida que Naim e conseguisse escapar. Mas eu estava enganada. Alguns metros mais adiante, o homem me alcançou e me agarrou pelos cabelos, quase me fazendo cair no chão, antes de me prender contra seu corpo, agarrando-me por trás, um braço em volta do meu pescoço, a outra mão apontando o revólver direto para a minha cabeça.

— Por favor, não faça nada de que possa se arrepender depois — supliquei, apavorada.

— Por que está nos espionando, *alkaliba*?

— Eu não estava espiando, eu juro. Só vim dar uma volta. Nem vi o que vocês estavam fazendo.

— Não tenta me enganar, como se eu fosse um tolo. Você viu o que fazíamos e agora vou ter que te matar por isso.

— Do que você está falando? Deixe a moça em paz — Said falou, nos alcançando tardiamente, devido aos passos lentos pela idade mais elevada.

— Ela vai contar para todos o que viu. Não posso deixar que saia viva daqui.

— Por favor! — supliquei mais uma vez, meus olhos fixos no rosto de Said.

— E daí se ela contar? Você não vai se transformar em um assassino por causa disso.

— Prefiro ser um assassino a deixar que ela destrua a minha vida.

— Pensa bem, homem. O príncipe é louco por essa mulher. Se você tirar a vida dela, ele vai te caçar até no inferno. Por outro lado, mesmo que ela conte o que viu, quando chegar a ele você já poderá estar longe daqui. Ele não vai atrás de você só porque é gay.

Nunca pensei que pudesse me afeiçoar a uma pessoa insuportável como Said, mas naquele instante quase o amei.

— Eu não sei não — disse Naim, indeciso.

Said aproximou-se um passo de nós, com seus olhos castanhos fixos nos do outro homem.

— Sabe sim. Você é um homem bom, não um assassino. Agora deixe ela ir.

delas se virou para me observar, com seus olhos carregados de perplexidade.

Eu não fazia ideia em qual salão os homens estavam reunidos, onde certamente encontraria Jawad. Precisava perguntar a alguém e, acima de tudo, precisava de uma abaya e um hijab para me cobrir antes de ir até lá. Aparecer descoberta em um lugar lotado de homens era o mesmo que pedir para levar uma surra de chibata.

Tentando agir naturalmente, como se também participasse da festa, a fim de me livrar de toda aquela atenção, peguei um copo com chá e comecei a bebericar o líquido doce e morno enquanto procurava Dahab, ou outra pessoa de confiança a quem pudesse indagar onde acontecia a festa dos homens, mas não vi nenhuma das funcionárias ali e não tive coragem de me aproximar da rainha nem das princesas. O jeito era descobrir sozinha.

Eu procurava uma abaya para me cobrir, antes de seguir até a outra reunião, quando uma mulher se aproximou de mim. Era alta, morena e muito bonita.

— Você é mesmo muito insolente para invadir uma festa onde está a futura esposa do homem de quem é a *alkaliba* — disse ela, com um tom de voz agressivo, seus olhos castanhos examinando-me de cima a baixo, com desdém.

Ela não precisou se apresentar para que eu soubesse que era a noiva de Jawad e um misto de raiva e aflição invadiu meu peito, por me encontrar diante da mulher nos braços de quem ele estaria em breve, aquela que seria verdadeira e oficialmente dele, a merecedora do seu nome em um documento.

— Não que eu te deva satisfação, mas não estou aqui pela festa. Preciso falar com Jawad e é urgente.

O rosto dela ficou subitamente vermelho, seus olhos a ponto de soltar fogo, de tanta raiva.

— E ainda se atreve a tratá-lo pelo primeiro nome, como se tivesse esse direito! Agora entendo porque foi escolhida para o posto que ocupa, é uma desavergonhada.

— Na verdade, eu não fui escolhida. Estou sendo obrigada a ocupar esse posto, sem que nenhuma outra escolha seja me dada.

— Não insulte a minha inteligência. Se você realmente quisesse fugir da Arábia Saudita, já teria feito isso. Não é tão difícil assim. Só que prefere ser a puta de um homem comprometido, que logo será casado. Mas eu vou acabar com essa palhaçada assim que me tornar esposa dele.

Eu devia ter colocado o rabinho entre as pernas e saído dali, afinal era ela a noiva traída. No entanto, a raiva

ferveu feroz dentro de mim, me impedindo de deixar que as coisas ficassem assim.

— Isso eu acho difícil, pois sou a única mulher que ele quer de verdade. Quanto a você, será apenas o nome em um pedaço de papel e isso é ele mesmo quem diz.

Vi seu rosto ficar ainda mais vermelho, a raiva a espezinhando, seus olhos faiscando e me arrependi por tê-la provocado, por permitir que o ciúme dentro de mim me fizesse revidar seus insultos.

Mas qual era o problema dela? As mulheres árabes tinham o costume de dividir seus homens com as outras mulheres. Talvez respeitassem apenas as outras esposas.

— Quando me tornar princesa, vou fazer com que cortem sua língua fora, sua cadela!

A raiva pipocou ainda mais feroz em minhas veias e não consegui me conter. Seguindo um impulso incontrolável, virei o copo em minha mão e atirei o resto do chá no rosto dela, o líquido dourado encharcou sua face, respingando em seu vestido e cabelos, enquanto sua boca se abria de incredulidade e choque, com seus olhos se arregalando.

— Vai se foder! — disparei.

— Você vai pagar caro por isso!

Nesse instante nos tornamos o centro das atenções da maioria das mulheres e logo a rainha se aproximou de

nós, acompanhada de Dahab.

— O que está acontecendo aqui? — indagou a rainha, enquanto eu a reverenciava respeitosamente.

— Essa vaca jogou chá em mim.

— Me perdoe, Majestade — falei, dirigindo-me à rainha. — Fui insultada e acabei agindo por impulso.

— Isso vai ter graves consequências para você. — A rainha parecia preocupada.

— Eu sei. Estou pronta para receber minha punição, mas não agora. Preciso falar com Jawa... o príncipe e é urgente.

— E o que seria tão urgente, que você precisou vir até aqui mesmo sabendo que não devia?

— Acho que descobri quem é o espião que está passando informações para Said. E acho que ele está fugindo nesse exato momento.

A rainha me fitou de queixo caído, antes de se virar para Dahab.

— Arranje uma abaya e um hijab para ela, imediatamente. Depois mostre-lhe onde os homens estão reunidos. Jawad está lá. — Virou-se novamente para mim. — Não é adequado que uma mulher entre no salão onde estão os homens, mas essa é uma situação de urgência. Não se esqueça de se cobrir toda.

— Sim, senhora. Obrigada por compreender.

Ela repousou suas mãos nos ombros de Najah e saiu conduzindo-a rumo a uma porta, enquanto Dahab acenava para que eu a seguisse.

Fomos até o pequeno closet onde as abayas e lenços ficavam pendurados e nos cobrimos toda, deixando apenas nossos olhos à mostra antes de seguir para o salão onde a outra recepção acontecia. Era o último deles, logo na entrada no palácio, vários outros salões separando homens e mulheres.

Tão logo avançamos pelo imenso recinto, abarrotado de homens, que conversavam falando alto e animados, alguns deles pararam para nos observar, com um misto de surpresa e irritação. Eram machistas demais para dividir seu espaço de lazer com pessoas do sexo oposto. Se não estivéssemos devidamente cobertas, teriam nos expulsado na hora.

Percorri os olhos ao redor, à procura de Jawad, mas não o vi em parte alguma. Definitivamente não estava ali. Quem consegui ver foi Said, conversando com o rei, parecendo se despedir. Quando minhas vistas o alcançaram, ele já me observava, com olhos aflitos e fizemos uma breve troca de olhares. Obviamente ele já sabia que eu estava ali para contar o que vi no bosque.

Dahab conversou rapidamente com um dos homens, que parecia fazer a segurança do lugar e voltou para falar

comigo.

— O príncipe não está aqui — disse ela.

— E onde ele está?

— Não sei. O guarda disse que não viu quando ele saiu.

Lamentei não ter pegado o celular antes de sair do quarto.

— Vamos até o meu quarto. Vou usar o celular para falar com ele.

Atravessamos novamente todo o palácio, passando rapidamente pela festa das mulheres, rumo à porta de saída. Tão logo avançamos pela parte do jardim que dividia as duas moradias, avistamos Jawad se aproximando, vindo da direção da parte da frente do palácio, acompanhado de Omar e dois guardas.

Estava lindo como nunca, usando uma túnica escura, com a echarpe dourada pendurada nos ombros, o lenço da mesma cor na cabeça. Bastou que meus olhos se detivessem sobre ele para que tudo dentro de mim se agitasse, o coração batendo descompassado, o sangue fluindo mais quente.

— Onde você estava? Te procurei por todos os lados — disse ele, colocando-se diante de mim, com seu olhar aflito.

— Fui dar uma volta no arvoredo. Aconteceu alguma coisa?

— Não. Apenas senti sua falta e fui procurá-la no seu quarto. Fiquei preocupado quando não a encontrei lá. Depois fui até a garagem verificar se seu carro estava no lugar. Você está bem?

— Sim. Preciso falar com você.

— Não é seguro sair por aí sozinha. Eu já te disse isso mil vezes.

— Eu sei. Será que podemos falar em particular? É urgente.

Finalmente ele capturou a urgência no tom da minha voz e uma ruga surgiu no meio da sua testa.

— Claro. Vamos para o seu aposento.

Seguimos juntos para o meu quarto. Tão logo entramos, livrei-me do hijab e do niqab sufocantes.

— O que é isso? O que aconteceu? — indagou Jawad, sobressaltado, tocando meu pescoço, seus olhos aflitos fixos ali.

Sem saber sobre o que ele falava, me coloquei diante do espelho e vi as pequenas manchas roxas, quase imperceptíveis, certamente causadas pelo braço de Naim quando me ameaçou com a arma. Não seria bom para ninguém se eu dissesse isso a Jawad.

— Não foi nada. Esquece isso. Preciso te falar uma coisa. — Hesitei, escolhendo cautelosamente as palavras. — Quando fui ao bosque, vi dois homens se beijando.

— Quem?

— Naim e Said. — Seus olhos verdes se arregalaram surpresos. — Acho que Naim pode ser o informante de Said, por isso se aproximou de Alzira, para obter informações sobre nós dois, já que ela é minha melhor amiga. Acho também que a levou para a moradia dos funcionários no dia em que Said estava aqui para armar todo o escândalo e Said ter algo para noticiar no jornal.

— Mas que filhos da puta! — esbravejou Jawad. — Vou fazer com que os dois paguem caro por isso!

— Não tome nenhuma decisão precipitada. Eu sei que é crime ser homossexual aqui, mas...

— Espere — Jawad me interrompeu. — Foram eles que fizeram isso com você? — Ele lançou um olhar para as marcas no meu pescoço.

Enquanto eu pensava em uma forma de esconder-lhe aquilo e assim evitar enfurecê-lo ainda mais, ele veio até mim e segurou-me firme pelos dois braços, seu rosto lindo empalidecendo.

— Aqueles malditos ousaram colocar as mãos em você? — Praticamente rosnou as palavras, com seu rosto

contorcido em uma fúria tão bestial que uma corrente de medo me atravessou.

Medo do que ele pudesse fazer por minha causa.

— Não foi nada.

— Me fala a verdade, Jasmine!

— Foi Naim. Ele me ameaçou com uma arma, mas Said o acalmou.

A fúria que o percorreu nesse instante foi tão violenta, que seu corpo grande mostrou um estremecimento, seu olhar faiscando de ódio.

— Vou matá-lo com minhas próprias mãos! — rosnou, com sua mandíbula trincada.

Soltou-me e seguiu rumo à porta com passos largos e apressados, seus punhos cerrados, seus ombros endurecidos de tensão, enquanto eu o seguia sobressaltada, temendo que se tornasse um assassino por minha causa.

Eu jamais me perdoaria se isso acontecesse.

— Espera, Jawad. Você não pode fazer isso. Não vá sujar suas mãos com o sangue de um ser tão insignificante como ele.

Sem me dar ouvidos, Jawad continuou seguindo rumo à saída. Do lado de fora, no jardim, Omar e os guardas que o acompanhavam antes ainda estavam no mesmo lugar e, quase desesperada, dirigi-me a eles.

— Por favor, segurem ele! — supliquei, mas nenhum dos homens se moveu do lugar.

Furioso como um touro feroz, Jawad parou e se virou para mim.

— O que diabos está fazendo descoberta aqui fora? — irritou-se.

Fechando a mão grande em volta do meu braço, levou-me de volta para dentro, onde Dahab estava junto com outras funcionárias.

— Não a deixe sair daqui! — ordenou o príncipe, dirigindo-se à governanta.

— Sim, senhor. — Ela olhou-me parecendo meio desesperada. — Jasmine, por favor, não me faça chamar as outras mulheres para me ajudar a te segurar. Isso seria constrangedor.

Com isto, não tive como impedir Jawad, que saiu pela porta pisando firme e apressado, perigosamente cego pelo ódio.

CAPÍTULO 36

Jasmine

Sem poder fazer nada para impedir que uma possível tragédia acontecesse, refugiei-me no meu quarto e fiquei lá com o coração apertado, esperando por notícias. Enviei umas vinte mensagens para o celular de Jawad, enquanto caminhava de um lado para o outro do aposento, sem obter qualquer resposta, o tempo pareceu se arrastar com lentidão.

Uma eternidade parecia ter se passado quando a porta finalmente se abriu e ele entrou, parecendo ainda transtornado, mas ligeiramente mais calmo.

— O que aconteceu? — indaguei, temendo pela resposta.

— O safado conseguiu fugir. Mandei os guardas vasculharem os arredores e nada dele. Considerando que Said também se foi, presumo que os dois fugiram juntos.

Tomada por um grande alívio, deixei escapar um suspiro.

— Foi melhor assim. Pelo menos você não sujou suas mãos.

— Não vou descansar até conseguir fazer com que eles paguem.

— Naim merece mesmo uma lição por quase destruir a vida de Alzira, mas é só isso. Eles não escolheram ser homossexuais. Já nasceram assim. Isso não é razão para que sejam punidos.

— No meu país esse tipo de prática é inaceitável. Mas não vou entrar nesse tipo de discussão com você, pois jamais concordaremos em nada nesse sentido. Agora vem cá, vou te dar um banho para te livrar da sujeira das mãos daquele desgraçado.

Ele segurou em meu braço e tentou me levar para o banheiro.

— Tem mais uma coisa que preciso te contar — falei, puxando meu braço da sua mão, fazendo com que se detivesse.

— O que é?

Hesitei, escolhendo cautelosamente as palavras, temerosa com a sua reação.

— Depois que vi os dois no bosque, eu entrei direto no palácio para te procurar e acabei indo parar no salão onde as mulheres estão festejando. Sua noiva estava lá.

— E?

— Bem, ela veio falar comigo, me insultou e acabei perdendo a cabeça.

— O que você fez, Jasmine?

Hesitei mais uma vez, amedrontada. Minha mente projetou uma imagem minha presa ao poste no jardim onde eles surravam as mulheres, aquele conselheiro carrasco me açoitava com uma chibata, as pessoas em volta olhando.

— Joguei chá no rosto dela.

— O quê?

— Isso que você ouviu.

Inesperadamente, Jawad caiu na gargalhada.

— Não tem graça nenhuma. Ela disse que, quando se tornar princesa, vai mandar cortar minha língua e a rainha admitiu que mereço uma punição.

Jawad continuou rindo, até que por fim segurou-me pela mão e me levou para a cama. Sentou-se na beirada do colchão e me colocou em seu colo, de lado. Seus dedos habilidosos ajeitaram uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

— Entenda uma coisa, Jasmine. Nunca, jamais, enquanto eu viver, alguém fará mal a você. Não precisa ter esse temor. Para tocar em você, qualquer pessoa em Al Saud, ou fora dela, teria que passar por cima de mim primeiro e te garanto que é bastante difícil passar por cima de mim. Enquanto eu existir, você estará segura, pode carregar essa certeza contigo.

Processei suas palavras e alguma coisa se revolveu em minhas entranhas, um calor gostoso invadiu meu peito, meu sangue fluiu mais quente nas veias.

— Eu confio em você. — Foi tudo o que consegui dizer, em meio à emoção que me invadia.

— Ótimo. Agora vamos ao banho. Não suporto a ideia de que as mãos de um abutre tenham estado sobre você.

Dito isto, ele me ergueu em seus braços fortes e me carregou para o banheiro.

Tomamos um banho de banheira que durou horas, durante as quais nos entregamos mais uma vez àquela paixão incontrolável que sentíamos um pelo outro e que se fortalecia cada vez que estávamos juntos.

Jawad não voltou mais para a festa, que continuou rolando noite adentro.

Após o banho, ele ordenou a Dahab que servisse nosso jantar ali mesmo no meu quarto e depois de comermos continuamos nos amando, saciando o desejo ardente que nutríamos, até que adormecemos nos braços um do outro, exaustos e satisfeitos.

***

Acordei com a voz de Jawad ecoando alta e raivosa entre as paredes do aposento.

O sol se infiltrava através das frestas na cortina da janela, indicando que já era dia. Usando apenas uma calça, ele andava de um lado para o outro, enquanto falava com alguém ao telefone, alterado.

— Mas como isso pode ser possível? Aquele safado saiu daqui andando com as pernas dele. — Ouviu por um instante e continuou falando, rispidamente: — Quem diabos ele pensa que sou? Não tenho nada a ver com isso e passo por cima de quem ousar dizer o contrário.

Discutiu um pouco mais, sem que eu entendesse sobre o que estava falando, até que por fim encerrou a ligação e apoiou-se na borda da mesa, parecendo ao mesmo tempo furioso e desolado.

Algo muito grave havia acontecido.

— O que aconteceu? — indaguei e só então ele percebeu que eu estava acordada. Minha voz arrancou-o dos seus devaneios.

Exibindo o corpo másculo, nu da cintura para cima, Jawad sentou-se na beira da cama e afundou a cabeça entre as mãos. A tensão que o assolava era tanta que eu podia ver os músculos das suas costas enrijecidos.

Ocultando minha nudez com o lençol enrolado em volta do corpo, levantei-me e ajoelhei atrás dele, fazendo

massagem em seus ombros empertigados.

— Você nem vai acreditar — disse ele.

— Tenta.

— Said está morto.

Processei a informação e fui tomada pela tensão. Na mesma hora parei a massagem e me coloquei ao lado dele, encarando-o.

— Como isso aconteceu?

— Alguém cortou os freios do carro dele, aqui em Al Saud. O carro capotou não muito longe daqui.

Atônita com suas palavras, levantei-me e me coloquei em pé diante de si.

— Quem faria uma coisa dessas?

— Todo mundo está achando que fui eu, inclusive a polícia. Porque o cara vinha me enchendo o saco há muito tempo. Acham que fiz isso para me livrar da perseguição dele.

Subitamente lembrei-me do momento em que o vi no jardim na noite passada. Ele vinha exatamente da direção da garagem onde estavam os carros dos convidados, junto com seu conselheiro e os guardas. Ele podia não ter feito isso com suas próprias mãos, mas orientado um dos seus súditos a fazer. Seria capaz de uma coisa dessas?

Recordei-me das suas demonstrações de ódio contra Said, das vezes em que disse que um dia ainda se livraria dele e um estremecimento atravessou o meu corpo. Fazia todo sentido acreditar que foi ele, isso inclusive justificaria porque aceitara a entrada do jornalista no palácio depois de todo o escândalo que ele fizera. Podia ter sido uma armadilha.

— E não foi você? — indaguei, hesitante.

Jawad ergueu a cabeça e seus olhos verdes, inesquecíveis, fixaram-se diretamente nos meus.

— Até você? — falou, com uma mágoa dolorosa refletida no olhar. — Eu não fiz isso. Acredita em mim.

Observei-o por um instante de silêncio. Parecia realmente desolado, arrasado e não tive dúvidas de que era inocente. Se tivesse sido ele, confessaria. Não tinha motivos para esconder alguma coisa de mim.

— Eu acredito.

Instintivamente, aproximei-me um passo, chegando tão perto dele, que pude sentir seu cheiro delicioso, uma mistura de perfume com cigarros. Ainda guiada pelos meus instintos, infiltrei meus dedos em seus cabelos curtos, acariciando seu corpo cabeludo.

— Essa história vai se transformar em um escândalo de proporções mundiais. Enquanto não encontrarem o verdadeiro culpado, não vão parar de dizer que fui eu.

— Vão prender você? — Um frio atravessou meu estômago ao imaginar essa possibilidade.

— Não. Eu tenho imunidade quanto a isto. Mas o mundo todo vai passar a me ver com olhos de hostilidade.

Sem qualquer aviso prévio, ele puxou o lençol que enrolava meu corpo, fazendo-o cair aos meus pés, deixando-me completamente nua diante do seu olhar. O fogo do desejo refletia em sua expressão enquanto seus olhos vagavam através da minha nudez, observando cada mínimo detalhe meu.

— Tudo o que você escreveu para melhorar minha reputação lá fora, vai cair por terra.

Ele plantou suas duas mãos possessivas nas laterais dos meus quadris e me puxou ainda mais para perto. Com seu rosto na altura do meu ventre, inclinou a cabeça e inalou o cheiro do meu sexo, em seguida, passou a ponta da sua língua na minha pélvis, levando-a até meu umbigo, fazendo-me lançar a cabeça para trás e soltar um gemido baixo. O fogo do desejo acendeu em meu íntimo.

— Nada do que eu disser ou fizer, vai convencê-los a parar de me condenar, porque sou mulçumano e, na cabeça de muita gente, um terrorista. — Continuou falando, com a voz ofegante e sussurrada, enquanto mergulhava os dedos entre meus lábios vaginais e massageava lentamente meu clitóris, enviando ondas de excitação que

se espalhavam fervorosamente pelo meu organismo, me fazendo abrir mais as pernas, quase em perceber.

Novamente lancei a cabeça para trás e soltei um gemido quando ele movimentou sua língua em círculos sobre minha pele, no mesmo ritmo em que movia seus dedos mais abaixo.

— Mas eu resolvo isso depois. Agora tenho um assunto mais urgente para tratar, que é isso que você me faz sentir.

Dito isto, ele me jogou sobre a cama e me cobriu com seu corpo grande e másculo, sua boca deliciosamente habilidosa desceu pela minha pele, provando cada centímetro, deixando-me completamente em chamas, o centro das minhas pernas palpitando e pingando de uma vontade quase insana de tê-lo todo dentro de mim.

Só paramos quando estávamos mais uma vez saciados. Depois que Jawad se foi, como sempre sua ausência fez o quarto parecer muito maior, vazio e silencioso. Solitária, invadida pela falta dele, peguei o celular e fui atrás dos noticiários.

Fiquei espantada com a rapidez com que aquela notícia havia se espalhado pelo mundo. Praticamente todos os jornais, do Japão até o Brasil, tinham a foto de Said estampada em suas capas. Alguns deles estampavam também a foto de Jawad, ao lado do jornalista. Falavam

sobre a hipótese de o príncipe tê-lo assassinado com o intuito de silenciar definitivamente a única voz contrária ao seu principado em todo o Oriente Médio. Diziam que Said era um jornalista progressista – até porque esse era o nome do seu jornal –, cujas ideias visavam modificar a forma de vida obsoleta na Arábia Saudita. Só que as coisas não eram bem assim.

Particularmente nunca vi uma matéria, ou artigo, escritos por Said que visasse alcançar soluções para o avanço de uma cultura indiscutivelmente arcaica. Tudo o que ele escrevia eram críticas à liderança de Jawad, que, por sua vez, tomara várias iniciativas e criara várias leis que visavam modernizar a forma de vida do seu povo. E isso porque ainda estava no início de sua carreira de líder. Eu acreditava que ele ainda faria muito mais.

Na minha opinião, toda aquela atenção dada ao assassinato de Said era apenas mais uma forma de criticar a cultura dos mulçumanos, porque isso vendia mais jornais e causava mais polêmicas que apenas aceitar o que era diferente.

E agora eu estava pensando como eles. Viver ali estava, definitivamente, me modificando.

Para ajudar Jawad, eu precisava lutar com a arma que tinha, que era minha coluna em um dos jornais mais populares do mundo. Precisava escrever sobre o que

aconteceu naquela noite, deixar o mundo saber que Said tinha um amante, que poderia muito bem tê-lo assassinado.

Eu realmente acreditava na inocência de Jawad e minha melhor aposta para quem cortou os freios daquele carro era Naim. Na certa, depois que os vi no bosque, ele pediu para fugir junto com Said e, quando este se recusou, ficou revoltado e foi lá cortar os freios do carro. Embora, se tivesse realmente feito isto, ele não teria tido tempo de ir também ao dormitório pegar suas coisas para fugir sozinho.

Na verdade, havia dezenas de pessoas no palácio na noite anterior, qualquer uma delas podia ter feito isso, inclusive o rei, por meio de um dos seus criados. Todas as pessoas que estavam eram suspeitas.

O jornalista do *New York Times*, responsável pela notícia sobre a morte de Said, me convidou para uma entrevista on-line exclusiva sobre os fatos, mas eu preferia escrever meu próprio artigo, pois assim teria mais tempo para me informar melhor sobre os acontecimentos e elaborar um texto que exporia o quanto Jawad era inocente, embora a prova só seria concretizada com a prisão do verdadeiro culpado.

Antes de mais nada, telefonei para o chefe do jornal pedindo que antecipasse minha publicação quinzenal, algo

com o que ele concordou de imediato, visto que estavam todos sequiosos por notícias sobre o mais recente acontecimento e a voz de quem estava dentro de Al Saud seria a mais ouvida. Depois, telefonei para Jawad e ele me deu completa liberdade para escrever sobre o assunto, desde que o artigo passasse pela sua pré-aprovação, antes de ser publicado, exatamente como acontecia com todos os outros.

Como já era tarde quando me levantei, tomei o café da manhã sozinha no refeitório e dei início aos meus afazeres logo em seguida. Antes de começar a escrever, precisava dar uma olhada no salão onde a festa dos homens aconteceu, averiguar o percurso de lá até a garagem, observar onde o local do carro de Said estava estacionado quando teve seus freios cortados. Não que eu pretendesse descobrir o verdadeiro assassino com essas investigações, mas descobriria alguma coisa que lançasse alguma luz sobre a verdade.

Desde que comecei a escrever os artigos, eu havia recebido permissão para explorar livremente as dependências da residência real. Desde então tinha aprendido a identificar os locais do imenso palácio onde os membros da família real costumavam estar. Evitava passar por esses recintos, a fim de evitá-los, pois não gostava de toda a formalidade com que precisava me portar na

presença deles. Deste modo, raramente me deparava com alguém que não fosse apenas mais um empregado, como eu.

Naquela manhã, como sempre ao entrar, deixei o hijab pendurado perto do lavatório na porta dos fundos e avancei pelos salões imensos, com minha câmera fotográfica e o celular em mãos. Ao alcançar o salão onde acontecera a festa das mulheres, fiquei ali por um tempo, observando tudo, sem saber exatamente pelo que procurava, uma pista talvez.

O lugar já se encontrava impecavelmente limpo e arrumado, como se não tivesse acontecido uma festa ali.

Após constatar que não havia nada de estranho, ou anormal, ou que me levasse a alguma pista, continuei minha excursão, percorrendo os outros salões. Parei naquele em que ocorrera a comemoração dos homens, também já limpo e organizado. Era o maior e menos atrativo da moradia, sem os excessos das cortinas aveludadas e tapeçarias caras, por isso o que eu menos frequentava.

Eu estava lá parada, observando tudo, à procura não sabia exatamente do quê, quando um homem alto, usando trajes tipicamente árabes entrou. Era muito parecido com Jawad, com os mesmos olhos verdes-claros, a mesma pele morena e aquele ar de soberania e poder

presente em cada gesto que fazia. Como era ligeiramente mais velho, logo presumi ser seu irmão que trabalhava na embaixada de Nova Iorque, o mesmo que mandara cortar a língua da sua *alkaliba*.

Um calafrio desceu pela minha espinha ao lembrar-me deste fato.

— Será que eu morri e estou no paraíso? Você é um anjo que veio me receber? — disse ele, aproximando-se, seu olhar varreu-me de cima à baixo.

Eu devia estar mesmo me tornando muçulmana, pois me senti nua diante do olhar daquele homem, pelo simples fato de não estar usando o hijab. E a sensação não podia ter sido pior. Me fez relembrar a crueldade que ele cometeu contra sua amante, uma sensação de pavor emergiu em meu íntimo.

— Me desculpe pela invasão. Sou Jasmine Campbell. Amiga do príncipe Jawad.

— Jasmine, claro. Já ouvi falar sobre você. Só não imaginei que fosse tão linda. Meu irmão é realmente um cara de muito bom gosto. — Ele fez uma pausa, como se se desse conta de algo, antes de recomeçar a falar: — Ah, me desculpe pela falta de educação. Sou Kalil Nazir, embaixador da Arábia Saudita em Nova Iorque.

Ele estendeu-me sua mão e hesitei em segurá-la, mas por fim o fiz. O medo me percorreu quando ele

apertou forte minha mão, demorando mais que o necessário para soltá-la.

Seus olhos frios me alertavam de que era um homem cruel, capaz de qualquer coisa.

— Eu também já ouvi falar sobre você — soltei.

— Boas coisas, espero.

— Na verdade, eu já estava de saída.

Tentei passar. Ele colocou-se em meu caminho.

— Espere. Está fugindo de mim? Isso que estou vendo em sua expressão é medo? — Ele parecia estar se divertindo com a situação. — Parece que andaram falando horrores ao meu respeito.

— Imagina. Não falaram nada e não estou com medo — menti. — Apenas tenho que começar a escrever um artigo.

— Você escreve muito bem. Li seus artigos. Está ajudando muito a minha família com eles. Qual será o tema do próximo?

— Vou falar sobre o que aconteceu aqui ontem à noite.

Um sutil brilho de irritação manifestou-se na expressão do seu olhar e, em questão de segundos, minha mente elaborou várias teorias da conspiração, sendo uma delas a hipótese de que eu podia estar diante do assassino de Said.

Como membro da família real, ele também tinha todo interesse em se livrar de alguém que vivia em função de tentar manchar a imagem de todos.

— Um assassinato não é assunto para uma mocinha como você.

Irritei-me com o machismo embutido na sua afirmação.

— Não sou uma mocinha frágil e inocente, mas uma jornalista fazendo o seu trabalho.

Ele abriu um sorriso largo, sem que eu entendesse onde estava a graça.

— Claro, você é de Nova Iorque. Fala exatamente como as mulheres de lá. Garotas bravas como você são as mais gostosas de se trepar quando são domadas. Acho que isso explica por que meu irmão desapareceu da festa ontem à noite e só reapareceu esta manhã.

Fiquei perplexa com o tamanho da sua petulância. *Como ele se atrevia a me dizer aquelas coisas? Era muito descaramento em um só ser humano.*

Minha língua chegou a tremer de vontade de dizer-lhe alguns desaforos, de colocá-lo no seu devido lugar, entretanto, me apressei em controlar meus impulsos, pois não era uma decisão muito sensata confrontar um homem árabe da realeza, principalmente um que mandara mutilar a mulher com quem dormia.

— Na verdade, estou ocupada demais para ficar aqui discutindo esse tipo de assunto com você. Se puder me dar licença.

Ele não se moveu do lugar, continuou lá parado na minha frente, de modo que precisei o contornar para seguir rumo à porta e o fiz com passos apressados e firmes, quase esbarrando em seu corpo ao passar.

Apressada, voltei para o meu quarto e não saí mais de lá durante o resto do dia.

CAPÍTULO 37

Jawad

Meu escritório estava parecendo um consultório médico público de países subdesenvolvidos naquela manhã, com uma fila de pessoas do lado de fora esperando para falar comigo, como se eu não tivesse mais o que fazer.

Meu pai foi o primeiro a exigir uma reunião em particular comigo. Queria me repreender por ter deixado a festa para ir passar a noite com Jasmine, mais uma vez batendo naquela tecla sobre eu estar nas mãos daquela mulher, desviando minha atenção dos meus objetivos, do meu principado, por causa dela, o que não era verdade. Aquela festa estava um saco e, mesmo que Jasmine não existisse, eu a teria deixado em algum momento.

Sobre o assassinato de Said ele mal falou. Disse apenas que alguém fez um grande bem à humanidade, o que serviu para reforçar minha desconfiança de que foi ele quem mandou fazer aquilo. Apenas isso explicava porque aceitara a presença do jornalista em Al Saud depois de todos os escândalos que fez. No entanto, quando perguntei se estava envolvido nisso, negou veementemente, embora se fosse eu também não confessaria.

O segundo a solicitar uma reunião comigo foi o chefe da polícia de Riad, que estava convencido de que eu mandara cortar os freios do carro de Said. Não importava o quanto eu dissesse que não fiz aquilo, o homem não se convencia. Pelo menos, não era petulante como o policial que eu demitira há algumas semanas por prender Jasmine. Esse era respeitoso, humilde e explicou que estava apenas fazendo o trabalho dele, embora todos nós soubéssemos que, mesmo que tivesse sido eu a cometer aquele crime, ele não podia me prender.

Como ele era um homem respeitoso e cordial, e também porque eu tinha interesse em descobrir a verdade, saber quem deu fim à vida daquele miserável, dei-lhe permissão para explorar as dependências de Al Saud, fazendo suas investigações, mas sempre acompanhado de um guarda da minha inteira confiança, claro.

Ele começou averiguando o conteúdo da câmera de segurança da garagem onde estava o carro de Said, quando descobriu que ela foi desligada durante a noite, durante um longo período de tempo, obviamente enquanto o assassino agia, o que reforçava minha teoria de que o mandante foi alguém de dentro do palácio, pois ninguém mais teria acesso àquelas câmeras.

Meu suspeito número um era o meu pai. Não que ele fosse um assassino de carteirinha, mas porque, na

família, era o mais apegado ao poder e Said ameaçava nos tirar esse poder com seus constantes escândalos. No entanto, podia ser também meu irmão mais velho, que viera de Nova Iorque para o aniversário do nosso pai. Podia ter feito isso em nome desse mesmo poder. Ou qualquer outra pessoa, inclusive um súdito, a fim de me proteger, ou me incriminar. Apenas o tempo revelaria o verdadeiro culpado.

A terceira pessoa a entrar no meu escritório para falar comigo naquela manhã foi Najah. Eu até podia imaginar qual seria o assunto dela. Na certa deixaram-na saber que abandonei a festa para ir dormir com Jasmine e vinha tirar satisfação a esse respeito. Eu esperava que fosse ciumenta o suficiente para desistir logo dessa palhaçada de casamento. Estaria me fazendo um grande favor.

Atrevida ela era, ou teria seguido as normas e pedido a algum homem da sua família que viesse falar comigo em seu lugar. Mas, ao invés disso, vinha pessoalmente e desacompanhada, o que quebrava todas as regras. Só aceitei recebê-la nessas condições porque ansiava realmente pelo fim desse noivado e esperava que ela tomasse a decisão de terminar tudo.

— Obrigada por me receber — disse ela, tão logo se aproximou da mesa atrás da qual eu me encontrava

sentado.

— Sente-se. — Acenei para a cadeira do outro lado. — Só peço que seja rápida, pois tenho mais duas pessoas esperando para falar comigo.

Sua fisionomia assumiu um ar de frustração, enquanto ela se acomodava no assento.

— Você não me suporta mesmo. Até para uma conversa pede que eu seja rápida. No entanto, deixa todos os convidados da festa mais importante do ano para ir dormir com sua *alkaliba* — disse, com amargura.

— O que eu faço da minha vida pessoal não diz respeito a você.

— Mas em breve dirá. Se você quer arranjar uma segunda esposa, uma boa mulher muçulmana, tudo bem, mas não vou aceitar que você passe suas noites na cama de uma prostituta estrangeira. É humilhação demais.

A raiva pipocou feroz em minhas veias. Nós ainda não tínhamos nem nos unido em matrimônio e ela já queria dar ordens em minha vida. Não sabia mesmo com quem estava lidando.

— Se não quer aceitar o meu modo de vida, ótimo, podemos acabar com essa palhaçada de noivado agora mesmo.

Seus olhos castanhos se arregalaram aterrorizados.

— Não diga uma coisa dessas! Me casar com você é tudo o que eu quero. Jamais romperia o nosso noivado.

Isso era realmente uma droga.

— Nesse caso, aprenda a aceitar calada que Jasmine sempre estará na minha vida e não a insulte novamente. Será que fui pouco claro?

Pela cara que ela fez, achei que começaria a chorar.

Eu realmente não queria que Najah passasse pela humilhação de entregar sua vida a um homem que preferia outra mulher. Entretanto, ela estava vendo como as coisas seriam e mesmo assim não desistia de ir em frente com aquilo. Era lamentável.

— O que ela tem que eu não tenho? — indagou, com a voz trêmula e chorosa. — É por que ela faz de tudo com você na cama?

— Nem sei do que você está falando.

Agindo da última forma que eu podia esperar, ela ficou de pé e começou a despir-se do seu vestido longo e folgado.

— É de sexo que você gosta? Eu também sei fazer. — Diante do meu olhar atônito, Najah tirou todas as suas roupas, ficando completamente nua do outro lado da mesa, revelando as curvas bem-feitas do seu corpo, os seios fartos e duros, a boceta peluda. — Eu também posso fazer de tudo com você, eu também sou mulher. E podemos

começar agora mesmo. Eu não ligo se ainda não somos oficialmente casados. Sei que em breve seremos.

Enquanto eu permanecia petrificado, completamente incrédulo, ela contornou a mesa, colocando-se ao meu lado. Segurou minha mão e a repousou sobre o seio firme e redondo.

— Faça comigo o mesmo que você faz com ela.

Eu me perguntava onde uma mulher muçulmana, dona de uma educação rigorosa como a dela, que deveria inclusive ser virgem, havia aprendido a agir daquela maneira, quando de súbito meu pau começou a acordar dentro da calça, estimulado pela visão das formas femininas e a delicadeza do mamilo na palma da minha mão. Contudo, lembrei da promessa que fizera a Jasmine, de que ela seria sempre a única nos meus braços e, embora depois do casamento isso não fosse mais possível, por ora eu podia cumprir minha palavra.

— Por favor, recomponha-se! — esbravejei, mais furioso do que realmente me sentia.

Como se tivesse recebido o golpe de chibata, Najah expressou dor e humilhação em sua fisionomia enquanto me encarava com o olhar incrédulo, aturdido.

Tive certeza de que jamais passou pela cabeça dela que seria rejeitada.

— Me perdoe, Alteza! — suplicou, voltando para a frente da mesa. Ajoelhou-se e catou suas roupas do chão. — Eu não estou em mim, não estou sendo eu mesma. Normalmente, eu jamais agiria assim. Estou sendo movida pelo ciúme, porque o amo demais.

Continuou suplicando, enquanto se vestia, até que estivesse totalmente recomposta.

Eu começava a cogitar usar aquele episódio para me livrar dela, afinal uma mulher de respeito jamais agiria assim. Porém, fui ficando com pena à medida em que ela continuava falando:

— Não era a minha intenção fazer isso. Eu agi unicamente por impulso, porque meu amor por Vossa Alteza é imenso demais e, às vezes, me deixa louca de ciúmes. Mas isso não voltará a acontecer. Continuarei intocada até que se torne meu marido. Eu imploro que compreenda o meu desatino. Foi apenas excesso de amor.

Droga! Ela queria me fazer sentir culpado e estava conseguindo. Como eu poderia dar um fora nela assim? Até porque seria perda de tempo. Se eu a deixasse, meu pai me arranjaria outra noiva antes que eu tivesse tempo de estalar os dedos.

— Najah, apenas saia daqui. E, quando quiser falar comigo de novo, venha acompanhada de algum parente seu, como mandam as normas.

— Claro, Alteza. Não voltarei a incomodar e, mais uma vez, suplico pelo vosso perdão.

Se eu contasse a alguém o que acabara de acontecer ali, ela seria cruelmente punida e sabia disso. Por esta única razão, deu-me as costas e deixou o escritório com os ombros encolhidos, evitando me deixar ainda mais irritado.

Puxei um cigarro do maço sobre a mesa e o levei à boca. Estava o acendendo quando a porta se abriu e Kalil entrou, avançando pelo recinto. Ele era dois anos mais velho que eu e meu único irmão por parte de pai e de mãe. Os outros eram filhos do meu pai com suas outras esposas.

Kalil era a próxima pessoa da lista que havia marcado uma reunião comigo.

— Nossa! É quase uma operação de guerra conseguir falar a sós com você — disse ele, sentando-se do outro lado da mesa, abanando a mão diante do rosto para afastar a fumaça do meu cigarro.

— As coisas estão mais movimentadas que o normal por aqui hoje, por causa do que aconteceu ontem. Precisei cancelar todos os meus compromissos dessa manhã para atender as pessoas que querem falar comigo, como se eu tivesse a solução para trazer Said de volta à vida, ou algo assim.

— Não é sobre isso que quero falar. Mas já que tocou no assunto, quem você acha que deu fim nele? — indagou, com aquele seu jeito debochado de sempre, porém com um toque de seriedade.

— E como é que eu vou saber? Achei que tinha sido você.

Joguei, não esperando que ele confessasse, caso tivesse feito aquilo, mas a fim de observar sua reação.

Como sempre agia diante das situações, sérias ou não, ele sorriu despreocupadamente.

— Lamento te decepcionar, mas não fui eu. Embora acredite que quem fez isso prestou um grande serviço à nossa família, principalmente a você. — Olhou-me como se pretendesse registrar minha reação àquela acusação, assim como fiz com ele.

— Eu também não tenho nada a ver com isto.

— Enfim. Não é esse o assunto que tenho a tratar com você.

— E qual é?

— Sua *alkaliba*.

Uma corrente de irritação me percorreu, ao constatar que ele colocara seus olhos sobre Jasmine, meu bem mais precioso, porém nada demonstrei.

— O que tem ela?

— Quero ficar com ela. — Senti minha face esquentar de raiva e, desta vez, não tive como esconder. — Digo, depois que você se casar. Você não pretende manter uma amante na mesma moradia onde está sua esposa, não é? Isso não está nas normas. Quero que me dê ela.

Uma fúria quase descontrolada se alastrou pelas minhas veias, fazendo uma delas pulsar em minha têmpora. Entre meus irmãos, Kalil era o único que não desejava minha coroa, pois preferia a vida na América, com toda a liberdade que a cultura daquele lugar oferecia, o que para mim sempre fora um alívio, pois entre todos, ele era o que mais tinha chance de conseguir me tirar do poder, por ser o mais velho. Eu nunca esperei que, quando desejasse tirar algo de mim, fosse a segunda coisa que eu mais prezava na vida.

— Fora de cogitação. Pretendo manter Jasmine ao meu lado, não importa quantas vezes eu me case — falei, me esforçando para controlar os meus nervos.

— Uau! Ela deve ser mesmo muito valiosa. — Soltei uma baforada de fumaça na cara dele e fiquei satisfeito ao perceber seu desconforto. — Se não quer doá-la, venda-a então. Escolha o meu bem mais valioso. Que tal a mansão na Espanha? Ela pode ser toda sua. Basta que Jasmine seja minha.

A simples menção de Jasmine pertencer a outro homem, foi o bastante para me fazer perder o autocontrole e, quando dei por mim, estava esmurrando o tampo da mesa, com meu punho cerrado.

— Eu já disse que não! — vociferei, mais alto do que pretendia. — Não quero que volte a colocar seus olhos nela. Não chegue perto dela, nem mesmo pense nela, fui claro?!

Kalil me observava perplexo, porém logo começou a sorrir, com aquele seu jeito displicente, sempre debochando de tudo, mesmo quando o assunto era sério.

— Por Alláh! Você está apaixonado por essa mulher. Said estava certo quando escreveu isso em seu jornal.

— Isso não é assunto seu. Apenas fique longe dela.

— Se você gosta dela, pense no bem dela. Logo você estará casado, dormindo com outra mulher, que, aliás, parece ter um péssimo temperamento. As mulheres do Ocidente não encaram isso como as muçulmanas. Jasmine estará melhor comigo, que sou solteiro.

Puta que pariu! Quando ele ia desistir?

Minha vontade naquele instante foi pular por cima da mesa e dar uns bons tapas naquele descarado, para que entendesse que Jasmine tinha dono e jamais pertenceria a outro homem. Não enquanto eu vivesse.

— Não quero brigar com você. E é somente por esta razão que vou fazer de conta que essa conversa não existiu. Mas se voltar a tocar no assunto, vamos ter uma desavença das grandes — falei.

CAPÍTULO 38

Jawad

Ainda com aquele seu jeito moleque, que não me permitia distinguir se estava falando sério, ou apenas brincando, Kallil ergueu as duas mãos no ar, em rendição.

— Certo. Que seja como você quiser.

Dito isto, ele se despediu e deixou a sala.

Mesmo depois que Kalil se foi, suas palavras continuaram martelando em minha mente. Eu o conhecia o suficiente para ter certeza de que, quando queria uma coisa, não media esforços para conseguir e com Jasmine não seria diferente. Ele não desistiria dela assim tão facilmente e, como pretendia passar alguns dias em Al Saud, a decisão mais sensata seria tirá-la do palácio durante esse tempo. Eu não queria que ele sequer olhasse para ela, que cobiçasse o que me pertencia.

Eu tinha dezenas de compromissos a cumprir em outros países. Os convites para eventos envolvendo líderes mundiais haviam se multiplicado depois que Jasmine começara a publicar seus artigos. Nem mesmo a pandemia que acontecia no mundo inteiro impedia os líderes de se reunirem; pelo contrário, eles estavam elaborando esforços em conjunto na tentativa de combater esse mal que se

espalhava cada vez mais depressa, estimulado pela estupidez do ser humano ao se recusar a tomar medidas simples de prevenção.

Eu escolheria uma dessas reuniões para comparecer e levaria Jasmine comigo, assim a manteria longe enquanto Kalil estivesse no palácio.

Já estava mesmo na hora de levá-la em uma viagem, para que se divertisse e passeasse um pouco. Claro que eu não podia levá-la para a América, ou para um desses países onde, se uma mulher desse um espirro, os outros já estavam de olho. Não podia, de forma alguma, me descuidar dela, permitir que fugisse, ou que a tirassem de mim. Arranjaria um lugar onde pudesse garantir que ninguém a ajudasse em uma possível tentativa de fuga. E já sabia que lugar seria esse.

Mesmo com a cabeça cheia, parti para o compromisso seguinte, que era uma reunião com o Ministro da Saúde. Ele queria articular planos de contenção da pandemia, que se espalhava depressa pelo mundo, transformando-o em um caos e que começava a chegar na Arábia Saudita. Não estava sendo fácil para nenhum líder mundial proteger o seu povo desse mal e conosco não seria diferente. Esforço e estratégias inteligentes, era o que precisávamos.

Naquele dia, enquanto tratava dos meus assuntos, mais do que nunca fiquei de olho nos passos de Jasmine, monitorando tudo o que ela fazia através dos aparelhos eletrônicos clonados e rastreados. O intuito era evitar que Kalil chegasse perto dela de novo e fiquei aliviado por perceber que ela passava o dia todo no quarto, escrevendo o artigo sobre o assassinato de Said.

Em seu texto, ela revelava tudo o que presenciara na noite anterior, sobre ter flagrado os dois homens se beijando, mas eu não tinha certeza se isso ajudaria muito a amenizar a hostilidade que o mundo me direcionava devido ao acontecimento. A comunidade gay mundial, que não era pequena, certamente ia querer me ver pelas costas.

Em uma nota para a imprensa mundial, eu assumi toda a responsabilidade sobre a morte do jornalista, pois o fato de a câmera de segurança da garagem ter sido desligada durante a noite, provava que o assassino era alguém de Al Saud e eu pretendia descobrir de quem se tratava. Dependendo de quem fosse, eu mesmo me incumbiria de dar sua punição.

Apesar de assumir a responsabilidade perante o mundo, deixei claro que não fiz aquilo.

Por fim, a noite chegou e com ela o momento pelo qual esperei durante todo o dia, aliás pelo qual esperava

todos os dias desde que ela chegara: o de ir encontrar Jasmine em seu quarto.

Sob as luzes dos postes no jardim, atravessei o espaço que separava as duas moradias e entrei em seu aposento sem bater na porta, como sempre.

A encontrei deitada na cama, meio de lado, quase de bruços, concentrada na leitura de um livro, usando uma camisolinha de renda preta, curta e transparente, revelando as pernas longas e firmes, a curva arredondada dos quadris e do bumbum, a cintura fina e os seios volumosos. Seus cabelos escuros e ondulados estavam soltos, emoldurando seu rosto perfeito, ressaltando o tom rosado da sua pele e o azul-claro dos olhos.

Era realmente a visão mais bela que eu tinha naquele dia.

Minha vontade naquele instante foi de pular a conversa e ir direto para cima dela, mas Jasmine era mais complicada que as outras mulheres, com ela eu precisava ir devagar, preparar o terreno. Além do mais, eu queria saber se ela me contaria que se encontrou com meu irmão no palácio e como foi esse encontro.

— Como foi o seu dia? — indaguei, puxando assunto.

— Tranquilo. E o seu?

Ela abandonou o livro e deitou-se de frente, com os joelhos dobrados, as pernas abertas e movimentou ligeiramente os quadris, para cima e para baixo, provocantemente, a fim de atiçar ainda mais o fogo dentro de mim, simplesmente porque gostava de me ver desnorteado, completamente de quatro por ela. Seu gesto foi infalível, pois na mesma hora meu pau ficou a ponto de estourar de tão duro.

Caralho! Ninguém mais no mundo sabia como me deixar excitado tanto quanto essa mulher.

No entanto, eu precisava manter o foco na conversa, descobrir se confessaria que foi alvo do olhar e da cobiça de outro homem. Então, sentei-me perto da mesa e acendi um cigarro.

— Agitado. Algum acontecimento que queira me contar? — indaguei.

— Nada muito importante.

Ela se levantou e veio até mim, meus olhos esfomeados registravam cada minúsculo movimento seu, meu pau doía de tão duro dentro da calça.

Colocando-se atrás de mim, Jasmine repousou suas mãos delicadas sobre meus ombros e começou a massagear, seu toque macio, e ao mesmo tempo firme, amenizou um pouco da tensão adquirida ao longo do dia.

— E o que seria esse acontecimento não muito importante?

— Nada de mais. Conheci seu irmão hoje no palácio.

Não sei se ela percebeu minha tensão aumentando.

— E como foi esse encontro?

— Normal. Conversamos um pouco. Ele se apresentou.

— Conversaram sobre o quê?

— O que é isso? Um interrogatório?

Em um impulso, levei a mão para trás e a fechei em torno do seu braço, puxando-a com um safanão, fazendo com que caísse sentada em meu colo, com a bunda gostosa pressionando meu pau.

— Quero saber o que ele disse enquanto cobiçava o que pertence a mim.

— E como você sabe que ele estava me cobiçando? Por acaso virou telepata?

— Ele foi ao meu escritório tentar comprar você de mim.

Jasmine riu, achando graça daquela situação. Porém, logo ficou séria.

— Não precisa ficar com essa ruga no meio da testa. — Ela percorreu a ponta do seu dedo sobre minha testa. — Eu não quero nada com ele.

— O seu querer não é muito relevante nessa história.

Seus olhos lindos se ampliaram, revelando um misto de perplexidade e indignação.

— Você está ciente de que, se eu não quisesse você, nada teria acontecido entre nós, não é?

— E como você ia poder evitar?

Irritada, ela tentou sair do meu colo, mas a segurei firme no lugar.

Olhando dentro dos meus olhos, ela disse:

— Se eu não sentisse nada por você, se não o desejasse tão intensamente, acredite, você teria que me matar para poder me possuir. Ou no mínimo me amarrar e amordaçar.

— Fico feliz em saber que me quer de verdade, assim como eu a você. — Introduzi a ponta do meu dedo no decote da sua camisola e percorri toda a sua extensão, deslizando-o por sobre a curva dos seios, sentindo seu estremecimento. — Embora essa ideia de te amarrar e amordaçar pareça bem interessante.

— Seu pervertido — disse ela, sorrindo, passando os braços em volta do meu pescoço.

Enfeitiçado pelo seu toque, pela sua entrega, afundei o rosto na curva do seu pescoço e inalei seu cheiro delicioso antes de espalhar uma sucessão ininterrupta de

beijos e lambidas sobre sua pele, deslizando a boca rumo ao seu colo, me refestelando com seu gosto incomparável, ao mesmo tempo em que introduzia a mão por baixo do tecido delicado da camisola e invadia sua calcinha, tocando a bocetinha macia e depilada, que começava a ficar molhada.

Com um choramingo, Jasmine abriu mais as pernas para mim e comecei a massagear seu pontinho delicado, com movimentos lentos e circulares, sentindo-o endurecer sob meu toque.

Levei a outra mão para a sua nuca e, segurando-a firmemente, trouxe sua boca para a minha, beijando-a com uma fome quase descontrolada. A lascívia me percorria com violência, tornando-se ainda mais feroz quando ela começou a rebolar no meu colo, esfregando a bunda no meu pau, deixando-me quase louco.

Quando o desejo de estar dentro dela se espalhou ferrenho pelo meu organismo, tornando-se quase insuportável, levantei-a com meus braços e a deitei sobre a mesa, vendo-a se abrir toda, entregue, excitada, desprovida de frescuras e reservas.

Levei as mãos às alças da camisola e as deslizei para baixo, deixando a peça frágil enroscada em sua cintura. Sem desviar meus olhos da sua seminudez, abri o

fecho da minha calça e tirei o pau, duro como uma pedra, de dentro da cueca.

Afastei a calcinha minúscula para um lado e, mesmo percebendo que ela ainda não estava úmida o suficiente para me receber, me enterrei de uma vez. Seu canal quente e macio me recebeu apertado demais. Suas paredes rijas quase esfolaram meu pau.

— Porra... que delícia... — grunhi.

Como se reagisse ao som da minha voz, Jasmine lançou a cabeça para trás e gemeu alto, cada vez mais entregue e excitada, libertando-se aos poucos do desconforto inicial provocado pelo meu excesso de tamanho.

Puxei o pau e arremeti novamente os quadris contra ela, entrando firme e apertado. Meus olhos sequiosos registravam a forma como ela lutava para que seu corpo se adaptasse às estocadas bruscas e firmes. Desconforto e prazer se misturavam em seu semblante, até que restou apenas o segundo e ela se abriu ainda mais, afastando as pernas para ao lados, permitindo-me ir ainda mais fundo, me mover ainda mais depressa, me acabando de tanto prazer. Meu corpo se tornou quase dependente do seu.

Puta merda! Como eu gostava de estar dentro daquela mulher, de saciar esse desejo insano que ela me provocava e que crescia mais a cada dia.

Parei com o pau todo enfiado nela e girei os quadris, sentindo-a cada vez mais lambuzada em volta de mim. Segurei dos dois lados dos seus seios, unindo-os, e inclinei o meu corpo para colocá-los na boca, chupando e lambendo os mamilos, ouvindo seus gemidos cada vez mais altos.

Quando voltei a me erguer, pendurei suas pernas em meu ombros e a fodi ainda mais brutalmente, chocando meu corpo contra o seu, metendo firme e forte. Seus gemidos se tornaram cada vez mais descontrolados, até que explodimos juntos, em um gozo profundo e prolongado.

Gozamos mais duas vezes antes de nos aquietarmos, completamente nus sobre a cama, com nossos corpos suados e saciados aconchegados um no outro, sua cabeça repousada sobre meu peito, uma de suas pernas jogada sobre mim.

Em nenhum outro momento da minha vida, eu havia experimentado a paz que sentia quando estávamos assim. Era como se nos tornássemos um só ser, envolvidos por uma aura de tranquilidade incomparável.

— Vamos viajar amanhã de manhã — falei, quebrando o longo momento de silêncio.

Jasmine apoiou o queixo sobre meu peito, com seus olhos surpresos fitando os meus.

— Sério? Pra onde?

— Para a Itália. Tenho negócios lá e gostaria de te levar. Já conhece a Itália?

Escolhi a Itália porque a reunião de Roma aconteceria com pouca gente. E porque estava quente naquela época do ano e podíamos aproveitar esse bom tempo para curtirmos o mar da Sardenha.

— Não. Mas sempre quis conhecer — respondeu.

— Terá a sua oportunidade. — Hesitei antes de continuar falando, escolhendo cautelosamente as palavras. — Preciso que você me prometa uma coisa.

— O quê?

— Que não vai tentar fugir de mim enquanto estivermos lá.

— E se eu tentasse, conseguiria?

— Não. Não existe a mínima possibilidade de eu me arriscar a perder você. Por isso, todos os lugares em que estivermos, estará sempre cercado de seguranças, mesmo que eles fiquem a quarteirões de distância. Não poderemos vê-los, mas eles estarão lá.

Uma ruga surgiu no meio da sua testa. Uma reação muito calma perto do temporal que eu esperava.

— Nesse caso, eu prometo não pagar mico tentando fugir de você.

— Ótimo. Fico feliz em ouvir isso. Agora vem cá, me deixa te recompensar por ser tão compreensiva.

Com facilidade, eu a puxei para cima de mim. Segurei dos dois lados da sua cintura e fiz com que montasse sobre meu rosto, uma perna de cada lado, seu sexo, ainda avermelhado e ligeiramente inchado devido aos esforços recentes, completamente aberto diante do meu olhar, o cheiro da luxúria me inebriava, deixando-me de pau duro mais uma vez.

Erguendo a cabeça, toquei meu nariz na sua abertura lambuzada, inalando seu cheiro, que mesmo misturado ao meu ainda era delicioso, uma fragrância agridoce que apenas ela tinha.

Inebriado, infiltrei minha língua entre os lábios vaginais e comecei a lamber o grelinho minúsculo, vagarosamente, me refestelando com o sabor e com a forma como ela lançava a cabeça para trás e gemia dengosa, choramingando, deixando-me completamente duro de novo.

CAPÍTULO 39

Jasmine

Deixamos Al Saud cedo na manhã seguinte, como sempre com a comitiva real formada à nossa volta, nos escoltando até o aeroporto.

Por mais que eu já tivesse lido vários artigos na internet sobre as extravagâncias de Jawad e, inclusive, presenciado algumas delas, nada me deixou mais impressionada que seu avião particular. Não era um simples avião, mas um Boeing 747, cujo interior imitava um apartamento de luxo. Além de sete amplas cabines, decoradas como suítes, havia sala de estar, sala de jantar, cozinha e uma sala de reuniões com uma mesa retangular ao meio e nada menos que um trono, todo folheado a ouro, na cabeceira.

Era mesmo muita extravagância envolvida. Se ele abrisse mão de metade daquele luxo, conseguiria alimentar várias famílias economicamente carentes nos países subdesenvolvidos com o dinheiro que sobraria.

Durante o voo, todos os membros da tripulação usavam máscaras devido à pandemia. Era para estarmos usando também, mas nos livramos da nossa tão logo localizei um frigobar muito bem abastecido na sala de estar

e me servi de uma taça de vinho gelado, algo que não experimentava desde que deixei o meu país.

Jawad decidiu me acompanhar na bebida e foi ali que passamos as cinco horas de voo, bebendo, jogando conversa fora e trocando alguns amassos.

Pouco antes da aterrissagem, ele apertou um botão para se comunicar com um membro da tripulação, pedindo que servissem o almoço e veio um verdadeiro banquete, que saboreamos ao som de uma música suave romântica e acompanhado do vinho.

Ao aterrissarmos em Roma, uma nova comitiva, com limusine e outros carros menores com seguranças, nos esperava e nos conduziu até o luxuoso hotel, onde também já éramos aguardados.

Eu nunca tinha visto tamanha bajulação quanto na forma como as pessoas tratavam Jawad, por onde passávamos. O gerente do hotel veio nos receber pessoalmente. Era tanta adulação que eu tinha a impressão de que, a qualquer momento, alguém lamberia o chão que ele pisava.

Os seguranças nos acompanharam até a porta da luxuosa suíte, quando finalmente conseguimos ficar novamente sozinhos. Explorando o recinto, no qual o requinte estava presente em cada mínimo detalhe, desde as cobertas da cama até as obras de artes milionárias

penduradas nas paredes, fui até a sacada e contemplei a vista do Panteão, diante do qual os poucos turistas passeavam despreocupados, apreciando o sol brilhante e a temperatura amena.

Ao observar os jovens casais de namorados andando de mãos dadas, tirando fotos, sorrindo e parecendo felizes, de súbito fui invadida por uma profusão de emoções dúbias.

Ao mesmo tempo em que senti certa inveja, desejando estar no lugar deles, passeando livremente ao lado de alguém que eu amava, sem qualquer compromisso a cumprir a não ser aproveitar a tranquilidade do momento, olhei para a minha vida e me dei conta de que, apesar da bizarrice das circunstâncias nas quais se encontrava minha realidade, eu me sentia feliz.

Não existia outro lugar no mundo onde eu quisesse estar, que não na companhia de Jawad e isso era assustador, pois olhando de um ponto de vista prático e racional, eu não passava de uma prisioneira dele, embora nem de longe me sentisse assim, pelo contrário. Ao lado daquele homem, eu tinha a sensação de que finalmente encontrara meu lugar no mundo, de que não precisava de mais nada, nem de ninguém.

Me perguntei quando aquilo havia mudado, quando eu havia esquecido suas ameaças, o fato de me manter

cativa em seu palácio e não consegui me lembrar. Era como se as coisas nunca tivessem sido diferentes do que eram agora, como se eu estivesse exatamente onde deveria.

Continuei observando os casais na rua de paralelepípedos e, de repente, comecei a sonhar em estar perambulando por ali, como eles, mas ao lado de Jawad, de mãos dadas com o meu príncipe, o que seria impossível, pois não podíamos dar um passo sem que a multidão de seguranças nos seguisse e seria terrivelmente constrangedor sair por aí com aqueles árabes mal-encarados no nosso encalço.

Eu estava parada, observando tudo em volta, suspirando com a atmosfera de romantismo que envolvia a cidade, quando Jawad veio por trás de mim e me abraçou, seu corpo grande e forte colando-se às minhas costas, seu rosto afundando em meus cabelos, no alto da minha cabeça, seu calor delicioso me alcançando, fazendo tudo se agitar em meu íntimo, o coração batendo mais depressa no peito, o sangue fluindo mais quente nas veias.

— Gostando do que vê? — indagou ele, com sua voz grossa, sussurrada no meu ouvido, fazendo cada pelo do meu corpo arrepiar.

— Estava aqui sonhando em estar no lugar deles. — Gesticulei na direção dos turistas lá embaixo. — Em sair

por aí de mãos dadas com você, tirar *selfies* engraçadas, ver o monumento de perto. Mas acho que isso seria impossível.

— Nada é impossível quando se trata de satisfazer um desejo seu.

Surpreendida por suas palavras, virei-me de frente para ele e quase automaticamente, em um gesto já mecanizado, enlacei seu pescoço com meus braços, aconcheguei meu corpo todo ao seu, enquanto meus olhos encontravam suas piscinas verde-claras.

— Está me dizendo que seria capaz de sair por aí de mãos dadas comigo, como se fôssemos dois simples turistas, Alteza?

— Eu adoro quando você me chama de Alteza. — Ele deslizou a mão até a altura da minha bunda e a apertou, pressionando meu ventre contra a sua ereção. — E sim. Eu seria capaz de qualquer coisa por você.

— Qualquer coisa é um termo muito extenso, repleto de possibilidades.

— Se você quer passear por aí de mãos dadas, como se fôssemos um casal de namorados, posso providenciar.

— Mas com aquele bando de seguranças atrás de nós não vai ter graça. Só iremos passar vexame.

— Eles podem ficar nos olhando de longe. Temos a tarde inteira livres. Minha reunião será apenas à noite.

Processei suas palavras e não consegui conter o sorriso que fez meus lábios se dobrarem.

— Nesse caso, vamos lá.

Jawad deu alguns telefonemas e logo araras com roupas masculinas e femininas foram trazidas para o aposento, em sua maioria trajes esportivos e elegantes. Pouco tempo depois estávamos deixando o hotel de mãos dadas, caminhando pela rua de pedras, nos misturando aos demais turistas sem atrairmos a atenção de ninguém, visto que os seguranças ficaram para trás, embora eu soubesse que não se afastariam definitivamente, apenas nos observavam de longe.

Eu mal conseguia apreciar a vista exuberante do Panteão, meus olhos concentrados em Jawad, no quanto ele estava irresistivelmente lindo e charmoso, parecendo um cara descolado americano, usando bermuda jeans, uma camiseta de malha verde-água, que ressaltava os músculos bem definidos do seu peitoral e destacava a cor dos seus olhos, tênis e um boné de aba longo que semiocultava seu rosto.

Como um simples casal de namorados, passeamos ao ar livre, apreciando a temperatura muito mais amena que em Riad; visitamos o interior do grande clássico da

arquitetura; vagamos pelas ruas em volta, contemplando as construções pitorescas; tiramos *selfies*; nos divertimos.

Estávamos voltando para o hotel, já no final da tarde, quando passamos em frente a dois policiais. Me dei conta de que seria a oportunidade perfeita para pedir ajuda, dizer que era uma refém e assim conseguir voltar para casa, afinal os seguranças estavam longe demais, até chegarem a nós eu já estaria livre e segura. Eu teria conseguido fugir se tivesse tentado, mas não era aquilo que eu queria.

Estava feliz ao lado de Jawad, como jamais fui feliz em minha vida e já não via sentido em abrir mão dessa felicidade. Pelo menos, não enquanto ele fosse solteiro, já que depois do seu casamento certamente minha opinião mudaria. Então eu daria um jeito de o deixar, mesmo que com isto deixasse também uma parte de mim para trás. Mas não queria pensar nisso agora.

De volta ao hotel, Jawad me avisou que seu compromisso se daria em um evento elegante e sofisticado. Perguntou se eu precisaria de uma *personal stylist* para me ajudar a me produzir, mas acabei recusando, pois havia trazido alguns dos vestidos de grife que comprara em Riad, assim como maquiagem e produtos para o cabelo.

Não via a hora de me arrumar como queria, sem ser obrigada a usar os trajes típicos árabes sufocantes, embora fosse necessário usar máscara nos lugares onde havia muita gente.

Optei por um vestido Oscar de La Renta, nude, com o decote em tule rendado com fios prateados, o tubinho colado e saia longa com uma fenda que se abria até o ápice da coxa. Definitivamente era um modelo que não podia ser usado na Arábia Saudita, devido à sensualidade que revelava. Fiz uma maquiagem caprichada e prendi os cabelos em um penteado que mesclava o despojado e o clássico. Completei o traje com um par de brincos de diamantes com o qual Jawad me presenteara há alguns dias e estava pronta.

Percebi que valeu a pena todo o trabalho da produção quando deixei o closet e o encontrei no quarto. Seus olhos cobiçosos me devoraram de cima a baixo, expressando aquele brilho de luxúria que me deixava sem chão.

Estava acomodado em um sofá, bebericando uísque de um copo, usando seus trajes tipicamente mulçumanos e levantou-se quando me viu entrar.

— Você está verdadeiramente linda, mas não quero outros homens desejando o que é meu. É melhor escolher um vestido mais comportado — disse ele.

Eu não queria trocar o vestido, então aproximei-me e passei os braços em volta do seu pescoço, colando meu corpo ao seu, sentindo-o reagir de imediato, toda a sua atenção concentrada em mim.

— Eles podem olhar, mas nunca me terão, porque sou toda sua — falei.

— Diz isso de novo — disse ele, passando os braços em volta da minha cintura.

— Eu sou única e inteiramente sua, Jawad Nazir, e jamais pertencerei a outro homem, não importa o quanto olhem para mim.

Ele inclinou sua cabeça e beijou suavemente meus lábios, causando um verdadeiro rebuliço de sensações dentro de mim.

— Você sabe como me convencer de qualquer coisa, não é? — questionou ele.

— É você quem está dizendo.

— Pelo menos use um casaco, ou uma echarpe para cobrir esse decote. Eu realmente não quero ter que arrancar os olhos de metade da população masculina da cidade.

Apesar de bizarro, seu comentário me fez sorrir e concordei em usar a echarpe antes de deixarmos a suíte.

O evento acontecia em um restaurante na cobertura de um hotel luxuoso, ao ar livre. Talvez devido ao surto de

vírus que acontecia, principalmente na Europa, o lugar parecia ter sido improvisado para receber os convidados sem que houvesse a necessidade de estarmos aglomerados em um ambiente fechado.

No amplo espaço, as mesas estavam organizadas com cerca de um metro de distância umas das outras e mais adiante havia um pequeno palco que certamente seria usado para o discurso dos líderes presentes.

Fomos recebidos por uma elegante mulher, que reverenciou Jawad respeitosamente e nos conduziu até nossa mesa. A maioria dos convidados já havia chegado e todos usavam máscaras protetoras.

Tão logo nos acomodamos, vários líderes se aproximaram para cumprimentar Jawad, inclusive o presidente italiano Sergio Mattarella e a prefeita de Roma, Virginia Raggi.

Os últimos a se aproximarem, foi um casal cujo marido se apresentava como Ministro dos Transportes da Itália. Contudo, o que atraiu a minha atenção foi a forma como a esposa, uma loira deslumbrante, com cerca de um metro e oitenta de altura, usando um vestido que revelava cada curva do seu corpo perfeito, cumprimentou Jawad. Após prestar reverência, como todos, ela simplesmente o abraçou, como se fossem íntimos. Depois ambos tiveram uma longa conversa, bem próximos um ao outro, olhando-

se nos olhos, o que me provocou uma sensação ruim, uma vontade enorme de sumir dali.

E o pior era que seu acompanhante, que se apresentara como marido, parecia não se importar com toda aquela intimidade entre ambos. Enquanto os dois praticamente se comiam com os olhos, ficava lá parado como um paspalho, com as mãos nos bolsos, tentando puxar assunto comigo, só que com um inglês tão péssimo que eu mal conseguia entender o que dizia.

Fiquei perplexa, e ainda mais abalada, quando Jawad, quebrando todas as regras de distanciamento, impostas devido à pandemia, solicitou a um garçom que trouxesse cadeiras para que eles se sentassem à nossa mesa. A partir de então, não faltou mais assunto entre ele e aquela mulher, que se acomodara do outro lado da mesa, à sua frente, enquanto o marido se sentava diante de mim. Como falavam em italiano, eu não entendia ao certo o que diziam, mas pelos sorrisos de ambos e a troca intensa de olhares, era possível notar o quanto o assunto estava interessante e foi então que lamentei não ter a liberdade de ir e vir, ou teria ido embora dali.

Eu tinha quase certeza de que existia um caso entre Jawad e aquela mulher e isso estava acabando comigo, me desestabilizando, como eu jamais imaginei que ficaria por causa de um homem.

Minha nossa! O que era tudo isso que eu sentia por ele?

A precaução das máscaras usadas pelas pessoas durou apenas até os garçons começarem a circular distribuindo taças de champanhe. Logo a maioria as tirou para degustar da bebida, que era servida junto com petiscos de caranguejo.

E comigo não foi diferente. Logo me livrei da pequena peça, a fim de saborear a bebida gelada, ingerindo uma taça atrás da outra, nervosa pelo excesso de atenção que Jawad dava àquela mulher.

— Vocês se conhecem há muito tempo? — indaguei, umas três taças de champanhe depois.

— Há uns cinco anos — respondeu Jawad, dando um gole na sua bebida.

— Não desgrudamos do outro, sempre que ele vem à Itália. — A loira fez questão de acrescentar, como se percebesse o quanto aquela intimidade toda entre eles me incomodava e quisesse atiçar ainda mais esse incômodo. — Não existe companhia melhor para uma boa farra — emendou.

— Acredito — falei, com amargura.

— Um dos meus clubes fica aqui em Roma. Podemos ir todos para lá depois do evento. Vai ser incrível. — Percebi um toque de malícia no tom de sua voz.

— Não podemos. Já temos compromisso para quando sairmos daqui — Jawad apressou-se em dizer e a curiosidade aflorou dentro de mim.

— Que tipo de clube você tem?

— Clube de swing. Para as pessoas mais sofisticadas e livres do planeta.

Demorei um instante para processar a informação e só então compreendi por que o marido dela se mostrava tão tranquilo diante da intimidade que ambos demonstravam ter. Estavam acostumados a fazer sexo todos juntos, várias pessoas ao mesmo tempo. Obviamente aquele homem já assistira várias vezes a mulher dele sendo comida pelo príncipe, talvez os dois transavam com ela ao mesmo tempo, ou junto com outras pessoas.

A situação me pareceu tão bizarra que comecei a rir descontroladamente.

— Me desculpem. Acho que o champanhe está começando a fazer efeito — falei, com meus olhos lacrimejando pelas gargalhadas.

— Você já esteve em um lugar como esse? — o marido dela indagou, com aquele inglês quase incompreensível.

— Não. Mas adoraria conhecer.

— De jeito nenhum. Tire essa ideia da cabeça — Jawad interveio, com a voz tão áspera que silenciou os outros dois. Um clima tenso se instalou no ambiente, com todos os olhares se voltando para ele.

— Na verdade, sempre tive curiosidade em ir num lugar assim. Quero ir com eles depois do evento — falei.

— Eu já disse que não, Jasmine. Não insista! — vociferou o príncipe ainda mais alto e, enquanto o casal o observava incrédulo, eu só queria sorrir, porém me continha.

CAPÍTULO 40

Jasmine

O efeito do champanhe devia realmente estar influenciando-me, pois nunca me passou pela cabeça ir em uma casa de troca de casais, deixar qualquer estranho me tocar, ver a pessoa que estava comigo tocando outra mulher. Contudo, naquele instante a ideia parecia surpreendentemente divertida.

O momento que se seguiu foi de um silêncio tenso, até que a loira voltou a falar, desta vez dirigindo-se a mim.

— Li os artigos que você publicou no *New York Times*. Você escreve muito bem.

— Obrigada. Escrever é o que mais amo fazer.

— Qual será o tema da próxima publicação?

— Os acontecimentos recentes em Al Saud. O mundo precisa entender que as coisas não são exatamente como parecem.

— Jawad teve muita sorte em conhecer você. Uma pessoa capaz de influenciar positivamente a opinião pública é essencial na vida de um líder.

— Não é preciso muito esforço para convencer as pessoas a vê-lo com bons olhos.

— Além de inteligente e justa, você também é muito linda. O príncipe é realmente um homem de sorte.

Era impressão minha, ou ela estava me paquerando?

— Com certeza ele é.

Não era impressão, ela estava realmente me paquerando. Continuou lançando-me olhares insinuantes enquanto conversávamos, talvez a fim de me convencer a acompanhá-los até a casa de swing, para que, com isto, Jawad fosse também. Estava verdadeiramente a fim de dar para ele.

Algum tempo depois, alguém subiu ao palco e usou um microfone para anunciar o início do evento. O primeiro a discursar foi Sergio Mattarella, que falou sobre a pandemia que acontecia, as medidas de prevenção que precisavam ser tomadas, os recursos dos quais necessitava para que o povo não passasse necessidades enquanto acontecia o isolamento social e a economia assumia um ritmo mais lento.

Depois foi a vez da prefeita de Roma falar, quando ressaltou a necessidade de se investir em pesquisas para que uma vacina fosse criada o quanto antes.

Era assustador quando eles falavam sobre os números de pessoas hospitalizadas, a carência de equipamentos hospitalares e medicamentos. Por mais que

eu estivesse inteirada do assunto, por meio dos noticiários na internet, ver o desespero dos líderes, sem saber o que fazer diante de uma situação tão inesperada, era desolador.

Mais algumas pessoas discursaram e então foi a vez de Jawad. Mal consegui respirar enquanto ele andava por entre as mesas e subia no palco, usando seus trajes típicos, a túnica longa esvoaçando com o vento. Cada minúsculo movimento que ele fazia, exalava um charme irresistível, devido àquela aura de poder, de segurança e soberania que sempre o envolvia. Não existia criatura mais atraente na face da Terra do que aquele homem. Quanto mais eu o olhava, mais o desejava. Uma pressão estranha invadiu meu peito, fazendo meu coração se agitar.

Jawad pegou o microfone e fez um belo discurso. Embora a Arábia Saudita também estivesse acometida pelo vírus, as mortes não eram tão numerosas, devido ao clima quente favorecer o sistema imunológico das pessoas, algo crucial para a sobrevivência à doença provocada pelo patógeno. Portanto, em solidariedade aos outros países, ele faria uma doação milionária em insumos hospitalares, medicamentos e equipamentos.

Ao encerrar sua fala, ele deixou o palco e voltou para a mesa sob os aplausos dos demais presentes.

O evento continuou acontecendo com discursos de líderes e debates sobre medidas a serem tomadas, enquanto eu continuava bebendo o champanhe e prestando atenção no que diziam.

Após o surgimento do assunto sobre a casa de swing, Jawad já não parecia tão empolgado com a companhia da loira. Durante todo o resto da noite mostrou-se mais sério e calado.

Quando por fim o encontro se deu por encerrado e nos despedimos de todos, o assunto voltou a ser mencionado. Estávamos a caminho da saída, andando ao lado do casal que nos fez companhia durante as horas anteriores, com Jawad segurando minha mão de forma possessiva, quando a loira voltou a nos convidar.

— Vocês têm certeza de que não querem vir com a gente? O clube de Roma é um dos mais sofisticados, com muita gente bonita. Vai ser tão divertido todos nós lá. Vamos.

— É, Jawad, vai ser divertido todos nós amontoados em uma banheira de espuma. Vamos? — falei, lembrando-me da ocasião em que o flagrei na banheira com duas mulheres e, por alguma razão, soltei uma gargalhada.

Puta merda! Eu estava bêbada.

— Vai ficar para uma próxima oportunidade. Hoje não — finalizou ele, seco e firme, enquanto apertava minha

mão com tanta força, que quase a machucava.

— Que pena. — A loira se voltou para mim, com seus olhos azuis me fuzilando com intensidade. — Espero ver você novamente, Jasmine, e pode ter certeza de que continuarei lendo seus artigos.

— Nos vemos por aí. E na próxima, quem sabe, consigamos esticar a saidinha até um dos clubes.

— É o que espero.

Todos nos despedimos e seguimos para o estacionamento, onde a limusine e a comitiva real nos esperavam.

Durante o percurso de volta, Jawad estava calado até demais. Sentado à minha frente, no banco lateral do luxuoso veículo, ele encarava-me com aquela ruga no meio da testa, os olhos carregados de irritação. Tentei ignorá-lo, mas foi impossível permanecer calada em meio ao clima de tensão que nos envolvia.

— Você está bravo com alguma coisa? — indaguei.

Ele não respondeu, apenas continuou me encarando, com a mandíbula trincada, a fisionomia fechada.

— Quer saber? Quem deveria estar zangada aqui era eu, por você ter passado a noite toda flertando com aquela mulher, bem na minha frente.

— Você realmente cogitou ir a uma casa de swing?

Fiquei surpresa com a intensidade da raiva mal contida no tom de sua voz.

— E por que não? Você deve estar acostumado a fazer esse tipo de coisa. Aposto que, se eu não estivesse aqui esta noite, teria ido fazer suruba com aqueles dois. Com ela você pode, mas comigo não! — disparei, irritada.

— Eu posso fazer isso com qualquer uma. Mas não com você. — Seus olhos se tornaram mais intensos enquanto fixavam os meus. — Você é minha e não consigo imaginar outra pessoa colocando as mãos em você, seja homem ou mulher. Será que não entende isso?

O efeito do champanhe no meu organismo embaralhava meus pensamentos, atiçando uma irritação infundada em meu interior.

— Então quer dizer que, se eu não estivesse aqui, você teria mesmo ido com eles? — Sem esperar resposta, continuei falando: — Quer dizer que, quando eu não estou por perto, você sai com outras pessoas? É isso mesmo? Você continua recebendo várias mulheres no seu quarto?

— Jasmine, não viaja na maionese. Eu te dei minha palavra de que não teria outra mulher a não ser você e estou cumprindo. Sou um homem de palavra e mesmo que não fosse eu cumpriria, simplesmente porque não tenho escolha. Eu não quero e nem consigo desejar outra mulher que não seja você.

Com minhas reações exacerbadas devido à embriaguez, quase pulei no colo dele ao ouvir aquelas palavras. No entanto, me detive quando percebi que a limusine parava e não era no estacionamento do hotel, mas em um heliporto, onde um helicóptero, cercado por seguranças, nos aguardava.

— Onde estamos? Não vamos para o hotel?

— Não. Vamos para outro lugar.

— Que lugar?

— Você vai ver.

— E nossas roupas?

— Já foram levadas.

Ainda com sua fisionomia endurecida, aquela ruga no meio da testa, como se eu tivesse xingado sua mãe, ao invés de apenas cogitar ir a um clube de swing, ele segurou firme em minha mão e deixamos o veículo.

Sob a claridade forte dos postes, nos aproximamos da sofisticada aeronave e Jawad trocou algumas palavras com o piloto, que nos aguardava do lado de fora, antes de embarcarmos.

Logo estávamos sobrevoando Roma, as luzes brilhantes da cidade pareciam um tapete luminoso sob nossos pés, o qual foi desaparecendo à medida que nos afastávamos, até que nada restasse lá embaixo além da negra escuridão.

Por mais que não fosse meu primeiro voo de helicóptero, como sempre me senti nervosa, amedrontada, o que foi amenizado quando Jawad segurou firme em minha mão, transmitindo-me uma gostosa sensação de segurança.

Não foi um voo demorado. Logo estávamos pousando no que parecia um único ponto de luz em meio à vasta penumbra, o qual percebi que se tratava de uma embarcação apenas depois da aterrissagem.

Ao saltarmos, Jawad trocou mais algumas palavras com o piloto e descemos, enquanto este voltava para o helicóptero, levantando voo em seguida e desaparecendo rapidamente do nosso campo de visão.

Olhando em volta constatei que não estávamos em uma embarcação qualquer. Tratava-se de um iate enorme, todo iluminado, ancorado em algum lugar de onde podíamos ter, muito distante, um pequeno vislumbre das luzes da costa.

Do heliponto era possível enxergar a piscina do deque, que mais se parecia com um clube recreativo, repleto de espreguiçadeiras, mesas com cadeiras, banheira de hidromassagem e até um ofurô.

— Nossa! É um lindo iate — comentei, realmente impressionada.

— Gostaria de conhecer um pouco mais? — indagou Jawad.

Apesar do tom de voz gentil, ele continuava com o semblante carregado, endurecido, as sobrancelhas unidas no meio da testa.

— Claro.

Concordei e saímos em excursão pelo iate, que, segundo Jawad, tinha o tamanho de um campo de futebol profissional. Composto por três andares, possuía todas as dependências de uma moradia de luxo, além de um submarino, parede para escalada, cassino e mais duas piscinas.

O percorremos durante algum tempo e mesmo assim não conseguimos olhá-lo todo. De volta ao deck, onde a brisa fresca da noite nos agraciava, o príncipe nos serviu de mais champanhe e fiquei surpresa que não tivesse um garçom ali para fazer isto, já que ele tinha empregados para tudo.

— Estamos aqui sozinhos? — indaguei.

— Eu não queria um bando de marmanjo olhando para você enquanto pega sol. Me dou o direito de reservar esse prazer somente para mim. Mas os seguranças estão em outro barco, não muito longe daqui.

Estávamos no convés luxuoso, recostados à amurada de aço, diante da vista esplendorosa do mar

tranquilo. Ele continuava com aquela expressão fechada, como se algo ainda o incomodasse.

— Você ainda está chateado por causa daquela história do clube de swing?

Jawad fixou seus olhos nos meus e sua expressão denunciou que eu havia tocado no ponto certo.

— O que exatamente você pretendia indo lá? Ia deixar outro homem te foder? — disparou, rispidamente, com a raiva faiscando no olhar.

— Não exatamente. Eu só estava curiosa. Nunca fui em um lugar assim.

— As pessoas que estão lá iam achar que tinham o direito de te tocar.

Eu jamais permitiria que um desconhecido colocasse as mãos em mim, não importando em que lugar estivéssemos. No entanto, toda aquela sua irritação estava começando a me divertir. Deixá-lo ainda mais enfezado seria uma forma de puni-lo por ter flertado com aquela loira a noite toda, sem se importar com o quanto me magoava.

— Na verdade, não seria tão ruim uma aventura diferente. — Virei-me de frente para ele, encarando-o com toda a malícia que eu conseguia representar. — Já imaginou, eu, você e aquela loira em uma cama? — Vi a raiva se intensificando na expressão do seu olhar, suas narinas se dilatando para puxar o ar, mas nem assim me

intimidei. — Já vi isso em um filme pornô. Parece divertido. Imagina só a cena: enquanto ela chupa minha boceta, você a come por trás. Depois nós duas chupamos seu pau juntas, espaço para duas bocas não ia faltar. Depois, quem sabe, ela se senta no seu rosto, enquanto eu monto no seu pau. Ia ser uma farra das grandes.

— Para de falar besteira! Você é minha e ninguém toca no que é meu. Nem homem, nem mulher.

Provavelmente estimulada pelo efeito do champanhe, fui ainda mais longe.

— Talvez, quem sabe, o primeiro-ministro pudesse entrar na brincadeira e, enquanto eu chupo seu pau, ele me...

Não tive tempo de completar a frase, antes disso a mão grande de Jawad se fechou em torno do meu braço e fui bruscamente arrastada para o interior da embarcação, com meu coração disparando de medo ao me dar conta do perigo no qual eu mesma havia me colocado.

— O que você vai fazer? — indaguei, assustada.

Jawad não respondeu, continuou me arrastando para dentro, até que estávamos atravessando o corredor onde ficavam as luxuosas cabines.

— Eu só estava brincando. Não ia deixar outra pessoa colocar as mãos em mim, principalmente aquela

loira insossa que deu mole para você durante todo o evento, mesmo o marido dela estando do lado.

Com movimentos bruscos, ele abriu a porta de uma das cabines e entramos. Não era uma suíte como as outras que eu tinha visto. Esta se parecia com um quarto de motel, com uma cama redonda se destacando ao centro, um sofá grande cor de vinho ao lado, papéis de parede escuros nas paredes, alguns armários de vidro contendo brinquedos eróticos, um frigobar e um espelho enorme no teto.

Em um dos armários, vi chicotes, correntes e algemas e o pavor se expandiu dentro de mim.

— Que lugar é esse, Jawad? — indaguei, em pânico. — Eu jamais te perdoarei se me machucar ou maltratar, portanto, não faça nada de que possa se arrepender depois.

— Você gosta de brincar, não é, Jasmine? Eu também sei brincar.

— Do que você está falando?

Nervosa, mas ao mesmo tempo cheia de uma expectativa ansiosa, eu recuava, enquanto ele se aproximava. Até que minhas pernas encontraram a borda da cama e caí sentada sobre ela.

— Você quer transar com duas pessoas ao mesmo tempo? Isso eu jamais permitirei, mas posso te fazer sentir

dois paus dentro de você ao mesmo tempo.

Se fosse qualquer outra pessoa me dizendo aquilo, eu teria caído na gargalhada até perder o fôlego, mas, partindo de Jawad, tudo o que consegui foi experimentar uma violenta corrente de excitação que se espalhou pelo meu corpo como fogo se espalhando sobre a gasolina.

— Tire a roupa! — ordenou ele.

Hesitei, ainda temerosa.

— Você curte essas coisas de BDSM, não é?

— Eu curto tudo que tem a ver com sexo, principalmente se for com você. Agora obedeça e dispa-se. — Ele se aproximou mais um passo, me olhando de cima, com seus olhos brilhantes fixos em mim. — Agora, Jasmine!

Completou a frase com um tom de voz mais rouco, que reverberou por todo o meu corpo, intensificando a corrente de excitação que me percorria. Como se meu organismo reagisse à sua ordem, fiquei de pé, ainda hesitante.

— Promete que não vai me machucar.

— Eu jamais faria uma coisa dessa.

Ainda hesitante, porém tomada por uma expectativa crescente, despi-me do vestido e depois tirei a calcinha e o sutiã minúsculos, ficando completamente nua. Seus olhos

lindos percorreram-me de cima a baixo, com a mais intensa luxúria refletindo-se em sua expressão.

Eliminando a distância que nos separava, Jawad segurou-me pela nuca e puxou-me para si. Sua boca gostosa se apossou da minha, com sofreguidão, os lábios pressionaram forte os meus, a língua me invadiu, resvalando a minha, provocando um verdadeiro incêndio em minhas entranhas, tudo se tornou mais sensível e quente e o bico dos meus seios enrijeceram de encontro ao seu peito largo.

Sua mão deslizou pela minha pele, explorando-me em cada detalhe, até se infiltrar entre minhas pernas. Dois dedos mergulharam entre meus lábios vaginais, massageando lentamente minha carne molhada, fazendo-me abrir mais as pernas. Deixei escapar um arquejo.

Com movimentos habilidosos, Jawad pegou-me nos braços e deitou-me cuidadosamente na cama. Foi até um dos armários e voltou trazendo algumas braçadeiras e uma barra de extensão, o que fez com que a ansiedade crescesse dentro de mim, o coração se agitasse, tomada por uma expectativa impaciente.

Sem uma palavra, ele subiu na cama, o colchão afundou com seu peso, virou-me de bruços e puxou meus quadris para cima. Em seguida, puxou meus braços por baixo do meu corpo e usou as braçadeiras para prender

meus pulsos aos meus tornozelos, deixando-me completamente imobilizada, com a bunda para cima, os ombros apoiados no colchão.

Não era a posição mais confortável do mundo e, como se não bastasse, ele ainda prendeu a barra extensora aos meus tornozelos, de modo que, a cada minúsculo movimento que eu fazia, ela se esticava, deixando minhas pernas cada vez mais abertas, meu sexo completamente exposto ao seu olhar.

CAPÍTULO 41

Jawad

Fascinado, eu não conseguia desviar os olhos de Jasmine toda amarrada sobre a cama, completamente nua, seus cabelos negros espalhados sobre os lençóis, seus pulsos unidos aos seus tornozelos, as pernas abertas pela barra de aço, seu sexo lindo e molhado todo aberto diante de mim, à minha disposição, para fazer o que quisesse.

Raiva e tesão se misturavam em meu ser, em um turbilhão conflituoso. Minha vontade era de pegar um daqueles chicotes e surrar aquela bunda gostosa, até deixar sua pele marcada, para que ela finalmente aprendesse a nunca mais me confrontar. No entanto, eu seria incapaz de machucá-la, não apenas porque havia prometido, mas porque estava além da minha capacidade. Não ela.

Além do mais, não importava quantas surras eu lhe desse, ela jamais aprenderia. Nunca deixaria de me afrontar e o mais espantoso era que eu amava isso nela, pois a tornava diferente de todas as mulheres que passaram pela minha vida.

Eu a queria de todas as formas possíveis. Não importava o que ela dissesse ou fizesse, esse desejo

jamais se esgotava. Eu a queria tanto que chegava a doer por dentro imaginar outra pessoa a tocando, colocando a mão no que me pertencia e o fato de ela ter ao menos cogitado ir naquele maldito clube de suruba tinha me deixado furioso. Eu faria com que pagasse pela afronta. Ah, se faria!

Dominado pela miríade de fúria e desejo, despi-me de todas as roupas e subi na cama, percebendo seu nervosismo aflorado pela minha proximidade. Colocando-me atrás dela, debrucei-me sobre suas costas e levei as mãos aos seios firmes e redondos, massageando-os ao mesmo tempo em que espalhava mordidas e lambidas sobre suas costas.

Como um faminto que jamais se saciava, fui descendo minha boca, provando cada centímetro da sua pele, até que enterrei meu rosto entre suas pernas abertas, aspirando seu cheiro delicioso, inebriante, antes de começar a chupar a bocetinha desprovida de pelos, deliciosamente molhada.

Com seu rosto apoiado no emaranhado de lençóis sobre o colchão, Jasmine gemeu alto quando comecei a mover a ponta da minha língua sobre seu clitóris, estimulando-o freneticamente, sentindo-o intumescer. Levei a língua para a sua entrada lambuzada e desferi uma palmada estalada em sua nádega enquanto a penetrava,

extasiado com o sabor da sua excitação. Voltei a língua para o pontinho sensível e dei uma palmada do outro lado da bunda, vendo-a vibrar sob meu toque.

Continuei alternando minhas lambidas entre o clitóris e a sua entrada molhada, ao mesmo tempo em que dava palmadas em sua bunda, até que Jasmine enrijeceu toda, anunciando a chegada do gozo, então parei e me afastei.

— Acha que vai ser tão fácil assim? Que vai alcançar seu prazer tão facilmente depois de dizer que daria a boceta para outro homem? — questionei, deixando claro o tom de ameaça.

— Ah, Jawad, o que você vai fazer?

Amarrada e imobilizada sobre a cama, com a bunda para cima e o rosto contra o colchão, ela virou o rosto na minha direção, tentando ver o que eu fazia enquanto andava pelo quarto.

Vê-la naquela posição, submissa a mim, completamente entregue à minha devassidão, me excitava irremediavelmente. No entanto, perceber que, apesar do medo, ela optava por confiar em mim e se entregar, era o que realmente me levava à perdição.

— Você queria dois paus dentro do seu corpo ao mesmo tempo, Jasmine. É isso que vou fazer.

Vi seu corpo vibrar em reação às minhas palavras e isso só me incentivou a continuar.

Fui até um dos armários e escolhi um vibrador de tamanho mediano, voltando para a cama com o objeto na mão. Seus olhos, carregados de perplexidade e luxúria, acompanharam meus movimentos.

Colocando-me novamente atrás dela, fiz com que a barra de aço que prendia seus tornozelos se esticasse, abrindo ainda mais suas pernas. Dei umas pinceladas com a cabeça do meu pau na sua entrada lambuzada, liguei o vibrador e fui introduzindo-o vagarosamente na sua vagina, o objeto a invadiu enquanto seus gemidos ecoavam altos pela cabine.

Deixando o objeto enterrado nela até o final, segurei meu pau pela base e esfreguei a glande sobre sua entrada menor, ameaçando me enterrar ali, com seus músculos enrijecendo de tensão.

— Era isso que você queria? Dois paus dentro de você? — indaguei, usando um pouco de saliva para lubrificar o pequeno orifício rosado.

— Jawad... Ahhh...

Antes que ela tivesse tempo de concluir a frase, arremeti meus quadris contra seu corpo e entrei de uma vez. Seu grito agudo ecoou pelo aposento. Suas tentativas de escapar de mim serviram apenas para que a barra extensora se esticasse e a abrisse ainda mais.

Puxei os quadris e me arremeti novamente, o buraquinho minúsculo me apertou deliciosamente, me enlouquecendo. Tornei a puxar e a entrar, até não conseguir mais parar e os movimentos de vai e vem se tornaram incessantes, ininterruptos.

O corpo de Jasmine, aos poucos, foi se acostumando com a invasão, aceitando as estocadas bruscas à medida em que seus gemidos se tornavam mais altos e descontrolados e ela tentava se mover contra mim, buscando-me, pedindo por mais, e lhe dei, penetrando-a fundo e firme, extasiado com a forma como ela reagia à dupla penetração, parecendo enlouquecida. Seu ânus soltava espasmos em volta da minha rigidez, deixando-me ainda mais doido de tesão, verdadeiramente viciado.

O dia começava a amanhecer quando finalmente conseguimos parar e adormecemos abraçados, completamente nus, suados e saciados.

***

O clima da costa da Itália era realmente espetacular. Por mais que fizesse sol todos os dias, nunca estava quente demais como na Arábia Saudita. Havia sempre uma brisa fresca soprando, era sempre confortável e prazeroso estar ao ar livre.

Acomodado em uma espreguiçadeira em um dos deques do iate, com meu computador aberto sobre minhas pernas, eu deveria estar respondendo a pilha de e-mails que se acumulavam na minha caixa de entrada, mas não conseguia desviar os olhos de Jasmine, que parecia ter adormecido enquanto pegava de sol.

Estava deitada de bruços em uma espreguiçadeira acolchoada mais adiante, usando apenas a peça de baixo do seu biquíni fio-dental, proporcionando-me uma visão espetacular, incrivelmente excitante, da bunda durinha, do volume do seu sexo oculto pela peça minúscula.

Eu seria capaz de passar a eternidade olhando para ela e jamais me cansaria, pelo contrário, quanto mais a observava, mais eu a queria.

Já fazia sete dias que estávamos no iate, dois dias a mais do que eu havia planejado e ainda assim eu me recusava a ir embora, a voltar para os meus compromissos, para o estresse do dia a dia, para uma rotina em que não tinha Jasmine o tempo todo ao meu lado.

Meu irmão já havia retornado para os Estados Unidos, nós já podíamos voltar para Al Saud. Entretanto, eu estava feliz demais, em paz como em poucas ocasiões da minha vida, para estragar tudo voltando para a minha realidade. Até porque faltavam poucos dias para o meu

casamento e eu não queria ter que magoar Jasmine me unindo em matrimônio com outra mulher, embora isso não pudesse ser evitado.

Se existisse uma forma de tornar isso possível, eu ficaria ali com ela para o resto da vida e esqueceria o mundo além dos limites daquela embarcação. Mas, infelizmente, isso não era viável.

Eu estava perdido em meus pensamentos, de olhos vidrados na minha garota, quando uma revolução pareceu se iniciar no meu celular, com as notificações anunciando a chegada de uma mensagem atrás da outra, sem pausa entre elas.

Ao pegar o aparelho descobri que eram mensagens para Jasmine, da namorada do pai dela. Bastante nervosa, a mulher informava que alguém invadira a casa dele e dera-lhe uma surra, deixando-o muito machucado, a ponto de se encontrar em estado grave no hospital. Dizia também que Jasmine precisava voltar urgentemente para Nova Iorque, pois não tinha condições de cuidar dele sozinha. Nem mesmo podia ir ao hospital, devido a fazer parte do grupo de risco e ele não tinha mais ninguém a não ser a filha.

Quando respondi perguntando quem havia feito aquilo, ela disse que não sabia. Não havia sido assalto, já que não levaram nada e tinham ido atrás dele

especificamente, visto que ela também estava na casa e não foi agredida.

Agradeci intimamente por Jasmine estar dormindo e não ter visto aquelas mensagens. Ela ficaria arrasada quando soubesse que o pai estava tão machucado e o que era pior: ia querer voltar correndo para Nova Iorque para cuidar dele. Nada do que eu fizesse ou dissesse seria capaz de segurá-la em Riad e, então, eu correria o risco de perdê-la.

Droga! Eu não podia deixar que isso acontecesse, precisava dar um jeito nessa situação. Permitir que ela saísse da minha vida estava fora de cogitação.

Antes de ter tempo de pensar direito, excluí todas as mensagens do celular e bloqueei o número da mulher. Como o telefone de Jasmine era clonado, nada apareceria no aparelho dela e até lá eu teria pensado sobre o que fazer para evitar que ela exigisse ir embora da minha vida.

A única forma de evitar sua partida seria trazendo seu pai para Riad, antes que ela soubesse do que aconteceu com ele. Era o que eu faria. Providenciaria para que ele viesse o mais rapidamente possível, em um avião particular, com todo o conforto e segurança necessários. Cuidaria também para que recebesse o melhor tratamento médico no meu país. Assim ela não teria motivo para querer partir.

Com a decisão tomada, liguei para o meu assessor em Nova Iorque e o instruí a providenciar tudo o mais depressa possível. Quando encerrei a ligação, Jasmine ainda dormia tranquilamente sobre a espreguiçadeira, com seu rosto expressando uma serenidade inigualável, sua pele bronzeada brilhando contra os raios de sol.

Só de pensar em perdê-la, uma agonia infinita tomava conta de mim. Esperaria que seu pai estivesse em Riad, bem medicado e confortável, antes de contar-lhe o que aconteceu. Até lá, talvez a polícia já tivesse encontrado o bandido que o atacou.

Mas quem faria uma coisa dessas? Quem teria motivos para dar uma surra em um idoso? De acordo com minhas investigações, o pai de Jasmine era um homem honesto e trabalhador, não vivia metido em encrencas como alguém que se tornava vítima desse tipo de agressão. *O que será que ele fez para se tornar alvo de uma atrocidade tão grande?*

Minha mente fervilhava com as indagações quando de súbito me dei conta de que seu pai não era o verdadeiro alvo, e sim Jasmine. A pessoa que fez aquilo, ou mandou fazer, estava interessada em que ela voltasse correndo para Nova Iorque, prestar assistência ao pai, já que ele não tinha mais ninguém que o fizesse. A pessoa que fez aquilo

agiu com interesse de tirar Jasmine de mim e essa pessoa só podia ser meu irmão.

Quanto mais eu pensava sobre o assunto, mais as coisas ficavam claras em minha mente. Eu conhecia Kalil o suficiente para ter certeza de que ele não era uma pessoa que desistia do que queria. Nada nesse mundo seria capaz de convencê-lo a desistir de Jasmine e, como sempre, ele estava jogando sujo para conseguir tirá-la de mim.

Desgraçado! Para ele seria perfeito que ela estivesse sozinha e desprotegida em Nova Iorque, a cidade onde morava. Só que eu não ia permitir que chegasse perto dela. Teria que me matar antes de conseguir colocar as mãos nela.

Meus pensamentos estavam tão fervorosos, que acabei desferindo um soco do meu punho cerrado no braço da minha espreguiçadeira e com isto Jasmine acordou. Preguiçosamente, virou-se de frente e cravou seus olhos azul-claros em mim.

— Está tudo bem? — indagou, ainda sonolenta.

Eu não a culpava por dormir durante o dia, pois não fazíamos muito isso durante a noite. Passávamos a maior parte do tempo nos braços um do outro, entregues ao desejo insano que crescia mais a cada dia dentro de mim. Na verdade, não tínhamos hora nem lugar para nos amarmos.

Como estávamos sozinhos no iate, bastante distantes da costa, acontecia a qualquer momento do dia, ou da noite, fosse na cozinha, no deck, ou na cama. Com ainda mais frequência depois que ela finalizou o artigo para o jornal, explicando ao mundo o que aconteceu na noite em que Said foi morto, o que amenizou consideravelmente a hostilidade que a população mundial vinha demonstrando contra mim desde que o fato foi noticiado.

— Sim. Foi só uma gaivota que pousou na amurada, mas já foi embora.

— Pensei ter ouvido um barulho.

— Não foi nada. Volte a dormir.

Ao invés de se fecharem, seus olhos lindos, mais claros devido aos raios do sol, desceram vagarosamente pelo meu corpo, oculto apenas por uma sunga de banho, examinando cada detalhe de mim, detendo-se mais demoradamente na trilha de pelos que descia pelo meu abdômen e desaparecia no cós da peça de roupa.

Sem desviar seu olhar de mim, ela mordeu o lábio inferior e aquilo foi o suficiente para fazer meu pau ficar duro como uma pedra.

Como se fosse atraído por um ímã, deixei o computador de lado, peguei um frasco com protetor solar e fui até ela. Sentei-me à cavaleiro nos pés da sua espreguiçadeira e pendurei suas pernas sobre as minhas.

O contato com sua pele quente e macia deixou-me ainda mais excitado, a imagem dos seios firmes, apontando para cima, contribuiu para o crescimento dessa excitação.

— Acho que você precisa de um pouco mais de protetor solar — falei.

— Concordo.

Derramei uma porção do creme branco na palma da minha mão e comecei a espalhar sobre sua pele macia, com movimentos suaves, começando pelos ombros, descendo pelo colo, circundando os seios durinhos. Meus olhos capturavam o desejo que se refletia na sua fisionomia, nas pupilas que se dilatavam, na sua boca se entreabrindo para puxar o ar, no peito subindo e descendo com a respiração ofegante.

Meu corpo reagia a ela com uma ferocidade absurda, cada célula do meu organismo suplicava por estar dentro dela, anunciando o início de algo com o que não pararíamos tão cedo.

***

Passamos mais dois dias no iate. Depois disso, não tive mais como adiar nossa volta para Al Saud, não apenas devido aos milhares de compromissos que eu precisava

cumprir, mas porque meu casamento aconteceria dali a uma semana e eu precisava estar atento aos preparativos.

Se existisse uma forma de me livrar desse maldito matrimônio, eu o faria. No entanto, se desistisse de me casar com Najah em poucos dias meu pai me arranjaria outra noiva. Era perda de tempo tentar.

Minha esperança era que, com o tempo, Jasmine se acostumasse com essa situação e aprendesse a me aceitar mesmo estando casado. O tempo era um excelente remédio e curava tudo, inclusive a mágoa que essa união arranjada lhe provocaria.

Esperei até que estivéssemos em Al Saud, para falar sobre o que aconteceu com seu pai. Apesar das dezenas de recados enviados pelo rei, de que queria falar comigo imediatamente, em seu escritório, fiz questão de acompanhar Jasmine até o seu aposento.

— Jasmine, tenho que te contar uma coisa e preciso que fique calma — falei, tão logo adentramos o quarto.

Ela capturou a gravidade no tom da minha voz e na mesma hora mostrou-se aflita, sobressaltada.

— O que é?

— Sente-se, por favor.

Indiquei-lhe a cadeira e, enquanto ela se sentava, me acomodei na outra, do outro lado da mesinha redonda.

— Fala logo. Estou ficando nervosa.

— Aconteceu uma coisa com seu pai.

— O quê? — Seus olhos arregalaram-se, aterrorizados.

— Alguém invadiu a casa e deu uma surra nele.

— Ai, meu Deus!

Ela cobriu sua boca com as mãos.

— Mas ele está bem agora. Isso aconteceu há dois dias. Não te contei antes para não estragar sua tranquilidade.

Jasmine encarou-me em silêncio por um instante. A raiva mesclou-se à aflição na expressão do seu olhar. Tomada pela tensão, ela se levantou e afastou-se da mesa.

— Como você foi capaz de me esconder uma coisa dessas?

Levantei-me também e me coloquei à sua frente.

— Eu não teria escondido se fosse grave. Mas ele está bem agora. Quase completamente recuperado.

— Preciso vê-lo e nem tente me impedir de sair.

Ela fez menção de se dirigir rumo ao closet.

— Ele está em Riad — anunciei e as palavras a paralisaram.

— O quê? — indagou, voltando a me encarar.

— Isso que você ouviu. Eu providenciei um avião particular, com todo conforto e segurança para ele. Está

sendo cuidado no melhor hospital da cidade, pelo melhor médico que pude encontrar.

Expressando um misto de incredulidade e confusão, ela encarou-me em silêncio por um longo momento, antes de dizer:

— Eu te disse que não queria ele na Arábia Saudita.

— E eu te disse que nada é capaz de me fazer abrir mão de você.

Ela pareceu ainda mais atônita.

— Você o trouxe para que eu não fosse a Nova Iorque?

Por que aquilo parecia tão absurdo para ela? Será que ainda não entendia que nada me faria correr o risco de que um oceano inteiro fosse colocado entre nós?

— É óbvio que sim. Quantas vezes vou ter que repetir que sua vida pertence a mim e nada jamais vai mudar isso?

— Você é louco!

— É o que parece. Só que essa loucura tem uma razão e essa razão é você. — Fiz uma pausa, esperando que ela retrucasse, como sempre. Como não disse nada, inquiri: — Quer ver seu pai agora, ou continuar discutindo?

— Claro que quero vê-lo.

— Não poderei ir ao hospital com você agora, mas os seguranças a acompanharão. O motorista a levará, pois

está muito nervosa para dirigir. Todos já estão avisados, basta você se cobrir e ir encontrá-los. Dahab a acompanhará.

— Espere. Quem fez isso com ele?

— A polícia ainda não sabe. Mas logo vai descobrir.

— Ele concordou em vir para cá?

Hesitei antes de responder:

— Ele estava desacordado. Agora vá. Os seguranças já estão esperando e Dahab também.

Com isto, nos despedimos e me dirigi para a residência principal, para tratar dos milhares de assuntos que me esperavam.

CAPÍTULO 42

Jasmine

Nervosa, eu ainda tremia dos pés à cabeça quando saltei da limusine real diante do hospital onde meu pai estava internado. Acompanhada de Dahab e de dois seguranças, fui até a recepção em busca de informações e minutos depois adentrei o quarto onde ele estava instalado. O encontrei deitado na cama ao centro do aposento, grande e bem mobiliado demais para um quarto de hospital. Ao seu lado, um enfermeiro, usando roupas típicas árabes, o medicava e sorriu para nós quando nos aproximamos.

Uma profusão de aflição, saudade e preocupação revirou-se dentro de mim quando vi seu rosto enrugado coberto por hematomas.

— Pai — chamei, emocionada, colocando-me ao lado do seu leito.

Só então ele soube que era eu, devido ao hijab e o niqab escondendo meu rosto.

— Jasmine, é você?

Com meus olhos marejados de lágrimas, de pura emoção, segurei sua mão entre as minhas, enquanto ouvia

Dahab solicitando aos seguranças e ao enfermeiro que nos deixassem sozinhos.

— Senti tanta saudade — falei, com um fio de voz.

— Eu também senti sua falta e quase morri de preocupação. Mas que roupas são essas que está usando?

— São trajes obrigatórios nesse país.

— Você pode tirar o véu, Jasmine. Todos os homens já saíram — Dahab anunciou e livrei-me das peças sufocantes, revelando meu rosto e meus cabelos.

— Por que as mulheres têm que se cobrir assim na frente dos homens? Eles não conseguem se controlar? — meu pai indagou.

Quase sorri do seu comentário, enquanto inclinava-me sobre ele e o abraçava, tomando cuidado para não o machucar ainda mais.

— São questões culturais e religiosas, pai.

— Nunca vou entender um povo que se deixa guiar pela religião.

Pedi a Dahab que nos deixasse sozinhos e nas horas que se seguiram, enquanto conversávamos, eu menti como nunca tinha mentido na vida. Para não o preocupar, inventei que estava na Arábia Saudita única e exclusivamente por causa do trabalho que realizava junto à família real. Menti ao afirmar que Jawad providenciara para que ele fosse trazido para Riad em nome da sua

segurança, para o proteger de quem fez aquilo e menti sobre voltar para casa assim que meu trabalho ali terminasse, quando a verdade era que eu já estava em casa, que a Arábia Saudita agora era o meu lar. Um lar que, aos poucos, eu aprendia a amar.

Como eu já havia sido informada, meu pai não tinha ideia de quem fez aquilo com ele, não tinha inimigos e não dera motivos a ninguém. Quando perguntei a Jawad, disse que também não fazia ideia, embora algo me dissesse que ele estava mentindo. O que restava, portanto, era esperar que a polícia descobrisse a verdade.

Nos dias que se seguiram, passei a me dividir entre o hospital e o apartamento de Alzira. Passava o tempo todo na companhia do meu pai e da minha melhor amiga, voltando para Al Saud apenas à noite, já que não tinha permissão para ficar fora nesse horário.

O objetivo desse distanciamento era evitar estar presente durante os preparativos para o casamento de Jawad, que iam de vento em popa. A movimentação começava logo pela manhã e desenrolava-se durante o dia todo. Pelo que eu ouvia as funcionárias conversando, seria uma festa das grandes, ainda maior que a do aniversário do rei e quanto mais esse dia se aproximava, mais eu morria um pouco por dentro.

Apesar da angústia que me assolava, pela certeza de que em breve Jawad seria marido de outra mulher, de que passaria suas noites nos braços dela e não mais nos meus, eu nada comentava com ele, nem em nossos momentos de intimidade dizia algo, pois discutir era inútil. Sua decisão estava tomada e nada o faria mudar de ideia. O que me restava era aceitar que ele pertenceria a outra mulher e esperar por suas migalhas, uma situação que me parecia pior até que a própria morte.

Tão logo se recuperou e recebeu alta do hospital, meu pai se mudou para um luxuoso apartamento que Jawad comprou exclusivamente para ele. No entanto, não conseguiu passar nem uma semana na Arábia Saudita. Disse que não suportava o calor infernal, ter que usar roupas sufocantes quando saía nas ruas, ver as mulheres cobertas dos pés à cabeça, como prisioneiras dos seus próprios trajes.

Apesar de entendê-lo, eu não acreditava que essa era a única razão da sua insistência em voltar para Nova Iorque. Ele estava com saudade da namorada, pois não parava de falar nela e foi só por isso que não lamentei tanto quando ele se foi, viajando de volta para casa no avião particular do príncipe, com conforto e segurança.

Derramei um rio de lágrimas durante nossa despedida, quando, mais uma vez, tive que mentir,

garantindo-lhe que em breve iria visitá-lo, mas sabendo que não o veria tão cedo. Pelo menos, eu sabia que ele estava feliz e isso me reconfortava de certa forma.

Na véspera da cerimônia de casamento de Jawad, eu estava verdadeiramente arrasada, tomada por uma angústia desoladora, consumida por um vazio que parecia não ter mais fim. Naquele dia passei as horas no apartamento de Alzira e, quando voltei para Al Saud, no fim da tarde, fui arrebatada por uma depressão que parecia me dilacerar, minando minhas forças.

Naquela noite percebi que o que eu sentia por Jawad não era uma simples paixão, ou somente desejo carnal, eu o amava, perdidamente, como jamais amei ninguém e não sabia o que seria de mim quando ele colocasse aquela mulher entre nós.

Eu sabia que ele também sentia algo por mim, por mais que não admitisse; e se existia um minúsculo fio de esperança de ficarmos juntos, eu tentaria.

Quando viesse me ver, como vinha todas as noites, diria como me sentia, deixaria claro que não conseguiria viver daquela forma, dividindo-o com outra pessoa. Ele não podia se casar comigo, por ser estrangeira, mas podia ficar solteiro. Portanto, pediria que desistisse daquele casamento, pois nenhum de nós dois seria feliz assim. Se

não desse certo, se ele continuasse optando por se casar, pelo menos eu teria tentado.

Eu estava nervosa, com uma agitação incomum por dentro, quando a porta do quarto se abriu e ele entrou. Usava trajes simples, apenas uma camisa e calça social, sem a formalidade da túnica e do tradicional lenço na cabeça. Como nos últimos dias, desde que os preparativos para a cerimônia começaram, trazia uma seriedade mesclada à nostalgia em seu semblante.

Ao avançar pelo aposento, veio direto para mim e me estreitou em seus braços, apertando-me forte, acolhendo-me com seu corpo grande, fazendo tudo dentro de mim se agitar, a paixão explodir em meu peito, a corrente de excitação percorrer minhas veias.

— Como foi o seu dia? — indagou ele, ainda abraçado a mim, com seu rosto de encontro aos meus cabelos, no alto da minha cabeça, seu cheiro gostoso, aquela mistura de uísque, com perfume e cigarros, que eu tanto amava, inebriando-me.

— Tranquilo. Fiquei no apartamento de Alzira e escrevi um pouco. E o seu?

— Corrido. Mal tive tempo de respirar.

Afastando-me, o encarei.

— Vai ser mesmo amanhã, não é? — indaguei, com tristeza.

— Não fale como se esse casamento fosse o fim para nós dois, porque não será. Pouca coisa vai mudar. Será apenas meu nome e o dela unidos em um pedaço de papel.

— Não tente me enganar, Jawad. Nós dois sabemos que não será assim. — Com seus músculos enrijecendo de tensão, ele se afastou do abraço. — Eu sei como funciona um casamento na tradição muçulmana. Pessoas vão entrar na sua suíte pela manhã para verificar se ela era virgem. E se não é mais.

— Esse tipo de coisa pode ser evitada.

— Como?

— Ainda não sei, mas vou dar um jeito.

— Por quê?

— Como assim?

— Por que você se recusaria a fazer sexo com a mulher com quem estará casado?

— Porque prometi a m

— Só por isso? Por causa de uma promessa?

— Claro que não. Vs!

— Te magoar era a última coisa que eu queria, mas esse casamento precisa acontecer. É a minha coroa que está em jogo. Se eu não me casar, meu pai a tira de mim e ser líder do meu país é a coisa mais importante da minha vida.

Suas palavras me atingiram como golpes de uma navalha afiada cortando minha pele. A dor que me invadiu foi tão grande, que precisei fechar os olhos por um instante, reprimindo o mar de lágrimas que ameaçava cair.

A coisa mais importante da vida dele era a coroa, não eu. Puta merda!

— Acho melhor você sair daqui... — sussurrei, com um fio de voz, com o pranto ameaçando se derramar.

— Não fala assim.

Ele tentou tocar em meu rosto e afastei-me com a pressa de alguém que fugia do contato com um fio de eletricidade desencapado. Eu só queria que ele saísse da minha frente, que me deixasse sozinha.

— Vai embora daqui. Quero ficar sozinha.

Jawad também se levantou e se colocou diante de mim, fazendo com que eu o encarasse.

— Jasmine, não faz isso. Não coloca esse casamento entre nós. Não estraga o que temos por causa de uma boa

***

Na manhã seguinte, levantei-me cedo e deixei o palácio, indo passar o dia com Alzira, longe de tudo o que acontecia.

Lamentei ter que voltar à noite. Assim que estacionei na garagem pude ouvir a música animada partindo do interior do palácio. O casamento estava acontecendo, Jawad estava se prendendo para sempre à outra mulher, eu não significava nada para ele.

Tranquei-me em meu quarto e tentei esquecer tudo, mas a música ainda podia me alcançar ali, impedindo-me de simplesmente ignorar, lembrando-me insistentemente de que agora seus beijos pertenciam a outra mulher.

A dor que me acometia era insuportável. Eu jamais imaginei enfrentar um martírio tão grande por causa de um homem, jamais esperei amar de forma tão arrebatadora. Tentei tapar os ouvidos para não ouvir, mas não funcionou. Eu estava sufocando, me sentindo esmagada.

Por fim, sem mais conseguir permanecer no quarto, deixei a moradia, sem usar o véu nem a abaya, seguindo pelo jardim na direção do arvoredo, em busca de paz e de silêncio.

Uma chuva fina começava a cair, os pingos de água misturavam-se às lágrimas em meu rosto, o vento forte anunciava o início de uma tempestade, enquanto eu me afastava depressa das dependências do palácio, avançando pela área arborizada, desprovida de iluminação, onde finalmente me vi livre do som da música, o que em nada arrefeceu a dor dentro de mim. A angústia ainda estava lá, assolando-me, lembrando-me que Jawad agora era um homem casado.

Sob os pingos da chuva que desabava cada vez mais forte, sentei-me sobre um tronco de árvore caído e tentei pensar em uma forma de escapar da Arábia Saudita, elaborar uma estratégia de fuga, pois continuar ali já não era possível. Eu não suportaria continuar sendo sua amante, sabendo que ele tinha outra.

Contudo, a dor dentro de mim era tão medonha que eu não conseguia formular sequer um pensamento racional. Tudo o que conseguia era sentir, provar o martírio amargo estilhaçando cada parte de mim, ameaçando me destruir.

Eu havia perdido a noção de quanto tempo estava ali sentada, envolvida pelo silêncio e por uma tranquilidade, que não se equiparava ao vendaval em meu íntimo. A chuva encharcava minhas roupas e cabelos, sem que eu a percebesse de fato, quando ouvi sons de passos atrás de

mim e levantei-me assustada, vislumbrando o vulto de um homem alto se aproximando.

Praticamente parei de respirar enquanto ele vinha em minha direção. A ciência de que eu não usava o hijab, obrigatório fora da moradia, fez com que o medo se mesclasse a tudo mais em meu interior.

Por fim, se aproximou o suficiente para que eu identificasse seus traços e uma profusão de emoções me bombardeou quando, em meio à penumbra, percebi que era Jawad.

— Você não cansa mesmo de se colocar em perigo, não é? — disse ele, com tom de voz casual, enquanto meu coração batia tão depressa, que eu tinha a impressão de que sairia pela boca a qualquer momento.

Uma enxurrada de perguntas formulou-se em minha mente. Quis perguntar o que ele fazia ali, se já estava casado, mas tive medo das respostas. Então apenas voltei a me sentar, dando-lhe as costas.

— Não tem perigo nenhum aqui — comentei, com uma casualidade que contradizia o temporal em minhas entranhas.

Jawad passou por cima do tronco e sentou-se ao meu lado, tão perto, que seu ombro resvalou o meu. O contato simples enviou uma corrente de excitação que me atravessou com a intensidade de um raio.

Apesar de todo molhado pela chuva, ele estava lindo demais, usando uma túnica longa e folgada escura, a echarpe dourada pendurada nos ombros, o lenço preto com dourado na cabeça.

— A não ser que um dos guardas decida dar uma voltinha por aqui e encontre uma mulher sozinha e desprotegida. Você já sabe o que aconteceria numa situação dessas.

— Acho que todos eles já sabem quem sou. Não ousariam me tocar.

— Com isto nós concordamos.

O momento que se seguiu foi de um silêncio tenso. O olhar de Jawad registrava meu movimento quando passei as mãos no rosto para afastar as lágrimas, que já não caíam mais.

— O que você veio fazer aqui? Não devia estar começando sua noite de núpcias? — indaguei, por fim.

— Não aconteceu.

Pensei ter ouvido errado.

— O quê?

— Eu não me casei. Desisti no último segundo.

Processei suas palavras e meu coração disparou, batendo tão depressa pude senti-lo martelando de encontro às minhas costelas.

— Por que fez isso? — indaguei, com as lágrimas ameaçando voltarem, só que desta vez eram de emoção.

— Porque eu te amo. Sou louco por você e não consigo nem pensar em te perder.

As emoções que tomavam conta de mim eram tão descontroladas que eu não sabia se sorria ou se chorava. Por fim, não fiz nenhuma coisa, nem outra, simplesmente pulei no colo dele e passei os braços em volta do seu pescoço, beijando-o com sofreguidão. A paixão tomou conta de tudo, tornando-me alheia a tudo mais que não o seu gosto, seu cheiro, seu calor delicioso, a forma como me fazia sentir.

— Eu também te amo, loucamente — confessei, interrompendo o beijo, fitando-o diretamente nos olhos.

Jawad apertou-me pela cintura e beijou-me com ainda mais volúpia. Explorou minha boca com a língua, aflorando sensações em minha pele enquanto me afogava em um mar de luxúria. Senti a ereção se formando debaixo de mim e rebolei a bunda no seu colo, me esfregando nele, desavergonhadamente, enquanto meu desejo crescia e o pudor se esvaía.

Sua mão veio firme para a minha nuca e sua boca se tornou ainda mais implacável de encontro à minha, me devorando, me comendo, fazendo promessas silenciosas que me deixavam molhada entre as pernas.

Porém, logo minha mente foi invadida por um turbilhão de pensamentos que me deixaram tensa, preocupada, com o coração apertado. Com isto interrompi o beijo para fitá-lo nos olhos.

— Você não pode fazer isso. Vai perder sua coroa — falei, com um gosto amargo se formando em minha boca, o coração afundando um pouco mais.

— Eu não ligo. Desde que eu tenha você, o resto não importa.

Aquilo não era verdade. Se perdesse sua coroa, Jawad jamais seria feliz e com o tempo me culparia por sua infelicidade. Eu não queria ser um empecilho em sua vida, um obstáculo entre ele e seus objetivos.

Com a amargura aflorando em meu íntimo, saí do seu colo e me afastei. Cada célula do meu corpo reclamava sua distância, mas uma parte minha lutava contra as emoções, tentando se apegar à sensatez.

— Importa sim. Liderar o seu país é a coisa mais importante da sua vida. Eu não quero tirar isso de você.

Levantando-se, ele se colocou diante de mim, com seus olhos lindos fixos nos meus.

— Eu estava enganado. A coisa mais importante da minha vida é você.

— Se você perder sua coroa, isso sempre estará entre nós. Não quero ser responsável pela sua infelicidade.

— Ao seu lado, eu não tenho como ser infeliz. Além do mais, talvez eu não perca minha coroa. Vou lutar por ela e preciso de você ao meu lado para me fortalecer nessa luta.

Fitei-o durante um longo momento de silêncio, pensando naquela possibilidade.

— Será que existe uma chance de você continuar liderando o seu país se desistir de se casar?

— Se não existir, a gente cria uma. Agora vem cá, me deixa te provar um pouco mais.

Dito isto, ele me puxou para si. Passou os braços em volta da minha cintura e encaixou meu corpo todo ao seu, tomando posse da minha boca, devorando-me com uma sede inesquecível, desencadeando um desejo escaldante que fazia meu sangue ferver e o centro das minhas pernas latejar impacientemente.

Através das nossas roupas encharcadas pela chuva, o calor do seu corpo me alcançava, atiçando as sensações, me fazendo pressionar meu corpo ao seu, buscando-o cada vez mais, enlouquecida de uma vontade incontrolável de senti-lo dentro de mim, me preenchendo, me amando.

Continuamos ali nos beijando, nos provando, nos lambendo, nos deliciando, sem pressa alguma de pararmos, tomados pela certeza de que tínhamos uma vida

inteira pela frente, de que pertencíamos um ao outro e nada podia mudar isto.

— Eu queria que existisse uma forma de fugirmos daqui. Pelo menos por esta noite — sussurrou Jawad, com sua voz rouca e ofegante, sua boca deliciosa deslizando através da pele do meu pescoço.

Compreendi que ele se referia a fugir das explicações que teria que dar ao rei e à família da sua ex-noiva por não ter se casado. Só que não existia uma forma de fugir desse confronto. Se tentássemos deixar o palácio, seríamos detidos, ainda na garagem, pelo rei. Se fôssemos para o meu quarto, seríamos localizados ainda mais depressa.

— Vamos ficar aqui. Pelo menos por essa noite. Ninguém vai nos encontrar — sugeri.

Jawad refletiu por um instante, provavelmente se perguntando se eu havia enlouquecido para sugerir que ficássemos ali na chuva, até que por fim seus lábios se curvaram em um sorriso travesso.

— Sei onde podemos nos esconder. Vem comigo.

Segurando minha mão, ele nos guiou através do arvoredo, na direção oposta ao palácio. Antes de alcançarmos os limites dos muros, mudamos de direção, indo por onde o bosque se tornava cada vez mais fechado,

intocado, repleto de árvores frondosas, até que avistamos uma cabana que parecia abandonada.

— Eu costumava me esconder aqui quando era criança — confessou ele.

Tentei imaginá-lo pequeno, correndo por ali, provavelmente escondendo-se depois de aprontar alguma travessura, mas a imagem não se formou em minha mente. Eu não conseguia visualizá-lo sem aquela imponência, sem aquele ar de poder e soberania, que parecia inerente a si.

— Deve ter sido maravilhoso crescer num lugar como esse, principalmente sendo dono de tudo.

— A grama do vizinho sempre parece mais verde, mas nem tudo é perfeito.

Imaginei que ele se referia à dor de ter perdido sua mãe tão cedo, uma dor com a qual eu também me identificava, pois, embora a minha mãe estivesse viva, havia me abandonado quando eu ainda era criança.

Fugindo da chuva, adentramos a cabana. Sem energia elétrica, a escuridão foi cortada pela luz de um lampião que Jawad acendeu, proporcionando-me uma visão opaca do lugar. Não estava limpo, tampouco parecia confortável, mas pelo menos estava seco.

A cabana toda se resumia a um único cômodo, no qual havia um jogo de mesas com cadeiras, uma estante

com livros e brinquedos, um armário velho e uma cama de solteiro.

— É melhor tirarmos as roupas molhadas antes que peguemos uma gripe.

Concordei e nos despimos, ficando com apenas as roupas de baixo. No armário, encontrei alguns lençóis velhos, com os quais nos secamos.

— Você está com fome? — indagou Jawad. — Posso ir até o palácio buscar alguma comida.

— Eu estou bem. Comi na casa de Alzira. Tudo o que quero agora é ficar junto de você.

Troquei os lençóis sujos de poeira da cama por outros encontrados no armário e, usando apenas nossas roupas íntimas, nos deitamos, abraçados, aconchegados nos braços um do outro, trocando carícias vagarosas, nos beijando, nos curtindo, sem pressa alguma já que agora sabíamos que tínhamos uma vida inteira pela frente para estarmos juntos.

CAPÍTULO 43

Jawad

O dia já havia amanhecido há horas, o sol brilhava quente lá fora, meus problemas me esperavam aos montes no palácio, mas ainda assim eu me recusava a deixar a velha cabana abandonada onde Jasmine e eu passáramos a noite.

Não queria enfrentar as consequências de ter desistido de me casar no último minuto, não ainda. Preferia protelar, continuar ali com Jasmine, amando-a, me refestelando com seu corpo delicioso aconchegado ao meu.

Se existisse uma maneira de fazer o mundo desaparecer à nossa volta, de congelar o tempo, por pelo menos alguns dias, eu o faria. Mas não havia uma forma, eu precisava confrontar o que me esperava além daquelas paredes e precisava também nos alimentar, já que não tinha nada para comer ali.

Jasmine ainda dormia, completamente nua, sua beleza delicada e feminina enchendo meus olhos, os cabelos escuros e longos espalhados sobre o colchão, a pele rosada contrastando com o lençol marrom. Estava

quase de lado, com uma perna jogada sobre meu quadril, um braço sobre meu peito, o contato com seu calor deixou meu pau duro a ponto de doer.

Incapaz de resistir, virei-a devagar, de frente, observei os seios durinhos, a barriga achatada, a boceta pequena, com os pelos escuros começando a despontar, mas ainda me permitindo enxergar os lábios carnudos, avermelhados.

Agindo como um sedento, levei minha boca até um dos seios, brincando com o mamilo sob a ponta da minha língua, suavemente, vendo-a se contorcer de prazer, mesmo estando adormecida. Beijei o outro mamilo e continuei descendo minha boca, provando sua pele deliciosamente macia, espalhando uma trilha de beijos e lambidas suaves.

Colocando-me aos pés da cama, abri suas coxas e observei a boceta aberta, ligeiramente inchada, como sempre ficava depois que passávamos a noite juntos. Em seguida, a cobri com a minha boca, lambendo o clitóris minúsculo antes de fechar meus lábios sobre ele e dar início a uma suave sucção, o que fez com que Jasmine acordasse, com um gemido rouco escapando da sua garganta.

Suas mãos delicadas vieram para os meus cabelos, puxando-os com descontrole, suas pernas se abriram

ainda mais, para dar-se mais a mim e a lambi e chupei até que ela se derramasse em gozo mais uma vez, presenteando-me com seus gemidos altos, com os resquícios do seu prazer.

Cerca de uma hora e mais alguns orgasmos depois, tivemos que sair da cabana, antes que morrêssemos de inanição. Usando minha túnica para cobrir Jasmine e a proteger dos olhares indiscretos dos guardas, deixei-a em segurança em seus aposentos e me dirigi para a residência real, sentindo-me nem um pouco preparado para enfrentar o que me esperava.

Consegui chegar à minha suíte sem ser abordado por ninguém. Talvez conseguisse também tomar um banho antes que meu pai descobrisse que eu havia aparecido e mandasse os guardas me levarem até ele. Com certeza seria um dia inteiro de brigas e ameaças. No entanto, ele teria que aceitar que eu amava Jasmine e não podia fazer nada para mudar isto, tampouco poderia magoá-la me casando com outra mulher.

Minha melhor ideia era erradicar a lei que proibia casamento entre um integrante da família real e uma pessoa estrangeira. Assim eu poderia tornar Jasmine minha esposa. Na melhor das hipóteses conseguiria me casar com ela e continuaria sendo líder do meu país; na pior, perderia minha coroa para um dos meus irmãos.

Eu começava a me despir quando a porta do aposento se abriu e Najah o invadiu com a sutileza de um furacão, fuzilando-me com seus olhos faiscando de um misto de ódio e indignação. Ela ainda usava o vestido branco rendado que eu acreditava ser seu vestido de noiva, tinha os olhos avermelhados como se tivesse passado as últimas horas chorando, sem dormir e seu semblante estava contorcido de cólera, o que era até compreensível, porém não lhe dava o direito de invadir o meu quarto, principalmente estando sozinha.

— Você está extrapolando todos os limites de boa conduta entrando aqui — falei, vestindo novamente a camisa.

— Que se fodam as condutas! Eu não ligo!

— Najah, você está descontrolada! Saia já daqui.

Pela cara que ela fez, achei que começaria a chorar.

— Alteza, você não pode fazer isso comigo. Você prometeu que nos casaríamos e precisa cumprir sua promessa. Ainda não é tarde, o profeta ainda está no palácio. Podemos dar prosseguimento à cerimônia.

Eu realmente não queria ter que magoá-la, mas a vida nem sempre era como queríamos. Além do mais, já era para ela ter percebido que eu não queria esse casamento.

— Eu sinto muito, Najah. Sinto mesmo. Mas não posso me casar. Não vai acontecer.

— É por causa daquela sirigaita, não é?

— Não se refira a ela assim! — esbravejei. — É por causa dela sim. Eu estou apaixonado e não foi escolha minha. Essas coisas acontecem.

O brilho de ódio que reluziu na expressão do seu olhar me fez perceber que eu devia ter ficado calado.

— O que essa mulher tem que eu não tenho? O que ela já fez por você? — gritou, descontrolada. — Ela não fez nada, ela não te ama como eu te amo. Eu fiz tudo por você, eu matei por você!

Demorei uma fração de segundos para processar aquela informação e a compreensão veio junto com a incredulidade.

— Espera um pouco, quem diabos você matou por mim?

Ela captou o tom de alerta na minha voz e só então se deu conta de que havia falado mais do que pretendia. Havia se denunciado sem querer.

— Ninguém. Eu já nem sei mais o que estou dizendo — tentou, mas não me convenceu.

Aproximando-me, segurei-a pelos dois braços e fixei meus olhos nos seus, exigentemente.

— Me fala, Najah, quem você matou? — Em meio a um desespero que denunciava sua culpa, ela começou a chorar. — Foi Said? Você cortou os freios do carro dele?

— Fiz isso por você. Para te proteger da perseguição dele. Agora me diz o que essa tal de Jasmine já fez para te proteger?

Eu não sabia o que me deixava mais chocado, se sua frieza ao tirar a vida de alguém por motivos tão banais, ou a capacidade de acreditar que estava fazendo uma coisa boa com isto.

Atônito, praticamente cambaleei até a cama e, como se já não sentisse minhas pernas, sentei-me na beirada do colchão, tentando pensar no que fazer com aquela informação. Se eu a entregasse, provavelmente ela passaria o resto da vida na prisão, ou receberia uma pena de morte; e, por mais que o erro fosse seu, por mais que eu não tivesse feito nada, não conseguiria evitar me sentir culpado por arruinar a sua vida.

Que merda! Eu não devia ter permitido que meu pai me convencesse a concordar com aquele casamento.

— Eu sou capaz de qualquer coisa por você. Não há obstáculo que não atravesse para que as coisas deem certo entre nós. E sempre será assim. Eu serei uma esposa maravilhosa.

— Não há mas, nem menos mas. As coisas vão ser assim. Eu fico de boca fechada e você esquece que um dia fomos noivos. Se voltar a me incomodar com essa história, se disser qualquer coisa a Jasmine, eu entrego você à polícia e você passará o resto da vida na prisão, talvez até seja condenada à morte.

Em reação às minhas palavras, ela estremeceu e, por fim, desviou seu olhar para o chão, recuando.

— Claro, Alteza. Que seja feita a sua vontade.

— Ótimo. Assim será melhor para todos. Agora vá.

Ela abriu a boca para dizer algo. Pareceu se arrepender e apenas fez uma reverência respeitosa, antes de deixar o aposento.

Algum tempo depois, enquanto me dirigia rumo ao escritório do meu pai, preparando-me psicologicamente para enfrentar sua fúria, eu ainda estava atônito com a confissão de Najah.

Entre todas as pessoas que se encontravam em Al Saud na noite em que Said foi morto, ela era a que eu menos esperava que tivesse feito aquilo, principalmente porque não tinha um motivo concreto, um motivo seu. Era espantoso saber que ela tirou uma vida em nome de algo tão banal. Assustava-me o que uma pessoa com essa mentalidade, com essa capacidade de ser fria, seria capaz de fazer. Se ela assassinou alguém que não lhe fizera mal

algum, o que seria capaz de fazer com um inimigo de verdade?

Algo em meus pensamentos pareceu me alertar de que a situação era mais grave do que parecia, porém não consegui distinguir do que se tratava, tudo em que conseguia me concentrar era na briga feia que certamente teria com o rei.

Pensando sobre o que diria a ele, atravessei as portas duplas do seu escritório e o encontrei sentado na cabeceira da sua mesa, com um de seus conselheiros na cadeira à sua direita.

Seus olhos chegaram a brilhar de fúria quando se detiveram em mim, ainda assim, agiu de forma comedida ao solicitar ao seu conselheiro que nos deixasse sozinhos, o homem obedeceu de imediato.

— O que diabos você tem na cabeça para desistir do seu casamento por causa daquela *alkaliba*? — gritou ele, tão logo a porta foi fechada pelo lado de fora.

Droga! Ele estava furioso como eu esperava.

Não me dei nem o trabalho de me sentar, permaneci onde estava, encarando-o a certa distância.

— Não foi só por causa dela, pai. Eu não estou preparado para me casar.

— Não me trate como se eu fosse um idiota! É claro que foi por causa daquela mulher! O filho de um rei, o

herdeiro da coroa, agindo como um fracote que come na mão de uma puta!

— Por favor, não fale assim dela.

Ele me fuzilou com ainda mais ódio no olhar. Pensei que me diria ainda mais desaforos, mas, quando voltou a falar, sua voz estava inesperadamente mais calma.

— Eu já vi grandes homens caírem em ruína por causa de uma mulher, mas nunca esperei que acontecesse com um filho meu.

— Eu não vou cair em ruína por causa de Jasmine. Apenas serei um líder solteiro. Não vejo problema nisso.

— Não existe essa coisa de líder solteiro. Ou você se casa, ou perde a coroa.

Um frio gélido atravessou meu estômago.

— Pai...

— Entenda, Jawad — ele me interrompeu. — Eu realmente acredito que, entre todos os meus filhos, você é o que está mais preparado para assumir a liderança do nosso país, mas não posso aceitar isso. Não posso aceitar que você seja manipulado por uma mulher.

— Eu realmente sinto que as coisas sejam assim, mas me apaixonei. Estou apaixonado por Jasmine, sou capaz de tudo por ela. Esse foi meu único pecado.

— E um pecado dos grandes.

— Não concordo com sua opinião. — Hesitei antes de continuar, escolhendo cautelosamente as palavras: — Não vejo por que manter essa lei ultrapassada de que não se pode casar com uma mulher estrangeira. Jasmine é uma mulher inteligente, altamente influente, só tem a acrescentar ao nosso povo se eu fizer dela a minha esposa. Então, minha proposta é que modifiquemos a lei e eu possa me casar com ela.

Meu pai permaneceu em silêncio durante um longo momento, observando-me com uma expressão inescrutável.

— Você realmente está cego a ponto de cogitar modificar não apenas uma lei, mas toda uma tradição, por causa de uma paixão que nem mesmo é correspondida?

— Jasmine também me ama.

— Não, Jawad, ela só está com você porque não tem opção. Você a comprou e agora a mantém presa aqui. Ainda se lembra disso?

— No início pode ter sido assim, mas agora ela está apaixonada por mim.

— Não, meu filho. Ela apenas finge que está, para te convencer a dar a liberdade dela e, pelo visto, está conseguindo.

Processei aquelas palavras e um frio me atravessou. *E se ele estivesse certo? E se Jasmine estivesse mentindo,*

dizendo que me amava, com a intenção de me manipular e me convencer a deixá-la voltar para Nova Iorque? Seria isso possível? Não. Ninguém podia representar tão bem assim.

— Ela me ama também — afirmei.

— Vamos fazer o seguinte. Você dá a liberdade dela, deixe-a livre para escolher ir embora ou ficar com você. Se ela decidir ficar, nós abolimos a lei que proíbe casamentos com estrangeiros e você se casa com ela.

Meu pai falava com tanta certeza de que Jasmine decidiria partir, que meu coração afundou para o estômago. *E se ela optasse por me deixar?* Não seria possível, Jasmine me amava, essa era uma certeza que eu tinha.

— Concordo — falei, por impulso — Vamos formalizar o acordo.

— Tudo bem. Mas quero provas de que você realmente deu a ela a escolha de partir.

— Feito.

Algum tempo depois, quando deixei o escritório do meu pai, eu levava comigo uma insegurança jamais antes experimentada. Temia que Jasmine escolhesse ir embora e, acima de tudo, temia descobrir que ela não me amava tanto quanto eu a ela.

Ela era obcecada por Nova Iorque, pela liberdade que tinha lá, além de ter crescido em meio àquela cultura

tão diferente da nossa. Seria um alto preço para ela abrir mão de tudo, pela segunda vez, em nome do amor que sentia por mim e eu não tinha certeza se esse amor era tão grande assim. Porém, eu precisava tentar, pois era a única forma que tínhamos de ficarmos juntos sem que minha coroa fosse tirada e dada a um dos meus irmãos.

Falaria com ela ainda naquele dia, durante a tarde. Por ora, precisava ir ao meu escritório resolver as dezenas de pendências que me esperavam lá. A crise sanitária continuava assolando o mundo e sendo meu problema número um. Precisava me reunir com profissionais da saúde e ficar atento ao desenrolar da pandemia em nosso país.

Eu ainda estava sozinho, enviando e-mails para as pessoas com quem precisava me reunir, sentindo-me ligeiramente mais calmo que após a conversa com meu pai, quando a conturbada conversa com Najah voltou-me à mente. Suas palavras se repetiam com insistência, como se eu estivesse deixando algo passar. Mas o quê?

“Eu sou capaz de qualquer coisa por você. Não há obstáculo que não atravesse para que as coisas deem certo entre nós”. Foi o que ela disse*.*

Merda! E se foi ela quem mandou dar aquela surra no pai de Jasmine, com a intenção de afastá-la de mim? Se foi capaz de matar um homem a fim de me agradar, dar

uma surra em um idoso não era nada para ela. Cacete! Como não pensei nisso antes? Estava tão enciumado, que sequer cogitei não ter sido Kalil, nem ao menos perguntara a ele.

Se fora realmente Najah a fazer aquilo, significava que Jasmine podia estar em perigo.

Com um aperto no peito, temendo o que aquela louca poderia fazer, peguei o telefone e liguei para Kalil, que atendeu no segundo toque.

— *Que milagre é esse, meu irmãozinho mais novo me ligando* — disse ele, com aquela displicência irritante de sempre.

— Kalil, vou perguntar apenas uma vez e quero ouvir a verdade — falei, seco e firme — Foi você quem pagou aquele bandido para dar uma surra no pai de Jasmine?

— *Deram uma surra nele? Cacete!*

— Por favor, cara. Se foi você que fez isso, com o intuito de atraí-la de volta para Nova Iorque, me fala agora, pois se não foi acho que ela pode estar correndo perigo.

— *Jawad, eu gostei da Jasmine, seria capaz de loucuras para tê-la para mim, mas não isso. Eu não machucaria um idoso, portanto, largue o que está fazendo agora mesmo e vá atrás de quem realmente fez isso.*

Não foi ele. Quando Kalil falava sério, o que quase nunca acontecia, significava que estava falando a verdade.

Maldição! Foi mesmo a louca da Najah e eu não sabia por que não tinha pensado nela antes. Certamente porque não sabia do que era capaz.

Com minhas mãos trêmulas, cobertas por uma camada de suor frio, me despedi do meu irmão e liguei para o celular de Jasmine. Enquanto o ouvia tocar, sem que ela atendesse, um milhão de pensamentos sombrios invadiram minha mente. Eu podia visualizar claramente aquela doente mental cortando os freios do carro dela, invadindo seu quarto e ameaçando-a com uma arma, pagando alguém para fazer-lhe algum mal.

Minha nossa! Eu morreria se algo de ruim acontecesse à minha Jasmine. Não podia deixá-la desprotegida, o perigo era real e traiçoeiro.

O telefone dela tocou até cair, sem que ela atendesse, o que me deixou ainda mais aflito. Com os nervos à flor da pele, o coração sufocando no peito, deixei o escritório e atravessei os salões do palácio, correndo até a moradia das funcionárias.

CAPÍTULO 44

Jasmine

Depois de passar a noite na antiga cabana no bosque, nos braços de Jawad, só mesmo um banho demorado de banheira para me livrar do cheiro de mofo impregnado no lugar, embora quase não o tenha percebido enquanto estava nos braços do meu amor. Como sempre, sua proximidade ofuscava tudo, fazendo meu mundo resumir-se a ele.

Não existiam palavras que pudessem descrever minha felicidade por Jawad ter desistido daquele casamento, por ter optado ficar comigo e colocado o que existia entre nós acima de tudo, inclusive da sua coroa.

No entanto, apesar do júbilo que me arrebatava pela sua decisão, um receio pungente insistia em permanecer dentro de mim, me torturando. Receio de que ele perdesse sua coroa por minha causa, de que me culpasse pelo resto da vida por eu ter-lhe tirado aquilo que mais prezava, que era a liderança sobre seu país.

Eu não suportaria viver ao seu lado sabendo que todas as vezes que ele me olhasse, me culparia por ter estragado sua vida e tudo o que me restava era torcer para

que ele conseguisse encontrar uma forma de evitar essa perda. Jawad era inteligente e ousado, na certa daria um jeito de não ser prejudicado por essa situação. Pelo menos era o que eu esperava.

Após o banho demorado, tomei o café da manhã sozinha no refeitório enorme, quando pude perceber os olhares perplexos que as funcionárias me lançavam quando passavam por ali. Nem precisei perguntar o que estava acontecendo. Já sabia que estavam falando horrores de mim, por ter atrapalhado o casamento real. Mas isso pouco me importava, eu não havia destruído nenhuma família. Se Jawad amasse Najah, eu abriria mão dele para que fosse feliz ao seu lado, mas não era esse o caso.

Após o café, dei uma navegada na internet em busca de notícias sobre o cancelamento do casamento, mas não encontrei quase nada. Apenas uma notinha em um jornal local, o que seria diferente se Said ainda estivesse vivo.

O assunto do meu próximo artigo para o *New York Times* seria sobre a vida das odaliscas que se apresentavam profissionalmente em alguns eventos e como era o cotidiano delas em um país onde as mulheres eram tão oprimidas. Tentei escrever um pouco sobre isso ali no quarto, mas precisava de mais informações, então

liguei para Rana, uma dessas profissionais, que eu havia conhecido no apartamento de Alzira na ocasião em que ela fora encomendar a confecção de um traje e marquei de nos encontrarmos lá.

Já fazia algum tempo que eu não precisava mais da permissão do príncipe para sair, então apenas me cobri com os lenços obrigatórios e solicitei a duas funcionárias que me acompanhassem até a garagem, como era de praxe.

Eu havia acabado de entrar no meu carro, quando ouvi a voz de Jawad gritando pelo meu nome, ecoando pela garagem enorme e tão logo abri o vidro o avistei correndo em minha direção, avançando pelo recinto, seguido por dois guardas, sem que eu entendesse nada do que estava acontecendo.

— Jasmine, desligue o carro e saia agora mesmo — disse ele, com um tom de gravidade tão severo na voz, que me assustou, e obedeci sem hesitar, saindo do carro.

Olhando-o de perto percebi que estava pálido como um fantasma.

— O que está acontecendo? — indaguei, certa de que algo grave se passava.

— Acho que você pode estar correndo perigo. — Ele se virou para os guardas e acrescentou: — Verifiquem os freios. Agora!

Sem que eu entendesse nada, os guardas levantaram o capô da BMW cor-de-rosa e, após alguns instantes de averiguação, um deles se virou para nós com um pedaço de cabo cortado na mão.

— Freios cortados, senhor — informou o homem.

— Maldita! — vociferou Jawad, com seu rosto contorcido de fúria, os olhos verdes virados nas órbitas. — Vasculhem todo o palácio. Não parem de procurar até encontrá-la. Se não estiver mais aqui, enviem uma equipe até sua casa e tragam-na para mim. Quero essa maldita na prisão ainda hoje!

Ele mal parou de falar e os guardas começaram a agir, afastando-se depressa ao mesmo tempo em que se comunicavam com os outros através do rádio.

— Por Deus! O que está acontecendo? — indaguei, começando a entrar em pânico.

Jawad se virou para mim e me fuzilou com seus olhos arregalados. Sem dizer uma palavra, me puxou para si e me aninhou de encontro ao seu corpo, apertando-me forte pela cintura, quando pude perceber que seu corpo estava tremendo.

— Eu morreria se alguma coisa acontecesse a você — sussurrou ele.

— Mas, o que ia acontecer comigo? Quem cortou os freios do meu carro? — Jawad permaneceu em silêncio,

apertando-me tão forte que eu mal conseguia respirar, seu coração estava tão agitado no peito que eu podia sentir suas batidas aceleradas de encontro a mim. — Foi a mesma pessoa que cortou os freios do carro de Said?

— Foi. — Ele afastou-se do abraço o suficiente para fitar-me nos olhos. — Vamos sair daqui. Te explico tudo depois.

Assenti e deixamos a garagem, indo direto para o meu quarto.

Fiquei chocada quando Jawad me contou que Najah era a assassina de Said, que fizera isso para o libertar da perseguição do jornalista e mais chocada ainda quando disse ter quase certeza de que fora ela a mandante da surra que meu pai levou. Fizera isso com o intuito de me deixar preocupada a ponto de eu ir embora da Arábia Saudita e assim sair da vida de Jawad, do caminho dela.

— Eu não ia denunciá-la pela morte de Said, porque me sinto culpado, de certa forma. Mas depois do que tentou fazer a você, não posso mais deixá-la solta por aí.

— Essa mulher é completamente desequilibrada.

— Sim. E, enquanto ela não for localizada e presa, você não estará segura. Por favor, fique no quarto, não saia nem para as refeições, pois pode haver alguma funcionária trabalhando para ela. Dahab a servirá aqui

mesmo, de tudo o que precisar. Vou deixar os seguranças vigiando todas as entradas da moradia.

— Claro. Eu tenho que entrevistar uma amiga de Alzira, para o próximo artigo, mas posso fazer isso por telefone.

Jawad continuou me encarando com olhar alarmado.

— Jasmine, isso é muito sério. Não saia do palácio enquanto ela não for presa. Nem para ir ao bosque.

— Não sairei.

— Tenho várias reuniões agora, mas volto para te ver mais tarde.

Ele encostou seus lábios na minha testa e permaneceu assim durante um longo momento, beijando-me castamente ao mesmo tempo em que inalava meu cheiro. Em seguida, deixou o aposento.

Fiquei parada durante um bom tempo pensando sobre toda aquela loucura. *Quem poderia imaginar que uma mulher que recebeu uma educação rigorosamente muçulmana, como Najah, pudesse ser completamente desequilibrada?*

Pelos comentários que eu ouvia entre as funcionárias, ela pretendia se tornar o tipo de esposa que auxiliaria Jawad a manter seus pés no chão quando ele tentasse voar alto demais; aquela que mostraria a ele as

antigas tradições do seu povo quando ele criasse leis excessivamente progressistas. Provavelmente pretendia “ajudá-lo” a liderar o país eliminando todos os seus oponentes, ou qualquer um que discordasse dele. Felizmente, eu estava aqui para o salvar da emboscada que seria esse casamento.

Não era muito animador entrevistar a odalisca por telefone, mas foi minha única opção. Após conversar com ela por algumas horas me concentrei na produção do artigo, escrevendo com a inspiração a mil. Como Jawad recomendou, não saí do quarto nem para o almoço, que foi servido por Dahab ali mesmo.

Com o avançar da tarde, continuei dedicada à produção do artigo, no entanto, aos poucos, este foi se tornando insuficiente para me fazer ignorar a sensação de que estava praticamente aprisionada e, aos poucos, fui me sentindo cada vez mais enclausurada, com claustrofobia das paredes do aposento.

A sensação de aprisionamento era tanta que me flagrei perguntando a mim mesma quando passei a naturalizar o fato de que realmente era uma prisioneira na Arábia Saudita. Por mais que amasse Jawad, com todo o meu coração, por mais que estivesse feliz ao lado dele, querendo ou não, eu continuava sendo sua prisioneira, sua refém.

Ele vivia repetindo que isso não era verdade, que eu tinha toda a liberdade de ir e vir, mas se eu não podia escolher ir para Nova Iorque, essa liberdade era falsa. Eu apenas havia me acostumado com meu cativeiro e isso era degradante.

Dia após dia, eu me apegava à amizade com Alzira, ao fato de poder circular pela cidade, usando isso para enganar a mim mesma e me convencer de que era livre, quando não era verdade. Apesar do amor que sentia por Jawad, eu ainda era prisioneira dele e nada nunca mudaria isso.

Bombardeada pelos pensamentos, comecei a me sentir sufocada dentro do quarto, oprimida, com um bolo estranho se formando em meu estômago. A fim de respirar um pouco de ar puro, abri a janela e percebi que não havia nenhum dos guardas naquela parte do jardim. A tentação de escapar por ali e ir dar uma volta no bosque foi grande, mas me contive, afinal havia uma assassina louca, com ódio de mim, me procurando por aí.

Respirando fundo, afastei os pensamentos, em busca de serenidade e voltei para a produção do artigo, esquecendo-me de trancar novamente a janela. Um grande erro!

Não demorou muito, ouvi ruídos partindo daquela direção, das minhas costas, e quando me virei Najah já

havia pulado para o lado de dentro do quarto e fechava tranquilamente a janela, puxando também as cortinas.

Droga!

Ela parecia realmente estar louca. Ainda usava o vestido branco de noiva, com a bainha completamente suja de lama. Com apenas o hijab cobrindo seus cabelos, a maquiagem no seu rosto estava borrada e escorrendo dos seus olhos, que se mantinham arregalados, expressando aquele espanto típico de pessoas que ultrapassavam a linha da loucura. Porém, o que me deixou verdadeiramente apavorada, foi a faca de cozinha que ela trazia na mão, a lâmina prateada reluzia de encontro à luz do recinto.

Puta merda!

— Fica calma, Najah. Não faça nada de que possa se arrepender depois — falei, gelada de medo, tentando encontrar uma chance de defesa, mas sem conseguir enxergar nenhuma saída.

Se tentasse alcançar a porta, ela me acertaria pelas costas antes que eu tivesse tempo de sair. Como nunca fui muito boa com luta braçal, certamente levaria a pior. Mil vezes droga!

— Se tem uma coisa da qual nunca vou me arrepender é de acabar você, sua *alkaliba* sem-vergonha.

Ela deu um passo em minha direção, enquanto eu recuava outro.

— Por favor, pense bem. Eu não fiz nada. Nunca fiz mal a você.

A expressão dos seus olhos se encheu de indignação.

— Você tirou tudo de mim! Tudo o que me importava!

— Não fui eu quem impediu Jawad de se casar. Ele não te ama. Você ia mesmo querer passar o resto da vida ao lado de um homem que não sente nada por você?

Quanto mais eu falava, mais a fisionomia dela se contraía de ódio.

— Quem é você para entender os sentimentos de um príncipe? Não passa de uma prostituta estrangeira, acostumada a se deitar com qualquer homem que estala os dedos. Você nunca entenderá o que eu e Vossa Alteza temos. Não é assunto para uma mulher do seu nível.

Ela deu outro passo e um frio gélido me atravessou quando vi seus dedos se fecharem com mais firmeza em torno do cabo da faca.

— Mesmo se você me matar, ele não vai se casar com você. Isso só vai servir para que você seja presa, ou condenada à morte.

— Ele vai sim. Com você fora do caminho, ele fará de mim sua esposa.

Era perda de tempo tentar convencê-la a desistir daquela insanidade, a mulher estava completamente alucinada e, quando ela deu mais um passo, agarrei-me ao meu instinto de sobrevivência e corri rumo à porta, dando-lhe as costas. A adrenalina se espalhou em minhas veias, me fazendo agir por impulso, proporcionando-me uma agilidade de movimentos que eu não sabia que tinha.

O que aconteceu em seguida, foi muito rápido. Antes que eu tivesse tempo de alcançar a porta, esta foi aberta e Jawad surgiu. Seus olhos se arregalaram em um misto de espanto e alarme ao focar o ponto atrás de mim.

Deixando alguns papéis que trazia nas mãos caírem no chão e se movendo com uma rapidez impressionante, ele passou direto por mim e avançou com tudo para cima de Najah. Uma aflição descontrolada invadiu-me pelo temor de que ela pudesse atingi-lo com a faca.

Como se assistisse à cena de um filme em câmera lenta, virei-me para eles bem no instante em que Jawad segurava-a pelos antebraços, elevando a faca para cima, tentando a imobilizar, enquanto ela continuava lutando, parecendo completamente fora de si, tentando atingi-lo com a lâmina afiada.

Eu mal conseguia respirar enquanto observava a luta dos dois, sem poder fazer nada para ajudar. Uma eternidade pareceu se passar até que ele finalmente

conseguisse virá-la de costas em sua direção e arrancar a faca de sua mão, imobilizando-a, quando só então percebi que havia sido atingido no ombro, por um golpe da faca, um pequeno ferimento de onde o sangue começava a jorrar, manchando de vermelho sua túnica branca.

— Jawad, você está ferido — falei, sentindo a aflição crescer devastadoramente dentro de mim.

— Não foi nada. Só um arranhão — disse ele e dirigiu-se para Najah. — O que você pretendia com isso, sua louca? Eu não ia te denunciar pelo que fez a Said, mas agora você passará o resto da vida numa prisão.

— Alteza, eu suplico que tenha misericórdia de mim. Agi por impulso, por amor a você.

Jawad tirou o lenço de sua cabeça e o usou para amarrar os pulsos dela atrás das costas.

— Não gaste saliva tentando me convencer de nada. Você foi longe demais e vai ter que pagar por isto.

Dito isto, ele a conduziu rumo à porta e lançou-me um último olhar, antes de deixar o aposento, levando-a embora.

Eu ainda estava tremendo dos pés à cabeça, pensando no quanto estive perto da morte, mais uma vez, quando a porta do quarto se abriu e Jawad entrou.

Praticamente dei um pulo da cadeira e corri para os seus braços, aninhando-me a ele, passando os braços em

volta do seu pescoço, abraçando-o, com meu coração a ponto de sair pela boca.

— Shhh... fica calma. Está tudo acabado. Ela não vai mais fazer mal a ninguém — disse ele, com sua boca de encontro aos meus cabelos, no alto da minha cabeça.

Só então lembrei-me de que ele fora ferido no ombro e afastei-me depressa, procurando pelo ferimento, sem que ele usasse mais a túnica manchada de sangue, mas apenas uma camisa simples.

— E o seu ferimento?

— Não foi nada. Só mesmo um arranhãozinho. A médica já fez um curativo.

Suspirei, aliviada.

— O que vai acontecer com Najah agora?

Fiquei surpresa quando Jawad soltou um suspiro de consternação, como se lamentasse profundamente os acontecimentos. Desanimado, foi até a cama e sentou-se na beirada do colchão.

— Ela vai pegar prisão perpétua e não consigo me perdoar por ter feito com que tivesse esse destino.

Sentando-me ao seu lado, acariciei seus cabelos curtos, na altura de sua nuca.

— Não foi você que fez com que ela tivesse esse destino.

— Não, mas tenho grande parcela de culpa. Eu não devia ter prometido que me casaria com ela.

— Jawad, mesmo que essa promessa de casamento não tivesse acontecido, um dia Najah agiria assim, por outro motivo qualquer. Ela está mentalmente desequilibrada e ninguém tem culpa disso.

Percebendo que ele continuava abatido, o abracei ternamente e, em resposta, ele se apossou da minha boca, beijando-me com paixão, fazendo com que cada célula do meu corpo se acendesse para o desejo insano, que me levava a esquecer tudo mais à nossa volta, a ignorar o mundo no qual existíamos e a pensar em mais nada a não ser em tê-lo dentro de mim.

Dominada pela luxúria, montei como uma amazona em seu colo e me esfreguei nele, sentindo a ereção se formar sob mim. A pressão contra meu sexo fez minha vagina latejar e molhar. Porém, ao invés de me tocar mais intimamente e arrancar minhas roupas, Jawad me tirou de cima dele, sentando-me ao lado, com uma ruga profunda surgindo em sua testa.

— Tenho algo importante para te dizer — falou ele.

— O que é?

Jawad foi até a porta, onde os papéis que trazia nas mãos, quando encontrara Najah em meu quarto, haviam

caído e os recolheu do chão, sentando-se ao meu lado em seguida. Entregou-me um dos envelopes, dizendo:

— Aí dentro tem uma passagem de avião para Nova Iorque e o seu passaporte. Não vou disponibilizar um dos meus aviões para te levar para que não haja o risco de eu impedir a decolagem no último minuto. Mas comprei todas as passagens da primeira classe para que você viaje em segurança, sem se aglomerar com outras pessoas.

Abri o envelope e fiquei perplexa ao ver a passagem só de ida para Nova Iorque, junto com meu passaporte.

— O que significa isso? — indaguei, confusa.

— Significa que estou te dando sua liberdade, não porque queira que você vá embora. Isso é a última coisa que quero. Mas para que você tenha uma escolha, para que fique comigo por vontade própria e não por obrigação.

Ele entregou-me outro papel e constatei que se tratava do contrato que assinamos no lêmen, o qual me tornava legalmente uma propriedade sua.

— Se destruir esse documento, você não terá mais obrigação nenhuma comigo, estará livre de trabalhar para mim, ou de ficar aqui. Mas, ainda assim, eu gostaria de te pedir que ficasse, porque te amo demais e já não consigo imaginar uma vida inteira sem você.

Eu o observava de queixo caído, completamente atônita, sem saber o que dizer. Nada havia me preparado

para aquilo, jamais me passou pela cabeça que ele tomaria tal atitude.

Meu primeiro impulso foi o de voltar correndo para o seu colo, beijá-lo apaixonadamente e dizer-lhe o quanto o amava também, o quanto preferia viver ao seu lado a ter uma vida inteira sem ele.

Mas isso era inteiramente verdade? Eu estava realmente preparada para abrir mão de tudo, inclusive da minha liberdade, em nome desse amor?

De repente, eu já não sabia de mais nada. Não fui educada para viver oprimida, submissa a um homem e subjugada a toda uma cultura, pelo contrário, eu cresci sendo livre, amando essa liberdade acima de tudo e agora ele me oferecia a opção de reavê-la.

— Jasmine, diz alguma coisa.

— E-eu também amo você, mais do que já amei alguém um dia, mas... — Não consegui completar a frase. Os sentimentos conflitantes dentro de mim, deixavam-me confusa, sem saber o que pensar, ou como agir.

Eu queria tudo. Queria minha liberdade e queria Jawad. Não tinha como escolher entre uma coisa e outra. No entanto, ele jamais deixaria seu país, sua coroa, para me seguir para a América. Jamais mudaria toda a sua vida por minha causa. Eu precisava escolher entre o seu amor e ter minha vida de volta.

A fim de evitar que sua proximidade interferisse na minha sensatez, levantei-me da cama e me afastei, dando-lhe as costas, tentando tomar a decisão certa.

— Mas o quê? — exigiu ele.

Jawad se colocou diante de mim, fazendo com que eu o encarasse e, pela primeira vez, vi medo na expressão do seu olhar.

— Eu preciso experimentar as duas coisas antes de saber o que quero.

— Como assim?

— Preciso ir para Nova Iorque, passar alguns dias lá, só assim vou ter certeza de que essa aqui é a vida que eu quero.

— Você vai me deixar.

Como se tivesse levado um soco no estômago, Jawad recuou um passo, enquanto fitava-me com olhar desolado, abatido.

— Eu não disse isso. Só vou passar uns dias lá. Depois eu volto.

— Você não vai voltar se perceber que gosta mais de lá.

Não falei nada, porque ele estava certo. Se eu percebesse que não conseguiria abrir mão da minha liberdade, da minha forma de viver, em nome do amor que sentia por aquele homem, eu não voltaria. No entanto, para

ter certeza do que queria, eu precisava experimentar as duas coisas. Essa era a decisão mais certa a ser tomada. Não tinha nem o que pensar.

— Tudo bem. Se é isso que você quer, vou respeitar sua decisão. Só quero que saiba que te amo demais e que se decidir voltar, serei inteiramente seu e nunca mais de outra mulher. Nunca mais haverá ninguém entre nós. Você tem a minha palavra.

Dito isto, ele me puxou para si e me estreitou em seus braços, apertando-me forte, inebriando-me com o seu calor inesquecível.

— Eu também te amo. Muito mesmo — sussurrei.

Sua boca foi descendo do alto da minha cabeça, deslizando através da pele do meu rosto, até alcançar a minha, quando então ele me beijou com loucura. Invadiu-me com sua língua enquanto os lábios grossos pressionaram os meus. Cada partícula de mim acordou para o desejo intenso que pipocou nas veias, tornando-me alheia a tudo mais a não ser a ele.

Com movimentos apressados, como se aquele fosse o último instante de nossas vidas, comecei a despi-lo de suas roupas, enquanto ele me despia das minhas e, em questão de segundos, estávamos nus sobre a cama, nos amando, nos dando um ao outro, daquele jeito enlouquecedor que apenas ele sabia fazer.

CAPÍTULO 45

Jasmine

Jawad não deixou mais o meu quarto naquele dia. Como se estivéssemos em meio a uma despedida, passamos o resto da tarde e a noite inteira juntos, aconchegados um ao outro.

Não falamos muito sobre minha decisão de voltar para Nova Iorque durante esse tempo. Ao tocarmos brevemente no assunto, ele garantiu que não tentaria me impedir, por mais que a tentação fosse grande.

A passagem de avião estava marcada para a tarde do dia seguinte e durante a manhã fui até o apartamento de Alzira me despedir dela, quando me dei conta de que era a melhor amiga que eu já tive.

À tarde, enquanto Jawad me levava para o aeroporto, na sua limusine de sete metros, acompanhada da comitiva real, tudo em que eu conseguia pensar era em desistir de ir em frente com aquilo e ficar com ele. Não parecia fazer muito sentido deixá-lo. Eu estava feliz ao seu lado, como jamais fui feliz na vida. Nem minha vida profissional – que continuaria próspera, devido à carta de recomendação que Jawad me dera e à sua solicitação ao

editor do *New York Times*, de que eu continuasse sendo colunista deles –, ou o fato de voltar a estar perto do meu pai, cuidando dele, pareciam se comparar à felicidade de estar nos braços do homem que eu amava.

Contudo, eu precisava ignorar meu coração e ouvir a voz da razão. As emoções nunca eram boas conselheiras e a razão me dizia que minha vida não era na Arábia Saudita, onde não escolhi estar, mas sim em Nova Iorque. Embora existisse uma grande chance de eu voltar caso não conseguisse viver sem o meu amor. Eu só queria realmente comparar as duas coisas.

No aeroporto, Jawad e seus seguranças me acompanharam até o balcão de embarque, as pessoas abriam caminho para que passássemos, algumas delas reverenciavam respeitosamente o príncipe.

— Então, acho que volto daqui — disse Jawad, quando chegou o momento de nos despedirmos.

Uma profusão de emoções explodia dentro de mim, cada mínima parte do meu ser ordenava que eu ficasse, que me atirasse em seus braços e deixasse claro o quanto o amava, que nada nesse mundo, nem a liberdade, valeria a pena sem ele. Contudo, mais uma vez, reprimi as emoções.

— Não vamos dizer adeus, mas até breve — falei.

Atirei-me em seus braços e fiquei aconchegada ali durante um tempo que me pareceu interminável, meu corpo recusava-se a se afastar.

Quando nos soltamos, evitei seu olhar, ou realmente não conseguiria ir. Estava saindo, quando sua mão se fechou em volta do meu pulso e me puxou de volta.

— Jasmine, não vá. Eu suplico — sussurrou ele, com a angústia visível na expressão do seu olhar.

— Jawad, eu...

— Eu te amo e sei que você também me ama. Vamos viver esse amor. O que são simples convenções comparadas ao que sentimos um pelo outro?

— Você está coberto de razão. Esse amor entre nós é maior que tudo. Mas eu preciso dessa experiência. Observar os dois lados da moeda. Espero que compreenda.

Sem que seus olhos angustiados desviassem do meu rosto, aos poucos sua mão foi afrouxando do meu pulso, até que por fim ele me soltou. Então, peguei a mala e segui rumo ao portão, sem olhar para trás.

Faltava cerca de meia hora para a decolagem do avião quando me acomodei na sala de espera. Percebendo que nem todas as mulheres ali usavam o niqab, logo me livrei da peça sufocante, descobrindo meu rosto, ficando com apenas os cabelos cobertos. Tentei encontrar dentro

de mim alguma sensação de liberdade trazida pelo simples gesto, mas não havia nada, ou essa liberdade era insignificante demais para ser percebida.

Pela primeira vez, desde que deixei os Estados Unidos, há alguns meses, eu estava completamente livre, sem nenhum segurança me rondando, sem nenhum horário ou normas me limitando. Eu não pertencia mais a Jawad e podia fazer o que quisesse da minha vida. Podia ficar em Riad, alugar um apartamento, arranjar um emprego. Ou podia, sei lá, deixar de ir para Nova Iorque e comprar uma passagem para Paris, por exemplo. Me aventurar nas praias do Brasil, passear pela Toscana. Enfim, eu era novamente dona do meu nariz, podia tomar o rumo que quisesse, sem ter ninguém para me ditar regras, ou me proibir de algo.

Deveria existir alguma satisfação nisso. Mais ainda: eu deveria estar exultante. Mas tudo o que eu sentia era um vazio enorme, simplesmente desolador, tomando conta de mim, ameaçando trazer um mar de lágrimas aos meus olhos. A sensação que eu tinha era de que meu mundo estava desmoronando bem diante dos meus olhos, enquanto eu permanecia em um estado de inércia, observando tudo sem fazer nada.

Tentei me apegar à certeza de que estava fazendo a coisa certa, de que meu pai precisava de mim em Nova

Iorque, de que precisava da minha liberdade de escolha, mas, de repente, tudo isso pareceu extremamente insignificante diante do fato de que eu estava renunciando ao amor da minha vida, de que estava deixando para trás a única felicidade verdadeira que já tive, abandonando a grande chance de continuar sendo feliz ao lado do meu amor.

De repente, sem que eu compreendesse a razão, as lágrimas afloraram em meus olhos, uma solidão devastadora tomou conta de mim e uma tristeza desoladora invadiu meu peito.

O que diabos eu estava fazendo? Meu pai não precisava de mim. Ele estava recuperado do câncer e tinha uma namorada que, em breve, se mudaria para a sua casa. Eu não precisava tanto assim da minha carreira de jornalista, até porque ela jamais foi tão bem-sucedida quanto ultimamente.

Além disso, o que mais me esperava em Nova Iorque? Amigos que não me deram a mínima atenção quando entrei em contato depois de vários dias sumida, e que só faltaram me pegar no colo quando souberam que eu escreveria para o maior jornal do país. Era esse tipo de falsidade que me esperava lá.

Eu não precisava disso. O que realmente precisava era de Jawad na minha vida. O amor dele era tudo o que

me importava e se havia algo de que eu tinha certeza, era que não conseguiria ser feliz sem ele.

Mais uma vez tentei reprimir tais pensamentos e me apegar à sensatez, mas a razão à qual eu me agarrava já não parecia fazer nenhum sentido. Tudo o que eu queria era ficar com Jawad e queria demais, o resto pouco me importava. O que era a liberdade comparada a uma vida inteira com ele? Nada!

Quando dei por mim, meu rosto estava banhado de lágrimas, as emoções conflitando-se em meu íntimo, fazendo meu coração bater descompassado no peito. Naquele instante tive certeza do que queria para a minha vida e não era ir embora.

Quando a voz no alto-falante anunciou o início do embarque, peguei minha mala de rodinhas e segui na direção oposta, rumo à saída do aeroporto, a princípio caminhando com passos lentos, para logo seguir quase correndo, desesperadamente ansiosa para encontrar o meu amor, atirar-me em seus braços e dizer-lhe que nenhuma vida valeria a pena sem ele.

Na rua, voltei a me cobrir com o niqab e, após um longo tempo tentando, finalmente consegui pegar um táxi. O motorista ficou espantado quando pedi que me levasse à residência real.

Chegando lá, deparei-me com outra batalha no portão de entrada, o guarda se recusou a me deixar entrar, já que não sabia quem eu era e a família real não estava à minha espera.

Eu enfiava a mão na bolsa para falar com Jawad pelo celular, quando avistei sua limusine se aproximando do portão, vindo do lado de dentro, seguida de uma comitiva maior que a habitual.

Fiquei ali esperando, com meu coração disparado, até que ele me alcançasse e saltasse do veículo longo demais, vindo em minha direção, parecendo mais lindo do que nunca, com sua túnica branca esvoaçando com o vento, o lenço quadriculado de vermelho escondendo parte dos seus cabelos, ressaltando o tom verde-claro dos seus olhos.

— Você está aqui — sussurrou Jawad, com a emoção evidente em seu tom de voz, assim como no brilho do seu olhar.

— E onde mais eu poderia estar?

— Eu nem acredito.

— Quando me vi sozinha naquele aeroporto, com toda a liberdade que uma pessoa pode ter, percebi que ser livre não é nada comparado a ter uma vida com você. Eu te amo, Jawad, e quero passar o resto dos meus dias ao seu lado, não importa onde, nem como.

Meu coração bateu ainda mais depressa quando vi seus olhos lindos marejarem de lágrimas, sua boca bem desenhada se curvando em um sorriso emocionado.

— Eu também te amo, Jasmine, e vou dedicar cada dia da minha vida a te fazer feliz.

Com isto, ele me estreitou em um abraço, puxou meu niqab da frente do meu rosto e se apossou da minha boca, com uma fome descomedida, me devorando deliciosamente, deixando-me completamente em chamas, sem fôlego, sem chão.

Quando separou sua boca da minha, vi, com o canto do olho, que todos os guardas haviam se virado de costas.

— Tem tanto que eu preciso te contar — disse Jawad, com aquele sorriso emocionado.

— Temos todo o tempo do mundo pela frente.

— Vamos sair daqui.

Entramos na limusine, onde o ar-condicionado nos acolheu confortavelmente, nos protegendo do calor de quase cinquenta graus. Então, Jawad deu ordens ao motorista para que voltasse.

Enquanto atravessávamos o imenso jardim rumo à residência principal, mais uma vez percebi que a comitiva dele tinha mais carros que o habitual.

— Para onde você estava indo? — indaguei, curiosa.

— Resolver algumas coisas.

Percebi que ele ficou sem jeito ao responder, como se tentasse esconder algo, o que atiçou ainda mais minha curiosidade.

— Fala a verdade. Aonde você ia?

— Paralisar o aeroporto e dar um jeito de fazer seu avião voltar — respondeu depressa, encarando-me com olhos receosos, como se soubesse que eu ficaria furiosa com aquilo.

E era para eu ter ficado mesmo, afinal ele quase quebrou sua promessa. Contudo, eu estava tão feliz, tão decidida e certa de que havia encontrado meu caminho na vida, de que esse caminho era o homem diante de mim, que simplesmente comecei a rir, achando graça daquela situação, de ele realmente acreditar que poderia parar um avião em pleno ar, só para me ter de volta. E, no fim das contas, estávamos rindo juntos, dividindo as emoções daquele momento tão importante em nossas vidas.

Ao alcançarmos a residência, Jawad segurou-me pela mão e saiu me conduzindo rumo à sua suíte, apressadamente. Chegando lá, fechou a porta por dentro e me ajudou a livrar do hijab e do niqab. Ele segurou meu rosto entre suas mãos e fitou-me profundamente nos olhos. Um mar de emoções intensificou-se dentro de mim.

— Eu não te falei nada antes, porque não queria que você se sentisse pressionada a ficar, ou algo assim. Mas meu pai me prometeu que concordaria com a erradicação da lei que proíbe casamentos com pessoas estrangeiras, caso você decidisse ficar comigo e você decidiu.

Processei suas palavras e mal pude acreditar.

— Isso significa que... — Não me atrevi a concluir a frase.

— Que

Não consegui conter o sorriso nervoso. — Você aceita se tornar minha esposa, para amar e respeitar pelo resto das nossas vidas?

E como eu poderia recusar?

Com as emoções bombardeando-me ferozmente, pulsando vivas dentro de mim, precisei de um esforço enorme para conter as lágrimas.

— Mas é claro que eu aceito.

Com um sorriso largo, Jawad ficou de pé, tirou cuidadosamente o anel da caixinha e o colocou no meu dedo anelar, encaixando-o perfeitamente.

— Agora você é definitivamente minha.

Emocionada, passei os braços em torno do seu pescoço, aninhando meu corpo ao dele, inebriada com o seu calor gostoso.

— Sim. Inteiramente sua. Pelo resto da minha vida.

Jawad passou os braços em volta da minha cintura, apertando-me com firmeza.

— Só mais uma coisa — falou.

— O quê?

— Você vai ter que se converter ao islamismo.

Fingi estar refletindo por um instante, quando, na verdade, não tinha dúvidas de que faria aquilo de bom grado, em nome do nosso amor.

— Acho que posso fazer isso.

— Que ótimo, princesa Jasmine.

— Ah, meu Deus! Isso soou estranho.

— Não soou nada. Você será uma princesa maravilhosa.

Dito isto, ele silenciou seus lábios nos meus, beijando-me com fome, com paixão, despertando o desejo primitivo dentro de mim, fazendo com que meu mundo se resumisse a ele, a nós dois.

EPÍLOGO

Jasmine

Meu casamento com Jawad se tornou notícia no mundo inteiro. Bastava que eu digitasse meu nome no *Google*, para que o assunto aparecesse em vários sites. Felizmente o mundo havia aceitado nossa união como algo positivo, como um progresso para um dos países mais conservadores do planeta. Os mais otimistas diziam, inclusive, que eu seria a princesa que modernizaria a forma de vida da Arábia Saudita. Só que influenciar na liderança do país, não fazia parte dos meus planos. Eu só queria ser feliz ao lado do homem que eu amava, cuidar dele e ser cuidada por ele.

Para que não acontecesse outro escândalo envolvendo o nome da família real, visto que Najah era sua prima em primeiro grau, Jawad decidiu não revelar que ela era a assassina de Said e continuou assumindo toda a responsabilidade, um assunto que logo caiu no esquecimento da mídia e, consequentemente, do mundo.

Quanto à Najah, estava internada em uma clínica psiquiátrica, recebendo os cuidados dos quais precisava. Said não foi a primeira pessoa que ela assassinou, já havia

feito antes, sem que ninguém nunca tenha descoberto, até os médicos a convencerem a confessar.

Quanto ao amante de Said, jamais foi encontrado até aparecer morto no Iêmen, após se envolver em uma violenta briga de rua.

Já Alzira, acabou se envolvendo com outro funcionário de Al Saud, um dos seguranças que costumava me acompanhar quando eu ia visitá-la em seu apartamento. Felizmente, esse tinha um bom caráter e acabou fazendo dela sua primeira esposa. Orgulhoso como todo homem mulçumano, ele não quis morar com ela no apartamento comprado por mim e ambos se mudaram para uma casa que ele construiu no subúrbio de Riad.

Quanto ao meu pai, realmente se casou com sua vizinha, em uma cerimônia com poucos convidados, ocasião durante a qual voltei a Nova Iorque pela primeira vez depois de tê-la deixado.

Depois que me casei, não voltei a escrever para o *New York Times*, por opção minha. Decidi aproveitar toda aquela fama para me dedicar a um projeto ainda maior, à produção de um livro sobre a cultura árabe, pela qual eu me apaixonava mais a cada dia. Nas páginas do meu livro, desmitifiquei alguns conceitos deturpados que o mundo tinha sobre o islamismo; mostrei o lado bom de ser uma

pessoa muçulmana, assim como o lado ruim, como toda forma de vida, de fato, possui.

Aquela era a noite do lançamento do meu livro, intitulado “Um Novo Caminho”. Jawad e eu decidimos realizar a recepção em Dubai, no imenso salão de um luxuoso hotel, o qual já se encontrava abarrotado de gente, pessoas ilustres, tal qual o primeiro-ministro, entre outros governantes locais, algumas celebridades e empresários mundialmente respeitados, que visitavam a cidade naquele momento, além de jornalistas de várias partes do mundo.

Eu estava acomodada a uma das mesas junto com meu sogro, uma de suas esposas e Jawad, onde todos que chegavam vinham nos cumprimentar e me parabenizar pelo trabalho, alguns já carregando o exemplar do livro, para ser autografado em uma sessão que aconteceria depois do discurso que eu teria que fazer, um momento que, quanto mais se aproximava, mais nervosa eu ficava.

— Fica calma. Todo esse nervosismo não fará bem a nenhum de vocês dois — disse Jawad, referindo-se ao filho que eu esperava há quatro meses. Durante todo o tempo, ele mantinha minha mão acolhida entre a sua e percebia que eu estava suando frio, de nervosismo. — É só um discurso. Toda essa gente está aqui porque admira você e vão apreciar tudo o que disser.

— Não é tão fácil quanto parece. Você diz isso porque está acostumado a discursar para grandes líderes mundiais — falei.

— São apenas pessoas cheias de defeitos, com todos nós.

De alguma forma, suas palavras me acalmaram.

Continuamos ali aproveitando a recepção, apreciando a música suave que tocava ao fundo, vendo as pessoas bem-vestidas circulando pelos arredores, os garçons passando pelas mesas com bandejas contendo champanhe e petiscos, até que, por fim, o primeiro-ministro subiu ao palco, agradeceu a todos pela presença, fez um pequeno discurso político e por fim anunciou o meu discurso.

— Lembre-se, você é a melhor — disse Jawad, antes que eu me levantasse e subisse ao palco.

Peguei o microfone das mãos do homem e respirei fundo antes de começar a falar. Inicialmente, me apresentei, agradeci a presença de todos e comecei a recitar as palavras que havia escrito antecipadamente e decorado. No entanto, percebi que estava ficando mecânico demais, então decidi falar espontaneamente o que estava na minha cabeça e no meu coração.

— Há quase dois anos, se alguém me perguntasse onde eu estaria hoje, eu tinha uma resposta pronta na

ponta da língua, mas nada do que eu dissesse se compararia à realidade, a onde e como me encontro atualmente. Nem nos meus sonhos mais insanos, eu imaginaria tudo o que aconteceu na minha vida desde que deixei meu país para fazer uma reportagem aqui em Dubai e meu avião foi parar no Iêmen, na ocasião em que o príncipe Jawad salvou minha vida e da minha equipe.

Parei para recuperar o fôlego e continuei falando:

— Quando o príncipe me levou para Al Saud, eu imaginei que passaria os piores horrores. Achei que seria torturada, agredida e escravizada sexualmente. Infelizmente essa é a visão que grande parte do mundo lá fora tem das pessoas muçulmanas, que são perigosas e cruéis, como os terroristas que assolam o mundo. Julga-se essa forma de vida justamente por não a conhecer com mais profundidade e felizmente tive a oportunidade de adquirir esse conhecimento, assim como conheci mais profundamente o homem por quem hoje sou perdidamente apaixonada e de quem tive a sorte de me tornar esposa. No livro “Um Novo Caminho”, eu abordo esse tipo de preconceito e como consegui me livrar dele, esperançosa de que o mundo, ao lê-lo, possa ter a mesma visão que hoje eu tenho dos países do Oriente Médio e sua cultura. Contudo, como toda moeda tem dois lados, trago também algumas críticas ao fato de que, apesar dos grandes

avanços recentemente implementados, as mulheres muçulmanas ainda vivem de certa forma oprimidas, algo que acredito que com o tempo e, aos poucos, possa ser modificado.

Continuei falando, cada vez mais solta e relaxada, livre do nervosismo inicial, até que encerrei meu discurso com mais um agradecimento e fiquei emocionada ao ser aplaudida de pé pela plateia. Quando desci do palco, Jawad veio me receber, com um sorriso largo, acolhendo-me com um abraço apertado.

— Você foi maravilhosa — sussurrou ele, no meu ouvido.

Logo várias outras pessoas vieram me cumprimentar e, quando voltei para a mesa, uma fila foi formada diante de mim, para o início da sessão de autógrafos, muitas pessoas adquirindo o livro.

Como eu não podia ir dormir muito tarde, devido à gravidez, Jawad e eu deixamos a recepção antes do encerramento, nos recolhendo à nossa suíte, ali mesmo no hotel.

***

No dia seguinte, viajamos para a costa da Itália, para a região da Sardenha, onde Jawad tinha uma casa

com uma enorme praia particular e onde poderíamos ficar livres da constante vigília dos seguranças, que se hospedavam em uma casa menor nas proximidades e se mantinham aos arredores, mas sem se aproximar.

Eu amava o clima temperado daquele lugar, o sol sempre presente, mas sem muito calor e, acima de tudo, amava estar sozinha com meu marido naquele paraíso, onde podíamos ficar completamente à vontade, nos amar ao ar livre, dar-nos um ao outro sem pudores e reservas, resumir nossa existência ao nosso amor, como se o mundo lá fora já não mais existisse.

Naquela tarde tínhamos ido passear de lancha. Na volta, já no finalzinho da tarde, estendemos toalhas sobre a areia e ficamos ali sentados. O objetivo era apenas observar o pôr do sol, mas como sempre o desejo falou mais alto e acabamos fazendo amor mais uma vez, apaixonadamente, até que por fim permanecemos imóveis, deitados, abraçados.

Sem dizermos uma só palavra, o silêncio era quebrado apenas pelo som das ondas do mar, meu coração ainda estava agitado, a respiração ainda ofegante pelos orgasmos arrebatadores.

Eu estava deitada de frente, observando as primeiras estrelas surgirem no céu, quando senti um

pequeno espasmo na minha barriga e não tive dúvidas de que era o primeiro movimento do nosso bebê.

— Ai, meu Deus! — falei, emocionada, espalmando a mão na barriga, tentando sentir outro movimento.

— O que foi? — Jawad deitou-se de lado, apoiando a cabeça sobre o cotovelo, observando-me com olhos alarmados.

— O bebê mexeu.

— Sério? — Um sorriso surgiu em seus lábios, alcançando também seu olhar.

De encontro à palma da minha mão, senti outro espasmo, muito suavemente.

— Mexeu de novo.

Varrida pela emoção, segurei a mão dele e a espalmei sobre a barriga. Alguns segundos depois, o bebê mexeu novamente e a emoção que se refletiu na expressão do seu olhar foi inesquecível.

— Por Alláh! É mesmo.

Jawad continuou com a mão sobre a minha barriga, mas o bebê decidiu não se mover uma terceira vez. Então, como costumava fazer, desde que descobrimos a gravidez, ele levou a boca até a altura do meu ventre e plantou ali uma sucessão de beijos estalados.

— É isso aí, garotão, o papai já te ama muito.

— Como você sabe que vai ser um garoto?

Nós havíamos optado por não sabermos o sexo ainda, preferindo esperar até o nascimento.

— Sei lá. Apenas acho, mas se vier uma menina, será igualmente amada. — Ele voltou a se deitar e me puxou para si, aninhando minha cabeça em seu peito.

Pensei no quanto a vida de uma mulher ainda era mais difícil que a de um homem na cultura muçulmana. Por esta razão, eu preferia que fosse um menino. Teríamos outros filhos e, quem sabe futuramente, com as coisas tendo evoluído nesse sentido, traríamos uma menina a esse mundo.

— Eu espero que seja mesmo um menino. — Não era a primeira vez que eu dividia esse pensamento com Jawad.

— Eu também espero. Mas se for uma garota, não permitirei que sofra por causa da nossa cultura.

— Prefiro esperar para ter uma menina quando essa cultura estiver mais evoluída, dando mais liberdade e igualdade às mulheres.

— Pois é, mas não podemos escolher. Mesmo que seja uma mulher, quando atingir a idade adulta, já estaremos vivendo em *Neom* e as coisas serão diferentes por lá. Evoluídas, como você diz.

Cada vez que Jawad abria a boca para dizer alguma coisa, eu o admirava um pouco mais. Era uma imensa

demonstração de sabedoria e empatia, por parte dele, um homem que foi criado em meio à cultura muçulmana, concordar que as coisas não eram muito justas para as mulheres ali, que era possível existir igualdade entre os sexos.

Eu acreditava que, quando se tornasse rei, ele trabalharia para promover cada vez mais as chances de existir essa igualdade. Como príncipe, em poucos anos já havia feito muito mais que seus antepassados em muitas décadas. A construção de Neom fazia parte de um dos primeiros passos dados nessa direção.

— Eu sou mesmo uma mulher de muita sorte — falei, com a emoção preenchendo meu peito.

— Por quê?

— Por ter conhecido você, por ter seu amor.

Ele ergueu a cabeça e fitou-me diretamente nos olhos, com um ardor profundo se refletindo na sua expressão.

— Eu é que sou um cara de sorte, por ter você.

Dito isto, ele nos silenciou, tomando minha boca com a sua, em um beijo que me deixou sem fôlego.

FIM

Outros livros da autora na Amazon

Link: Amazon.com.br : ariela perreira

Redes Sociais

Instagram: Ariela Pereira (@arielapereiraa) • Fotos e vídeos do Instagram

Facebook: (19) Ariela Pereira Romances. | Facebook